PADRE ANTÔNIO MIRANDA
Missionário de Nossa Sra. do Smo. Sacramento

PADRE JÚLIO MARIA,
SUA VIDA E SUA MISSÃO

2.ª EDIÇÃO

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

IMPRENSA OFICIAL
BELO HORIZONTE
1957

Imprimatur

JOÃO

Bispo de Caratinga

1948

Reimprimatur

MONS. ARISTIDES ROCHA

Vigário Capitular

Caratinga, 2 de janeiro de 1957

DEDICATÓRIA

— Aos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora,

— Às Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora,

— Às Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria,

nascidos todos do mesmo amor e do zêlo apostólico do Pe. Júlio Maria, ofereto estas modestas páginas.

O AUTOR

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Declaro que, se em algum lugar dêste livro dou ao Padre Júlio Maria ou a outras pessoas o título de SANTO ou analiso fatos que se afiguram miraculosos, não intenciono antecipar-me aos Juízos da Santa Igreja, da qual quero sempre ser obedientíssimo filho.

Pe. A. M.

PREFÁCIO À 2.ª EDIÇÃO

Sai a 2.ª edição desta obra com várias emendas nos primeiros capítulos.

São o resultado de informações que pudemos haver em mãos posteriormente à redação primitiva.

Devemos êstes informes, na sua mor parte, ao Revmo. Pe. Aquiles De Lombaerde, irmão do saudoso Padre Júlio-Maria.

Pe. Aquiles é ainda vivo. Depois de trabalhos apostólicos na China, com a invasão comunista foi obrigado a voltar para a Bélgica, onde reside atualmente.

*
* *

As novas informações obtidas demonstram que seguimos, na 1.ª edição de nosso modesto trabalho, uma linha histórica muito exata, apesar de nossos titubeios em certos pontos. Não houve — Deus louvado! — desvio realmente notável.

Afora uma circunstância de certo relêvo na troca de vocação de nosso herói — o que absolutamente não poderíamos, antes, conjeturar — nada efetivamente novo aparece nesta 2.ª edição, que mereça nota.

*
* *

A parte da história que se refere ao Brasil, notadamente à vida do Pe. Júlio Maria em Manhumirim, não

cabem modificações, ao nosso ver. A menos que se queira a publicação de um novo tomo, rico de pormenores, sôbre *Manhumirim e o Pe. Júlio Maria.*

É possível que um dia as nossas fracas fôrças tentem acometer esta emprêsa.

*
* *

Esta 2.ª edição é obra da *IMPRENSA OFICIAL DE MINAS GERAIS.*

Devem-na os leitores, principalmente, à generosidade do SR. LUIZ DOMINGOS DA SILVA, Diretor da referida entidade.

Tôda a renda desta publicação reverterá em benefício de uma das grandes obras do Pe. Júlio Maria — o *PATRONATO AGRICOLA SANTA MARIA,* de proteção aos pequenos abandonados.

É uma causa sumamente simpática, a que minha humilde pena se honra muito de servir materialmente com a reedição destas páginas.

Manhumirim, Pentecostes de 1955.

Pe. ANTÔNIO MIRANDA, S.D.N.

INTRODUÇÃO

Não é ainda tempo de se escrever a vida do Padre Júlio-Maria. Entretanto, é preciso que se escreva alguma coisa sôbre a sua pessoa e a sua grandiosa missão. Muita gente está a reclamá-lo com instância.

Não é ainda tempo de estampar-lhe a vida — porque os dois anos passados sôbre a sua trágica morte não deram oportunidade para se buscar nas longínquas terras que êle percorreu as necessárias informações para uma história completa e exata.

As vidas de vultos de extensa projeção e enorme atividade, como foi a do Padre Júlio-Maria, não se podem fazer de afogadilho e sem pensar.

Quando se trata de um sacerdote que viveu em três continentes (1), que exerceu multiformes ramos de apostolado, que foi pároco, missionário, fundador, escritor, professor, jornalista, depois de ter praticado os mais simples e humildes misteres como Irmão-coadjutor na longínqua Africa; quando é tal o homem cuja vida se deve retraçar na história, preciso é que o tempo dê azo às pesquisas e amadureça os juízos a formular sôbre a razão de sua existência e sua obra.

Assim como há uma filosofia da história, também existe uma teologia das vidas. Para quem sobreponha às meras contingências do acaso o seu modo de ver a vida e a missão dos grandes sacerdotes, deve tudo revetir-se de um aspecto teológico, porque é Deus quem orienta e dirige

(1) Padre Júlio Maria viveu na Europa, na Africa e no BRASIL.

os homens e os povos, ainda quando êles forcejam por furtar-se às determinações da Providência.

Por tudo isto, é cedo para escrevermos a vida completa dêste homem admirável, cuja perda o Brasil ainda chora.

*
* *

Mas, também, se há juízos que só com o tempo se formam e amadurecem, fatos há que o tempo fàcilmente pulveriza e leva ao sôpro do vento e do descaso. A memória humana é tão fraca, tão esquecida! As primeiras cousas de que ela se deslembra são as do coração e do afeto. Longe dos olhos, longe do coração ...

*
* *

Esta grande alma, que há perto de dois anos subiu ao seio de Deus, deixou recordações preciosas, que são um monumento para a sua vida. São as histórias de sua longa existência que êle mesmo contou aos íntimos, a seus filhos espirituais, no frescor das tardes, nas horas íntimas do recreio, em palestras amigas. Quem quisesse escrever-lhe a vida sem conhecer tudo o que êle contou nas horas de expansão, de recordações e de saudade, faria a mais incompleta das suas histórias ... porque relegaria os acontecimentos narrados sob a impressão do afeto de quem os viveu.

Se não é, pois, tempo de escrevermos uma biografia do Padre Júlio com todo o rigor da crítica histórica, é, no entanto, oportuno gravar no papel, para que se perpetui depois na história, algo que é mais que histórico, porque visto e ouvido por seus filhos, e colhido com os carinhos de uma herança, e agora narrado entre as lágrimas da saudade.

*
* *

Vivemos a seu lado doze anos. Sorvemos, com as primeiras letras, a seus pés, os carinhos paternos e as expansões de amigo. Vivemos com êle dez anos sob o mesmo teto. Seguimos de perto suas lutas e suas vitórias. Conhecemos o que havia de heróico em sua vida e o que havia de extraordinário em seus trabalhos. Assiste-nos, pois, o direito de trazer uma contribuição pequenina à grande história que dêle se escreverá um dia. E antes que o tempo, êste maior inimigo da lembrança dos grandes, dissipe da memória as imagens felizes que guardamos tão nítidas da vida e morte do nosso herói, vou descrevê-la, na simplicidade da linguagem, como as ditar o coração.

Não é, portanto, uma obra literária que vou escrever. Não é também uma história, nem uma biografia. Nem tão pouco é o esbôço do rètrato de uma grande personalidade. Não sei mesmo em que gênero hão-de se enquadrar as presentes páginas.

São a voz da saudade chorando sôbre um túmulo. Nada mais. Nelas recordarei a vida e a missão de meu Mestre, de meu Pai, de meu maior amigo.

Esforçar-me-ei, entretanto, por ser mais histórico do que lírico; mais analisador, que simples narrador dos fatos, mostrando sobremodo como Deus dirigiu o Homem, o Sacerdote, o Mestre, para a grande missão de Fundador dos Sacramentinos de Nossa Senhora.

Por isto mesmo, terá esta obra três partes :

I O HOMEM, em que veremos os pródromos de sua vida, a partir da infância, até ao sacerdócio.

II O SACERDOTE, em que estudaremos a sua vida missionária, na Europa e na Amazônia, desde sua ordenação sacerdotal até os projetos da fundação dos Sacramentinos de Nossa Senhora.

III O MESTRE, em que consideraremos a sua grande missão de Fundador. Desenvolve-se ela parte no norte do país, em que êle concebe os planos de sua emprêsa, e parte em Minas, onde lança as bases de seu trabalho, e forma,

feito Mestre incomparável, durante dezessete anos, seus filhos espirituais.

Para a vida do Mestre se orientam a vida do Homem e a vida do Sacerdote, em que se sente a Providência de Deus preparando o eleito de seu coração para a obra de seu amor.

*
* *

É importante notar que nada existe de fortuito na vida de quem quer que seja. A tudo presidem os desígnios infalíveis de Deus. Vire-se o homem para a direita, ou para a esquerda; fuja embora às encruzilhadas a que uma primeira vocação o chama; desmande-se, prevarique, ou permaneça dócil à voz da consciência; sempre, os seus passos são dirigidos por Deus, e as suas ações executam o sapientíssimo plano na direção do universo. "Os homens se agitam, e Deus os conduz" — dizia Sto. Agostinho.

E não é só. Uma lei rege a realização do plano divino e combina as ações humanas. É a seguinte: as últimas obras, ao término de uma existência humana, são as primeiras na intenção do plano de Deus. Tôda a vida dos santos, como tôda a vida dos maus, preparou a sua última realização, a sua última emprêsa.

Pròpriamente, cada homem tem uma só missão. Meta ombros a multidão de iniciativas, estas não são mais que caminhos por que Deus mesmo o dirige, tirocínios para uma grande obra, aprendizagem ou auxílio para uma só realização no tempo. E esta final realização, que é seu mandato, sua razão de ser no tempo, prepara e tirocina a extrema e única realização da eternidade. — *Ibit homo in domum aeternitatis suae* ... (Eccle. 12, 5)

*
* *

Apliquemos êstes princípios à vida que vamos cumular descrever em seus traços gerais.

Fecunda em obras a existência do Pe. Júlio-Maria.

Variada a sua história, acidentados os seus anos de apostolado.

Êste homem viveu em três continentes: Europa, África e América. Exerceu profissões diversas: desde a de cozinheiro e carpinteiro até a de Superior Geral de Congregação e orientador de almas de escol.

Foi, a princípio, Irmão Coadjutor, em um sodalício. Depois, religioso e sacerdote de uma Congregação nascente, a da Sagrada Família. Teve sua formação sacerdotal ao lado de um fundador de Congregação, Pe. João Berthier, grande teólogo, talvez o maior da França de seu tempo — prégador de nomeada, quiçá dos mais eloqüentes da época.

Logo ao início de sua vida sacerdotal, superior de residência, e pouco depois missionário de renome. Ensaia-se nas letras francesas e vê-se para logo laureado com o mais fulgurante êxito, já como literato, já como teólogo.

E, num dado momento, quando tem traçados em sua caderneta de viagens dez anos de missões brilhantes na França, e dezenas de planos de livros, da mais encantadora teologia marial, a obediência o envia para a Amazônia, exigindo dêle a maior provação de sua vida.

Aí se passam dez anos. Fundações povoam terras desconhecidas. Cria uma família espiritual: a das Filhas do Coração de Maria. Idealiza e projeta obras no terreno literário e noutros ramos de atividade. E por fim, impelido à busca de melhores climas, sem saber êle mesmo como, vem dar em Minas, numa longínqua cidadezinha da zona da Mata, onde lança o alicerce da obra mais agigantada que lhe perpetuará o nome — a sua obra: a fundação das Congregações Sacramentinas de Nossa Senhora.

*

* *

Desde então, a vida do Pe. Júlio, de uma atividade estupenda, torna-se realmente de uma atividade incompreensível. Escreve, leciona, dirige, constrói, viaja; multiplica-se, desdobra-se em centenas de esforços. Vive para as suas duas congregações, dos Padres e das Irmãs. Tudo nestes 17 anos é para formar seus Religiosos no espírito de oração e de apostolado. É a sua obra, a sua obra **única**. Tôdas as atividades se orientam para ela. Sua missão, — conhece-a êle — sua missão única foi fundar as Congregações Sacramentinas de Nossa Senhora.

Tudo o mais nesta existência afadigadíssima e cheia foi um tirocínio para a grande missão de Fundador. Deus o destinára para isto. Nos planos eternos de Nosso Senhor, tudo o mais era um preparo e uma orientação. A última obra, na execução humana, foi a primeira na intenção divina. Lei irrefragável e infinitamente sábia, mais uma vez ela se realizou com tôda a perfeição e imensa vantagem para o Corpo Místico de Jesus Cristo.

*
* *

Aí fica o esbôço do que tencionávamos realizar nestas páginas.

Focalizar o homem na história,
Focalizar-lhe a missão na vida,
Mostrar os planos de Deus sôbre esta existência tão fecunda, cuja influência se sentiu em três partes do mundo; e salientar a sua correspondência à vontade divina que o investiu de um mandato grandioso — eis o que humildemente buscamos fazer.

*
* *

Sem pretensão literária de espécie alguma, sem nenhuma preocupação histórica, escrevemos ao correr da pena, ao ditar da memória, ao calor do coração.

As datas, se bem que as tenha buscado com critério, podem ter erros. Os fatos, embora narrados com esfôrço de fidelidade, poderá deturpá-los talvez o lirismo do afeto filial. Os comentários e reflexões — feitos, sim, com espírito reto e bem intencionado — não nego tenham exageros e falhas.

Êstes e outros senões, perdoi-mos o leitor, lembrado de que êste escrito não é uma obra segundo as exigências da crítica histórica.

Um esfôrço do coração,
Uma contribuição para a futura história,
Uma homenagem à memória do grande justo,
Uma recordação e uma saudade,

sôbre o túmulo de um Pai,
de um Mestre,
de um grande amigo,
— é só o que presumem ser estas páginas.

MANHUMIRIM, (Festa do santo nome de Maria), 12-9-946.

O AUTOR

I.ª PARTE

O HOMEM

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Pe. Júlio Maria — 1878-1944

CAPITULO I

Tentativa de um retrato

Caracteres de uma vida — Traços de um Santo — Retrato físico e moral do Padre Júlio-Maria — Entre seus religiosos — Em seu ministério — Em público — Sua vida íntima — Sua atividade — Conclusão

Antes de escrevermos a história do Homem, do Missionário, do Mestre, tentemos um esbôço de seu retrato.

Torna-se preciso fazê-lo viver diante dos leitores, tal qual o víamos com o seu sorriso atraente, o seu olhar austero, o seu porte de general em pôsto de comando.

Só mediante um retrato, que ilumine as páginas de uma biografia, poderá ela tornar-se atraente e vital. (1)

Sempre achei uma diferença palpável entre as várias vidas de santos e homens ilustres. Há umas, que se intitulam VIDAS, e não passam de ridículas biografias-caricaturas. Outras existem que, sob a epígrafe modesta de biografias, são VIDAS no sentido mais extenso da palavra.

Só é VIDA o livro que consegue fazer viver de novo o seu herói. Só é vida o livro que faz do seu protagonista

---

1) O próprio Padre Júlio-Maria, na grande obra que escreveu sôbre a VIDA e o ESPÍRITO do fundador da Congregação da Sagrada Familia, focalizou com evidência esta verdade:

"Retracer la vie d'un homme, c'est avant tout le faire passer devant les yeux du lecteur tel que le connut son époque... tel que le virent, tel que l'entendirent ceux qui ont vécu dans son intimité. C'est montrer, non seulement, ses manières et ses habitudes exterieures, son geste et sa démarche, mais son âme... son âme rayonnant sur son corps, inspirant et dirigeant toutes ses oeuvres. C'est en un mot: faire revivre celui que la mort a moissonné, au point à faire dire par ceux qui l'ont connu, observé et admiré: "C'est lui, je le connais".

LA VIE ET L'ESPRIT DU TR. R. P. JEAN BERTHIER — INTRODUCTION.

um retrato autêntico, em que se lhe apalpam os sentimentos, os caracteres e a missão no espaço e no tempo.

Oxalá possamos atingir êste ideal do verdadeiro livro.

Para o alcançarmos, focalizaremos, em traços gerais, a grande personalidade do Padre Júlio-Maria, tal qual o conhecemos, tal qual o vimos e pudemos julgar. Será animado por esta recordação de quem o viu de perto, que o bosquejo de sua vida se revestirá de sentido e de atrativo.

O Homem, o Sacerdote, o Mestre — eis o tríptico-síntese que faz um retrato do Padre Júlio-Maria.

E o Homem, o Sacerdote e o Mestre, perfeitamente autenticados, formam o Santo. É o que veremos nesta tentativa de um retrato.

Poucas pessoas têm a noção exata de um santo. Para a maioria, a noção de um santo é deprimida, justamente porque é exagerada. O santo é para êles o que sai do comum para tornar-se inacessível. Figura ridícula da santidade.

O fundamento e a base de tôda a santidade é a graça divina, que embeleza a alma. A santidade essencial, é pois, invisível, aos olhos da carne. Como querer então aquilatá-la sòmente pelas aparências?

A graça da alma tem seus reflexos sôbre a fisionomia... Mas nem sempre. Afora os casos do milagre, permanece a graça imperceptível ao fraco olhar do homem. Não pode haver proporção entre a grandeza do mistério da vida de Deus em nós e a pequenez da inteligência feita para apreender das aparências sensíveis a simples substância insensível mas *natural* das cousas. Além do *natural* não chegará jamais, *naturalmente*, o olhar humano.

A santidade está no mundo sobrenatural. Como querer vê-la então sòmente através da carne e do sangue?

Realidade sobrenatural, a graça não destrói, e, sim, aperfeiçoa a natureza. O homem fica homem, elevado ao maior grau de graça. O que veremos, pois, no Santo, através da casca bruta da matéria, será sempre e sòmente

o *homem*, com todos os seus traços, uns perfeitos, outros defeituosos.

Sentimentos, paixões, inteligência, atividade — tudo isto, corrigido e aperfeiçoado pela luta, permanece no Santo como despojos do homem velho humilhado e vencido. Destruiu-se? Não. Eclipsou-se talvez, abafou-se mediante a virtude e o esfôrço. Mas, qual fagulha sob cinzas, lá está o homem, vivo, palpitante, quase diríamos imortal.

A luz destas reflexões, compreendemos que o Santo é a figura mais humana dêste mundo, quanto às aparências. Êle passa mesmo desconhecido e até desamado pelos seus coevos. "É um homem como nós. É aquêle por quem passamos distraídos ao entrar. Vive conosco, sujeito a tôdas as nossas fraquezas, batido pelos vendavais que nos assaltam, tendo sido por vêzes o mais encarniçado inimigo da Verdade — e entretanto a sua humanidade alcança a perfeição de todos os seus atos. O amor o transfigura e lhe infunde uma ciência particular, a ciência dos santos, que excede a tudo o que a nossa razão natural pode alcançar por si só". (1)

Muitas vêzes êle é intratável, sem nada que possa revelar uma alma de Deus. Quantas vêzes tememos o seu rigor, e êle é a mansidão! Quantas vêzes o supomos insincero, e êle é a lealdade personificada! Por isto dizia com espírito São Francisco de Sales: — "Mais de um santo houve, com quem eu não quisera ter vivido!"

*
* *

O Pe. Júlio-Maria gostava de repetir estas verdades que aí ficam. E êle mesmo as reproduzia em sua vida.

Seu retrato, por autêntico e real, nada encerra de incomum. Seu viver era o cotidiano; seu proceder, o de sempre. Em doze anos que o conheci, seu teor de vida não

1) Tristão de Ataíde — "Contra-Revolução Espiritual", p. 217.

mudou; seu temperamento sofreu tão só as influências da idade e da saúde.

Era o homem, sempre o homem, até com as fraquezas do homem.

Na plenitude dos 57 anos em que o vi pela primeira vez, não diferia, afora o grisalho da barba e a rouquidão da voz, do homem que vi no dia de sua morte, dez horas antes de morrer.

Alto, porte ereto, passo firme, caminhar nobre, olhos fulgurantes de um verde claro e bonito, a longa barba a cair-lhe sôbre o peito — eis o seu retrato físico.

Desassombrado, enérgico, às vêzes violento, mas sabendo, conforme as circunstâncias, dominar tôdas as emoções, e tornar a mágoa atraente sob um sorriso de bondade — eis o seu retrato moral.

Nunca jamais o vi fingir-se. Se sorria quando abatido por uma tristeza e desgôsto profundo, sentia-se com êle a dor cheia de resignação. Se repreendia, ainda sob a forma de prova a um súdito, apalpava-se, debaixo da linguagem rude do gaulês bilioso, a profunda sensibilidade de um coração de pai.

O seu modo de tratar grandes e humildes na sala de visitas nunca diferiu. Recebia a todos de pé. Perguntava pelo que desejavam. Respondia com duas palavras, e, sem mais, com um sorriso, e um gesto que lhe era todo peculiar, tomava o visitante pelo antibraço e ia logo encaminhando-se com êle para a porta de saída. Aquela atitude quase incivil era tôda cheia de naturalidade e tão invencível, que quebrantava os mais exigentes de uma cortesia fidalga.

Durante doze anos em que o freqüentei êle foi sempre assim. Não mudou. Não adquiriu mais solenidade e nem ganhou mais rudeza.

E outros muitos que o conheceram na Amazônia, no Pará, no Maranhão e na Europa, dizem ser êste o uniforme de que se trajava sempre a sua fidalguia e bondade.

*

* *

No trato familiar, o Padre Júlio-Maria se apresentava com um gênio *expansivo* e às vêzes duro. Parece que o seu temperamento se argamassava do bilioso e do sangüíneo.

Amigo das anedotas e trocadilhos, íntimo com os seus religiosos, quantas vêzes passava horas a fio no convívio alegre de uma palestra que não cansava e de que se sentia falta nos dias de ausência.

Mas também a sua rispidez no flagelar os erros e no repreender os quase incorrigíveis era a de um oficial de caserna. Por que ocultá-lo ? Seria fazer um retrato infiel não reproduzir êste traço de sua fisionomia.

À doçura de São Francisco de Sales, que buscou imitar, uniu êle a dureza de São Jerônimo a que também vêzes muitas pitorescamente se referia.

Era o *bilioso* e o *sangüíneo* perfeito em seu temperamento. E esforçava-se por dominar já a impetuosidade do primeiro, já a expansividade do segundo. Sòmente quem com êle privava podia aperceber-se das lutas internas travadas naquela alma de escol.

Nunca, porém, o seu domínio excedeu a justa medida, passando ao extremo oposto. Valia-se das duas formas de temperamento, segundo as exigências lhe impunham, para a glória de Deus.

O dito faceto e alegre como a palavra ríspida de repreensão, soltava-os, sem acepção de pessoa, na hora do recreio ou à hora dos avisos.

Não raro, àquele mesmo a quem esmagara com uma palavra cheia de ira aparente, dirigia, minutos depois, uma graça de amigo e de colega.

Seu modo de repreender quase nunca deixava de ser forte. Sobretudo contra os rebeldes ao regulamento e aos que chamara já muitas vêzes à ordem, para êstes tinha um látego impiedoso de linguagem.

Lembra-me tê-lo ouvido duma feita chamar de demônio a um de seus religiosos cujo espírito de irregularidade era notório.

E a um outro, a quem admoestara rudemente e que à hora do recreio se apresentava com amuo, vi-o segredar-lhe ao ouvido um dito chistoso, que logo compôs a antiga amizade.

Esmagador na repreensão, ninguém, como êle, mais afetuoso e paternal no momento de um conselho. A sua voz tomava então um timbre doce, um tanto sumido, que fazia insinuante a sua palavra.

Quando se sentia satisfeito com a dedicação de um súdito, apertava-lhe fortemente a mão, como o amigo verdadeiro após uma longa ausência.

Aos religiosos recém-chegados, depois de viagens demoradas, e de meses de separação, o trato que lhes dispensava era simplesmente indescritível. A alegria sem fingimento e sem esfôrço, a expansão de pai, a cordialidade de amigo, tudo isto transbordava então naquele amplexo de longos braços, naquele aconchêgo de cabeça às flutuantes barbas.

Era um anjo exterminador nas horas do réspice e um anjo de bondade nos entretenimentos de família.

Tal o seu retrato na vida particular com os religiosos.

*
* *

No trabalho público da paróquia, ao conviver com os homens de fora, no ministério e nas missões, não era diverso.

Os que o conheceram sabem quanto é verdade afirmar-se que era um leão no púlpito e um cordeiro no confessionário.

O modo como verberava os vícios é o mais truculento e destemeroso que imaginar se possa. Não tinha complacências, nem observava conveniências sociais ou respeitos humanos. E o linguajar com que apontava os abusos seria realmente censurável, se não partisse dêle, que todos sabiam de uma autoridade moral supra-comum.

Na igreja, sobretudo em função litúrgica, não sorria, não volvia o olhar. Atemorizava quase, ou pelo menos inculia um respeito profundo aos que lhe iam falar.

Quem, contudo, o ouvisse no catecismo de adultos e nas práticas de instrução, entremeadas de chistes e ditos de bom gôsto iluminados por cativante riso, haveria de crê-lo inteiramente outro do homem cuja gravidade intimidava aos pés do altar.

No confessionário, não houve, creio eu, figura mais bondosa ou que melhor reproduzisse o Cura d'Ars. Jamais elevou a voz no santo tribunal, ainda nos dias e noites de grande acúmulo de penitentes rudes e mal instruídos. A modulação de sua voz para interrogar, aconselhar e estimular, no confessionário, estou em que era mui diferente da de todos os sacerdotes com que já me confessei.

Tinha por norma não impor dolorosas penitências, sobretudo aos grandes pecadores. A um cidadão desde a meninice afastado dos sacramentos, solteirão dado ao álcool e por certo ao infinito de males da carne que isto faz conjeturar, não lhe dera mais que 3 Ave-Marias por penitência, confortando-o com palavras da maior animação.

O fato foi contado pelo próprio penitente.

Interessante o jeito que usava para responder àqueles que lhe vinham falar alto na sacristia. Fingindo não ter entendido, aproximava-se da pessoa que assim falava, inclinava a cabeça, com o ouvido quase à bôca do interlocutor, e perguntava com voz mui baixa: "Que é mesmo, meu filho?" Aquêle tom de voz desarmava os circunstantes, que logo não tinham mais pulmões para falar alto no lugar santo.

*

* *

Na rua, quando saía, jamais para visitas, mas sempre a desempenho de seu manus, não deixava de causar surpresa a quantos se achavam nas praças ou às portas das casas.

O passo largo e proporcionado à altura de seu corpo, uma leve corcunda que denotava o homem reclinado muitos anos sôbre os livros, tendo o guarda-chuva sempre à guisa de bordão, lá ia êle, olhar modesto, sem entretanto lhe ficar cousa alguma despercebida.

Quando caminhava preocupado com negócios absorventes, a sua testa era um pouco franzida, e êle, então, pouco sorria, mesmo para os pequeninos, seus amigos privilegiados.

Nos dias de melhor humor e menores preocupações, um sorriso comunicativo lhe aflorava constante aos lábios. Aqui e acolá se interrompia, para acariciar as criancinhas e conversar com elas. Tôdas o chamavam de "Vovôzinho" e a tôdas êle chamava: "Meu filho".

O proceder com as pessoas adultas era, na rua, cheio de gravidade, mais ainda que noutros lugares. Nunca foi visto parado nas esquinas para longas conversas, ainda quando se tratasse de negócio importante. Habitualmente, despedia a quantos dêle se acercavam para assuntos de urgência, dizendo-lhes que fôssem depois ao Seminário.

Os seus cumprimentos consistiam numa simples palavra, com uma leve inclinação da cabeça e um sorriso. Com voz ecoante nunca o ouviram falar na rua, e em parte alguma.

*
* *

A sua linha de polidez com homens de baixo quilate moral, ou com inimigos declarados da Igreja, era sempre uma lição. Nem por urbanidade pactuava com a má-vida dêstes homens.

Duma feita, celebrou tarde no Hospital. Acabado o seu café, neblinava um pouco. Vicentinos que ali estavam se prontificaram a arranjar-lhe um carro. Logo se ofereceu para trazê-lo uma pessoa de posição, mas cujo viver desregrado era de todos conhecido e já indiretamente flagelado pelo Padre Júlio-Maria nas franquezas do seu púlpito.

Apenas lhe notificaram os préstimos de tal senhor, saiu-lhe a réplica fulminante: — "Não posso assentar-me num automóvel onde se assentam prostitutas e concubinas..." E partiu, a pé, enfrentando a neblina fria da manhã.

Esta mesma resposta deu-a êle ao mesmo senhor, quando, noutra ocasião, lhe mandou ofertar o automóvel para uma viagem.

O seu caráter era tal que não se permitia complacências, mesmo em público. Era notório que, a homens de comportamento irregular, não ligava, nas rodas, a mínima consideração.

Padre Júlio-Maria, no cotejo social, era o homem íntegro e intransigente, em tôda a acepção do têrmo.

*

* *

A sua vida íntima transcorreu como a de um santo. A oração, o trabalho e o estudo eram as suas ocupações.

As 4,30, ouvia-se o despertador de seu quarto, e o pêso de um grande corpo que saltava com violência da cama, para cair de joelhos aos pés de uma estátua de Nossa Senhora, sempre sôbre a sua mesinha.

Quinze minutos depois, era êle visto a recitar o Breviário, na capela, caminhando lentamente e sem fazer o mínimo barulho, como se os seus pés nem tocassem o chão.

A meditação, fazia-a sempre com a comunidade. Era para encantar e para mover à oração vê-lo naquela atitude recolhida, olhos fechados, as mãos sobrepostas no colo, quando assentado, e, quando de joelhos, juxtapostas ante a majestosa barba e os cotovelos sôbre o descanso do genuflexório. E os seus lábios se entreabriam e fechavam, como a falar com ardor a uma pessoa invisível. O mexer do queixo fazia oscilarem-lhe as barbas, dando-lhe um aspecto venerável e patriarcal na oração, mais que em outra parte.

A sua Missa, que não excedia a 40 minutos com um número crescido de comunhões, não se sabia o que mais

admirar: se a imponência do sacrificador, se a piedade do orante. Nunca se voltou para o povo sem que trouxesse os olhos levemente cerrados.

Nada de apressado, e nada de cansativamente lento, em sua Missa.

A ação de graças, que se seguia, era de quinze minutos, cabeça um pouco inclinada, braços quase extensos sôbre a mesa da comunhão, mãos postas, sem livro. Não se lhe notavam movimentos nem de enfado, nem de nervosismo pietista. Era a postura do homem sumido em Deus.

*
* *

Quando, após o café modesto e parco, mergulhava em seus escritos, corria-lhe a pena sôbre o papel horas demoradas. Não levantava por vêzes a cabeça do que escrevia nem para atender aos que lhe batessem à porta.

Se ocupado com a correspondência, que montava em quase uma centena de cartas por semana, não era com facilidade que mandava entrar. E, muitas vêzes, no seu tom de voz roufenho e nervoso, notava-se a impaciência com que dizia: "Entre!"

Mal respondia também ao que lhe perguntavam, ia para logo dando a mão a beijar, a fim de que compreendessem o muito de suas ocupações.

O dia, passava-o escrevendo e administrando as construções, afora o tempo que tomava para o santo Breviário e outras práticas religiosas. Só à noite estudava. Sua vigília, durante os desessete anos passados em Manhumirim, prolongava-se em geral até 10 e 11 horas.

Hábito era seu, desde a mocidade, e que a muitos revelou, não se deitar sem o estudo de meia hora de dogma e sem a leitura de uma página espiritual.

*
* *

E assim findava o seu dia, aos pés da Sma. Virgem, como principiara. Só Deus sabe de quantos méritos eram êles cheios, de quantos trabalhos plenos, e, nos últimos anos, regados de quantas lágrimas!

Desde os primeiros dias do seu sacerdócio fizera voto de "não perder tempo". E, por isto, a sua vida era de uma atividade assombrosa, comparável talvez à de um Orígenes ou pelo menos à de um Santo Agostinho.

Tudo em seus dias colmados de lutas materiais era, entretanto, sobrenaturalizado pela graça, o que resplandecia em suas palavras a cada momento.

Não foram os olhos fitos constantemente sôbre a Providência e o coração sempre pôsto em Deus, impossível seria arcar com o pêso de tantos trabalhos e responsabilidades.

Era o homem de Deus. ..

*
* *

Mas o sinal mais claro de vitalidade sobrenatural do Padre Júlio-Maria era o seu sofrimento moral, sofrido e guardado com a resignação que não direi de um santo, mas de um Cristo ...

Esta sombra de seu retrato não pode figurar ainda no presente painel. É uma falha a que nos devemos resignar.

Só depois de muio tempo será oportuna a narração dos seus martírios morais, sem ofensa de pessoas, que os engendraram talvez inconscientemente.

*
* *

E terminemos aqui êste bosquejo ...

É demais rica de beleza a fisionomia do herói, para que a possamos insculpir tôda. Sempre há-de falecer ao

mais atento observador a perspectiva completa de um conjunto tão complexo, qual foi o Padre Júlio-Maria.

Não fizemos, por isto mesmo, descrição ordenada. Saiu-nos ao correr da pena e ao ditar da memória.

*
* *

O meu retrato assemelha-se ao instantâneo, tirado infelizmente num dia sombrio, e por um péssimo profissional.

Não posso mesmo chamar a isto de retrato. É uma simples tentativa. Falha. Sumamente incompleta. Paupérrima.

Mas é o sonho do coração que anseia por reviver dias passados. É um despertar tumultuoso de imagens que não consigo fazer morrer em mim.

É o pranto da saudade soluçando sôbre um túmulo ...

CAPÍTULO II

Pequeno início de uma grande história

Pátria e terra do Padre Júlio-Maria — Seu nascimento e batismo — Seus primogenitores — Conclusão

Uma providência especial de Deus dirige as Pátrias e os homens. Marca-lhes o itinerário na história, o papel no tempo, o destino na eternidade. Descreve-lhes, num plano insondável de infinita sabedoria, anteriormente ao tempo, a existência grandiosa.

Para Deus nenhuma existência que não seja grandiosa. Tôdas o são. As dos bons e as dos maus, a dos santos e as dos réprobos, as das Pátrias e as dos homens. Tôdas grandiosas para Deus porque executam o seu plano, completam-lhe a glória extrínseca, cumprem-lhe o mandato sempiterno.

Por isto são admiráveis os homens na época e na Pátria em que Deus os fêz nascer.

É importante considerar como o seu tempo e a sua terra e a sua família prognosticam-lhes a missão, as quedas, os triunfos e a própria glória.

*
* *

O Padre Júlio-Maria teve por Pátria mais pròpriamente a Bélgica.

Dizemos *mais pròpriamente a Bélgica*. De fato, nasceu êle e foi batizado na aldeiazinha de Beveren, Município de *Waereghen*, de que dista apenas quatro quilômetros.

Entretanto, êle se dizia francês nascido em Lille. (1)

Nada obsta que demos crédito à afirmação de nosso biografado sôbre a sua nacionalidade. Podia êle ser francês por naturalização ou registro civil no Cartório de Lille.

E é o que se nos afigura provável. Tendo seus pais residido em Lille, ou, antes, nas imediações desta cidade, logo após o nascimento de Júlio, e prezando a nacionalidade francesa, por ela optaram para o recém-nascido, como era costume entre certos habitantes de Flândres. (2)

*

* *

Honrou-se, como poucos talvez, o Padre Júlio-Maria de ser cidadão da pátria de São Luís. Era de se ver o ardor com que falava da nação mais culta do universo; de Paris, o orgulho da civilização; do povo francês, vivo, espirituoso, guerreiro e inteligente. Ainda após naturalizar-se brasileiro — o que lhe custou, por certo, ato de heroísmo na vida de missionário — lastimava a derrota da França e a humilhação profunda a que a via reduzida.

A língua francesa, que não era aliás de seu falar de origem, (3) aprendeu a manejá-la como mestre e nela escreveu com a maviosidade e encanto de literato nativo.

---

1) De um documento fornecido pelo Consulado francês de Belém do Pará ao P. Júlio-Maria, cuja cópia não temos ora em mãos, mas cuja existência podemos atestar, claramente se infere que o Pe. Júlio-Maria não aduziu ali provas quaisquer de seu título de naturalidade francesa. Porquanto o documento traz de início êste tópico: — *"Je vous demande de laisser passer Jules-Marie De Lombaerde, qui se dit citoyen français né à Lille", etc.*.

A expressão: *"qui se dit citoyen français né à Lille"* trai sobejamente não ter o Cônsul outra prova de naturalização do portador que a palavra dêste, merecedora por si de tôda a confiança.

Outros passaportes fornecidos pelo mesmo Consulado outorgam ao Padre Júlio-Maria o título de "cidadão francês nascido em Lille", sem restrição alguma.

2) Segundo informações do Pe. Aquiles De Lombaerde, irmão do nosso biografado, a família De Lombaerde, um ano após o nascimento de Júlio, passou a residir em Waereghen.

3) A língua mais popular em Waereghen, aldeia natal do Padre Júlio-Maria, é o holandês; fala-se ali ainda o flamengo, e, nas classes cultas, o francês.

Casa em que se supõe tenha nascido o Pe. Júlio Maria

Mais ainda, amava-lhe a beleza e conhecia-lhe os mais recônditos segredos. Ocorre-me, de momento, à lembrança o que respondeu a certo adversário de polêmica a lhe apontar deslizes de linguagem em "O Lutador":

"Eu sou francês... como tal poderia fazer-lhe muitas dissertações filológicas sôbre a língua francesa. O sr. é brasileiro e escreve em sua língua materna, é pois natural que a saiba melhor que eu ..." (1)

E muitas vêzes assegurou que em letras francesas não curvava a cabeça diante de quem quer que fôsse. "Quero ter o santo orgulho de saber bem a minha língua" — dizia êle com ênfase.

Êste modo de falar, e os elogios com que se referiu bastas vêzes ao idioma que considerava seu, mostram o muito amor daquela alma às cousas da França. Tanto é verdade que os amores santos e nobres da terra não podem resfriar jamais nos corações que vivem para Deus. Os santos, cuja flama do ideal ardia sem cessar pelo céu e pelas almas, não esqueceram nunca o torrão que os viu nascer. Padre Júlio-Maria foi um dêstes homens, que, de olhos voltados para a eternidade, não esqueceu jamais os valores do tempo.

*

* *

Veio ao mundo êste ilustre missionário ao ocaso do século passado, no dia 7 de janeiro de 1878.

Era costume festejar-se o seu aniversário natalício a 8 de janeiro. Êle mesmo preferia esta data. (2) Por que? Prende-se isto a uma razão profunda, que êle não expendeu em vida. É que o dia 8 de janeiro era o dia de seu batismo.

---

1) Palavras dirigidas a um certo prof. Tavares. Conferir "Um homem de sete cabeças" (1929 — Tip. de "O Lutador" p. 56).

2) Num artístico álbum missionário impresso na Bélgica, no qual figura seu retrato trazendo-lhe em baixo a data do nascimento: "7 de janeiro" - - teve êle mesmo o cuidado de corrigi-la para "8 de janeiro".

Por que esta extranha preferência?

Neste dia, portanto, nasceu realmente para a Igreja, para o Corpo Místico de Cristo, de que foi um dos mais apaixonados apóstolos.

Viu a luz do dia, ao que parece, doentio e inspirando cuidados. Reza a certidão de seu batismo que o menino recebeu as águas lustrais em casa, no dia imediato ao nascimento, das mãos da parteira, Sra. Adelaide De Poorter, e foi levado à igreja de Beveren no dia 8 de janeiro, quando o pároco o batizou sob condição, e lhe impôs os santos óleos. (1)

*

* *

Tôdas estas circunstâncias, dispostas pelo plano inefável de Deus, têm os seus significados, fáceis de crer, difíceis de adivinhar.

Sobretudo o fato de ter êle nascido ao findar do orgulhoso século do ceticismo, no dia imediato à Epifania do Senhor, parece-nos prognosticar o altíssimo mistério da sua predestinação.

Seria mais tarde aquêle recém-nascido um grande combatente do espírito incrédulo do século passado cujos remanescentes atingiram até as últimas gerações por êle evangelizadas.

E, semelhantemente aos magos, a quem uma estrêla conduziu por terras desconhecidas ao bêrço do Menino Jesus, achado enfim na pobreza, entre os braços de Maria, — assim também a criança predestinada de Waereghen teria a sua

---

1) Eis aqui o texto latino dêste documento:

"Anno Dni. 1878 die 8.a Januarii baptizavi sub conditione Julium Aemilium De Lombaerde filium legitimum Joseph ex Waereghen aetatis 41 annorum et Sidoniae Steelandt ex Waereghen aetatis 30 annorum conjugum in hac habitantium domi baptizatum ob imminens vitae periculum ab Adelaide De Poorter obstetrice ex aetatis... annorum natum heri hora 2.a pomeridiana. Susceperunt Henricus Van Eeckhout et Sophia Steelandt — Sign. Des. Du Weil, vic.', Concordat cum originali — *J. de Visscher, pastor,* — Beveren, 21-9-36

Waereghen é fronteiriça com Holanda e Bélgica. Em 1936 não passava de um povoado, que estava bem longe de ter 500 habitantes. Não era sede de paróquia, o que explica o fato de o Padre Júlio-Maria ter sido batizado em Beveren, como se vê na dita certidão.

estrêla : a docilidade à voz de Deus; achará Deus entre os braços de Maria Sma; e teria que tragar, em tôda a vida de Missionário e Fundador, o trago amargo e suave da pobreza, que santifica, salva e transfigura.

*
* *

Foram seus pais José De Lombaerde e Sidônia Steelandt. Dêles pouco sabemos, afora o que foi contado pelo Padre Júlio-Maria.

Muitas vêzes, até do púlpito, teceu elogios rasgados à piedade e firmeza de convicções religiosas de seu pai :

"Êle jamais disse : — Meu filho, hoje é domingo e deves ir à Missa. Ao contrário, tomava-me pelo braço e dizia : — Vamos à Missa".

Qual teria sido o teor de vida de seus primogenitores ? Qual a profissão exercida por seu pai ? Eram ricos ou pobres ?

A tôdas estas perguntas as informações que possuímos não respondem satisfatòriamente.

Certa vez interroguei-o sôbre a profissão de seu pai. Ao que me disse com muita singeleza : "Meus pais eram lavradores, mas de condição mediana. Meu pai era sitiante, como se diria em português". (1)

Concordam com êste dizer assim os depoimentos de pessoas que o conheceram ainda jovem em sua terra natal, como a casa simples em que dizem ter êle nascido.

Um sacerdote sacramentino, que visitou pessoalmente Waereghen e entrevistou parentes e íntimos da família Lombaerde, diz terem todos afiançado unânimes a modesta posição dos pais do Padre Júlio-Maria. Não eram ricos. Possuiam um hectare de terra, umas vacas e uns porquinhos.

---

1) O Pe. Aquiles, seu irmão, assegura, entretanto, que era m de condição mais que *mediana*, talvez mesmo *afortunada*.

Semanalmente, levavam manteiga e leite para vender no mercado de Waereghen.

*
* *

Seu pai, o Sr. José De Lombaerde, descendia duma família militar que emigrara, em antigos tempos, da Lombardia.

Era um homem simples, trabalhador e muito alegre. Todos o cognominavam na aldeia: "José o sempre contente", ou então "o bom José".

Era amigo dos livros. Possuia a sua biblioteca. Habilidoso, esmerava-se em trabalhos de carpintaria.

Nos últimos anos de sua vida foi atacado de úlcera no estômago. Mas recusou a operação que os médicos lhe receitavam.

Apesar da doença não se reconhecia dispensado da assistência à Santa Missa. A êste propósito, o testemunho do Pe. Júlio-Maria:

"Quando nos últimos anos de sua vida, impossibilitado pela moléstia, não podia mais andar, ainda assim não se reconhecia dispensado de seus deveres de católico. Mandava que dois empregados o carregassem numa cadeira de braços até à igreja paroquial..."

José De Lombaerde morreu a 19 de setembro de 1890, deixando Júlio Emílio — que mais tarde veio a ser o nosso Padre Júlio-Maria — com 12 anos. (7)

Fôra seu consórcio com D. Sidônia Steelandt abençoado com nove filhos, sendo o Padre Júlio o primeiro, e sendo o último Aquiles, hoje missionário na Ásia longínqua.

Só êstes dois, por desígnios de Deus, escaparam à morte quando pequenos. Os sete filhos intermédios, vítimas de crupe, passaram por esta terra como pássaros de arribação e levaram para o túmulo a candura que lhes precedeu aos sete anos. O Padre Júlio-Maria gostava de

7) É o que se depreende de uma caderneta do Padre Júlio-Maria, a qual citaremos sempre neste livro. Intitula-se: "Grandes époques de ma vie".

dizer que tinha junto de Deus sete anjinhos de sua família, aos quais invocava muitas vêzes, e certo de ser atendido, "porque êles levaram para o céu a pureza batismal".

Os oito primeiros filhos de José de Lombaerde e Sidônia Steelandt a êles já se uniram, pois, no céu, todos coroados : sete pelo diadema da inocência; e um com as coroas de apóstolo e fundador a encimar-lhe o diadema de inocência, que também levou, alvo e imarcessível, ao túmulo glorioso de Missionário de Maria.

D.ª Sidônia Steelandt, progenitora de nosso biografado, era flamenga, descendente de holandêses.

Tinha gênio expansivo e alegre, como se verá.

Desde menina, quis entrar para o convento, imitando uma de suas irmãs. Eram outros, porém, os designios de Deus, que a fêz mãe de dois missionários.

Tornou-se mãe de Júlio Emílio, seu primogênito, com a idade de 30 anos. O que nos faz supor tenha se casado bastante tarde, aliás, com um homem de perto de seus 40, pois que de tantos já passava José De Lombarde quando Júlio Emílio foi levado à pia batismal.

Quando enviuvou, em 1890, protestara não mais casar-se. Os dois filhos, Júlio e Aquiles, esperava, haviam de ser o arrimo de sua velhice.

Deus, entretanto, não quis que fôsse assim. Com a decisão dos filhos, de abraçarem a vida religiosa, resolveu-se a tomar estado segunda vez com Charles Callens.

Depois de enviuvar e antes de convolar a novas núpcias, ia muitas vêzes a Beveren, perto de Courtray, a fim de assistir ali às principais festas e administrar a sua propriedade.

Levava sempre na bôlsa, com o rosário, herança preciosa de sua irmã que entrara para o convento, um livro de reza e uma imagenzinha de porcelana, não sabemos de que santo.

Quando alguém, por entre os folguedos das quermesses, no adro da igreja, lhe perguntava : "D. Sidônia, a senhora

ainda não se casou?" — ela, prontamente, tirando o seu orago dizia : — "Oh sim ! Eis aqui o meu novo marido !"

*

* *

Pouco podemos dizer, senão conjeturar, da boa formação que deu aos dois filhos que lhe restaram vivos, o primeiro e o último.

O fato da vocação missionária com que Deus honrou o lar de D. Sidônia, chamando-lhe a ambos os filhos, assim como a generosa correspondência dêles à divina graça, mostram de sobejo os desvelos maternos na primeira educação.

Quando morreu D. Sidônia Steelandt? Em 1905. Não viu os filhos ordenados sacerdotes. Vira Júlio Emílio revestido com a roupeta de Irmão Branco, chamado pelo nome de Optado Maria. A Aquiles, nem sequer chegou a vê-lo revestido do hábito religioso.

Ao morrer, não teve à cabeceira aquêles que eram a constante preocupação de suas preces. Mas lembrava-se dêles, dizendo : "Minha maior consolação é que meus dois filhos vão ser sacerdotes !"

Charles Callens, a quem o Pe. Júlio-Maria tratou também de pai, (1) sobrevivia à sua espôsa até 1936. Pessoalmente prestou alguns informes para esta biografia.

*

* *

Êste o escôrço que pudemos fazer da nacionalidade e família do Padre Júlio-Maria. Buscamos conservar-nos na maior justeza histórica possível. Nada adiantamos, que ao critério humano, falível sempre, não se afigurasse verdadeiro.

---

1) É o que se vê de uma carta escrita por êle da África em 1897. Cita-la-emos oportunamente.

Por entre as obscuridades em que se emaranham estas bases de uma tão fecunda vida, já se pode admirar a providência de Deus sôbre os seus santos.

É um pequeno início de uma grande história.

O Padre Júlio-Maria não nasceu como os grandes. Seu natal não se cercou de efeitos maravilhosos. Releva-se pela simplicidade condicente com o estigmatizador das santidades aparatosas, que êle sempre foi.

Êle pregaria mais tarde que o santo preza sòmente uma nobreza acima da carne e do sangue: a da linhagem divina, a que o cristão se une pela graça.

Êle diria "que o santo não nasce santo", e que a grandeza das prosápias é um impedimento para a santidade.

Êle pregaria com todo o rigor que o homem nascido no mais humilde lar pode se tornar um santo, pela correspondência à graça divina.

Êle descortinaria às almas humildes, assim como o fizera Teresinha de Lisieux, novos horizontes de esperança. "A santidade é para todos" — gostaria de repetir em seus retiros e sermões.

E porque seria assim, convinha que êle nascesse no esconderijo e na simplicidade, sem os sinais corruscantes da vida de tantos outros santos.

Parece que nos dois últimos séculos a Providência se tem desvelado em mostrar aos homens uma santidade mais acessível.

O Padre Júlio-Maria é um dêstes marcos que Deus pôs nas estradas do século XX, século trânsfuga do sobrenatural, cético do amor, desconfiado de Deus.

CAPÍTULO III

A infância

A primeira formação — No Jardim da Infância de Waereghen — Os princípios do ideal missionário — Na escola — Fatos desta feliz quadra — A primeira comunhão — Conclusão.

Nos encantos da primeira idade estão os germes das belas vidas. Dentro de cada peito pequenino dorme um grande homem.

Êste homem começa a despertar nos bancos da escola ... e, muitas vêzes, não chega a entreabrir os olhos a não ser à beira do túmulo. E é então a história dos que não vivem.

*
* *

A história dos que vivem é diferente. Ela começa sôbre os joelhos da mãe carinhosa, continua sob o olhar vigilante da mestra-escola, prolonga-se ao contacto de um coração de educador amigo na adolescência e na mocidade, e estende-se, com a fluência de um bálsamo, a carícia de um sol, e o esplendor de uma vitória, até à velhice honrada e respeitosa.

Os grandes homens não o foram sempre, mas começaram a ascenção para a grandeza com a aprendizagem das primeiras letras. A infância feliz preparou-lhes a velhice venturosa.

*
* *

Como transcorreram os primeiros anos do Padre Júlio-Maria no lar e na escola ?

Pouco sabemos a êste respeito. E não é para estranhar, porque, de modo geral, pouco se sabe da infância de todos os grandes homens. Um destino providencial parece esconder-lhes em véus de sombra a quadra mais sorridente da existência.

Jesus mesmo, cuja infância deve ter sido o que de mais belo e grandioso imaginar se possa, não descobriu aos olhos mortais senão um fato de sua meninice : aquêle aliás em que parece ter deixado de ser criança para tornar-se homem e Mestre entre os mestres dos outros homens.

*
* *

O Padre Júlio-Maria passou a sua infância em Waereghen, segundo o depoimento de seu irmão, Pe. Aquiles De Lombaerde. Outras pessoas que o conheceram criança ainda informaram ter êle feito o curso primário nesta cidade, onde seus genitores fixaram residência a partir de 1879.

Desde pequenino recebeu, na escola pré-primária, formação mui aprimorada e cristã, pois matricularam-no seus pais no Jardim da Infância daquela cidade, o qual era dirigido por Religiosas.

*
* *

Ouvi de sua bôca as recordações dêste tempo feliz da inocência.

Mais de uma vez se referiu aos desvelos com que o tratou sobretudo uma das Religiosas, de nome Rosa. (1)

Eis aqui um fato singelo desta primeira quadra de sua vida. Narrou-o êle mesmo.

---

1) Informações que recebemos do Pe. Aquiles De Lombaerde nos disem que *Rosa* era o nome da freira, e não *Terezinha*, como dissemos na 1.ª edição desta obra.

Tôdas as manhãs, Júlio Emílio tomava contente a cartilha e os cadernos, e ia para a Escola Infantil.

Ali passava o dia, cercado de carinhos maternais das Religiosas.

Ali tomava as refeições e recreios, e só voltava à tardinha para a casa dos pais.

Certa feita, o dia era chuvoso, os caminhos escorregadios. Bem perto do colégio cai o pequeno numa poça de lama, enxovalhando o belo pimpão branco. Chega à escola chorando. A Irmã Rosa toma-o tal qual está vestido e leva-o para a ducha d'água.

Naquele dia, Júlio Emílio não foi à aula. Enquanto, com esmêro de mãe, Irmã Rosa enxugava e engomava a sua roupeta, ficou assentadinho, envôlto num camisolão felpudo, entre os espaldares de uma cadeira, na sala de visitas.

Colocou-lhe diante a Irmã muitas revistas missionárias naquelas horas de prisão involuntária. Aquêle dia de escola transmudou-se na mais suave das recreações.

Quando, quase ao fim da vida, êle narrava êste episódio simples, sentiam os ouvintes o pêso de uma recordação e o profundo de uma saudade.

Anos e anos volvidos, depois de Padre, voltou ao colégio, procurando pela Irmã Rosa. Ela não mais vivia entre os mortais. Mas o Padre Júlio pôde ainda reviver os dias passados da infância e ver os infinitos desígnios de Deus naquele incidente que lhe colocara sob os ávidos olhitos de criança as primeiras gravuras de missão.

"Foi desde aquêle dia que em minhalma despertaram os primeiros ideais missionários", — confessava com um tom de saudade e gratidão.

*
* *

Tudo em nossa infância tem um sentido de tirocínio. Nisto o plano divino não diverge muito dos cálculos humanos.

Naquela cândida criança do Jardim da Infância de Waereghen, Deus preparava o Irmão Branco da África e o Padre Mestre das missões da Amazônia.

*
* *

Os cursos que se seguem ao Jardim da Infância, ou seja o período do grupo, o Padre Júlio-Maria os fêz com um professor, na Escola Municipal de Waereghen, até 1893. Desta quadra encantadora, guardou êle fatos que narrava de vez em quando.

É o primeiro bastante ingênuo, e revela claramente a simplicidade e quase tolice de uma criança.

Viu êle certa vez na casa do mestre, que era homem brincalhão, pássaros lindos e cantadores. Perguntou ao professor como fizera para pegá-los.

— "Ora, muito simples, meu filho. Se quiseres, posso ensinar-te um sistema fácil, com que pegarás qualquer pássaro. Basta que tomes um pouco de sal e lhe lances certinho na cauda. O passarinho ficará tão manso, que poderás baixar-lhe a mão com a maior facilidade".

Júlio Emílio, ao chegar em casa, corre pressuroso para a mamãe pedindo-lhe um punhado de sal, a fim de levar por diante a experiência. Pobre ingenuidade!

Escusado dizermos do feliz resultado que obteve...

*
* *

O mesmo professor, certamente, foi quem lhe pregou, num primeiro de abril, esta outra peça.

Era primeiro de abril. Finda a aula, chamou-o o Mestre-escola:

— "Meu menino, antes de ires para tua casa, faze-me um favor. Passa à casa de F., pede-lhe a peneira para peneirar batatas".

A criança parte atenciosa. Pergunta pelo curioso utensílio, à pessoa indicada.

— "Oh! não está comigo a peneira de peneirar batatas. Emprestei-a à Sra. X., em tal rua, tal casa" — responde êste com um requinte de malícia compreendendo todo o sentido de um 1.º de abril.

E, assim, duas ou três pessoas enganaram ao pequeno Júlio Emílio, até que alguém o advertiu: — "Vai para tua casa, meu filho. Não existe peneira de peneirar batatas, como não existem batatas que passem pelo crivo de uma peneira. Pregaram-te um estrondoso «primeiro de abril».

*
* *

Êste último fato, sobretudo, pelas circunstâncias, trai suficientemente que não ocorreu numa cidade grande como Lille, mas possìvelmente numa vila do interior. Daí a nossa conclusão de que parte ao menos da infância de nosso herói deve ter-se passado no ambiente mais acanhado das pequenas cidades.

Sente-se, nas duas últimas historietas, o ambiente quase familiar de uma escola do interior. É a poesia da vida estudantil dos primeiros anos, com o seu cortejo de sobressaltos para uma alma de menino.

E tudo isto preparava o homem. Tudo isto faria um pêso na balança de sua existência.

*
* *

Um coração tão simples revela uma alma pura. Era preciso que quanto antes Nosso Senhor a possuisse, fizesse com ela o primeiro encontro de amor na intimidade da primeira comunhão.

Esta se deu para Júlio Emílio no mesmo ano em que foi crismado, em 1889. É o que lemos em seu caderninho

de memórias particulares. (1) Recebeu-a das mãos de Mons. João José Faict, Bispo de Bruges — (1864-1894).

Que se passou naquela alminha inocente, feita soldado de Cristo pela Confirmação, ao tomar pela vez primeira a Hóstia dos nossos altares?

É pena ignoremos as circunstâncias dêste acontecimento inaudito, que teria reflexos em tôda a sua vida.

Almas que têm a ventura de amar como Santa Teresinha, reconhecem também, como Teresinha, as influências sobrenaturais que lhe deixou no coração o primeiro contacto sacramental com Jesus. Uma atração para a Eucaristia, um como perfume suave que sentem aos pés do altar, algo de indefinível, mas que é divino, arrasta-lhes a vida inteira com uma inclinação irresistível para o Smo. Sacramento. Prova inefável da presença real de um Deus sob as espécies de pão!

Queremos crer que isto se deu com Júlio Emílio.

A primeira comunhão inaugurou os seus ideais de Apóstolo da Eucaristia.

Anos transcorridos, ainda guardava indeléveis na memória as alegrias da primeira comunhão. E, recordando-a duas ou três vêzes à sua comunidade, corria pressuroso a buscar numa caixinha o retrato que possuia.

Ali figuravam mãe e filho, êle de pé, mãozinha apoiada sôbre o joelho da mãe assentada em tôsca cadeira numa sala simples.

Sua Mãe, certamente, cercou de muito interêsse aquêle grande dia. Tanto assim que mandou se tirasse um retrato. E o Padre Júlio mesmo nos dizia que, para famílias católicas daqueles tempos, o dia da primeira comunhão de um filho se revestia de maior significativo que hoje. Era um dia de festa.

---

1) *Grandes époques de ma vie.* Êste caderno de notas não traz senão os principais acontecimentos de sua vida. Começou o Padre Júlio a escrevê-lo quando já Irmão na África, pois logo à primeira página traz os nomes *Marie Optat*, que não designam senão êle mesmo — Irmão Optato Maria.

E imagine-se o que êle deve ter sido na casa de Sidônia Steelandt, ab tratar-se da comunhão de seu primogênito. As mães piedosas saberão avaliar as emoções daquela manhã inolvidável.

*
* *

Muito quiséramos dizer desta quadra feliz da existência do grande missionário. Impossível, em face da obscuridade das informações que possuimos.

Os primeiros anos desta vida, como já notamos, são quase impesquisáveis. Mormente nos dias de hoje em que é dificílima qualquer correspondência com a Europa. É possível que mais tarde algum raio de luz amiga esclareça os obscuros desta história. (1)

Qualquer que ela seja presentemente, ou continui a ser para o futuro, não importa quanto aos fatos. Importa quanto ao significado que êles revestem.

Sabemos que a primeira formação de Júlio Emílio De Lombaerde foi o que devia ser : a de uma infância verdadeira, protegida com os carinhos de um lar cristão.

Os joelhos de uma Mãe santa, a primeira escola piedosa, a primeira prece junto ao altar de Jesus, tais são os pródromos mais felizes de uma vida. Teve-os o Padre Júlio-Maria. E êles foram os primeiros degraus de uma ascenção espiritual grandiosa.

---

1) Escrevíamos logo após a última guerra. Embora as circunstâncias de hoje não sejam as mesmas, entretanto poucos e insuficientes os esclarecimentos que pudemos obter até agora.

CAPÍTULO IV

A adolescência

O mistério da idade — Júlio Emílio vai para o colégio em Thourout (Bélgica) — Boas influências do novo ambiente — Caráter de Júlio Emílio — Seu gênio brincalhão — Seu gôsto pelo estudo — Alvorada de um ideal missionário — Conclusão

A adolescência é a idade dos transvios e das definições. Nela despertam as paixões, vivas e ardentes. Nela inflama-se o coração, desponta para a existência, acorda para o amor, abre-se para os complexos problemas da vida.

A adolescência é a encruzilhada do homem. Sòmente quem passou por ela pode compreender a razão dos abatimentos morais, ou o mistério infinito das graças do alto. Quantas quedas, quantas feridas, ou, então, quantos milagres do amor e da luta!

O Padre Júlio-Maria, mais que ninguém, sentiu em si êste grande mistério da adolescência. E soube decifrá-lo à luz da graça, com as fôrças da oração.

A sua natureza era ardente. Mesclava-se-lhe o temperamento da vivacidade dos sangüíneos e da impetuosidade dos biliosos.

E o vigor e quase realismo com que se referia à transição de idade demonstravam que êle muito bem a experimentou.

Temos, porém, como certo, que êle atravessou incólume a sangrenta fronteira em que se ceifam tantas almas jovens.

Teve a felicidade de ter formadores. Teve a ventura de conhecer o sobrenatural em seus caminhos. Logrou a alegria sem par de uma direção firme da vontade e do caráter.

*
* *

Com a idade de quinze anos, justamente ao fulgor da adolescência, vamos encontrar Júlio Emílio em Thourout, na Bélgica, no Instituto São José. Êste Instituto destinava-se à formação de professôres. Era dirigido por Sacerdotes diocesanos.

Quando Júlio Emílio para ali seguiu, seu pai já havia morrido, fazia três anos. Sua Mãe casara com Charles Callens.

O atrativo para as letras, que era como inato em Júlio Emílio, cresceu ao despontar dos primeiros sonhos da juventude.

O padrasto, ao que parece, não podia ou não queria custear-lhe os estudos. Que fêz o jovem?

Foi Charles Callens mesmo quem o contou, anos após, em 1936, não sem indignação: "Júlio era um peralta ... Vendeu a mobília da casa para estudar!" (1)

Transparece aí o gênio decidido e precipitado de Júlio-Maria. Foi um êrro sem dúvida. Que estranhar? A leviandade, que quase sempre distingue os quinze anos, levou-o a muito mais.

Certa feita, pouco antes de ir para o Colégio — contou o padrasto — êle lançou fogo a um rancho da propriedade, e, assentado de frente sôbre um montão de palha de feno, contemplava, sorrindo, o espetáculo, qual Nero vendo Roma incendiada.

---

1) Palavras pessoais do Sr. Charles Callens, padrasto do Pe. Júlio Maria. A observação acrimoniosa é, no entanto, descabida, no dizer do Pe. Aquiles De Lombaerde; tratava-se da venda de utensílios realmente pertencentes a Júlio Emílio.

Teria sido um gesto de malquerença ao velho, ou uma extravagância, destas que a idade nos leva muitas vêzes a perpetrar? Difícil de dizer. Talvez uma coisa e outra. (1)

E destarte foi Júlio De Lombaerde para Thourout.

Entretanto, não fêz aí o Curso Normal, ou de Professor. Cursou sòmente o ano preparatório, de 1893-1894. Ao início de 1895 matriculou-se na Escola Normal, a cujas aulas nem sequer veio a assistir. (2) Definiu-se-lhe a vocação missionária, e êle partiu, em companhia de um Padre Branco, para Boxtel, (Holanda).

Começa então a história quase encantada de um Irmão Branco, chamado *Optato Maria*, que passou anos na África, entre os misteres simples de Irmão-Coadjutor.

Retomaremos ao depois êste fio da história. Por enquanto, retracemos o que foi a vida do jovem em Thourout, para encontrar-lhe os primórdios da vocação.

*

* *

A vida no Instituto São José foi certamente uma bênção para sua alma.

Inaugurou-lhe sobretudo a história da vocação religiosa e consolidou-o nos ideais missionários da infância.

É possível que antes tenha começado a esquecer as belas aspirações nascidas em sua alma pequenina quando no Jardim da Infância, aos pés da Irmã Rosa. A

---

1) Também quanto a êste fato, Pe. Aquiles De Lombaerde defende seu irmão, impugnando a inexatidão da narrativa de Charles Callens. O que aconteceu — diz êle — foi sòmente o seguinte: quando Júlio Emílio era ainda criança, brincando com fogo, veio a queimar uma casa da propriedade.

2) É o que depõe um atestado fornecido pelo Diretor do Instituto São José de Thourout, R. Leterno, o qual, vertido do holandês para o vernáculo, dá o seguinte:

"*Instituto São José — Escola Normal para Professôres. — Thourout — Bélgica.*

"Júlio De Lombaerde era aluno do nosso Pensionato, ao tempo em que êste funcionava como Escola Normal, isto é, nos anos de 1893-1895.

Matriculou-se sòmente como aluno da Escola Normal para o ano letivo de 1894-1895. Entretanto, não seguiu o Curso Normal. —

Thourout, 6-X-36 — (a) R. LETERNO, Diretor"

ingrata travessia para a adolescência era de causar-lhe tudo isto.

A vida recolhida e regular do Colégio despertou-o de novo para as belas realidades do espírito.

E êle evocou as emoções daquele dia em que Irmã Rosa lavou e engomou o seu lindo pimpão branco ...

As revistas missionárias, que agora voltou a ler com assiduidade e interêsse, fizeram despertar e reviver as antigas impressões. "As leituras sôbre missões foram o principal gôsto e distração de meu tempo de Colégio" — dizia êle aos seus seminaristas, muitos anos depois.

E não era só. A formação que ali recebeu era rija e firme. O Instituto era de orientação inteiramente cristã, aliás dirigido por sacerdotes. De qualquer modo, não faltava para os jovens a confissão e a conta de consciência tão comum nos colégios católicos da Europa. E por isso nos fala êle dos "começos de sua conversão" e dos exames interiores que fazia de si mesmo pelos fins de 1894. (1) É dó que nada se haja em mãos, nem ponto por onde obtê-lo, — sôbre o processo de sua "conversão". Tudo isto seria tão significativo na história de um futuro Fundador.

*
* *

Guardava o Padre Júlio vivas recordações do Colégio de Thourout. Várias vêzes contou fatos de sua vida de estudante.

Narremos um, que bem prova assim a disciplina rija do Colégio como o esfôrço de Júlio Emílio nas suas práticas de piedade.

Dormia cada aluno em uma espécie de biombo, e era absolutamente proibido levantar-se alguém antes da comunidade.

Certa ocasião, Júlio, que bem conhecia o regulamento, julgou poder transgredi-lo, para praticar a piedade.

1) *Grandes époques de ma vie*, última página.

Tendo acordado mais cedo, pôs-se de joelhos ao pé da cama, fazendo as suas orações.

O prefeito da disciplina passou justamente àquela hora, visitando os corredores do dormitório.

Júlio de Lombaerde viu-o e estremeceu. Afigurava-se-lhe, porém, uma fraqueza de caráter não continuar o que antes lhe parecia bem. E permaneceu de joelhos.

O prefeito não lhe passou repreensão. Mas deu-lhe um castigo magistral e humilhante.

Despertados todos os alunos à hora costumeira, encaminharam-se para os lavatórios comuns. E Júlio compareceu também, conforme seu número de ordem e turma, para o asseio matinal. O regente embargou-lhe o passo, e, sem dizer palavra, afastou-o da fila.

O jovem compreendeu. Era o seu castigo. Devia comparecer à capela sem lavar o rosto.

Também, não retrucou, não pediu, não reclamou. Recebeu resignado a humilhação merecida pela falta.

Êste fato mostra-nos sobretudo o caráter que em Júlio Emílio se ia solidificando.

A lealdade e retidão aliás sempre o distinguiram no colégio como em tôda a sua vida.

*

* *

Doutra vez, andavam os seus companheiros amofinados com um regente. Tinha êste castigado injùstamente um dos melhores meninos, amigo de todos e benquisto dos mestres. Cogitavam tirar uma desforra às escondidas.

Júlio Emílio entra em sua roda quando combinam os planos de ataque. Ouve os acontecimentos, e também êle se sente indignado com o ato covarde do regente. Acha, porém, feio, e não menos indigno, tirar uma vingança às ocultas. Prefere-a pública e solene, como solene e público fôra o êrro. Expõe aos colegas, argumenta com êles, mostra-lhes o valor do caráter. Êles, porém, permanecem temerosos das conseqüências.

Neste ínterim, o regente atravessa o recreio, e vê o grupo de exaltados que disputa acaloradamente com Júlio Emílio. Aproxima-se.

Júlio Emílio sente o sangue ferver em suas veias, cerra os punhos, e dá um forte murro no moço, dizendo-lhe: "Toma lá, patite, a vingança que planejamos tirar contra as tuas injustiças".

Há um pasmo geral e o regente, de mãos nas narinas em sangue, retira-se embaraçado.

Momentos depois, Júlio Emílio comparecia ao gabinete do Diretor, e narrava-lhe com franqueza o ocorrido e os precedentes que o motivaram.

Foi comprovada a injustiça e parcialidade do regente. No dia seguinte, era êle dispensado do cargo.

Júlio Emílio cresceu na estima de seus companheiros e alcançou um grau a mais na admiração dos superiores.

Ao despedi-lo do gabinete, o Diretor lhe disse: — "Júlio, foste descaridoso, mas provaste que és sincero e de caráter. Dou-te os meus parabéns".

*
* *

Tudo isto é a formação do *cristão* sôbre os alicerces do *homem*. Júlio Emílio de Lombaerde, desde os bancos da escola, traduz o que será um dia: um caráter indomável e sincero. Estas duas cousas eram indispensáveis no grande "lutador" das plagas longínquas de Minas.

*
* *

Êste jovem convicto, que parece antes um militar, é, contudo, sempre jovem. É folgazão e alegre, idealista e acessível a todos.

Vimos-lhe o caráter. Vejamos-lhe agora o gênio expansivo e faceto.

Júlio Emílio De Lombaerde não era um leviano, mas gostava do brinquedo nas horas permitidas.

Muitas vêzes, depois de velho, contou as proezas divertidas em que tomara parte. Merece lembrada a experiência de sugestão que fêz, em companhia doutros colegas, com o bom Pedro, porteiro do internato.

*
* *

Pedro era uma destas figuras, como existem em quase todos os colégios. Bom, prestativo, amigo dos estudantes, atencioso para com todos. O seu complexo de bondades, entretanto, vinha de envôlta com um defeito: Pedro era ingênuo.

Um dia, o Professor F. dissertou na aula de ciências a respeito da sugestão. Citou casos de curas e doenças com ela provocadas. Salientou a sugestionabilidade que têm certos indivíduos simples e crédulos.

Todos se lembraram do porteiro. Fariam dêle cobaia de experiências. Reuniram-se alguns dos mais astutos e folgazões, combinaram a investida.

Dividiram-se em grupos, num dia de saída: alguns à porta do Colégio, outros no recreio; mais um grupo na praça, e mais outro perto do mercado e da estação. Haveriam de prostrar com febre alta o velho Pedro, ou então desmentiriam de vez a aula do Mestre de ciências.

Tudo combinado, tudo feito. Perto do correio, toparam os primeiros com o bom Pedro.

— Olá, seu Pedro, como vai? E aproxímam-se como de costume.

— Mas que é isto, seu Pedro, o Sr. está amarelo... Que houve? algum susto?...

— É mesmo... — ajuntou um outro — O seu Pedro era corado, e agora está pálido...

— Deveras! — ajuntou um terceiro, que se achegou mais do homem — O Sr., com certeza, sente-se mal, não é Pedro?...

— Ora, qual o quê moços! Não tenho nada! Estou são como sempre.

E foi-se o velho Pedro sorrindo como era de seu teor.

À porta do mercado, outro grupo o surpreende com as mesmas observações.

— Reparem bem — disse um aos colegas — o seu Pedro está com os olhos amortecidos e esverdiados e o rosto desfigurado, como quem está com febre, não é ? ...

— É mesmo, gente ! exclamou outro com admiração, enquanto um terceiro lhe punha a mão na testa e um quarto lhe tomava o pulso, e concluiam o diagnóstico : O Sr. Pedro está com febre alta.

O bom do velho não deixou de se espantar da coincidência das observações.

À porta do Colégio, repetiu-se novo exame clínico por parte dos estudantes, quase nos mesmos têrmos. E quando êle transpôs o umbral do portão para o pátio, já se sentia atacado de arrepios pelo corpo e mal-estar geral. Pensou até em deitar-se.

Foi então que o mais convincente dos tentadores se acercou dêle : Júlio Emílio.

— Como passa de saúde, seu Pedro ?

— Meio lá, meio cá, meu amigo, — retrucou Pedro com um gesto de desânimo.

Júlio Emílio correu-lhe os olhos de alto a baixo. Fitou-o quase compassivo nos olhos, e disse :

— É, seu Pedro, seus olhos não têm boa côr, e nem o seu rosto. O Sr. traz os caracteres de febre entérica !

— De fato, seu moço, há três dias que sofro um desregramento intestinal.

— Ah ! Pois é isto, seu Pedro ! — exclamou Júlio convictamente, e, no mesmo ponto, tomou-lhe o pulso. Pouco depois sentenciou, com eloqüência de um esculápio :

— O Sr. está mal, seu Pedro. O seu caso é grave. A febre parece alta. Não brinque com uma cousa tão séria. Vá imediatamente dizer ao Sr. Diretor, e pedir para deitar-se.

Pedro ainda quis fazer alguns recados antes de seguir o conselho de Júlio Emílio. Mas êle o interpelou com insistência.

— De modo algum! O Sr. não sairá daqui a não ser para a cama. Nós, os estudantes, queremos-lhe bem, seu Pedro. O Sr. está mal, vá para o leito, nós vamos chamar o médico por nossa conta... E isto dizendo, arrastou com o bom do homem para o quarto, tirou-lhe o paletó, e obrigou-o a acamar-se.

Quando o enfermeiro colocou o termômetro no velho Pedro, averiguou 39 graus de febre e um grande abatimento físico e moral.

O porteiro do Colégio de Thourout passou três dias debaixo do cobertor. Foi obrigado a engulir um amargo corretivo e dois vidros de poção. Tudo isto, conseqüência de uma brincadeira de estudantes.

*

* *

Júlio Emílio De Lombaerde era, então, no Colégio, o que veio a ser mais tarde: o acorde perfeito da expansão do jovem e da madureza do homem. Às horas de recreio, o amigo expansivo de todos, o moço vivo e dado aos folguedos. Às horas de seriedade, o jovem compenetrado dos seus deveres, dado à piedade e às leituras.

Entre estas, continuaram a exercer influência preponderante na sua formação as narrativas missionárias — como êle mesmo confessou mais tarde.

Não perdia tempo. Era amante das artes e das letras. É muito possível que nesta ocasião se tenha ensaiado na música e na poesia, em que mais tarde muito se exerceu.

Êle mesmo nos revelou que neste tempo escreveu um romance, *O Duelo*. "Com certeza não era grande coisa — dizia. Não tinha talvez valor algum. Fantasia, como todo romance. Pareceu-me, porém, melhor compô-lo, do que perder meu tempo em cousas prejudiciais".

*

* *

Mostras de uma piedade extraordinária, não consta que as tenha dado então o jovem estudante.

No seu caderno de notas, que já citamos (1), êle assinala os começos de sua "conversão" em fins de 1894.

Que se deve entender por isto? Refere-se êle, com certeza, às primeiras moções interiores que sentiu para a vida religiosa. Deus começou a trabalhar em sua alma com delicadezas e atenções sensíveis.

Em breve, poderemos ver Júlio Emílio De Lombaerde atraído por um sacrifício não comum entre as grandes almas. Deus o tomará, como faz a todos os eleitos para grandes cousas, e o levará a um grande retiro — a África.

*
* *

Inexplicáveis os planos de Deus! A qualquer espírito humano pareceria melhor chamar logo à vocação sacerdotal êste jovem enriquecido de tantos dotes da natureza e da graça. A Deus, porém, pareceu diferente. Fê-lo perder dez anos de sua existência fora dos estudos eclesiásticos, em missões longínquas, onde êle teria ficado mais tempo ainda, e mesmo a vida tôda, se as febres não o compelissem a tornar à Europa.

A todos êstes fatos preside um desígnio formador. Deus ia formar não só um sacerdote, mas um missionário e um Fundador de Congregações Religiosas.

As vidas acidentadas são um prognóstico das grandes missões.

1) "Grandes époques de ma vie".

CAPÍTULO V

O ideal missionário

A idade dos sonhos — O ideal missionário de Júlio Emílio — Um sermão impressionante — O Padre Branco e a resolução de Júlio Emílio — O Postulado — Despede-se da família — Fato ocorrido — Partida para a África — O silêncio com que selou êste acontecimento de sua vida — Conclusão

Júlio Emílio De Lombaerde conta 16 anos. Está na idade dos sonhos e dos idealismos fecundos. Atravessa o período de formação incompreendido de tantos que se chamam educadores.

Muitos cognominam a adolescência idade das ilusões. Nem tudo, porém, que o jovem sonha nesta quadra idealista da existência é uma ilusão. Dependerá exclusivamente da formação que êle receber.

Os dezesseis anos podem causar o desvirtuamento de uma vida e podem ser a definição de um ideal grandioso. E disto se esquecem muita vez os orientadores de jovens.

Para quantas almas cheias de sonhos bastaria a proposta de um ideal, e teríamos um apóstolo! E para quantos corações ávidos de amor bastou um descuido por parte dos educadores para levá-los à ruina total da vida!

*

* *

Júlio Emílio De Lombaerde teve a ventura de conhecer um ideal grandioso ao raiar de seus primeiros sonhos.

O meio e época em que viveu, de entusiasmo intenso pelas missões estrangeiras; as orientações de seus educadores; e, enfim, as leituras prediletas que fazia, influenciaram-lhe poderosamente o espírito.

Cedo se lhe despertou no coração o desejo de ser apóstolo, de salvar almas.

Não contava ser sacerdote talvez. Êste ideal quantas vêzes é desvirtuado e transmuda-se de sentimento de verdadeiro zêlo em cobiça inconsciente da vaidade!

Aspirações mais puras e reais deviam ser as de Júlio Emílio. Desejava a imolação, o sacrifício total a bem dos que mais precisam, os infiéis.

Pelos fins de 1894 começou a sentir desejos de uma vida melhor. Dava-se ao exame freqüente da sua vocação. Ignoramos qual tenha sido o drama interior da sua alma no segundo semestre de 1894. Sabemos sòmente que terminou com a sua entrada no Postulado dos Padres Brancos.

*
* *

Foi talvez nesta época que assistiu ao sermão de um velho bispo da África, cujo nome não nos ficou na memória, apesar de muitas vêzes o têrmos ouvido.

Sempre que queria falar do valor da santidade para a eloqüência sacra, contava-nos o Padre Júlio-Maria a história edificante daquele sermão, o mais comovente que ouvira em sua vida. Como peça oratória não enquadrava em normas de retórica. Tinha, porém, a eloqüência da santidade e do martírio.

Um dia, em Thourout, anunciou-se que iria falar sôbre as missões um bispo da África. Acorreu gente em grande número.

O aspecto do velho bispo, encanecido, de alvas barbas, vestido de preto, rebuçado num amplo manto branco, era solene e comovedor.

Caminhou para o púlpito com a modéstia de um anjo. Fêz o sinal da cruz com majestade impressionante.

A assistência estava suspensa à espera de uma torrente de frases latinas, que se seguissem de arrazoados profundos e descrições brilhantes.

Nada disto, entretanto. O velho missionário, sem abrir os olhos, disse tão só, com uma voz de santo, num acento inimitável: "Meus irmãos, eu venho de muito longe para vos pedir uma esmolinha em nome dos meus pobres africanos, que morrem de fome, enquanto vós viveis no luxo e na abastança! Dai aos míseros pagãos uma esmola pelo amor de Deus, vós que além do confôrto material tendes a felicidade de serdes cristãos! Dai-lhes uma esmola pelo amor de Deus!"

E isto dizendo, com um gesto de infinita simplicidade, desatou o manto e o lançou no pavimento da igreja.

Muitos choraram de emoção. Senhoras da alta sociedade arrancaram seus brincos e braceletes e atiraram com êles para a salva improvisada do missionário. Homens ricos nela depuseram os seus relógios e correntes de ouro.

*
* *

A Júlio Emílio, que ali estava presente, pareceu mais e melhor a dádiva da própria vida em benefício dos selvagens.

Desde aquêle dia, avultou-se-lhe no espírito a imagem do Missionário, do Apóstolo, do Santo.

Júlio Emílio estava possuído de um ideal: o das missões na África.

*
* *

Para Deus, entretanto, não era ainda o momento de uma decisão. Mas a graça ia trabalhando nalma do jovem com rapidez e eficácia.

Até então, quem sabe, um sonho o havia perseguido : ser professor, ser médico, ser advogado, ser literato, numa palavra ter um quinhão de glórias passageiras ... A operação da graça há-de transtornar-lhe as aspirações e modificar-lhe os pensamentos.

As grandezas, sim, mas as grandezas invisíveis da santidade e do heroísmo ! Tais viriam a ser em breve as suas concepções.

*
* *

Pouco depois, apareceu em Thourout um Padre Branco, também Missionário na África. A santidade e modéstia que o distinguiam tornavam-no como segundo tomo do grande bispo de que falamos precedentemente. Júlio Emílio reviveu o sermão de poucos meses e cresceu-lhe nalma o ideal missionário.

Quis ajudar a Missa dêste santo sacerdote.

As impressões inolvidáveis deixadas em seu espírito por êste acontecimento eram lembradas até ao fim da vida.

Aquela modéstia do Missionário ao virar-se para a assistência, a serenidade de seus gestos e aquela piedade sem afetação levaram Júlio Emílio a exclamar : Como é belo ser santo !

*
* *

E êle desejou de todo o coração seguir aquela mesma senda de Missionário.

Falou ao Padre Branco.

Não sabemos qual haja sido o diálogo dos dois, nem qual o seu resultado imediato. Mas parece que, antes mesmo de participar à sua primogenitora e ao padrasto a

resolução, Júlio Emílio abandonou o Colégio de Thourout e seguiu o santo sacerdote.

Foi logo para a África ?

As notas que temos em seu caderno *Grandes époques de ma vie* dão a entender que não. Com efeito, êle assinala a partida para a África a 19 de outubro de 1895 enquanto marca a entrada para o Postulado dos Irmãos Brancos a 1.º de dezembro de 1894, quase um ano antes.

Admitido, portanto, à Sociedade dos Missionários Brancos, Júlio Emílio fêz ainda o Postulado na Europa. (1)

*
* *

Depois do Postulado, foi a Waereghen para comunicar aos seus a nova resolução e despedir-se dêles.

A estadia ali foi de poucos dias. Marcou-a um incidente, muitas vêzes lembrado pelo nosso protagonista, e que vem a propósito se narre neste ponto da história.

D. Sidônia Steelandt surpreendeu certa vez Júlio Emílio a conversar a sós com uma prima, à porta da casa. Admirou-se grandemente daquele comportamento de seu filho, que estava às vésperas de partir para tão longe, com aspirações de religioso e missionário. Não podia compreender. Admirou-se e ficou cheia de indignação.

Quando Júlio entrou em casa, sua mãe estava no umbral da sala. Sem nada dizer aplicou-lhe uma forte tapona no rosto, como repreensão do mal feito. O jovem compreendeu e não retorquiu.

Não achou jamais no rigor de sua genitora uma exorbitância, muito embora a conversa com a moça, que era sua prima, fôsse a mais inocente e séria do mundo. Tratava nada mais que de um remédio caseiro para dor

1) Dados posteriores nos informam que Júlio Emílio fêz o Postulado para Irmão Branco em Boxtel, cidade do Brabante, na Holanda.

de cabeça. A menina, conhecendo os pendores de Júlio para a medicina, (2) fizera-lhe uma simples pergunta, causadora daquele colóquio de alguns minutos, funesto pela tão dolorosa conseqüência de uma bofetada.

O fato, contado mais tarde pelo Padre Júlio-Maria, mostra bem quanto D. Sidônia Steelandt era ciosa, até ao extremo, da pureza de seus filhos.

*

* *

A notícia de que Júlio Emílio iria abandonar definitivamente a família e a pátria para ser missionário na África deixou repletos de dor e ao mesmo tempo de alegria os corações de seus afetos, assim como causou não pequena admiração a quantos conheceram antes o menino um tanto vivo e peralta que incendiara o paiol de Charles Callens, seu padrasto.

Êste, sem dúvida não se incomodou muito com a ida de Júlio. A êle pouco se lhe dava da partida daquele *peralta* como o denominava.

Fácil de imaginar-se, entretanto, o sacrifício e imolação tanto por parte do filho como por parte da mãe.

---

2) É muito possível que Júlio Emílio, durante o postulado com os Padres Brancos, tenha iniciado um curso de medicina prática. De uma parte, falando não raro a respeito da precisão de algum conhecimento de medicina nas missões entre selvagens, dizia que, dentre os Irmãos Brancos (e não sabíamos dantes que êle fôra um dêles) muitos fazem o curso completo de médicos. Doutra parte, dizia êle mesmo tê-la estudado metòdicamente, embora não houvesse feito dela curso completo. Sabemos, com efeito, que, em suas missões no Amazonas exerceu-a com proficiência entre os caboclos, saneando regiões inteiras; em Macapá, foi o farmacêutico da população dizimada de febres malsãs após a grande guerra.

Onde teria êle estudado a medicina?

Não encontramos nenhum documento, que assegure, com veracidade histórica, sua estadia numa escola de medicina em Lille, como se quer.

Conjeturamos que a estudou durante o Postulado, e, sentindo a precisão de conhecimentos práticos desta ciência para a vida missionária, praticou-a depois quando nas missões da África. Êsses conhecimentos adquiridos então, aprefeiçoou-os mais tarde em Macapá, quando mais se fizeram necessários nas lides missionárias.

Em sua biblioteca, encontramos ainda um compêndio de medicina trazido da França com sua característica rubrica e com a data dos primeiros anos de missões no Brasil.

Sobretudo a circunstância da ida para a África abalou profundamente o coração de D. Sidônia Steelandt.

O Pe. Aquiles conta-nos o seguinte ocorrido:

"Quando Júlio Emílio se despediu para viajar para a África, ao sair de casa, tendo andado alguns passos, mamãe desmaiou de emoção.

Júlio Emílio voltou, socorreu-a, e depois seguiu em demanda de sua bela vocação".

Neste pequeno acidente, há para admirar-se já o heroísmo da mãe, já o heroísmo do filho. Mas sobretudo o heroísmo da mãe.

D. Sidônia Steelandt sacrificava, talvez para nunca mais o ver, o seu querido primogênito.

Restava-lhe agora sòmente um filho: Aquiles, o mais moço.

E êste mesmo, apenas ouviu do irmão que vai ser missionário, começa por arder-lhe o coração com a chama do mesmo ideal, e diz que também partirá um dia para longes terras, à conquista das almas e à busca do martírio.

O Padre Júlio-Maria, sempre que falava de sua despedida, não esquecia frisar as aspirações de Aquiles.

Isto nos faz supor, razoàvelmente, que Júlio-Maria, comungando com o irmão os ideais missionários, não deixava de comungar as aspirações do martírio. Com efeito, não raro deixava escapar, em brados ardentes, o desejo que sempre o animava de derramar o sangue por Nosso Senhor Jesus Cristo.

*
* *

Júlio Emílio e Aquiles eram duas almas unidas. Separando-se, uniam-se cada vez mais. Deixando de viver no mesmo continente e no mesmo lar, tornavam-se mais compatriotas e irmãos. Anelavam pela mesma terra, acalen-

tavam o mesmo sonho. Eram duplamente irmãos: pelo sangue e pelo ideal.

*
* *

A 19 de outubro de 1895 partia Júlio Emílio De Lombaerde para o continente africano.

A 1.º de novembro do mesmo ano vestia o hábito de Irmão Branco, recebendo o nome de Optato Maria.

As emoções de um e outro acontecimento, inéditos ambos em sua vida, escusamo-nos de descrevê-las. Seria aventurar o indescritível com perigo de cair no irreal. Preferimos a estabilidade da pura história. Tanto mais que entramos na parte mais obscura da vida de nosso herói.

Por que esta obscuridade? Porque foi a estadia na África a parte de sua vida que êle mais fêz por esconder aos outros. Não contou nunca aos mais íntimos dos filhos espirituais êste passo de sua vida. Êle, que gostava de passar às vêzes horas a recordar episódios das missões que pregara e viagens que empreendera e lutas que sustentara, nunca levantou uma pontinha sequer do espêsso véu que encobria esta história, talvez a mais gloriosa de sua vida.

Admirável o dominio da língua que demonstrou neste ponto! Ninguém dos que o cercavam ouviu-lhe da bôca uma só palavra sôbre a missão na África.

Duma feita traiu levemente o seu segrêdo. Mas a tática de que usou após a fraqueza foi tão solerte, que ninguém pôde supor de longe o drama heróico de um Irmão Branco.

Foi que, estando a entreter-se com seus religiosos, caiu a conversa a propósito de cidades da África. Lera-se no jornal uma notícia de Medina e era comentado o ocorrido.

Não sei como tocando a palavra ao Padre Júlio-Maria, pôs-se a descrever algo que existe em Medina e noutros lugares do continente africano. Falou de Aril-Ali e do Santuário de Nossa Senhora da África.

Todos estavam impressionados com o que êle narrava, porquanto ignoravam a sua estadia naquelas terras; desta, só vieram a saber após sua morte. (1)

E um lhe perguntou : "V. Revma. estêve na África ?"

— "Conheço estas cousas através de leituras feitas em minha mocidade. E algumas cidades da África, visitei-as passageiramente, quando estudante, em companhia doutros colegas numa excursão de turismo". E logo mudou de assunto.

Afora êste lapso, que aliás não deu para fazer desconfiança, suas narrativas missionárias nunca revelaram que fôra Irmão leigo naquelas terras selvagens.

Ao contrário, parece que tinha uma preocupação enorme em ocultar esta aventura santa de sua mocidade.

Certa ocasião um sacerdote lhe comunicava as recomendações de um Padre Branco, que dizia tê-lo conhecido na África.

— "Pode ser um engano. Há muitos sacerdotes com o mesmo nome ..." — foi a resposta evasiva que deu.

E na última caderneta de anotações que deixou escrita de próprio punho, onde dá uma resenha dos principais fatos de sua vida, omite quanto escrevera nas *Grandes époques de ma vie* a respeito do período de cinco anos passados na África, em diversas residências dos Padres Brancos.

Que impulso estranho o levou a êste silêncio tão grande ?

Só podemos ver no seu propósito uma imitação de São Vicente de Paulo a ocultar o cativeiro que passara em resgate dos cristãos.

Os santos sabiam que a sublimação do sacrifício é a humildade que o esconde.

---

1) Três anos antes da morte do Revmo. Padre Júlio-Maria, por intermédio de sacerdotes amigos, que o conheceram ainda Irmão Branco, tivemos notícia dêste capítulo de sua vida. Antes, porém, de colhermos pormenores a respeito com seu primo Pe. Hipólito Depoorter, falecia êste quase repentinamente, no Rio de Janeiro, em conseqüência de uma operação.

Em todo êste pormenor do ideal missionário de Júlio De Lombaerde duas cousas eu admiro: a abnegação com que se decidiu a um sacrifício tão penoso e o heroísmo com que o cerrou sob o mais profundo sigilo.

A estadia de Júlio na África exerceu em sua vida um duplo papel formador: criou-lhe o espírito de sacrifício de um Fundador de Congregação e plasmou-o na rigidez incomparável do missionário das nossas matas. É aqui que a doçura quase efeminada do jovem se transmuda na virilidade brônzea de um coração de Apóstolo.

CAPíTULO VI

A mocidade

Na solidão e na humildade — Papel formador da estadia de Júlio Emílio na Africa — O noviciado — A profissão religiosa — Carta aos pais — Em Notre Dame d'Afrique e noutras residências — Sua vida interior — Suas resoluções — Deixa a Sociedade dos Padres Brancos — Conclusão

Júlio Emílio, cuja vida vimos descrevendo em traços gerais, passou a sua mocidade na África.

Com apenas dezessete anos, desaparece do cenário da vida mundana. Mergulha no esconderijo, na solidão, na humildade.

Do fogoso estudante de Thourout, a cuja alma povoavam antes idealismos terrenos, vem a ser o despretencioso Irmão leigo da cozinha ou da carpintaria de Iril Ali.

Entretanto, se morre a vaidade, se finda o orgulho literário, não desaparece o gôsto pelo estudo e pelas letras.

Tudo vai santificado por uma aspiração: ser missionário entre os selvagens.

A oração e o trabalho dividem-lhe a vida, passada primeiro na solidão do noviciado e depois na atividade da missão.

*

* *

Júlio Emílio transmudado em Optato Maria lembra Jesus na solidão de Nazaré, como lembra Paulo na solidão da Arábia.

As grandes têmperas amoldam-se na solidão. As grandes missões, comenda-as Deus às almas de escol que êle mesmo preparou.

O silêncio, o trabalho, a fuga do mundo, com o sacrifício da mocidade entre as glórias efêmeras, eis o índice dos homens de vitalidade fecunda.

Quando vêdes um moço que sabe imolar com abnegação heróica os verdores dos primeiros anos de glória, estai certos de ver um HOMEM dêstes como existem poucos, dêstes que cumprirão um mandato no seio da humanidade.

*
* *

Júlio Emílio foi dêste rol. Deus reservara-o para grandes cousas. E fêz com sua alma o que prometera pelo profeta: *Ducam eam in solitudinem et ibi loquar ad cor ejus* ... (Os. 2, 14)

Cada prece, cada gesto, cada ato de obediência era a voz de Deus que falava, insinuante e alentadora, ao coração de Optato Maria.

Tudo era um aprendizado. Tudo uma formação. Tudo uma linguagem muda de Deus, cujo imenso eco nem mesmo o simples Irmão calculava.

A vida laboriosa do carpinteiro e do cozinheiro preparou a atividade heróica do Missionário e do Fundador. A vida recolhida do noviço e do religioso plasmava o contemplativo e o santo.

Irmão Optato foi tudo aquilo. Júlio-Maria era tudo isto.

E quando passava por aquilo, não supunha que Deus o destinava e educava para isto.

As grandes missões não se elegem, recebem-se. Não se arquitetam com o esfôrço do homem, preparam-se com a direção sapiente de Deus.

*
* *

Seis anos passou Júlio Emílio, ou antes Irmão Optato Maria, na África.

Para lá partiu a 19 de outubro de 1895 após ter feito o Postulado na Europa.

A 1.º de novembro do mesmo ano, vestia o hábito de Irmão Branco, em *Maison Carrée.*

De ano e meio foi o seu noviciado.

Falecem-nos informações precisas de como viveu Optato Maria êste tempo que é exclusivamente dedicado à orientação do jovem religioso na piedade e no espírito próprio da Congregação a que se filia.

De certo, passou-o nos exercícios determinados pelo mestre de noviços.

De cousas exteriores memória alguma deixou escrita.

Temos, e guardamos com suma veneração, os apontamentos de piedade, resoluções, regulamento de vida, posteriores à sua profissão religiosa, escritos já quando, em 1897, êle se achava em Arris, (África) por entre os trabalhos da missão.

É bem possível, então, seguisse mais ou menos o mesmo teor de vida de quando noviço.

Ora, a caderneta a que nos reportamos revela o seu tempo repartido desde 4,30, quando se levanta, até 9,30 quando se deitava, entre a oração, o trabalho manual e algumas aulas. Diàriamente, recitava o rosário, fazia a leitura e duas meditações; a confissão, fazia-a aos sábados pela manhã; o retiro do mês e a direção espiritual, todos os dias 15 de cada mês.

Afora as aulas, e a mais as conferências religiosas com o mestre, a vida cotidiana do Irmão Optato não deve ter divergido muito durante o noviciado.

Era então de se ver um moço de 17 anos, modesto e recolhido, até a pouco sonhador com as glórias do mundo,

agora perdido entre as reflexões do amor de Deus, temperando a alma na forja da mais lídima piedade, — aquela que se baseia no sacrifício.

*
* *

Após ano e meio saía o Irmão Optato dos cadinhos do noviciado como ouro de fino quilate de espiritualidade.

O amor da oração e do trabalho, alavancas em que São Bento assentou o valor espiritual do monge, era nêle consumado, como se pode ver das notas escritas em Iril-Ali.

A compreensão que tinha dos votos, o espírito, sobretudo de pobreza, que o animava, — tudo isto aliado a real devoção ao SS. Sacramento, e à Virgem Imaculada — indica, no seu caderno espiritual, o religioso exemplar e esforçado. O Irmão Optato Maria estava em condições de emitir os votos temporários.

A 18 de abril de 1897 foi que se deu a consagração definitiva do piedoso missionário. Contava êle, portanto, 19 anos. Estava no primeiro ardor da mocidade. E consagrava tudo o que havia de mais vivo em sua vida no altar santo dos holocaustos.

Seriam fáceis de imaginar-se as suas disposições. Poderíamos fantasiar, com relativa exatidão, a cena e a atitude modesta do Irmão Optato Maria entre seis outros religiosos, que com êle pronunciaram o juramento.

Uma descrição imaginada, contudo, por mais que se achegue da realidade, não é um fato para a história.

Menos atraente talvez, mas que merece passar à história, é uma carta do próprio Irmão Optato, escrita quase um mês após a profissão religiosa. Pedimos vênia ao leitor para transcrevê-la numa tradução livre. (1)

Escreveu-a Optato Maria quando foi enviado para Alger, no Seminário Menor de Notre Dame d'Afrique. É

1) Traduzimos o precioso documento de uma cópia, em holandês, que dêle possuia o P.e. Hipólito Depoorter.

endereçada a seus pais (2) e narra a cerimônia da profissão religiosa, bem como diz altamente das disposições de sua alma, ávida de imolações.

*
* *

Ave Maria !
Petit Séminaire
N. D. d'Afrique

Près d'Alger
N. D. d'Afrique, 3 de Maio, 1897.
Meus queridos pais.

Enfim, acho alguns momentos para vos escrever umas linhas.

Talvez andeis admirados de que vos haja feito esperar tanto. Mas, perdoai-me! Os últimos meses foram para mim tão cheios de acontecimentos, que de fato não tive tempo.

Durante a Quaresma não nos era permitido escrever. Entretanto, creio que 15 dias antes da Páscoa eu vos escrevi, no ensejo dos nossos santos votos, porquanto nos foi feita uma concessão. Adiar contudo não é esquecer. E agora me assento à mesinha de estudo para vos mostrar que ainda vivo.

Na última festa da Páscoa fiz a profissão. Afinal, sou Missionário ! Terminou a vida silenciosa e solitária do noviciado e mesmo do convento, e o bom Deus, na sua infinita misericórdia, chamou-me para pronunciar o juramento de fidelidade à Congregação.

É um momento solene, queridos pais, êste instante em que, aos pés do altar, a mão direita sôbre o Evangelho,

2) Neste tempo, não mais vivia José De Lombaerde, seu pai. Dirige-se o Irmão Optato a D. Sidônia Steelandt e ao padrasto, Charles Calleus.

prometo-se ao Todo-Poderoso, sob juramento, amoldar a vida com as regras do Evangelho e levar uma existência pobre.

O Missionário, queridos pais, é pobre! Sim, mais pobre do que um mendigo. Tudo o que tenho e possuo, até minha camisa, não me pertence, e quando meu superior me manda tirá-la devo obedecer-lhe.

Nossa vida é, pois, uma vida de obediência, pureza, pobreza e sofrimentos. Também, não peço outra coisa. Oh, sim, sofrer e morrer por Êle, que por nosso amor derramou até a última gôta de seu sangue!

Minha vida é consagrada ao serviço do Senhor. Êle dispõe de mim como um dono dispõe de sua propriedade. O último desejo de meu coração é doravante a vontade do Senhor. *Fiat voluntas tua.*

Antes da Páscoa vos pedi orações, e vos sou grato por isso, queridos pais, porque estou certo de que me não recusastes êste favor.

Agora, antes de terminar, cumpre-me ainda dizer-vos que mudei de residência. Quando se faz a profissão muda-se para um outro pôsto das missões; meus superiores mandaram-me para N. D. d'Afrique, que não está longe, apenas a 13 horas de Casa-Mãe, e é sita em alta montanha, à esquerda de Alger.

Meu enderêço é doravante : — "Au Frère Marie Optat. Des Missionaires d'Afrique. — Par St. Eugêne — Alger — Afrique".

Incluo, queridos pais, duas fotografias. A 1.ª é dos Irmãos que professaram comigo. Somos 7. O Irmão que está no meio, exatamente ao meio, é vosso mui submisso filho Irmão Maria Optato.

Vêde se sois capazes de reconhcê-lo no seu hábito branco. Envio-vos êste retrato como lembrança, e peço-vos, cada vez que olhardes para êle, rezeis por mim uma Ave-Maria.

A 2.ª fotografia é da Basílica de Notre Dame d'Afrique, onde ora me encontro. Como podeis ver, é um edifício alto e majestoso. Nossa boa Mãe, Maria SS., aí manifesta o seu poder. Muitos milagres aí se operam anual-

mente por sua intercessão. A Basílica pertence à nossa sociedade.

É já tempo de terminar esta carta. Faço votos de que, como eu, gozeis todos perfeita saúde.

Meu irmão Aquiles vai bem?

Rezai muito por mim, que também farei o mesmo para vós.

Recomendo-me mais uma vez às vossas orações; rezai por mim, queridos pais e irmãos, para que eu não desmereça do hábito e nome de Missionário.

Espero uma cartinha que me venha dizendo que estais satisfeitos com o meu presente e se cumpristes também a condição de rezar diàriamente uma Ave-Maria por mim.

Que o Todo-poderoso vos abençôe e proteja a todos, em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, Amém.

IRMÃO MARIA OPTATO
dos Missionários da África

*
* *

Esta missiva autentica mui claramente o Padre Júlio Maria de 50 anos depois. A mesma concepção da vida religiosa, o mesmo timbre de convicção das suas conferências espirituais.

O moço de 19 anos vaticina o ancião orientador de almas.

O modo como se refere aos santos votos é a prova das belas qualidades morais que se aninhavam em seu grande coração.

*
* *

Nosso herói está, pois, em N. Senhora da Africa bem à sombra do manto protetor de Maria. O carinho com que se refere ao acontecimento descortina alguma cousa do seu afeto filial à Mãe SS. de Deus.

Cremos, no entanto, que êste amor não chegou ainda, por ora, ao ápice. Êle crescerá aos poucos e só em Wacken (Bélgica) veremos o Missionário de Maria em seu delírio de devoção.

É importante salientar, contudo, que foi aos pés de Notre Dame d'Afrique que começou a crescer-lhe nalma o irresistível atrativo para a Rainha dos Corações.

*

* *

Seis meses apenas estêve à sombra dêste Santuário o Irmão Optato Maria. A 2 de novembro de 1897, os superiores enviaram-no para Arris.

Foi neste lugar que mais se demorou durante tôda a estadia na África. Aí estêve durante os anos 1898, 1899 e grande parte de 1900.

Qual foi, neste tempo, a sua vida? quais as suas ocupações?

"É impossível dizê-lo — informa-nos o arquivista da Sociedade dos Padres Brancos (1). O trabalho dos Irmãos Brancos é muito variado, quer dentro, quer fora dos Conventos. Fora de casa, os irmãos se dedicam até a construções, agricultura e pastoreio de animais".

O Irmão Optato Maria exerceu os mais variados misteres.

Muitas vêzes êle mesmo contou, depois de sacerdote, que em sua mocidade, exercera todos os ofícios mais comuns. Fôra cozinheiro, carpinteiro, tipógrafo, alfaiate, e até pedreiro. Com efeito, entendia de tudo um pouco. Alguns dêstes ofícios, aprendeu-os posteriormente.

Na África, em missões — segundo cartas do Irmão Optato Maria — trabalhou sobretudo como cozinheiro, jardineiro e enfermeiro.

Além disso, lecionava e dava o catecismo.

---

1) Citamos aqui um relato, mais ou menos pormenorizado, feito pelo Arquivista dos Padres Brancos, O. LIMIÈRE, a respeito do Irmão Optato Maria, em carta de set. de 1949.

Em virtude dêstes informes, modificamos, na presente edição, vários pontos de nossa narrativa histórica, principalmente no que concerne à vocação sacerdotal de Optato Maria. É o que se verá nas páginas seguintes.

Efetivamente, em Arris — reza o relato do arquivista dos Padres Brancos — "mantinham os Padres um modesto internato para os jovens da região e davam missões para indígenas muçulmanos".

Assim, a vida de nosso Irmão Optato Maria, em Arris, transcorreu ocupada em trabalhos manuais, os mais diversos, aulas e catecismo aos indígenas.

Isto afora os exercícios espirituais próprios da vida comum de todo religioso.

Citemos, a propósito, o seu horário particular dos dias úteis. Por êle veremos quanto se esforçava em cousas de perfeição.

REGULAMENTO NO INVERNO

4,1/4 — Levantar-se
7,00 — Almôço
8,1/2 — Trabalho manual
8,3/4 — Aula
10,00 — Segundo têrço — Trabalho manual
11,00 — Exame
11,1/2 — Jantar — Leitura piedosa e estudo.

1,3/4 — Visita ao SS. Sacramento.
2,00 — Aula
3,1/4 — Trabalho manual
5,1/2 — Terceiro têrço
6,3/4 — Leitura espiritual
7,1/2 — Ceia
9,1/4 — Deitar-se.

*
* *

Pena é que o nosso herói não tenha escrito nenhuma memória de suas atividades missionárias em Arris. As

impressões escritas então se referem sòmente à sua vida interior.

Estas, aliás, as que mais interessam à nossa investigação.

Não é possível trasladar aqui tôdas as notas de espiritualidade exaradas em seu caderno.

Aí se encontram, além de um método de vida interior que ensina a passar o dia todo em união com Maria SS., as suas resoluções particulares, em número de dezesseis.

O método espiritual de união com a SS. Virgem em tôdas as ações do dia é o resumo perfeito do livro *Meu Dia com Maria*, que publicou mais tarde. (1) As resoluções afiguram-se ao leitor que acaso lhe ouviu, muitos anos após, sugestões na matéria como que um resumo geral de tôdas as prédicas sôbre mortificação porventura feitas por êle em sua vida.

Vamos transcrevê-las na íntegra.

Algumas práticas de mortificação

1.º) Receber generosamente, e com agradecimento interior ao bom Deus, tudo quanto me contrariar, quer no meu trabalho, quer noutras ocupações, seja da parte de meus Superiores, seja por parte de meus colegas.

2.º) Renunciar incontinente a tudo o que é contrário a meus deveres de estado, a meu regulamento particular, à virtude particular que devo buscar adquirir.

3.º) Não me queixar absolutamente de nada, nem do tempo, nem do calor, nem do frio, nem dos homens, nem das cousas.

4.º) Recitar lentamente as orações pequeninas, o Benedicite, etc.

---

1) Este livro foi escrito na Bélgica e sua 1.ª edição é de 1911. Foi traduzido para o português em 1944 e publicado pela Editora "O Lutador" — Manhumirim — Minas Gerais. — Obra excelente e prática, é êle a própria vida de piedade do Pad[illegible] Júlio-Maria. Vale por uma autobiografia espiritual.

5.ª) Demorarei algum tempo antes de ler uma carta; e, de modo geral, quando estiver impaciente por me ver livre de algo, esperarei também um pouco.

6.ª) Quando estiver triste, me esforçarei por mostrar-me alegre e sempre amável.

7.ª) Não dizer a ninguém que sofro aqui ou acolá, quando se trata de uma dor passageira e que não pede nenhum cuidado.

8.ª) Tomar, com rapidez e sem as degustar, as cousas de que gosto muito e aceitar de boa-vontade aquelas que causam repugnância.

9.ª) À refeição escolher preferìvelmente o que menos me agrada.

10.ª) Não indagar notícias, e mortificar-me a curiosidade não prestando a menor atenção às cousas inúteis ou que não me dizem respeito.

11.ª) Levantar-me de manhã ao primeiro sinal como se houvera fogo em minha cama.

12.ª) Deixar sem nenhuma demora as ocupações que me satisfazem, quando o dever, ou o regulamento, ou a caridade, me chama a outro lugar.

13.ª) Se não são de minha conta cousas de pequena importância, calar-me e não sustentar minha opinião a respeito.

14.ª) Prestarei todo favor que me pedirem, não temendo molestar-me para ser obsequioso aos outros; se pelas circunstâncias fôr obrigado a uma recusa, buscarei suavizá-la com palavras de préstimo.

15.ª) Não buscar comodidades e doçuras da vida a não ser por necessidade, e não me aquecer, etc.; de modo geral, preferir ser um tanto molestado, tomando por máxima a palavra de São Francisco de Sales: — "Nunca estou tão bem como quando não estou muito bem".

16.ª) Esforçar-me por fazer antes a vontade dos outros que a minha.

Quem já experimentou quanto é difícil a fidelidade nas pequenas cousas, pode medir o heroísmo destas práticas

de mortificação. Elas denotam, sem dúvida, uma alma decidida a sacrificar-se e retratam um espírito eminentemente prático e sensato. Traduzem o simplificador da arte da santidade, que o Padre Júlio-Maria viria a ser mais tarde.

*
* *

Estas anotações foram escritas no fim das missões da África. A letra trêmula e apressada trazem ao leitor impressão nova.

Foram escritas em Arris pelos fins de 1901, quando atingido pelas febres o Irmão Optato chegava ao têrmo de uma jornada religiosa, para iniciar outra, mais brilhante e fecunda. (1)

Os desígnios de Deus iam dar o golpe a esta vida de missionário moço, idealista e fogoso.

*
* *

Pelos meados de 1899, o Irmão Optato Maria foi acometido de febres. Talvez por isto, sem que êle o pedisse, os Superiores o removeram para Medina, onde a vida religiosa podia ser menos trabalhosa e mais tranqüila.

É o que êle mesmo diz numa de suas cartas ao Superior Geral, escrita de Medina a 1.º de outubro de 1900 :

"Agradeço-vos a minha mudança, não porque Arris me fôsse residência penosa, mas ùnicamente porque aqui poderei levar uma vida mais ativa e mais escondida, uma vida mais calma e mais tranqüila.

Antes, eu mesmo cria que viria a ser obrigado a vos pedir a minha mudança por motivo de saúde, pois estava contìnuamente com febre. Mas agora já passou. O Pe.

1) Muitos anos depois, êle apunha a seguinte nota às suas resoluções:

"Ce petit règlement fut écrit en Afrique, durant mon séjour à Arris, où j'ai passé 4 ans en missions.

Les fièvres m'obligèrent à la quitter. — De là certaines choses que je ne puis pratiquer aujourd'hui. La majeur partie reste cependent pratique et aplicable, ici dans les missions d'Amérique. — 1917".

Superior me encarregou da cozinha, do jardim e da carpintaria. Dir-vos-ei francamente que isto me agrada e que sou feliz com estas humildes funções".

Foi curta a sua demora em Medina, de pouco mais de um mês apenas. A 29 de novembro de 1900 era removido para Ighil-Ali.

Mas aí também não se demorou nem meio ano. A 12 de maio de 1901 seguia para Mengalleth. Em agôsto do mesmo ano tornou de novo a Ighil-Ali.

Neste derradeiro transe, definiu-se-lhe a vocação para o sacerdócio.

A 9 de outubro de 1901, êle escrevia a seu Superior Maior :

"Acabo de receber uma carta do Revmo. Pe. Berthier, de Grave, província do Brabante (Holanda), na qual êle diz que poderei ser recebido naquela casa. Espero que será o fim da minha pobre luta ..."

Em dezembro de 1901, o Irmão Optato Maria deixava a África com destino à Europa. E a 18 de janeiro do ano seguinte, 1902, abandonava definitivamente a Sociedade dos Padres Brancos.

Qual haja sido o trabalho interior da graça em sua alma e as lutas não pequenas que teve a travar, é o que se conta no capítulo seguinte.

*
* *

Foi um desígnio providencial, portanto, que o arrancou às missões da África. Estava completa a sua formação como Irmão coadjutor e homem de trabalho. Sua volta à terra natal e os acontecimentos que a cercaram haveriam de patentear-lhe uma nova senda, preparação ainda ao seu munus de futuro Fundador.

Esta nova senda seria a vida religiosa no seio de uma Congregação recém-fundada. — Moldado nas forjas de Irmão coadjutor, importava fôsse agora passado pelos

cadinhos do início de uma fundação religiosa, a fim de aprender o que de sacrifícios representa uma emprêsa dêste gênero.

*
* *

Optato Maria ignorava o plano providencial de Deus.

Deve ter sido um sacrifício deixar as missões queridas, com que sonhara antes. E deixá-las justamente à hora em que sua alma se sentia mais firme nos embates da refrega ...

Era o martírio de sua vida. Era o sacrifício de suas mais nobres aspirações.

Êle não pôde escrutar o mistério de Deus.

*
* *

Dir-se-ia agora frustrado o seu ideal. Porém, não. Na verdade, Deus interceptava-lhe uma vereda para abrir-lhe um caminho. E êste era muito mais amplo e radioso.

O abandono da África para tornar à Pátria não foi a frustração de um plano, foi o cumprimento de um desígnio inefável.

CAPÍTULO VII

História de uma vocação tardia

Volta à Pátria o Irmão Optato — Como foi recebido — Princípios de sua vocação sacerdotal — É curado milagrosamente — Faz voto de consagrar-se ao serviço de Deus como sacerdote — Contradições e lutas interiores — A visita a um convento — Entra na Congregação da Sagrada Família — Conclusão

Um dia após o Santo Natal de 1901, o lar de Charles Callens e D. Sidônia Steelandt achou-se em grande regosijo. Júlio Emílio, que havia anos partira para muito longe, sem esperança de jamais o verem, tornara à terra natal, estava na pequenina aldeia de Waereghen.

Não era mais o jovem fogoso, ardente e peralta de 6 anos atrás. Mudara de hábito e mudara quase de gênio com mudar de Pátria e de teor de vida.

Contava agora vinte e cinco anos. A barba preta e cheia, bem como o aspecto sizudo de religioso maduro na virtude e severo consigo mesmo, dava-lhe a aparência de um quadragenário. Era o moço transformado em homem. Homem na plenitude da vida material e espiritual.

*
* *

Todos os parentes e amigos se reuniram na casa de D. Sidônia, a fim de festejarem a vinda do jovem missionário. Era dupla a alegria: por ver um conhecido e parente, e por abraçá-lo agora laureado pelas glórias das missões na África.

As mães e os filhos que alguma vez já se separaram e depois se deram o amplexo do reencontro após vários anos, compreenderão o sentido desta chegada do Irmão Optato ao arraial de Waereghen.

E se acrescentarmos ao simples fato de uma vinda êste outro de um filho doente vítima da emprêsa que fôra o seu sonho, teremos então o quadro completo da Família De Lombaerde reunida, a festejar com carinho aquêle recém-vindo, alvo de tôdas as festas, motivo de tôdas as emoções.

*
* *

Como sói acontecer nas aldeias pequeninas ao ensejo da primeira Missa de um filho da terra, assim deve ter sido, em parte, a admiração da gente quando chegou a Waereghen o Irmão Branco. O contentamento não foi só para a Família De Lombaerde. Foi de todos, conhecidos, amigos e estranhos que o viram.

Quase quarenta anos depois, (1) o padrasto do homenageado, e pessoas outras dêle conhecidas, ainda se referiam ao acontecimento com a simplicidade dos narradores do campo e com a emoção de saudade que distingue a quantos mais ìntimamente partilharam duma festinha familiar.

O Irmão Optato Maria — atestaram pessoas lembradas da ocorrência — foi recebido com alegria geral. Houve uma festa na família quando de sua volta a Waereghen. Causavam muita sensação e admiração, sobretudo às crianças, os novos trajes do missionário moço. A criançada corria-lhe atrás com algazarra e festa, quando êle saía à rua.

*
* *

Todos consideravam com novos olhos a Júlio Emílio, que agora dizia chamar-se Optato Maria.

---

1) Depoimento de Charles Callens e pessoas da família De Lombaerde ao citado sacerdote que os inquiriu a propósito em 1936.

Tudo nêle tinha, aliás, um aspecto de mudança : nada mais havia do antigo rapazinho folgazão e jovial. Só num ponto não se pôde crer e aceitar a mudança : quanto ao nome. Para todo o mundo, era ainda *Júlio Emílio,* que tornava a seu meio.

Muitas emoções deve ter despertado nalma do abnegado moço êste contacto com a terra em que vivèra a quadra feliz de menino.

Gostava sobretudo, ao que parece, de ir rever, muitas vêzes, a casa em que residira, e em que, segundo consta, vira a luz da vida e recebera as águas lustrais do batismo. Anos depois, a mesma inquilina daquele abençoado teto ainda rememorava as visitas de "Monseigneur Jules" — como o chamava — e lhe escrevia a lapis, para o longínquo Brasil, um bilhete evocador. (1)

A estadia de Júlio Emílio em sua terra natal foi muito passageira. Dos apontamentos deixados por êle mesmo (2) se infere que não excedeu a um mês. Com efeito, chegou à casa dos seus a 26 de dezembro de 1901. E a 2 de fevereiro já se acha em Grave (Holanda), admitido entre os Missionários da Sagrada Família.

*

* *

Como explicar mudança tão subitânea na vida de nosso herói ?

Começa a esta altura da sua história a grande luta que teve de sustentar pela mudança de vocação.

Simples irmão leigo de um sodalício missionário, onde fizera juramento de fidelidade, decide-se o Irmão Optato a buscar outro instituto onde possa ser, também, Sacerdote.

---

1) Êste bilhete, de que foi portador o sacerdote sacramentino, que estêve em Waereghen em 1936, conserva-se ainda. É escrito em holandês, a linguagem falada comumente em Waereghen; vertido para nossa língua, quer dizer o seguinte:

"SR. JÚLIO: — *Agora é a Celina que mora naquela casa de palha onde o sr. vinha muitas vêzes dizer uma boa noite* — CELINA VAN ECKHOUT".

2) *"Grandes époques de ma vie" in fine*

Por que esta decisão nova em sua vida ? Que desígnio providencial o levou a isto ?

Êle mesmo contou algumas vêzes, velando embora particularidades e selando por completo sua estadia na África, o fato que lhe determinou a vocação tardia ao Sacerdócio. E quando o contava, não esquecia dizer que já era moço de 25 anos, e que sua resolução fôra tomada com um voto de trabalhar pela extensão do culto da Santíssima Virgem.

Eis como se deram os acontecimentos.

*
* *

Abatido pelas febres malignas, e não tendo achado melhora nos recursos empregados, desanimou de cura por meios humanos.

Recorreu aos meios sobrenaturais.

E aconteceu que, estando um dia prostrado de cama, ardendo em febre, e sem obter alívio com as poções e mezinhas que usava, pediu a Nossa Senhora o curasse.

A êste fim se determinou por voto a entrar num seminário e ordenar-se sacerdote, se esta fôsse a vontade de Deus.

— "Se ficar curado, empregarei o resto de minha vida ao serviço dos altares e à extensão do culto de Nossa Senhora" — tal foi o seu juramento.

A confiança que depôs na Virgem SS. não foi desmentida. Irmão Optato dormiu um sono incomparável após sua promessa. E ao acordar, estava perfeitamente curado.

*
* *

Não havia negar o milagre. Impossível, portanto, descrer da vontade de Deus, tão claramente manifestada.

Era preciso não ser perjuro. Importava buscar cumprir quanto antes o voto, entrando para um seminário.

Mas como ? onde ? com que recursos ?

Além disto, havia o seu compromisso de fidelidade à Congregação dos Padres Brancos, à qual se filiara.

O juramento que emitira não era perpétuo. Os Irmãos Brancos fazem, primeiramente, por um triênio, o juramento de pobreza, obediência e castidade, renovados anualmente. Só depois, emitem o juramento perpétuo. (1)

Restava ainda ao nosso Irmão Optato metade do último ano de compromisso com a Congregação. Mas impressionava-lhe o espírito o aspecto de deserção e infidelidade em que a sua saída importava.

Abandonar o Instituto em que iniciara a vida religiosa, era-lhe duro tanto ao coração quanto à delicada consciência.

Muito teve de lutar o nosso herói.

Expendeu a resolução aos Superiores e êstes não concordaram plenamente, embora não se pudessem opor de todo. É o que transparece de sua correspondência.

Certo, porém, da vontade divina, êle não desanimou.

Nas horas vagas, estudava o latim preparando-se ao ideal que acalentava.

Esta dedicação aos estudos desgostou ao Provincial. Daí a remoção de Optato Maria para Medina. Foram-lhe impostos trabalhos e o afastamento dos livros.

Êle escreve ao Provincial em 1900 :

"Chegando a Medina, pus de lado todos os meus livros de estudo, fazendo empenho de nada saber, e, com ajuda de Deus, tornar-me o que se pode esperar de um Irmão".

Em breve, porém, engodou-se de novo com a sedução dos estudos.

---

1) É o de que nos informa o já citado Arquivista, O. Limière, nos dados fornecidos para esta 2.ª edição.

Admoestado e removido para Ighil Ali, escreveu outra vêz ao Provincial :

"Levei meus livros de estudo para o R. Pe. X., a fim de que a tentação de estudar latim não me surpreenda mais.

Pois que, visto como Deus quer que eu permaneça ainda, desejo fazer tudo o que depender de mim por apanhar gôsto por minha vocação de Irmão e conto com vossa bondade, Revmo. Padre, para que me levanteis dêste naufrágio de prevenções e de idéias..."

Êstes e outros tópicos de carta dão a entender as lutas íntimas que se travaram em sua alma.

Êle queria ser Padre. Sentia-se chamado a esta vocação. Mas, diante das oposições dos Superiores, punha-se a pensar que não fôsse a vontade de Deus. Que devia estar enganado. Que tôda aquela aplicação ao estudo era vaidade, orgulho e desvio de sua vocação de irmão.

Que era necessário retomar o seu cantinho de humildade e trabalho manual como simples Irmão leigo.

É possível também que estas novas reflexões surgissem do fato de sentir a impossibilidade de prosseguir o ideal sacerdotal por não ter sido aceito em outros institutos religiosos.

Assim se explica por que êle escreveu ao Superior Provincial dizendo : "Visto como Deus quer que eu permaneça ainda, desejo fazer tudo o que depende de mim por apanhar gôsto por minha vocação de Irmão".

Certamente, o Irmão Optato Maria bateu à porta de outros conventos, que não o receberam.

De fato, não era fácil a tarefa de encontrar um Seminário para seus estudos sacerdotais. Dificilmente algum instituto o receberia. Moço de 25 anos, formado num sodalício de espírito diverso dos demais, e , além disto, quem sabe, sem recomendações de seus Superiores ...

Era em vão que êle pleiteava ser admitido noutros conventos.

Nesta emergência, resignou-se a "permanecer ainda" entre os Padres Brancos e a tudo fazer por "apanhar gôsto pelos deveres de Irmão leigo".

Êste estado dalma durou cêrca de um ano, em que êle não cessava de tomar providências, sobretudo por cartas, e mesmo pessoalmente, para encontrar novo âmbito religioso que lhe servisse às aspirações.

*

* *

Deve caber neste ponto de sua vida a história seguinte que contava sôbre a procura de um instituto religioso de seu agrado. (1)

"Sentindo grande atrativo por uma vida religiosa pobre e simples, apressei-me em achar uma comunidade segundo êste espírito.

Neste intuito, fui a um convento a fim de visitá-lo e expor ao Superior do mesmo as minhas aspirações.

O porteiro me introduziu numa vasta sala de visitas. Esperei longo tempo. Cansado, comecei a reparar em todos os pormenores da sala, para me distrair.

Foi então que averiguei estar dentro de um verdadeiro palácio. As paredes, pintadas com belas paisagens; o teto tinha um afresco agradável de ondulações multicores; as janelas sombreavam-se de cortinas muito lindas, e ricas.

Um quebra-luz pendia do teto da sala por cordões revestidos de lentejoulas de vidro em formas mui esquisitas. Reparando bem em tôrno dêle, vi uma inscrição com letras prateadas, que dizia: *Beati pauperes* ...

Eu não ignorava muito o latim. Compreendia que aquelas palavras proclamavam bem-aventurados os pobres. E aquêle dístico me pareceu uma contradição com a quase magnificência da sala.

Afinal — concluí — a deixar o mundo com seu luxo só mesmo para buscar a pobreza! Entretanto, aqui tudo

1) Vamos retraçar pouco mais ou menos as próprias palavras do Padre Júlio-Maria, o que não nos será difícil, pois reproduzimo-las, há anos, logo depois que narrou o ocorrido a seus filhos. Encontra-se êste relato num opúsculo inédito que escrevemos: *"Padre Júlio-Maria, fatos de sua vida contados por êle mesmo"*.

prega a riqueza, embora esta inscrição aconselhe o contrário ...

Andei mergulhado nestas idéias quando chegou o Superior.

Sem delongas, e já desanimado de achar naquela casa a consecução de meus desejos, expus-lhe o fim da visita.

O bom Padre acolheu-me com simpatia. Quis mostrar-me tôda a casa. Acompanhei-o cada vez mais admirado.

A capela era uma beleza ... Não me espantou; julguei mesmo que devia ser assim.

Tudo, finalmente, era do mesmo jaez. Só o refeitório me edificou. Era uma parte de velha casa, nos fundos do convento.

— "Esta sala de jantar é provisória. Vamos construir uma, espaçosa e rica" — disse o superior.

Fiquei surprêso.

Ao despedir-me, tinha já formulado a resolução de nunca mais tornar àquele convento. Deixaria o mundo, sim, mas para buscar a pobreza! E esta encontrei-a na Congregação da Sagrada Família ... Ali, sim, havia a pobreza extrema que jamais supus pudesse existir".

De fato, depois de não pequenas amarguras e contradições com que foi provado nos seus restantes dias na África, Nosso Senhor foi servido de apontar-lhe o caminho real que em seus eternos planos lhe destinara.

Nosso herói ouviu falar do Pe. Berthier, Missionário da Sallette e de sua recente fundação para vocações tardias.

Dirigiu-se a êle por carta, sem mais delongas. A resposta foi consoladora, e definiu uma vocação havia tanto amargurada.

A 2 de outubro de 1901, o Irmão Optato Maria escrevia ao Superior Provincial:

"Acabo de receber uma carta do Revmo. Pe. Berthier, de Grave... na qual êle me diz que poderei ser recebido

Pe. João Berthier — Fundador dos Missionários da Sagrada Família

naquela casa. Espero que será o fim de minha pobre luta... Queira V. Revma. escrever-lhe que me retiro com o consentimento de meus Superiores e que não sou nem expulso nem obrigado a ir embora por qualquer causa..."

A 16 de dezembro de 1901, o Irmão Optato Maria deixava a África com destino a Waereghen.

Dez dias depois estava entre os seus.

Menos de um mês após, dava o último amplexo à sua extremecida mãe para nunca mais revê-la.

E ia bater à porta de um velho casarão cinzento, em Grave, onde se prepararia, na pobreza e na humildade, para ser, mais tarde, um grande Apóstolo e denodado Fundador.

É outra fase formadora do grande Missionário do Brasil que vai principiar. Viverá na pobreza mais perfeita, ao lado de um homem então muito conhecido na Europa, o Pe. João Berthier. (1)

Êste homem extraordinário, escritor e pregador exímio, ao esplendor de sua vida apostólica empreendeu

1) João Maria Batista Berthier, filho de Pièrre Berthier e Maria Putoud, nasceu a 25 de fevereiro de 1840, em Châtonnay, departamento do Isère, na França.

Desde os tenros anos, deu mostras de grande piedade, pelo que o Sr. Cura de Châtonnay se prontificou a colocá-lo no Seminário, auxiliando aos pais, de condições mais ou menos precárias.

Fêz o pequeno seus estudos iniciais no Seminário Menor de Côte — Saint-André, entre os anos de 1850 e 1854.

Estudou a filosofia e teologia no Seminário de Grenoble, onde se notabilizou por grande proveito em ciências e piedade. Ainda antes de terminar os estudos eclesiásticos, sabia de cór todo o Novo Testamento, no texto da Vulgata.

Tendo recebido as ordens menores em 1860 e subdiaconato em 1861, alistrou por fazer-se religioso da Congregação de La Salette, recentemente fundada.

Após não pequenas provações, devidas à sua débil saúde, ordenou-se sacerdote a 20 de setembro 1862, apenas feito o Postulado em La Salette.

Seu noviciado foi ainda cheio de sofrimentos, que o preparavam para um apostolado fértil e belíssimo.

Professo, permanece êle na santa montanha de La Salette, onde exerce, durante muitos anos, um ministério invejável. Ao mesmo tempo, dirige, desde 1875, a Escola Apostólica dos Padres de La Salette.

Periòdicamente, sai a pregar missões na França com êxito estupendo, convertendo grande número de pecadores e trazendo ao antigo fervor paróquias estribadas.

Em 1881, emigra para a Suíça com o teologado da Congregação. Aí permanece até 1895, quando lançou as bases de uma nova corporação religiosa: a da Sagrada Familia.

Foi nêste interim, no exílio da Suíça, que o Pe. Berthier compôs a maioria de suas obras, entre as quais cumpre enumerar: — Abrégé de théologie dogma-

uma fundação penosíssima e de promissores frutos: *a Obra das vocações tardias* — como denominou a seu pequeno Seminário de Grave na Holanda, berço da novel Congregação que fundou para perpetuar a obra.

Em missões pregadas na Europa, encontrou muitos jovens de idade já avançada para o estudo, mas esperançosos de chegar ainda ao têrmo da carreira sacerdotal.

Desejou então proporcionar-lhes a oportunidade e os meios de atingirem tão alevantado ideal. Com as bênçãos do Soberano Pontífice Leão XIII, vencendo as mais extraordinárias dificuldades e oposições, fundou, na pobreza e na humildade, a Congregação da Sagrada Família, que é hoje uma glória da Santa Igreja e um baluarte das missões católicas.

As bases da Casa-Mãe foram lançadas em Grave (Holanda) em 1895, justamente o ano em que Júlio Emílio partiu para a África, feito postulante dos Irmãos Brancos.

Inefáveis desígnios da Providência! Deus ia prepará-lo primeiro por uma vida de sacrifícios nunca vistos, em terras desconhecidas, para depois trazê-lo aos inícios de uma congregação pobre e humilde. Se Júlio Emílio não padecesse na África, talvez não suportaria os rigores de uma congregação nascente na Europa.

*

* *

Ignoramos a maioria das circunstâncias de sua admissão no Instituto da Sagrada Família. Sabemos que

---

tique et morale — Le prêtre dans le ministère de la prédication — Sententiae Biblicae — Le Sacerdoce — Des états de la vie chrétienne et de la vocation — tôdas de real mérito pela cultura teológica e precisão de linguagem, embora não sejam um primor de estilo.

Em 1895, pôs, em Grave (Holanda), os fundamentos de sua Obra das vocações tardias ou Congregação da Sagrada Família, com as bênçãos e aprovação do Sto. Padre Leão XIII. Dirigiu e formou seus religiosos em grande espírito de pobreza e mortificação. Após criar assim uma numerosa família espiritual, que é a sua coroa de glória no céu, faleceu cheio de méritos, em odor de santidade, a 16 de outubro de 1908.

Nosso Padre Júlio-Maria viveu a seu lado desde 1902 até 1908, tendo-o por Mestre, Amigo íntimo e Pai extremoso. Escreveu-lhe a vida, e muitas vêzes assegurou ter sido o Padre Berthier um dos homens de maior virtude que conhecêra.

Os filhos espirituais dêste santo sacerdote, os Missionários da Sagrada Família, têm residências no Brasil e em quase tôdas as nações da Europa.

êle, ao ser ali admitido, vestia ainda o hábito de Irmão Branco e aparecia com vistosa barba preta, que fazia crê-lo, no primeiro encontro, homem de seus 40 anos.

Júlio Emílio, ou Irmão Optato Maria, impunha-se aos demais seminaristas muito naturalmente pela gravidade do porte, a diferença da indumentária e o respeitável da barba, que lhe dava um aspecto sisudo e amadurecido.

Foi certamente com espanto, respeito e quase mêdo envolto de sincera admiração, que o acolheram os bisonhos estudantes de Grave.

CAPÍTULO VIII

No seio da pobreza

Grave (Holanda) — Sua grande história — O encontro com o Fundador — As primeiras impressões — O jovem professor — A vida em família — O noviciado — Conclusão.

A pobreza é o berço das grandes missões. Cristo nasceu na sordidez do estábulo entre vis animais. Francisco de Assis veio à luz numa estrebaria. E as ordens tôdas, e tôdas as congregações religiosas, gerou-as a divina Providência no meio da mais extrema pobreza, que a todos fazia crer a impossibilidade do seu florescimento.

Destinado à missão de Fundador, o humilde Irmão Optato, cujo esbôço biográfico estamos tentando fazer, não podia escapar à lei da pobreza.

O seu berço não foi o de um rico. Quis Deus que a sua formação sacerdotal se fizesse no seio de uma congregação incipiente, a braços com tôdas as dificuldades, e nascida, por milagre de Deus e vontade do fundador, na mais perfeita pobreza que lhe justificasse o nome de *Congregação da Sagrada Família*.

E assim foi. Muito antes que Júlio Emílio sonhasse com os ideais de pobreza de Nazaré, Deus inspirava-os a um homem admirável, aquêle por certo que mais exerceu influência formadora sôbre sua vida — João Maria Batista Berthier, o fundador da Congregação da Sagrada Família.

* * *

Em 1895, ao mesmo tempo quase em que Júlio Emílio se encaminhava para a África à busca de satisfazer a seus anseios de vida missionária, encaminhava-se também para a Holanda um missionário francês à busca de um sítio aprazível, em que pudesse dar início a uma obra de proteção às vocações tardias.

Poucos anos depois haveriam de encontrar-se estas duas almas de apóstolos, feitas para se compreenderem e se amarem. Longe um do outro, sem o saberem, êles se preparavam para um encontro. Eram feitos para estar juntos.

Júlio Emílio, na África, formava-se talvez naquilo de que João Berthier haveria de precisar. João Berthier, na Holanda, erguia o teto, humilde e pobre, sim, que haveria de abrigar Júlio Emílio, mas que lhe daria as riquezas inconfundíveis de um espírito imperecível e imortal.

Separados pela longitude das terras, estavam unidos pela unidade dos planos de Deus. E é por isto que, longe um do outro em 1895, haveriam de abraçar-se jubilosos em 1902.

Deus é inefável sobretudo quando traça os destinos de duas almas que foram feitas para se encontrarem um dia no caminho da vida.

*

* *

Pela segunda quinzena de março de 1895, chegava no Brabante, à cidadezinha de Grave, um renomado pregador francês, que outro não era que o Pe. João Maria Berthier. Não vinha, porém, para pregar arrebatadores sermões, senão para confundir a todos com uma vida exemplar de pobreza. Vinha à procura de um local que a Providência lhe assinalasse para berço de seu Seminário.

Apresentado por pessoas que o conheciam ao Maire da cidade, um tal Sr. Friesen, êste o recebeu com carinho e simpatia.

Expôs-lhe o missionário a finalidade da viagem. Precisava de um terreno e de uma casa. Dêstes recursos iniciais dependia o futuro de uma grande emprêsa.

O Maire lhe pôs à disposição o Hospital Militar, recentemente desocupado. Êste, porém, conquanto não passasse de um prédio rústico e feio, ao homem de Deus afigurou-se-lhe demais luxuoso para a obra que ia empreender. Uma residência para religiosos destinados a reproduzir a vida humilde da Sagrada Família bom fôra que tivesse todos os caracteres da pobreza.

Mostrou-lhe então o Maire um velho quartel abandonado. Era um edifício de estrutura abrutalhada e maciça, enegrecido e sujo pelo tempo. Nas janelas, que não passavam de pranchões sem medida proporcionada, remanesciam pedaços de vidros lembrando que outrora ali moravam soldados da infantaria insubordinada e fera. As goteiras haviam traçado manchas pelas paredes. Muralhas umedecidas ameaçavam ruína. Nos caibros, no teto e nas escadas envelhecidas e rangentes pareciam surdir ao habitante temeroso espectros doutro mundo. O velho casarão devia parecer-se aos nossos solares antigos de fazendas assombradas. Havia padecido todos os ultrajes do tempo e do descuido por parte dos moradores. O Maire teve vergonha de mostrá-lo ao missionário.

E qual não foi seu espanto ao ouvir-lhe estas palavras: "Snr. Burgomestre, eis o que eu buscava... nada melhor posso desejar... Tudo isto condiz muito com a moradia de Nazaré, cujas tradições e virtudes é meu ideal reproduzir... Desejaria agora um terreno, um jardim ou cousa semelhante".

O Burgomestre indigitou-lhe então, com sorriso meio malicioso, um campo, ao lado, onde outrora fizera manobras a infantaria. Não podia crer que aquilo satisfizesse ao pobre Padre, por modesto que êle fôsse.

— "Está muito bem, — retrucou o velho missionário — de tudo isto poderei tirar um bom partido..." E a satisfação que mostrou no semblante estava a dizer ao Maire que

tudo lhe sorria no meio daquela pobreza. A realidade fôra além de tôdas as suas esperanças. (1)

*
* *

Em setembro de 1895, no meio desta pobreza extrema, dava início o Padre João Maria Berthier à sua gigantesca obra, com apenas pouco mais de uma dezena de moços, vocações tardias, alguns talvez sem inteligência e sem futuro.

Via-se o bom velhinho, durante o dia ora numa das salas ministrando àquelas cabeças duras lições de latim e vernáculo, ora no vasto campo cultivando com êles a terra, e, nas primeiras horas da noite, à luz frouxa de um lampião, compondo seus livros de teologia, poços de cultura e de erudição pratrística.

*
* *

Quando, em 1902, o Irmão Optato Maria veio bater às portas daquele austero solar, a vida por ali não era, após tão poucos anos, menos pobre e nem mais confortável. O casarão era, segundo as suas narrativas, talvez mais estragado pelo uso, isto sim...

Eis como o próprio Padre Júlio-Maria, muitos anos depois, narrava a sua entrada para a fundação de Grave e o primeiro encontro com o fundador. (2)

"Ao chegar à tão desejada cidadezinha de Grave interroguei com ansiedade pelo local da "Obra das Vocações Tardias". Meu espanto foi sobremaneira grande quando vi que o Seminário era um velho quartel de soldados, tosco,

1) Todos êstes pormenores vêm narrados na vida do Padre Berthier, fundador da S. Família, escrita pelo mesmo Padre Júlio-Maria. *Un Apôtre de nos Jours*, cap. IX p. 402-404. 1910) Ed. Inst. de La Sainte Famille, Grave (Holanda).

2) "P. Júlio-Maria, fatos de sua vida contados por êle mesmo" (op. inédito)

sujo, e cujas paredes guardavam, parece, vestígios históricos de tiroteios ...

"Bati à porta. Veio receber-me um velho Padre muito bondoso. Estava calçado de tamancos, como é costume entre os rústicos holandeses. A cabeça tinha um barrete muito velho e rôto. A batina que êle trajava era pobre, poída nos ombros... Ainda me lembro como se fôsse hoje! Mas aquêle velhinho era tão amável ... Falou-me com a unção de um santo : — "Então, meu filho, quer mesmo ser religioso?... Nossa vida nesta casa é de sacrifícios... Somos pobres ... Sòmente quem quiser ser pobre como Jesus, Maria e José poderá santificar-se nesta casa ..."

"Tudo aquilo me calou profundamente nalma. Oh! era isto mesmo que eu queria ! Ao converter-me, para ser de Deus, convertera-me de uma vez, e não queria meias medidas. Encontrei ali o meu ideal. O meu ideal era ser, verdadeiramente, pobre". (1)

*
* *

Tal foi o primeiro encontro de Irmão Maria Optato com o Pe. Berthier.

Compreenderemos as disposições do novo aspirante, se compararmos as palavras acima citadas com aquelas de uma carta escrita ao depois de seus votos no instituto dos Missionários de Africa. (2) É o mesmo coração que pulsa, é o mesmo ideal que freme nas palavras. Seríamos tentados a dizer que Optato Maria vinha à busca de uma perfeição que já possuia.

Com efeito, Deus não ia abrir-lhe uma escola, mas uma oficina. Êle conhecia o valor da pobreza e aspirava a ela para conformar-se com Cristo, o perfeito religioso. Ia agora pô-la em prática sob a direção do profissional

1) Op. cit., p. 6.
2) Conf. cap. VI, A MOCIDADE, págs. 71-73

consumado, que dirigia a grande oficina de Grave. Padre Berthier era êste artífice e profissional da pobreza.

Discípulo e Mestre, encontrando-se, compreenderam-se perfeitamente no umbral da esperançosa tenda.

*
* *

Era a 2 de fevereiro de 1902. O Irmão Optato transpunha a portaria do velho quartel, ainda vestido de seu hábito de Irmão Branco.

Poucos dias permaneceu êle entre os novos colegas com êstes trajes sensacionais. A barba preta e cheia que usava então tornava-o muito mais sensacional ainda.

"Dias depois — conta-nos um seu antigo colega — êle tirou o hábito de missionário e raspou a barba e então nos apareceu mais jovem, tão moço quanto nós".

"Júlio De Lombaerde — como de agora por diante o chamaram — contava 25 anos de idade. Era de estatura alta, seu rosto era grande e afilado, tez desfigurada pela recente enfermidade, olhos azuis vivos e penetrantes, encobertos porém as mais das vêzes pela grave modéstia com que os trazia baixos ou fechados".

*
* *

O Fundador apercebeu-se logo do precioso tesouro que a divina Providência lhe enviava. Júlio Emílio era inteligente e vivo. Possuia algum preparo em humanidades. Demais, tinha ascendência sôbre os outros jovens pelo fato de já ser iniciado na vida religiosa.

O Padre Berthier encarregou-o das aulas de matemática e francês.

Muitas vêzes referiu o Padre Júlio-Maria histórias que lembravam êstes bons tempos de rapaz. Uma delas, que gostava de repetir, era a dos apertos em que andou certa

feita com uma aula de trigonometria e a esperteza de que usou em tal circunstância.

"O Fundador — contava êle (1) — nomeou-me professor de uma disciplina em que eu tinha poucos conhecimentos: a trigonometria. Não tive bastante franqueza para dizer-lhe de minha incompetência. Além disso, o amor próprio não era lá cousa que fôsse pouco em mim. Vi-me em graves aperturas. Por mal dos pecados não havia na paupérrima biblioteca da sala um só compêndio que me viesse em socôrro. Que fazer? Pedi ao Fundador me mandasse vir um livro...

"Entrementes, chegou o dia da 1.ª aula e o livro não viera. O jeito era usar de um estratagema, dêstes de que usam muitos professôres: dissertar sôbre as *vantagens e necessidades da matéria*. E foi o que fiz.

"Na 1.ª aula, sem titubear, fiz vasta exposição das vantagens da Trigonometria, de suas relações com outras matérias, de sua influência sôbre a disciplina do raciocínio, base da filosofia, etc., etc.

"O velho Padre Berthier assistiu à aula e ficou satisfeito.

"Vem o dia da 2.ª aula. Desembaracei-me dela fazendo nova exposição avulsa, agora sôbre a *utilidade* da Trigonometria. A aula não foi muito diferente da primeira. Mas a facilidade de palavra que sempre tive me salvou das aperturas.

"Quando recebi pelo correio o livro, senti-me aliviado... Via-me afinal livre do perigo de suar frio mais uma vez diante dos alunos, forjando nova lição de uma matéria que ignorava quase por completo".

*
* *

Outras vêzes referiu-se o Padre Júlio-Maria ao proveito que lhe trouxe o magistério: "Nos poucos anos de profes-

1) "Padre Júlio-Maria — fatos de sua vida".

sorado aprendi mais do que em tôda a minha vida de estudante. Por isso mesmo temo discutir qualquer matéria com o homem que a lecionou sèriamente. O bom professor não sòmente ensina, mas aprende mais, e aperfeiçôa o que sabe".

*
* *

Oito meses estêve Júlio De Lombaerde como postulante e professor nos inícios da fundação de Grave. A 4 de outubro do mesmo ano (1902) o santo Fundador o admitiu ao noviciado dos futuros Missionários da Sagrada Família.

É para se imaginar com que alegria êle recebeu o chamado de seu Mestre e Superior.

Foi certamente nesta oportunidade que o velho Padre Berthier lhe perguntou : — "Então, meu filho, está satisfeito no meio desta nossa pobreza ? (1)

— Como não, meu Pai — respondeu-lhe o jovem aspirante — pois se vim para me santificar, reproduzindo a vida da Sagrada Família?..."

As disposições de Júlio De Lombaerde estavam, portanto, comprovadas. Êle compreendia o espírito da nova obra do Padre Berthier. "Ser pobre como em Nazaré" — eis o seu ideal.

Cremos ser do tempo de seu noviciado umas resoluções piedosas que ainda possuimos, escritas de seu punho, sôbre a pobreza, a humildade e outras virtudes. (2)

Citemos as resoluções sôbre a pobreza, à luz das quais será fácil aquilatar o fervor do nosso noviço.

"Não possuir cousa alguma supérflua, e entregar tudo o mais que não seja necessário, quer livros, quer utensílios, quer roupas, quer enfim tôda outra cousa.

---

1) "Padre Júlio-Maria — fatos de sua vida".

2) A caderneta em que se acham exaradas não traz data; o tipo da letra, bem caprichada, é, entretanto, o mesmo que o dos inícios de sua vida religiosa em Grave, se o compararmos com outros escritos da mesma ocasião. O assunto revela ocupações de um noviço fervoroso.

"Buscar parecer pobre mesmo nas cousas mais necessárias ao uso, empenhando-me por que tudo o de que me sirva seja o mais pobre e o mais simples possível ...

"Ficar alegre por padecer falta, ainda no que é necessário à vida, pois êste é o verdadeiro caráter do pobre de espírito e do verdadeiro imitador de Jesus Cristo. Êle, tão rico e tão poderoso, se fêz pobre por nosso amor e quis padecer falta de cousas necessárias, e sofreu fome, sêde, frio, cansaço e nudez".

Aspirações destas no tocante à santa pobreza revelam uma alma de escol, reservada por certo para grandes cousas.

*
* *

Nada mais se pode escrever a respeito de seu noviciado e que tenha base histórica por hora conhecida. Perde-se na obscuridade do tempo esta fase tão importante na formação do nosso herói.

O que conhecemos, porém, e que aí fica, nos dá o traço característico dos inícios de sua vida de seminarista. É o missionário que se cria no seio da pobreza para as arrancadas do apostolado entre os selvícolas e para as provações extremas a que se sujeitará mais tarde como Fundador.

Deus o conduz passo a passo na vereda dêste destino de abnegações sem nome que é ser Fundador de uma Congregação. Coloca-o no ambiente próprio desde os princípios. Dá-lhe tôdas as graças e todos os meios. O Seminário de Grave era um aprendizado de sacrifícios. A pobreza ali se exercia como uma profissão nas renúncias e privações de tôdas as horas.

"Quem ali vivia no berço da nascente Congregação praticava todos os heroísmos da pobreza" — dizia mais tarde o nosso biografado. "Não sabíamos o que era luxo e o que era comodidade. E ao olharmos para o exemplo vivo do Fundador, a viver como um de nós, estudando em comum, dormindo em comum, e conosco trabalhando nos misteres

mais humildes, não havia quem não se animasse às práticas rudes da pobreza. Foi graças a isto que me formei para os rigores das missões. Meu noviciado na Sagrada Família foi o da mais estrita pobreza". (1)

De tal forja de tão aceso fogo só podia sair um aço de tão rija têmpera.

Padre Júlio-Maria foi uma alma insaciável de espírito de sacrifício.

Que digam quantos lhe conheceram a vida familiar, obscura, humilde e pobre!

---

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1) Opúsculo inéd. cit.

CAPÍTULO IX

Na escola do Sacerdócio

O filho espiritual do Pe. Berthier — A profissão temporária — Os estudos de filosofia — Não descuida a perfeição — A teologia — Seu aproveitamento nas letras — A devoção a Maria Santíssima — Conclusão

A vida no Seminário de Grave era tão simples e humilde quanto heróica e fecunda. Era uma escola e uma oficina. Coisa alguma faltava, na obscuridade que a ungia de beleza sobrenatural, para a formação daqueles jovens, futuros missionários da Sagrada Família.

A casa era pobre, sem aparato, muitas vêzes sem luz e sem água. Mas sobrava em espírito de Deus e em gôsto pelo estudo o que lhe faltava em confôrto material.

O Mestre e o Pai de todos era um santo e um sábio, um dêsses vasos pequenos, em que se guardam unguentos preciosos. (1) Baixo de estatura, troncudo, robusto, e ao mesmo tempo acanhado no trato e simples no traje, êle se afigurava à primeira vista simplesmente a representação descolorida de uma grande fama que o circundava. Era, porém, uma inteligência a serviço da verdadeira cultura, em

---

1) Conta-se que um dia dois professôres, não sei de que Universidade da Europa, foram a Grave para conhecer o Pe. Berthier, atraídos pela sabedoria que êle revelava em seus escritos. Apresentou-se à portaria aquêle ancião calçado de tamancos e rebuçado na velha sotaina poída de trabalhos. Tomaram-no por Irmão porteiro. E qual não foi seu espanto ao saberem que falavam com o teólogo cuja fama os atraíra até ali. — "Fizemos bem diferente idéia..." disseram. "Julgávamos que V. Revma. fôsse de estatura alta... Permita-nos V. Rev. a liberdade: nunca pensamos que tão insignificante aparência pudesse irradiar tão grande fama".

— "Ah! nada para admirar, — disse com espírito o Pe. Berthier — os unguentos preciosos não estão sempre em vasos pequenos?..."

tôda a extensão dêste têrmo. Sob a modéstia daquele padre sem figura escondia-se uma alma de asceta, de místico, e, por isto mesmo, de formador, de homem de Deus.

Privando com êle, bebendo de sua ciência teológica, partilhando de suas conversas santas, foi que se preparou ao sacerdócio e à vida missionária o Pe. Júlio-Maria.

A intimidade com os maus faz os ímpios; a intimidade com os homens de Deus faz os santos. E o Pe. Júlio-Maria teve esta ventura de viver ao lado de um santo. Todos os que ali viveram no velho quartel transformado em Convento a tiveram; êle, porém, cremos que a teve maior e mais perfeita. A prova aí está na *Vida do Pe. Berthier* (1), que escreveu. Ela é um atestado e um depoimento, que se nos afigura do mais íntimo dos filhos e do mais prezado entre os amigos.

Pe. João Berthier foi seu Mestre de noviço, diretor espiritual, professor de filosofia e teologia e orientador de seus primeiros meses de sacerdócio. Acrescentemos a isto as influências naturais, oriundas de afinidades de gênio e de simpatias pessoais, que elas pronunciadamente existiam como se depreende da biografia do Fundador da Sagrada Família, a que acima nos referimos. Todos êsses fatôres contribuiram poderosamente à formação do ilustre fundador dos Sacramentinos de Nossa Senhora.

Sem perdermos de vista êste meio em que se desenvolve a presente história, continuemos a descrever os fatos no seu desenrolar simples e significativo. Não temos precisão de consultar outras fontes que aquêle mesmo que os viveu e narrou — o Padre Júlio-Maria.

* * *

1) *Un apôtre de nos jours, ou la vie et l'esprit du Tr R. P. Jean Berthier*, par le P J. M. De Lombaerde — 1910 — Inst. de la Sainte Famille — Grave

Vimos precedentemente que, após alguns meses de estadia em Grave, Júlio Emílio foi admitido ao santo noviciado a 4 de outubro de 1902.

Poucas reminiscências ficaram dêste tempo venturoso para a biografia que escrevemos. O próprio herói guardou com avidez as particulares lembranças dêste ano de emoções, as mais suaves em tôda a vida religiosa.

Findo o ano de provação, que se chama noviciado, o Frater De Lombaerde — como o denominavam — emitiu os votos temporários a 4 de outubro de 1903. Não sabemos de que circunstâncias e festividades se cercou aquêle grande dia da sua alma. Ignoramos se fêz só ou em companhia doutros a profissão religiosa. Com certeza, o acontecimento foi celebrado com muita simplicidade, mas intenso regozijo entre os jovens e o bondoso Fundador. Pois o novo professo representava uma conquista e uma esperança para o novel Instituto.

Devia ser das primeiras turmas de professos o nosso Frater De Lombaerde. Pode-se conjeturar como parte da solenidade uma alocução do Fundador exortando os seus moços a uma vida perfeita de pobreza e mortificação. Relembrou-lhes, por certo, a necessidade de uma devoção acendrada à SS. Virgem, o de que sempre falava aos noviços, segundo os costumes de sua piedade e zêlo.

Passado aquêle dia de santas emoções, o jovem religioso entrou logo a cursar filosofia, recebendo as lições do Padre João Berthier. Pouco sabemos também dêste passo de sua vida. Remanescem como lembrança dêste tempo, patenteando a sua aplicação aos estudos, vários cadernos de resumo e esquemas. Nos inícios da congregação, sem grandes recursos, a mor parte dos estudos se faziam sem livro. Era aliás método do Pe. Berthier: fazer copiar a lição para gravá-la melhor.

O Padre Júlio-Maria muitas vêzes falou do capricho com que estudou a ciência mestra do raciocínio e as disciplinas correlativas. Guardava ainda com carinho velhos compêndios daqueles tempos, entre os quais um antiqüís-

simo tratado de psicologia, que na velhice ainda não raro manuscava.

Eis como êle mesmo recordava os tempos idos de sua filosofia :

"Meus estudos de filosofia e literatura foram muito bem feitos. A repetição era o nosso método de gravação por excelência. Nunca nos dispersávamos também numa multidão de livros; limitávamo-nos quase sòmente ao compêndio de classe e às ampliações do professor, seguidores fiéis do *"Timeo hominem unius libri"*. Graças a êste sistema, que era o aconselhado pelo nosso Fundador, aprendi bem os fundamentos essenciais. Vim a pegar noutros tratados mais amplos e refiz todos meus estudos depois de Padre, o que exerceu influência benéfica em tôda minha vida". Estas palavras, ouviram-nas repetidas vêzes os seus alunos, em classe e nos recreios. Vê-se por elas o espírito simples mas fecundo do Pe. Berthier a encher-lhe as atividades dos estudos. Mais além, veremos como êste mesmo espírito o impregnou de piedade e zêlo.

*
* *

Júlio Emilio De Lombaerde deve ter cursado filosofia durante os anos de 1903 e 1904.

Os estudos eclesiásticos, porém, não constituiram sua ocupação exclusiva. Ao mesmo tempo que estudava, lecionava para cursos inferiores, e exercia, entre os alunos, à hora do recreio e das refeições, a assistência disciplinar.

De quão bem tenha desempenhado o seu magistério, dão testemunha pequenos escritos de homenagem que lhe enviaram seus alunos em várias circunstâncias.

Vem a propósito citar aqui algumas palavras de um dêles, que lhe foi ofertado por seus alunos na festa de São Júlio em 1904. Êle diz em vernáculo o seguinte :

"Com viva alegria vimos a saber que celebrais hoje, caro professor, a festa de vosso grande Patrono, São Júlio.

Desde muito tempo buscávamos ocasião favorável para vos testemunhar nosso justo reconhecimento pelo zêlo que despendeis em nos tornar aproveitados na ciência; e não só na ciência, também na virtude, porquanto vosso exemplo nos fala mais eloqüentemente que os melhores sermões ...

Mas como não somos tão hábeis nesta matéria de fazer cumprimentos, e êstes por certo vossa humildade os recusaria sem menos; e como não temos para vos ofertar presentes de ouro ou pedrarias — recebei ao menos com agrado a expressão do nosso maior reconhecimento e do nosso amor fraternal, assim como os protestos mais sinceros de que não vos esqueceremos nunca aos pés do altar, em nossas comunhões, durante a Santa Missa, a fim de vos atrair graças e favores abundantes para a alma e para o corpo".

Estas e outras homenagens subscritas por seus discípulos em diferentes datas bem mostram a estima em que era tido, merecida recompensa de professor dedicado que era.

*
* *

Ocupado nos estudos, ora como aluno, ora como mestre, Júlio Emílio não perdia de vista o grande ideal que o norteava: chegar à perfeição religiosa.

Em tudo e antes de tudo — ser santo, adquirir a união com Deus. Não se descuidou jamais de alimentar nalma esta chama de ardor.

Êle mesmo nos falou da combinação, que fêz com certos colegas, de se lembrarem mùtuamente a presença de Deus, por gestos convencionados à hora de silêncio e por palavras apropriadas à hora de recreio.

"Arrebatados de um ardor incontido — narrava êle — chegamos a imprudências, que nos custaram terríveis dores de cabeça. Julgando que o exercício da presença de

Deus estava em sua lembrança constante, queríamos imaginá-lo sob formas sensíveis, mesmo quando estudávamos e recreávamos.

Foi uma instrução clara do fundador que nos trouxe a melhor compreensão, poupando-nos às dores de cabeça que nos assaltaram".

O fato bem mostra os santos desejos que animavam a nosso jovem.

*
* *

Assim sendo nada para admirar que o proveito de Júlio De Lombaerde na virtude andasse de parelhas com o seu progresso nas letras.

"A seriedade que o distinguia nos estudos era notória. Jamais se lhe observou uma palavra e um sorriso à hora sagrada do silêncio, conquanto fôsse de gênio expansivo à hora do recreio" — assegurou-nos um sacerdote seu colega.

Compreenderão os gênios expansivos e fogosos o quanto vai de esfôrço e virtude em cousa que se afigura de tão pouca monta. Uma hora de real observância quantas vêzes custa mais que uma novena de jejuns! Pequenos sacrifícios, bases de grandes virtudes — eis um ensino que Júlio De Lombaerde parece ter compreendido no início logo de sua formação sacerdotal.

Mais um fato, ocorrido nesta época, e por êle narrado, vai mostrar-nos o moço decidido a vencer-se para se tornar apóstolo. (1)

"Ao tempo em que fazia os meus estudos de filosofia, fui encarregado pelo Fundador de exercer também a regência entre os seminaristas menores. Uma das funções que competia ao regente à mesa era a distribuição do pão. Êste vinha em grande formato, como se usava na Holanda, e devia ser partido entre dez ou doze alunos de cada mesa.

1) Do nosso caderno: PADRE JÚLIO-MARIA — *fatos de sua vida, inédito.*

"Constituiu-me um engôdo invencível, nos primeiros tempos, a crosta avermelhada, amanteigada e apetitosa do pão. Era esta parte, aliás, preferida, ambicionada e pedida por todos".

"Não resistia à tentação do meu paladar, e, sem ver mesmo sequer uma tentação em tamanho atrativo, tôdas as manhãs, havia de tomar para mim a crosta inteira ou a maior parte dela.

"Um dia, porém, examinei-me a consciência a respeito da mortificação à mesa. Não era aquêle um prazer dispensável? Não era até suma covardia deixar-me arrastar por uma cousa tão pequenina?... Eu sentia bem que, ao findar da ação de graças, e ao encaminhar-me para o refeitório, meu pensamento voava para a crosta do saboroso pão holandês.

"— Não, não pode ser! — exclamei comigo mesmo. Hei-de vencer-me! De hoje por diante não tomarei mais da crosta do pão!

"O combate, porém, não foi fácil como imaginei. A primeira vez que distribuí o pão, não houve jeito... E a segunda, e a terceira... por mais firmes que foram meus propósitos, caí vergonhosamente.

"Um dia, entretanto, Nosso Senhor concedeu-me a sua graça. Fechei os olhos, tomei da faca, parti a crosta do pão, distribuí-a entre os meninos com rapidez... venci-me. Que paz e que alegria senti naquela vitória, que, após tantas lutas, foi também definitiva!"

Êste pequeno fato é expressivo para demonstrar a luta de uma alma desejosa, a todo o custo, de caminhar na via da ascese real e prática.

Era assim que Júlio De Lombaerde se preparava ao sacerdócio.

*

* *

Citemos mais um episódio de suas batalhas reais, também êste narrado por êle mesmo. Agora entra em conflito a humildade, em vez da mortificação.

Eis como o Padre Júlio o narrou, em sua linguagem que chamaríamos pitoresca : (1)

"Eu sempre fui bastante enérgico e nunca fui "banana". E desde que me mencionavam qualquer falta, corrigia-a logo.

"Um dia, no Capítulo (2), fizeram-me observação de 5 ou 6 faltas. Fiquei nervoso comigo mesmo. Mordi os lábios e comigo disse : "A próxima vez não me poderão acusar de nenhuma falta". E com energia esforcei-me, cuidadosamente, evitando até os menores gestos ...

Chegou o dia do novo capítulo. Lá compareci quase manifestando júbilo.

Vinda a minha vez, ajoelhei-me aos pés do Superior, com um pouco de vaidade, pensando : "Hoje quero ver ... garanto que ninguém dirá uma só palavra !"

"Houve, de fato, após acusar-me eu das próprias faltas, um silêncio profundo, e pareceu-me que ninguém tinha nada a dizer. Sorri de vaidade comigo mesmo.

"Mas, de repente, levantou-se um e disse qualquer cousa. Pensei logo : Será o único. Mas outro se levanta. Cocei-me, um tanto nervoso. Mais um terceiro, um quarto, um quinto, um sexto ... enquanto eu me impacientava todo intimamente. Ao cabo de tudo deviam ser uns 50 defeitos que me apontaram.

"Também compreendi que Nosso Senhor castigara o meu orgulho. Tomei nota na caderneta. Não desanimei. — "Vou lutar !" — disse comigo. Sobretudo, fiz propósito de nunca mais presumir de mim mesmo. Tôdas as vêzes que entrava para o santo exercício do capítulo, pensava comigo : "Digam de mim mais do que fiz na verdade. Não venha Nosso Senhor castigar-me do meu orgulho".

A singeleza desta confissão mostra que o religioso De Lombaerde não era perfeito. Mas suas aspirações eram

1) Op. cit. inédito, p. 10.

2) *Capítulo* chama-se nas comunidades ou conventos ao exercício em que os religiosos se acusam e se advertem mùtuamente das faltas perante o Superior, a fim de, por êste meio, se humilharem e conhecerem melhor os próprios defeitos.

as de um moço que realmente se preparava para uma vida de missionário, de sacerdote, de santo.

*
* *

Foi com estas ótimas disposições que De Lombaerde iniciou a sua teologia em 1906.

As lições eram dadas pelo próprio Padre João Berthier, teólogo e missionário afamado da época. O compêndio seguido era da autoria do próprio Mestre. (1)

Extraordinário o gôsto e atração que exerceu no espírito do jovem levita a ciência-mãe dos sacerdotes.

A assimilação mais perfeita possível do compêndio — dizia êle anos depois — foi o princípio de sua aprendizagem teológica. Nada havia no tratado que lhe parecesse dispensável, tanto mais que convivia com o seu autor.

Aprendeu Júlio De Lombaerde a teologia dogmática e moral de um modo teórico e prático, ao lado de um homem, que tinha por abono de sua competência a cultura e a piedade.

Testemunho da muita atenção com que estudou De Lombaerde, são as notas à margem do compêndio a seu uso, até hoje conservado.

Compreendia o curso teológico não sòmente o dogma e a moral, mas também os princípios de pastoral, exegese, ascética e mística, assim como os exercícios semanais de eloqüência sagrada.

Dêstes últimos guardamos ainda um caderninho com três sermões do Frater De Lombaerde, dos quais versa o primeiro sôbre a divina Eucaristia. É vazado em muito boa linguagem francesa e rico de citações dos Santos Padres.

E neste ponto vem muito a propósito dizermos quanto zelava êle da arte literária.

Foi De Lombaerde um amante das letras francesas. No currículo filosófico e teológico, êle mesmo o afirmava,

(1) *Abrégé de théologie dogmatique et morale par l'Abbée Jean Berthier, M. S.*

nunca descuidou, apesar do absorvente dos raciocínios e silogismos, o capricho da sua língua. Leu sobretudo Bougaud, que em tôda a vida lhe foi o companheiro inseparável da biblioteca e o modêlo de estilo.

Decorava com prazer e recitava aos colegas as mais finas páginas dêste autor. Bougaud em prosa e Racine em poesia constituiram para êle horas de aprazível recreio na mocidade, como confessou mais de uma vez. (1)

E porque gostava da arte literária, esforçava-se por escrever com primor. Amava sobretudo a poesia, que cultivou com esmêro. Grande o número de composições que deixou em verso, tôdas quase tendo por motivo a vida e as virtudes da S. Família. Em sua maior parte, foram elas compostas durante o currículo teológico, e algumas pelos fins da filosofia.

*

* *

O gôsto pelas letras, entretanto, não abafou nêle o amor da piedade. Porque, paralelamente à arte, que buscava nos livros de sua predileção, achava também nêles a ciência teológica, alimento da piedade. Em Bougaud aprendeu a amar a divina Eucaristia e a Santa Igreja.

Incalculável o número de obras ascéticas e místicas que procurou ler, mormente no curso teológico. As obras de São Francisco de Sales, em que não se sabe o que é mais saboroso, se o primor do estilo, se a unção da piedade, leu-as com sofreguidão Júlio De Lombaerde.

"Durante o meu curso teológico — dizia êle depois de velho — não perdi tempo. Procurei ler com esfôrço e anotar as melhores e mais belas obras de espiritualidade, costume que manti depois de sacerdote. Sobretudo as obras

1) Êste gôsto por Bougaud explica o fato de se encontrarem, nos seus livros escritos em português, páginas e páginas, que são quase tradução servil de *"Le Christianisme et les temps presents"*, e explica também o avultado número de citações que faz desta obra. Eminentemente simples como era e sem grande tempo para conferir as semelhanças de frases, muitas vêzes deixou sair ao correr da pena períodos inteiros do seu idolatrado Bougaud sem mencionar a fonte e páginas de que extraíra.

teológicas a respeito de Maria SS., busquei conhecê-las tôdas com o mais vivo interêsse. Nenhuma delas escapou ao meu conhecimento durante a mocidade".

E a respeito dos frutos que tirava destas leituras, assegurou-nos um seu antigo colega : "Júlio De Lombaerde era de uma capacidade assimilatória nunca vista. Bastava-lhe a leitura de um livro para apropriar-se logo de suas idéias : de tudo o que lia podia falar em recreio com facilidade admirável".

Era então, desde já, o escritor e pregador que se preparava. Tudo era assimilado com a avidez de quem previa o futuro e de quem estava possuído de um ideal.

*
* *

Resta-nos enfim salientar um dos caracteres mais importantes de sua formação pré-sacerdotal, que foi a sua devoção a Maria Santíssima.

Temos dito supra do carinho com que lia os livros de teologia marial. As melhores obras da época sôbre esta devoção quis êle estudá-las e meditá-las, a exemplo de seu Mestre o Pe. Berthier.

É na devoção a Maria aliás que o grande apóstolo de Manhumirim se revela perfeito herdeiro do espírito daquele homem de Deus.

O amor a Maria foi o primeiro ensinamento de Berthier aos seminaristas de Grave. E êles tanto compreenderam a doutrina como copiaram o exemplo do Mestre. O viveiro de apóstolos que era o seu seminário, foi também uma orquestra de vibração de amor a Maria.

"Em nossa capela — dizia o Padre Júlio-Maria — estava uma imagem de Nossa Senhora, colocada num estrado muito baixo. Em tôrno dela agrupavam-se, quase o dia todo, nos domingos e feriados, alunos e Mestre, noviços, postulantes e escolásticos ... E era comovente ver-se que todos oravam e pediam à Sma. Virgem com grande fervor.

E tudo faziam por intuição própria, não porque o Superior e a regra mandassem".

"Qual o resultado de tão grande amor a Nossa Senhora? — Resultado consolador! Todos nós fomos, na quase totalidade, homens que fizemos o bem. Meus companheiros, muitos dêles, protegidos por Nossa Senhora, vivem ainda hoje, operando um grande bem..." (1)

Criado nesta escola de intuição, em que os discípulos forcejavam por superar o Mestre, impossível não transformar-se o jovem De Lombaerde num grande devoto de Maria Santíssima.

E, devoto de Maria, Rainha dos Sacerdotes, impossível não lhe vazasse nalma o divino Espírito um coração de Padre, de Apóstolo, de Santo.

*
* *

Êste o jovem teólogo, que brevemente veremos aos pés do altar.

Nada falta à sua formação. Êle coopera com o meio, aperfeiçoa-se dia a dia, crescendo, nesta escola do sacerdócio, em ciência, piedade e amor.

---

1) Do nosso caderno: *"Padre Júlio-Maria, fatos de sua vida"*, p. 18.

CAPÍTULO X

Subindo ao altar de Deus

Preparação próxima de Júlio Emílio ao sacerdócio — A profissão perpétua e as ordens menores — Subdiaconato e Diaconato. — Suas anotações particulares — Suas intimidades com o Fundador — Um sermão que não se deve pronunciar — A ordenação sacerdotal e a primeira missa — Conclusão

Júlio Emílio está na plenitude da idade. Conta seus vinte e oito anos. É de gênio expansivo, alegre, e ao mesmo tempo severo. Sua conversa, repassada constantemente da lembrança de um grande ideal que espera realizar, é cheia de espírito religioso.

Desde muito se lhe intensificou a piedade. A observância da regra é, nêle, quanto possível, impecável.

Sua devoção a Maria SS. é terna, afetuosa e prática. Lê e estuda com esmêro as obras marianas. Sua oração é constante.

Muitas vêzes é visto na capela, de joelhos, olhos fechados, mãos postas, a fazer seus colóquios com Jesus, os quais se prolongam mais que de costume.

Júlio Emílio se prepara ao sacerdócio, que está bem próximo. Vê sorridente o dia feliz de sua primeira missa.

*
* *

Duas circunstâncias históricas importantes não podem ser esquecidas na preparação imediata de Júlio Emílio ao sacerdócio: — o desenvolvimento assaz grande da nascente

Congregação a que pertencia e o estado de saúde do Fundador, Pe. João Berthier, combalido pelos anos e pela moléstia.

A êste tempo, ia em pleno surto a "Obra das Vocações Tardias", quer sob o ponto de vista espiritual, quer sob o ponto de vista material.

Florescia na comunidade de Grave, com admirável esplendor, a devoção a Maria Santíssima.

O espírito de cordialidade, trabalho, humildade e zêlo animava a todos os estudantes.

Havia o desejo da mortificação e o amor da prece. A vida religiosa era, afinal, de intenso fervor.

O recreio, passavam-no os estudantes ora em piedosas conversas ou repetição das matérias de estudo, ora em trabalho manual.

Foi neste recinto verdadeiramente sacerdotal que o Frater De Lombaerde se preparou para as primeiras ordens. Êle mesmo nô-lo assegurou mais tarde: "O ambiente em que me preparei para o Sacerdócio foi um ambiente de fervor. Víamos nas glórias do Sacerdócio não um ideal, mas um meio para salvarmos as almas, meio êste que devia supor naquele a quem Jesus o outorgasse uma santidade à parte. Nosso Fundador lembrava-nos constantemente a necessidade de nos dispormos para subir ao altar como homens de Deus, e não como mundanos que se formam para qualquer outra carreira".

Estas palavras dizem muito bem das concepções alimentadas pelos seminaristas de Grave a respeito do ideal sacerdotal. E, partidas do Pe. Júlio-Maria, mostram, igualmente, como por certo êle se valeu, à porta do Sacerdócio, das lições de seu Mestre, o Pe. Berthier.

*
* *

Não era menor o progresso material . E avultado o número de ordinandos na humilde e pobre família de Grave.

O ano de 1907, que precedeu à ordenação do Pe. Júlio De Lombaerde e à morte do Fundador registrava, em 29 de setembro, o número elevado de 24 teólogos ordinandos, entre tonsurados e diáconos.

E, no ano seguinte, pouco antes do falecimento de Berthier, era o Instituto enriquecido de 12 Padres, entre os quais figurava o nosso biografado (1)

Tais cifras assoalham o progresso da Congregação a que Júlio Emílio se filiara, e fazem conjeturar o estímulo existente entre os Religiosos.

Concludente que o escolástico às portas da ordenação crescesse cada vez mais em amor a sua família espiritual.

E o amor ao próprio Instituto é, no Religioso, o acabamento mais perfeito da formação sacerdotal.

Que Júlio De Lombaerde se tenha aproveitado destas circunstâncias para dar mais um passo agigantado na sua formação, é inegável. Seria preciso lermos tôda a obra — a primeira que publicou — sôbre a vida de seu Fundador, para nos convencermos disto. Os últimos capítulos dêste livro são o elogio histórico da Congregação da Sagrada Família feito por um coração inflamado como poucos. (2)

*
* *

Importante notar ainda que findavam os dias do Pe. João Berthier. Êle não sobreviveria muito à ordenação do Pe. De Lombaerde e de seus companheiros. Todos pressentiam isto. E êle mesmo lhes anunciava todos os dias a sua morte próxima, presagiada por um estado precário de saúde. (3)

Em face desta realidade contristadora, devia avultar o zêlo da comunidade à busca da própria santificação. O

1) Conf. *La vie et l'esprit du Tr. R. P. Jean Berthier*, p. 566 e 587, Chp. XII da IV parte.

2) Ler tôda a última parte de *La vie et l'esprit do Tr. Rév. Père Jean Berthier* pág. 413 *e seguintes*.

3) Op. cit. caps. XI e XII.

pugilo, temeroso do súbito desaparecimento de seu chefe, dia a dia redobrava de esfôrço, e aumentava em fidelidade ao patrimônio espiritual que o Fundador lhes legara.

O futuro Pe. Júlio De Lombaerde, particularmente amigo de Pe. Berthier, filho, parece, a quem o Pai dispensava maior intimidade, não ficou frio e insensível em face do que as circunstâncias faziam esperar. As proximidades de um desfêcho doloroso por todos previsto foram, com certeza, um estímulo de preparação ao seu sacerdócio.

* *

Pròpriamente, o aparelhamento de sua alma ao grande mistério da investidura sacerdotal, já o fizera êle durante os anos passados, como seminarista e como religioso.

As disposições com que emitiu os votos, sobretudo os perpétuos, e mais pròximamente com que recebeu as ordens do Subdiaconato e Diaconato, visavam os esplendores do altar e os frutos do futuro apostolado.

Vejamos por alguns momentos, através de suas anotações particulares, quais eram estas disposições.

Em 1905, ainda professo temporário, êle anotava, entre outras impressões de vida espiritual, as seguintes palavras:

"A perfeição exige esforços, lutas, combates. Nosso Senhor deu o exemplo... Se outro meio existisse de conquistar o céu, por certo êle no-lo teria mostrado, mas êste meio não existe. Foi pela luta, pela humilhação, pelos desprezos que Êle mesmo passou e quis que passasse sua Mãe e seus Apóstolos e seus Santos. Nada de decepções! É êste o caminho, o caminho único".

"Que nenhuma dificuldade me detenha. O olhar sôbre Jesus, Maria e José deve encorajar-me. Devo ser feliz em caminhar nas suas pegadas, humilde como êles, pobre e obediente como êles".

Mais além, termina com uma visão prática as suas considerações: "Para ser todo de Deus, é preciso que o co-

ração esteja livre até do menor apêgo. A menor afeição desregrada a uma pessoa ou a uma cousa basta para paralisar os esforços e impedir a completa união com Deus.

"Portanto, desapêgo absoluto de tudo — prece contínua — atos incessantes. *"Contraria contrariis curantur"*.

Nestes pensamentos lê-se uma alma bem formada. Júlio De Lombaerde, antes de tudo, não é um coração iludido com santidades quiméricas, como tantos outros às portas da ação apostólica.

*

* *

A 4 de outubro de 1906, menos de dois anos antes de ser ordenado Padre, emitiu êle os votos perpétuos.

Eis o que escreveu em seu caderninho nesta ocasião:

"Ao ensejo de emitir os meus votos perpétuos, é preciso que me entregue a Deus sem reserva. Desvencilhado de cuidados, é necessário que, agora, depois de haver exortado aos outros, ponha eu mesmo em prática as minhas instruções. (1) Portanto, mãos à obra. A extirpar: preferências por certos confrades — tôda e qualquer familiaridade — ciúme da elevação e do bom êxito dos outros — importunações e pequenas vinganças de danos sofridos. Enfim, aplicar-me a uma união prática com Deus".

Aí está, no flagrante da sinceridade, uma alma que deseja aperfeiçoar-se. Júlio De Lombaerde patenteou-se-nos tal qual é, com os pequenos defeitos de seu gênio expansivo e bilioso. Preferências, ciúmes, vinganças — eis cousas de coração de moço que busca vencer-se. Êle não

---

1) Êste modo de escrever revela-nos obscuramente algum encargo que os superiores lhe impuseram pouco antes de sua profissão, e de que não temos informações precisas.

Tenho vaga lembrança de que êle disse certa vez ter sido encarregado, ainda quando estudante de teologia, da direção dos estudos na Escola Apostólica. Não é infundado, pois, supôr-se que estas palavras se refiram ao seu passado munus, de que agora foi afastado a fim de se preparar mais imediatamente à profissão religiosa e às ordens.

teria mesmo encontrado estas minúcias, que lhe enfeiavam o espírito sacerdotal, se não tivesse a preocupação de corrigir-se.

Tudo isto é a preparação conscienciosa para o altar.

*
* *

Feita a profissão perpétua com êstes santos anelos, o estudante é pouco depois apresentado às ordens.

Recebeu a tonsura e as quatro ordens menores a 23 de dezembro de 1906. (1)

Logo no dia seguinte, 24, recebia o subdiaconato, a darmos crédito a suas próprias notas particulares.

As ordenações foram feitas pelo Bispo de Bois-le-Duc, cujo nome os escritos de Júlio Emílio não mencionam.

Realizaram-se elas, ao que parece, fora de Grave, (2) não sabemos onde, e perduraram de 22 a 24 de dezembro, ordenando-se na mesma oportunidade 7 diáconos, 11 subdiáconos e 2 minoristas. (3)

O Frater De Lombaerde recebeu então, sucessivamente, a tonsura, ordens menores, e o subdiaconato.

Com que aspirações se aproximou do altar pela vez primeira feito seu ministro, pode-se ver das anotações de retiro anterior aos grandes acontecimentos.

---

1) É o de que êle mesmo nos informa, através de *Grandes époques de ma vie*, in fine. Assim sendo, recebeu Júlio De Lombaerde, no mesmo dia, tonsura e ordens menores? Sou inclinado a crer que não. Estas ordenações a que se refere Júlio Emílio em *Grandes époques* devem ser as mesmas de que fala à página 564 de *La vie et l'esprit du P. Berthier*, as quais êle diz se terem realizado a 22 de dezembro. Sendo que assinala o subdiaconato a 24 de dezembro e tonsura e menores a 23, é muito possível tenha antes recebido tonsura a 22, menores a 23 e subdiaconato a 24 de dezembro de 1906. Por uma restrição mui natural junta no mesmo dia, ao escrever suas notas, tonsura e menores.

2) Sòmente em 1907, o Fundador obteve do Ordinário que as ordenações de seus seminaristas se efetuassem na Casa-Mãe — conforme observa o autor de *La vie et l'esprit du Tr. R. P. Berthier*. "Mons. Van de Ven tendo concedido delegação, graças à benevolência do piedoso e zeloso Prelado Franciscano Mons. Hofman, as ordenações puderam realizar-se sem locomoção e sem as distrações que uma viagem necessàriamente acarretaria para os ordinandos." (p. 566). Estas palavras nos fazem supor que as ordenações de 23-24 de dezembro de 1906 se efetuaram, não em Grave, mas em Bois-le-Duc ou em Wagchen, como era costume.

3) É o que se deduz de *La vie et l'esprit du Tr. R. P. Berthier*, p. 564 in fine.

"22 de dezembro de 1906. Antes de contrair as graves obrigações do subdiaconato, é preciso à tôda a fôrça corrigir-me. Jesús, Maria, José, ajudai-me! É preciso que o amor de Deus me encha, me invada completamente. E, para isto, é necessário que me esvazie de todo outro amor. Banir *absolutamente*:

— tôda afeição terrestre
— tornar mais doce meu caráter
— resistir a meu orgulho.

A fidelidade a meu voto solene de castidade exige que eu afaste de meus pensamentos e de meu coração tôda afeição demais terna pelas criaturas. A união com Deus será o melhor meio, assim como a fuga das ocasiões".

Sempre os mesmos defeitos que aparecem nos estantâneos desta alma de fogo. É o seu temperamento sangüíneo bilioso inclinado às afeições particulares e às rudezas de tratamento com aqueles que lhe são menos simpáticos.

Nobres combates de um jovem cheio de ardor! Como De Lombaerde compreende bem a urgência de extirpar os defeitos para tornar-se um levita digno do santuário!

*
* *

Quase um ano permaneceu subdiácono o Frater Júlio De Lombaerde. E durante êste tempo, seu teor de vida em nada se modificou, a fora no redobramento de fervor com que se dispunha às últimas ordens. As regalias que teve foram as mesmas de todos os religiosos.

Não se pode aliás supôr exceções no Seminário de Gruve. Pois nem o Fundador se julgava com direito a elas.

Quantos viviam sob aquêle teto, viviam na mais perfeita pobreza, inclusive o Mestre e Pai de todos. Êste se punha no estudo comum com os estudantes. Sua biblioteca,

de escritor de nomeada, não a possuia. Era a de todos, na sala ampla e mal iluminada do velho quartel transformado em cenóbio.

Ocorre-me a propósito um caso interessante. Foi neste tempo que Júlio De Lombaerde, valendo-se de uma particular intimidade com o Fundador, pôde melhorar o estado material do casarão, que era mais do que pobre. Não o fêz sem alguma esperteza, conforme confessou mais tarde.

"Nossas janelas — narra êle — mormente as do salão de estudo, não passavam de velhos planchões, mal talhados, de aspecto sórdido e feio. Jamais nosso velho superior consentiu em modificá-las. Prezava-as como um cartaz de pobreza.

Um dia, depois que recebi minhas primeiras ordens, valendo-me do ambiente de festas criado por isto para o fundador cansado e doente, pedi-lhe substituísse uma daquelas janelas por uma veneziana, a fim de que lográssemos mais luz no estudo. Êle, com um sorriso bondoso, respondeu: — «É... sim, como presente de sua ordenação, pode fazê-lo...".

Corri pressuroso aos demais colegas e tramei com outros recém-ordenados que, passados uns três ou quatro dias, fizessem pedido semelhante. O bom do Padre, esquecido das primeiras concessões, (porque o estado de moléstia o pusera desmemoriado) foi deixando, uma a uma, melhorar as janelas.

Em breve, o salão estava mais decente e belo. Êle mesmo, quando viu, perguntou admirado: "Mas que foi isto? Estão transformando nosso convento em vivenda de ricos?".

— Ora, meu Pai, foi V.ª Rv.ª que no-lo concedeu como presente de ordenação, não está lembrado? — redargui-lhe com desembaraço.

Êle sorriu. Não podia resistir à alegria de ver perfeitamente felizes a seus filhos recém-ordenados".

*

* *

O ano de 1907, a 6 de outubro, festa de N.ª Senhora do Rosário, assinala, na existência de De Lombaerde, a recepção do Diaconato.

Foi ordinante Mons. Hofman, o mesmo que haveria de conferir-lhe, oito meses depois, o Sacerdócio. Doze eram seus companheiros na investidura desta ordem, a mais simpática ao coração dos levitas. No mesmo dia ordenaram-se 4 subdiáconos.

Foram as primeiras ordenações que se realizaram na Casa-Mãe, na capelinha de Nossa Senhora de la Salette, construída com tanto mimo pelo Fundador, dois anos antes de morrer.

De Lombaerde deve ter exultado de amor e de esperança. O Diácono é sobretudo o ministro da Eucaristia; e êle era tão devoto da Eucaristia ...

Era também a última etapa a vencer anteriormente às culminâncias da montanha do Senhor. Em breve êle terá em suas mãos a hóstia consagrada, mas então consagrada pelo seu próprio poder e autoridade sacerdotal.

No retiro em que se preparam ao grande acontecimento, entrevê um ponto decisivo para o ministério de futuro pregador: deve deixar tôda vanglória e exagêro literário em sua eloqüência. Citemos o que êle escreve a propósito em seu caderninho:

"LITERATURA E POESIA: A busca de elegância diminui não a verdade em si, mas os efeitos que a verdade deve produzir. A verdade é de Deus, o estilo é do homem! A palavra de Deus pede uma exposição clara, nítida, sólida, que possa penetrar até à alma. Revestida de exagerados ornatos que agradam ao ouvido, sòmente o ouvido a retém, sòmente os sentidos se agradam com o melodioso acento, e, enquanto êles se deleitam com o envoltório, o perfume interior voa, desaparece, e não logra baixar à alma.

Portanto, nada de poesia, fora de necessidade — nada de preocupações com o estilo — mas simples, correto e impressionante. Esta é a mais bela das eloqüências".

Antes, como vimos, Júlio de Lombaerde era amigo particular das letras, e sobremodo da poesia. Sem conta os versos, que escreveu, cheios de sentimento e harmonia. De agora por diante, o ciclo poético de sua vida, dir-se-ia que está encerrado. Falará mesmo sem escrever e decorar os sermões e homilias. Sua eloqüência é a do Evangelho, clara como a luz, vigorosa e atordoante como o trovão.

Prende-se esta determinação de Júlio Emílio a um acontecimento cuja data é impossível precisar, mas que parece ter-se dado então.

Faziam os teólogos da Sagrada Família exercícios de retórica perante a comunidade nas principais festas.

Para a solenidade da Sagrada Família foi escalado De Lombaerde com um sermão apropriado.

Demos a palavra ao Padre Júlio-Maria, que narra o ocorrido, quase quarenta anos depois. (1)

"Vivia ainda o Pe. Berthier. Era a festa da Sagrada Família, festa do Instituto, e a maior, portanto.

Fui escolhido para fazer o sermão da ocorrência. Gostava de uns floriados, amava a literatura, e na minha língua eu sabia fazer música ... Os outros me conheciam e esperavam uma carrada de belezas!

Todo cheio de vaidades, subi ao estrado da capela e fiz o meu majestoso sermão, que julgava maravilha em letras. E, de fato, era mesmo, porque eu manejava bem a minha língua.

Acabada a peça oratória, como de costume, devia vir a apreciação que o velho Fundador fazia sempre de todos os sermões pronunciados por seus filhos. Eu esperava um belo elogio. Por que não?

E o bondoso, mas severo Padre, começou: "Meus filhos ... eis um sermão ... (aqui meu coração pulsou com a perspectiva de um grande encômio) um sermão, meus filhos, que não devia ser pronunciado! O verdadeiro missionário, segundo o espírito de Jesus Cristo, deve ter por

1) "PADRE JÚLIO-MARIA — fatos de sua vida", inédito.

norma o Evangelho e nunca se entregar a estas louçanias de estilo que nada dizem ..."

E, tremendo na voz — porque aquêle velho missionário era terrível quando verberava — continuou dizendo muitas outras cousas.

Também, nunca mais — nunca mais — falei daquele modo.

Ao sair da capela, o nosso Fundador veio ter comigo e disse-me: "Meu filho, a humilhação foi grande, não acha? Mas era preciso, para que aprendesses de uma vez".

Com efeito, a humilhação era terrível, porque diante de meus próprios alunos de literatura ...

Tomei nas minhas a mão de meu Superior e prometi-lhe: "Meu pai, nunca mais ouvireis de meus sermões uma frase rebuscada".

E daquele dia em diante, tudo o que escrevo e falo, faço-o com a maior simplicidade".

A lição valeu-lhe para a vida inteira. Talvez esta mesma lição lhe suscitou no espírito as reflexões sôbre literatura e poesia, que acima citamos.

E elas lhe serviram sempre de norte em suas lides literárias, como podemos atestar quantos o seguimos de perto no púlpito e na imprensa.

*
* *

É, porém, tempo de passarmos a dizer o que sabemos sôbre a ordenação sacerdotal do nosso protagonista.

Assim disposto, ao que parece, com todos os predicados de boa-vontade e luta contra si mesmo, ia êle subir ao santo altar, e ser ungido Ministro de Deus para a eternidade.

Curioso em sua alma é notar, através das impressões do retiro, nenhuma preocupação com o sacerdócio como tal, mas antes com a prática de virtudes sólidas. Veja-se o que êle escreve na manhã feliz de seu Presbiterato:

"Acabo de fazer uma confissão geral. Creio tê-la feito bem: exame sério, dor e propósito. Se neste momento viesse a saber que morreria em breve, levantaria as mãos e o coração a Deus, recomendar-me-ia à misericórdia divina, e morreria tranqüilo e contente, e seguro (quanto é possível) de ser um amigo de Deus... Tendo reparado e purificado o que se foi, resta edificar. Quero fazê-lo contraindo hábitos e adquirindo virtudes verdadeiramente sacerdotais. A êste fim, alguns meios devem ser empregados; meios um pouco dolorosos à natureza, talvez, mas necessários para um real progresso. Primeiro que tudo, é preciso lembrar-me: "o progresso está em relação direta com a mortificação".

E assim prossegue, formulando, enfim, 18 resoluções tôdas referentes à mortificação.

É admirável um interêsse tão exclusivo pela luta contra si mesmo, neste dia em que mil outros enlevos arrebatam o coração do recém-ungido de Deus.

Mas Júlio de Lombaerde recebeu uma formação diferente ao lado de um santo. Sua alma não era um complexo de sonhos e de idealismos balofos.

*

* *

Na manhã venturosa de 13 de junho de 1908, festa de Santo Antônio — ei-lo ajoelhado com 12 outros companheiros, aos pés do Pontífice.

É na humilde capelinha de Nossa Senhora da Salette, em Grave. Não há solenidades retumbantes como êle mesmo disse mais tarde. Os de sua família, com certeza, não estão presentes e nem sabem do ocorrido... Êle também pouco se interessa pela presença ou ausência dêles... Sua preocupação é a glória de Deus.

Ficou-lhe para sempre na memória a figura austera e veneranda do Bispo, velho Prelado da China, titular de Telmène (Chan-si), Mons. Hofman, franciscano, de impressionante majestade!

Isto só recordava anos depois. Não quis nunca descortinar as emoções de que estava possuído. Estas, cremos que foram antes da mais intensa penitência e dor de seus pecados, porque não permitia lhe fizessem festa ao transcurso do aniversário sacerdotal. Dizia sempre que o sacerdócio deve ser um motivo de temor e de penitência para aquêles que o receberam.

*
* *

Foi sem dúvida um dia de festa para o Seminário de Grave. Mas o regozijo não saiu dos estreitos limites da casa e do recreio. Sòmente dias depois a revista "Mensager", que ali se editava, publicou num suelto rápido a auspiciosa notícia. O nome de Dè Lombaerde estava perdido entre os doze companheiros.

Ninguém podia supor que de seus humildes ministros, entre doze, Deus escolhia um fundador, retrato vivo do Pe. Berthier em terras de Santa Cruz. Ocultos desígnios do Senhor !.

*
* *

Houve um almôço festivo e uma reunião da comunidade, em homenagem aos neo-Presbíteros.

O almôço foi marcado por um incidente de que o Padre Júlio-Maria guardou memória tôda a vida.

Havia entre os seminaristas um, que tocava bem violino. Pediu ao Superior licença de executar uma valsa.

A música amolecedora não agradou ao severo Bispo, homem que tanto tinha das rigezas de São Francisco quanto tinha das franquezas de São Jerônimo. Pùblicamente, reprendeu ao estudante e à comunidade :

"Músicas dêste gênero não devem transpor os umbrais santos do claustro... Não condizem com o

espírito religioso. Amolecem o coração". E o violinista foi obrigado a recolher-se ao silêncio, com espanto geral.

*
* *

Os bons alunos de De Lombaerde renderam-lhe um preito de veneração particular. Achamos entre seus papéis um discurso, talvez o único daquele dia, pois que de saudações e elogios não se fazia gasto exagerado à sombra daquele austero solar. Revelam estas páginas de cumprimento, através da singeleza de linguagem, uma grande intimidade, afeto e alegria. O neo-sacerdote quis guardá-las tantos anos, de certo porque lhe falavam ao coração alguma cousa que ninguém pode hoje adivinhar.

*
* *

No dia seguinte, domingo da SS. Trindade, o Pe. De Lombaerde celebrou a Missa Nova. Escolheu então os Patronos de sua vida sacerdotal, anotados nas *"Grandes époques de ma vie". "Patronos da ordenação*: — São Francisco de Sales — amor; São Francisco de Assis — espírito religioso; São Francisco Xavier — zêlo das almas".

Só Deus poderia dizer-nos o fervor com que êle celebrou a sua primeira Missa. Sendo verdade que as derradeiras Missas de um Padre são o reflexo da Primeira, quem o viu celebrar no dia de sua morte deverá dizer que a sua primeira Missa foi tudo quando podia ser, em piedade, recolhimento e temor de Deus.

*
* *

Júlio De Lombaerde é, pois, sacerdote por tôda a eternidade. Deus lhe pôs nas mãos um poder a serviço dos santos desejos que o inflamam.

Vê-lo-emos agora como verdadeiro Missionário, Padre de Maria e da Eucaristia. Trinta anos o prepararam para esta grande investidura querida nos decretos eternos de Deus.

Êste homem na plenitude da idade, a mesma em que Jesus começou sua vida pública, não podia saber ainda os desígnios do Pai celeste sôbre sua alma. Êle teve, porém, uma prece, nesta manhã de luzes, que se prolongou pela vida tôda. Revelou-a num retiro à sua comunidade: "No dia da minha primeira Missa, pedi a Deus sòmente uma cousa. Foi esta: Senhor, fazei com que eu seja um instrumento dócil em vossas mãos, para operar um pouco de bem. E esta oração foi que fêz tudo em minha vida, porque dia nenhum deixei de repeti-la".

*
* *

Feliz Padre De Lombaerde!

Dos esplendores do sacerdócio Deus há-de conduzi-lo aos cúmulos do sacrifício de si mesmo, para a realização da sua prece.

Mais dez anos, e o cenário dêste dia de santos enlevos terá mudado. Em longes terras, entre caboclos do norte do Brasil, Deus há-de exigir dêle sacrifícios novos, preparação longínqua para novas obras e novas lutas.

Mais dez anos ainda, e depois de ter tragado um fundo cálice de amarguras, restar-lhe-ão as fezes mais amargas — o sacrifício final.

Júlio Emílio De Lombaerde nada pôde entrever... Mas o cenário de Grave, dentro de dez anos, viria a ser o de Macapá, e dentro de 20, o de Manhumirim.

O Homem não previa as dores do Sacerdote. E o Sacerdote não previa a missão dolorosa do Fundador.

II.ª PARTE

O SACERDOTE

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XI

Na alvorada do Sacerdócio

O néo-sacerdote na casa-mãe de Grave — Intimo com o Fundador — Primeiras atividades ao seu lado — Refaz os estudos — A morte do Pe. Berthier — De Lombaerde escreve-lhe a biografia — Revigoramento espiritual — Voto de santa escravidão e esponsais com Maria Sma. — Voto de não perder tempo — Conclusão

Elevado à dignidade sacerdotal e transmudado de Frater De Lombaerde em Padre De Lombaerde, nosso herói não apôs modificação no seu modo de viver.

Continuou o mesmo proceder de sempre, à exceção do que concernia ao ministério sacerdotal.

E êste, por certo, não era grande. A paróquia de Grave era confiada a um Vigário do Clero diocesano e não aos Religiosos da Sagrada Família. Acresce ainda que os primeiros sacerdotes recém-ordenados, entre os quais se contava De Lombaerde, foram-no antes de concluir os estudos teológicos, e, portanto, não receberam, possìvelmente, jurisdição confessional. (1)

Júlio Emílio De Lombaerde, feito pois sacerdote, continuou a vida regular de estudante e religioso.

Não se notava nêle nenhuma diferença do bom professo que anteriormente fôra.

---

1) O fundador do Instituto da Sagrada Família obteve da Santa Sé dois indultos consecutivos para apresentar à ordenação sacerdotal os seus teólogos antes de terminarem o currículo teológico. É o que se deduz dos dizeres do nosso próprio biografado em *La vie et l'esprit du Tr. R. P. Berthier*, p. 685.

Júlio De Lombaerde, ordenado em junho de 1908, foi beneficiado por esta concessão, meio ano antes de concluir os estudos.

A comunidade estava agora sobremaneira crescida. Quarenta sacerdotes e mais de cem estudantes aglomeravam-se no Seminário, espaçoso a princípio, e por último demais pequeno para tão grande número.

Já era preocupação do Fundador abrir residências na Europa, a fim de dar um vasto campo de apostolado a seus filhos. Os achaques dos últimos meses não lhe permitiram o cometimento planejado. (1)

Êstes empecilhos foram uma bênção do céu para seus filhos espirituais. Porque, então, puderam todos aproveitar-se mais de suas lições e exemplos.

O Padre De Lombaerde logrou assim viver os derradeiros meses do Fundador em companhia dêle. Foi-lhe êste contato, na alvorada de seu sacerdócio, um auxílio de importância altamente formadora.

*

* *

A intimidade dêste homem de Deus, que era o Pe. Berthier, com o Pe. De Lombaerde, foi, nos últimos meses, realmente singular.

Nosso jovem levita chegou mesmo à ousadia com seu santo fundador. Não raro o desarmou até das suas iras contra a falta de pobreza.

A propósito, um episódio interessante é o que passamos a narrar.

Eram excessivos os rigores de pobreza do Fundador. Não se resignava tão fàcilmente a vestir uma batina nova ou trocar por outro o barrete rôto e esfolado.

Um dia julgaram os bons filhos que aquilo não podia perdurar. Êles mesmos tinham, vez por outra, a mudança para novos trajes, e o fundador, nunca.

---

1) É ainda o Pe. Júlio-Maria quem no-lo assegura: "À mesure qu'il se croyait rapprocher de l'heure du départ, il redoublait de zèle et activité pour l'extension de son Oeuvre. La question des futures fondations l'occupait beaucoup. Il essaya de s'ouvrir une porte dans la Pologne d'abord, puis en Suisse et enfin en Autriche et en Belgique, mais il ne put achever les négociations". *La vie et l'esprit du Tr. Rev. P. Berthier*, p. 569.

Nesta ocasião, já possuiam um Superior Geral eleito, que a pouco e pouco ia-se inteirando do govêrno da casa. (2) Pediram-lhe mandasse fazer um hábito para o Fundador.

Mas como haveriam de conseguir que êle o vestisse? O único recurso foi um dos Religiosos, à noite, violar-lhe a cela, para substituir o burel poído e remendado pelo novo e escorreito.

Foi uma temeridade a que o Pe. De Lombaerde se afoitou com tôda a confiança. Êle mesmo o contou mais tarde.

Ainda assim, pela manhã, o bom do Padre, vestindo o hábito novo, saiu à procura de quem lhe havia tirado o velho. Sòmente o Pe. Júlio teve a coragem para explicar sua ousadia, que foi, como doutras vêzes, fàcilmente perdoada.

Restava impingir-lhe um barrete mais decente. Agora êle não haveria de sujeitar-se a uma farsa como da primeira vez. Exigiria, certamente, o antigo barrete desbotado e disforme.

Que fazer? Pe. De Lombaerde não viu dificuldade em cousa de tão pouca monta. Estraçalhou o barrete em momento de descuido de seu Mestre e substituiu-o pelo novo.

Não lhe saiu, entretanto, a temeridade às mil maravilhas. O Padre exigiu com energia a sua amada relíquia, e as explicações do intruso foram revidadas com uma repreensão violenta.

Mas, felizmente, em breve a bondade do Pai se esqueceu das leviandades do filho. Berthier e De Lombaerde foram vistos quais bons amigos a palestrar juntos como se nada acontecera.

*

* *

2) Mais de um ano antes de morrer, o Pe. João Berthier reuniu seus Religiosos e fê-los eleger um Superior Geral, que, sob sua direção, foi entrando aos poucos na reitoria do novel Instituto. Esta eleição caiu sôbre um homem de notáveis predicados de santidade, o Padre José Carl. Governou êle 10 anos o Instituto da Sagrada Família. Faleceu em 1939.

Nosso néo-sacerdote conseguiu, como se vê, uma ascendência a tôda a prova sôbre o coração do venerável Pai e amigo.

Compreensão mútua, que nascera aliás de uma afinidade de caracteres, assim como da incansável dedicação e filial obediência do Pe. Júlio.

Parece que, nesta ocasião, reassumiu êle o seu cargo de Diretor dos estudos e gozava de tal ou qual autoridade na casa. Era o que faziam suspeitar certos passos de sua vida, por êle contados, com referências claras a êste ponto. Preferimos omiti-los por não virem a propósito e porque estenderiam muito êste capítulo.

De qualquer forma, o ofício que exercia dava margem ao nosso Padre para uma privança mais freqüente com o Fundador. E destarte muito se beneficiou a sua formação nos restantes dias de um santo, que foi, parece, nos planos de Deus, o Anjo escolhido para plasmar-lhe uma alma de fundador e de missionário.

*
* *

Os trabalhos iniciais do sacerdócio de Júlio Emílio não diferiram das suas ocupações anteriores de professor e estudante.

Alguma folga era empregada com denodo no complemento e revisão dos estudos eclesiásticos, mormente os teológicos. Compreendendo que, no período das aulas e exames, o aluno sòmente aprende, quando muito, a estudar, mas nunca consegue ter um conhecimento profundo das matérias, meteu êle ombros à ingente tarefa de repassar tôda a teologia e a filosofia. Êle mesmo o assegurou mais tarde. (1)

E o proveito com que se saiu desta repetição foi o muito esclarecimento que teve em assuntos difíceis, quer

1) Conf. as suas palavras citada no cap. IX, p. 105.

filosóficos, quer teológicos, a tal ponto que viria logo a publicar obras de mariologia escritas com rara proficiência.

Esta revisão dos tratados escolásticos foi feita, certamente, sob a direção do Pe. Berthier, seu Mestre, enquanto a saúde dêste o permitia.

Não conseguiu o Pe. De Lombaerde ir ao têrmo do que empreendeu senão alguns anos depois, porquanto foi obrigado a interromper seus estudos a fim de escrever, ou antes ultimar, a biografia do Fundador, falecido quatro meses após as ordenações.

* * *

O piedoso fundador da Sagrada Família, como o dissemos precedentemente, chegava ao fim de seus dias, quando seus Padres iniciavam, cheios de esperança, a carreira sacerdotal.

Ao dia jubiloso de 13 de junho havia de seguir-se o trespasse doloroso de 16 de outubro.

As últimas ordenações a que o santo homem assistiu foram as de 4 de outubro, poucos dias antes de sua morte.

"Presente a elas quis tudo dispor e dirigir, parecendo a alma e o rejuvenescimento que as animava.

"Contudo, êle se esforçava por iludir os outros, estando êle mesmo convencido de seu fim próximo.

"Depois das cerimônias, sua alma jubilava à lembrança dos favores insignes que o céu não cessava de dispensar a seu Instituto e ao pensamento da perspectiva de um vasto apostolado que se abria a seu zêlo. Mas êle ajuntava logo: — "Vós outros podeis fazer muito bem, meus filhos; eu, porém, chego a meu fim. Creio que são as últimas ordenações a que assisto. Vós podeis preparar-vos ao trabalho; quanto a mim, resta-me preparar-me para a morte". (1)

1) *La vie et l'esprit du Tr. Rev. P. Berthier*, p. 569-570.

E, com efeito, os seus dias não foram muitos. A 16 de outubro êle falecia no meio de grandes sofrimentos, com a resignação distintiva dos homens de Deus.

O nosso Padre De Lombaerde foi um dos que o assistiram nos derradeiros momentos da agonia. Descreve pormenorizadamente e de modo tocante o desfêcho doloroso. (2) Coube-lhe o segurar a cabeça desfalecida ao santo ancião, no transe supremo. Presenciou fase por fase a amargurante morte daquele a quem seguira, passo por passo, nos derradeiros anos da heróica e abnegada vida.

Se foi para todos uma dor incomparável, foi para êle, particularmente, uma irreparável perda. Eis como êle mesmo traduz a dor imensa de todos, que não era senão a sua própria dor: "Quando o confessor do falecido anunciou de público o infortúnio que se acabava de desfechar sôbre a comunidade, um frêmito imenso percorreu a capela. Todos os padres e estudantes, em número de 150, romperam em soluços. Olhares espantados... olhares que interrogavam... e depois as lágrimas correram em abundância, ora silenciosas, ora entrecortadas de gemidos. Lágrimas amargas pois a morte arrebatava-nos um Pai a quem todos amavam e veneravam como santo. *O mors quam amara est memoria tua*". (3)

*

* *

Findo o cerimonial das exéquias, deu-se o Pe. De Lombaerde ao trabalho penoso de escrever a vida do Pe. Berthier.

A escolha dos Superiores, estribada no gôsto literário de De Lombaerde, assim como nos raros dotes de cultura que o distinguiam, veio encher de júbilo ao filho espiritual, sequioso de prestar uma homenagem póstuma ao pai desaparecido e inesquecível.

---

2) Idem — Ler as páginas 575-580.
3) Idem — p. 579.

Foram meses de vigílias e atividade literária sem precedentes os que então se seguiram.

"Noites inteiras — conta-nos um sacerdote da Sagrada Família — podia-se ver luz acesa no quarto do nosso Pe. De Lombaerde. Só uma consistência física supra-normal, como a dêle, era capaz de tal esfôrço.

"E o teor do dia não era de menor trabalho. Apenas rezada a santa Missa e recitado o Breviário e feitos os exercícios de comunidade, mergulhava entre laudas de papel o bom do Padre, mais ansioso que todos por fazer um elogio e memória dignos do humilde Fundador".

É, ainda assim, para admirar de como apenas alguns meses após vinha a público a biografia, num in-fólio de 590 páginas.

Importa lembrar, entretanto, que o trabalho foi mais de complemento que de composição.

Prevendo a morte próxima do Fundador, começara De Lombaerde, estudante ainda, a reunir as informações mais urgentes e a escrever a obra, que não é uma história feita à luz de documentário crítico, e sim um retrato e apreciação pessoal.

Duma feita perguntei-lhe como escrevera a vida de seu Superior.

"Posso dizer que a escrevi quando ainda teólogo", foi sua resposta. "Tudo o que o saudoso Pe. Berthier contava e fazia, narrei-o dia por dia nos últimos anos. Depois de sua morte, não restava nada mais que ordenar e compilar as notas esparsas. E sendo que não tive pretensões de historiador, pude logo publicar o livro, que era um testemunho de afeto e gratidão filiais".

A edição que havemos em mãos (1) traz o prefácio datado de 15 de agôsto de 1908, isto é, de dois meses antes da morte do biografado.

1) *Un Apôtre de nos jours, ou la vie et l'esprit du Tr. R. P. Jean Berthier, par le P. J. M. De Lombaerde* — 1910 — Institut de la Sainte Famille, Grave (Hollande).

Trata-se, portanto, de uma vida escrita de olhos fitos sôbre o protagonista, e por quem privou com êle as horas íntimas de família.

É êste particular que dá valor à vida do Pe. Berthier escrita pelo Pe. De Lombaerde.

*
* *

Terminada a estafante emprêsa, voltou o nosso Padre a uma vida de mais intenso recolhimento espiritual.

Sem dúvida, não sofrêra seu fervor com a composição de um livro aliás ressumbrante de piedade e considerações ascéticas. Impossível ser-lhe fonte de dissipações a narrativa de fatos que exortavam à penitência, à oração e ao zêlo das almas.

Mas a preocupação absorvente, qualquer que seja, traz sempre uma lassidão na vida espiritual.

Eis, pois, que volta à luta contra si mesmo o religioso exemplar e mortificado. A aquisição das virtudes sacerdotais e o acréscimo de devoção a Nossa Senhora são o norte a que volve os olhos o Pe. De Lombaerde.

Vejamos o que êle escreveu no caderno de resoluções em 1909:

"É preciso que a todo o custo eu me torne um santo. Sinto em mim um atrativo irresistível para a perfeição.

"Minha grande resolução, que, com a ajuda de Deus e sob o olhar de Maria, quero executar, é esta: — *a guerra a meu amor próprio*. Não farei mais nada, absolutamente nada, de minha própria cabeça. Pedirei licença para as menores cousas. Para as cousas exteriores a meu Superior; para as interiores, a meu Diretor. Deus só! Deus só! E não a minha vontade!".

Seria demais citar tudo o que êle escreveu sôbre os desejos de perfeição de sua alma nesta mesma oportunidade...

Há frases cintilantes, que revelam um coração ardoroso e apaixonado pelo espírito de sacrifício.

*
* *

Mais que frases, porém, falam os fatos. Foi nesta alvorada ainda de seu sacerdócio, que o Pe. De Lombaerde fêz dois votos importantes em sua vida: *o voto de santa escravidão e esponsais à Santíssima Virgem e o voto de não perder tempo.*

Estes dois compromissos, que não se podem fazer temeràriamente, porque supõem nalma um início de perfeição e um cúmulo de energia sôbre si mesmo, são o testemunho de maior valor da vitalidade espiritual do jovem missionário da Sagrada Família.

E é importante lembrar-nos de que êle os fêz certamente com licença de seu confessor.

O voto de nunca perder tempo foi feito a 15 de agôsto de 1909. Não encontramos, entre seus papéis e notas espirituais, um ato redigido em forma de oração, mas apenas referências a êle. Demais está assinalado o memorando desta resolução em *Grandes époques de ma vie.*

Entre as resoluções de retiro, ao fim do ano de 1909, êle consigna esta: "Grande fidelidade ao meu *voto de nunca perder tempo* e a êste outro de ser todo de Maria e por Ela de Jesus".

Estas mesmas resoluções terminam com a seguinte cláusula: "Quero por tudo isto habituar-me a tender sempre ao mais perfeito, até que eu possa fazer também êste voto".

Terá o Pe. De Lombaerde chegado a êste ponto de fazer o voto do MAIS PERFEITO ? Não encontramos em suas notas alusão alguma, que o dê a entender. Entretanto, pela frase supra, vemos que êle desejava fazê-lo.

Quanto ao voto de não perder tempo, não resta a menor dúvida de que o haja feito e cumprido fielmente.

Aquela atividade assombrosa de trinta e tantos anos de sacerdócio haurira, pois, sua fecundidade nas fiéis promessas dos primeiros dias passados ainda em Grave, no silêncio do Seminário, junto ao túmulo do Pe. Berthier.

*
* *

Pouco depois do voto precedente, ou seja a 19 de setembro de 1909, o Pe. De Lombaerde fêz o voto de escravidão e esponsais à Santíssima Virgem.

Lembro-me de ter visto o ato escrito dêste voto. Perdeu-se, porém, entre os muitos papéis deixados. Conserva-se outro ato, assinado com o próprio sangue do vovente, mas que vai muito além nas promessas. Foi êste feito em Wacken, no ano de 1911. Citá-lo-emos oportunamente.

O que remanesceu ainda como lembrança da muita devoção filial do Pe. De Lombaerde a Maria SS. é uma consagração, escrita em linguagem ardente e amorosa, a 15 de setembro de 1909, quatro dias antes do voto de esponsais e escravidão a Nossa Senhora. Vamos dêle citar sòmente as últimas palavras:

"Em sinal de eterna fidelidade, ó minha Bem-Amada e doce Espôsa de minha alma, carregarei sempre junto de meu coração a cópia dêste contrato solene, assinada com meu sangue e envolvida em vossa imagem!

Oh! fazei que cada letra seja gravada em meu coração; que vossa imagem esteja sem cessar diante de meus olhos; que vosso amor me guie e me dirija por tôda a parte...

... Êste contrato, por amor de Jesus e Maria, eu o subscrevo e a êle quero ficar fiel até o meu derradeiro suspiro".

*
* *

Tal era a alma apaixonada de Júlio De Lombaerde. Seu amor não conhecia limites, mesmo os impostos por con-

veniências de palavras. Devotar-se à Rainha do céu e da terra como espôso, por mais atrevido que pareça — eis a que êle se afoitou num supremo arrôjo de ternura.

Sonhos de noviço — poderíamos dizer, se êle se ativesse às palavras simplesmente. Quando, porém, seu ardor desce ao pormenor de querer o mais perfeito e JURAR SOB VOTO NÃO PERDER TEMPO, então é preciso ver nisto mais que aspirações dulçorosas de noviço bisonho e tôlo. O Pe. De Lombaerde era, sem dúvida, um apaixonado de Maria Santíssima.

*
* *

Tudo isto era, ainda uma vez, a preparação, o aprendizado, o tirocínio da grande missão de Mestre das almas.

O divino Espírito Santo burilava o grande homem a quem ia confiar uma grande emprêsa.

Êstes primeiros golpes de buril terão depois os seus retoques.

Lento é o trabalho de Deus nas almas que a Providência reserva para elevados cometimentos.

CAPÍTULO XII

Os primórdios do Apostolado

Os caminhos de Deus — Os planos do Pe. De Lombaerde — É mandado para Wacken (Bélgica) — Dificuldades iniciais — Os auxílios da Providência — Progresso do Seminário de Wacken — Trabalho de educador do Pe. De Lombaerde — O Diabo que se fêz Anjo — Apóstolo da vida religiosa — Um sonho curioso — Conclusão

Deus, que traçou as órbitas das estrêlas, traçou também os caminhos dos homens.

Cada acontecimento, inesperado ou previsto, é uma curva da longa estrada de nossa pequenina história.

O Senhor e Mestre de nossa vida faz surgir mudanças das mais repentinas e surprêsas das mais inexplicáveis em nossos próprios projetos, para mostrar que Êle é quem dirige e nós nada podemos determinar a nosso talante.

*
* *

E é consolador pensar que a direção de Deus é infalível. Conduz necessàriamente à felicidade e à paz. E constrói sempre existências fecundas e meritórias na história das almas que não lhe são indóceis e rebeldes.

*
* *

Foi o que se deu com o Pe. De Lombaerde. Nosso Senhor escreveu-lhe a história contra todos os seus planos.

"Tudo me saiu ao contrário do que pensei — confessou êle muitas vêzes. Não calculei nunca em minha vida um itinerário tão grande e acidentado. Deus conduziu-me por caminhos diferentes dos imaginados e, não sei eu como, vim dar a êste têrmo da jornada..."

O capítulo de sua vida que ora vamos escrever é uma dessas surprêsas talvez esmagadoras até para corações de apóstolos.

*

* *

Vivia êle em Grave, na Casa-Mãe, cercado da estima de seus colegas, mergulhado em seus livros, absorvido em Deus.

Nunca talvez pensasse na possibilidade duma remoção para outras terras.

Era professor. E o saudoso Pe. Berthier jamais permitira lhe fôsse tirado êste munus, em que tão bem se ocupava com proveito de todos.

Certa vez, vivendo o Fundador, apontaram o Pe. De Lombaerde para um cargo de relêvo. O bom velho respondeu, com o amável sorriso que o caracterizava: — "Estais enganados, meus filhos! O Pe. De Lombaerde não foi feito para isto. Seu talento é de professor e êle deverá ocupar sempre a cátedra".

Ao Pe. De Lombaerde, portanto, nunca lhe importunaram, desde aquêle dia, pensamentos de mudança.

Ainda com a morte do Fundador, não haveriam as coisas de ser diferentes, pensou êle consigo.

Escrita a biografia do Pe. Berthier e estando ao ponto de vir a público, Júlio De Lombaerde arquitetava um enorme plano literário. Obras de mariologia, opúsculos de teologia popular sôbre a Eucaristia e a Santa Igreja, trabalhos sôbre a vida religiosa, etc. — haveriam de constituir uma ocupação útil para si e instrutiva para as almas.

Segundo o que êle revelou a um religioso, foi nesta ocasião que escreveu o esbôço das suas CONTEMPLA-

ÇÕES EVANGÉLICAS, não terminadas aliás em tôda a vida.

Outros trabalhos de mariologia foram iniciados então em rascunho. Temos, entre os seus manuscritos antigos, em belos caracteres dos primeiros anos de sacerdócio, vários originais dêstes tempos.

Tais sonhos de vida literária foram por certo tempo frustrados e interrompidos com a sua nomeação para a nova residência que os superiores resolveram abrir em Wacken, na Bélgica.

Ainda uma vez, porém, não era um interromper de jornada; era um abrir de mais largos caminhos, queridos por Deus. Todos êstes belos planos do Pe. De Lombaerde haviam de completar-se com um aspecto formador para êle, em novos destinos que Nosso Senhor lhe patenteava.

*

* *

Crescera assustadoramente, nos últimos anos, a "Obra das Vocações tardias". A comunidade não podia mais chamar-se pequena. Cento e cinqüenta estudantes e quarenta sacerdotes representavam um contingente de valor.

Era tempo de a Congregação da Sagrada Família dar princípio às suas missões. Quando nada, urgia a abertura doutra Escola Apostólica na Europa, devido aos muitos e insistentes pedidos de jovens, que queriam abraçar a vida missionária do Instituto.

Por motivos vários, baseados em fatôres geográficos, pareceu aos superiores ser a Bélgica o melhor ponto estratégico para o início das lutas. Wacken, pequena cidade dêste católico país, foi a escolhida para local de um Seminário Menor.

Ignoramos em que circunstâncias históricas o Conselho da Congregação determinou o Pe. Júlio-Maria De Lombaerde para fundar e reger a nova residência.

Sabemos apenas — porque êle mesmo o afiançou — que a sua obediência foi pronta e imediata, e que as condições financeiras não eram as melhores.

"Reuniu-se um dia o Capítulo-Geral de todos os padres — narrava êle. Tinha por fim escolher dentre nós os que iriam para Wacken.

Meu Superior propôs-me o encargo da direção da casa.

— "Perfeitamente, respondi-lhe, aonde mandar-me V. Revma., estou pronto a ir".

— "Mas terá o senhor que prover, com seu trabalho, à manutenção do Seminário. Não lhe enviaremos auxílios".

— "Vou assim mesmo. Deus providenciará..."

E no dia seguinte, em companhia doutros religiosos, despediu-se dos colegas o Pe. De Lombaerde, para rumar à Bélgica. (1)

*
* *

Quais foram as dificuldades iniciais da grande obra, êle mesmo o disse uma vez: "Passamos pobreza. Tivemos falta de muitas cousas. Valeu-nos o espírito de abnegação em que fôramos criados pelo nosso Fundador, Padre Berthier".

Um dia o Pe. De Lombaerde teve que comer no mesmo prato com o companheiro. Eram sòmente dois à mesa, e, não se sabe por que imprevisto, faltou um prato. Valeram-se da travessa, posta ao meio da mesa com os bocados de cada um nos dois cantos.

"Aquilo também não nos podia inspirar nojo algum — observa o nosso herói. Foi como uma refeição ao relento, entre colegas, em dia de pique-nique..."

*
* *

No meio da pobreza, não lhe faleceram auxílios reais da Providência divina.

---

1) Pe. JÚLIO-MARIA, *fatos de sua vida, narrados por êle mesmo*, opúsculo inédito.

"Foi confiado em Deus que obedeci a meus superiores — dizia. E Deus cumulou de bênçãos meus esforços. Não sei como, tínhamos sempre um bom número de alunos e lhes forneciamos tudo... A divina Providência era o nosso amparo".

Isto não quer dizer, entretanto, que o Pe. De Lombaerde tenha esperado exclusivamente do céu, com a inatividade dos ociosos.

Êle trabalhou. E trabalhou muita vez com as preocupações humanas que lhe deve ter inspirado a perspectiva de falta de recursos.

As missões que pregou e as obras que escreveu nesta ocasião foram as fontes principais de subsídios para o Seminário.

Nas primeiras, ganhava donativos, muitas vêzes pingues, de corações generosos.

"Admirei-me sempre da generosidade dos campônios do Alto-Loire — contava. Êles, muitas vêzes, nas missões, ofertavam quantias avultadas relativamente à sua pobreza". (1)

Duma feita, simples mulher do campo quis falar-lhe pessoalmente. Teve quase vontade de recusar-se àquela "importunação". Acedeu mais por zêlo das almas que por gôsto de distrair-se com uma pobre compônia.

A boa mulher, quase sem dizer palavra, apenas desenrolou do lenço, que trazia amarrado à cinta, várias moedas de ouro que lhe entregou, dizendo: "Do ano passado para cá economizei esta quantia, para ofertar a seu Seminário. Reze por mim e meus filhos uma Ave-Maria, sim?" (2).

Cenas destas repetiram-se em quase tôdas as cidades e aldeias. Eram dracmas da viúva, por isto mesmo bem mais abençoadas que enormes quantias de ricos.

*
* *

1) Op. cit.
2) Op. cit.

Não temos fontes históricas que informem sôbre o desenvolvimento do Seminário que nosso Padre dirigia na Bélgica.

Parece, entretanto, que não foi pequeno. Entre os retratos de seu álbum achamos um da Comunidade tôda, que chegava a quase 100 pessoas entre Padres, Irmãos Coadjutores e alunos.

Quanto à vida de piedade e disciplina ali implantada, era excelente, a darmos crédito ao próprio Padre Júlio-Maria.

Floresceu, sobretudo, entre os meninos e religiosos, o culto de Maria Santíssima, graças às conferências apaixonadas do Superior.

De um sacerdote, aluno do Pe. De Lombaerde, naqueles tempos, recebemos o seguinte pormenor: "Êle se nos afigurava, antes de mais nada, um apaixonado de Nossa Senhora em suas prédicas sôbre a Boa Mãe do Céu. Era impossível ouvi-lo sem convencer-se da necessidade imperiosa de amar a Maria. Alguns foram até levados a excessos pelo muito ardor com que saíam das conferências do Pe. De Lombaerde".

*
* *

Zelava o nosso Padre com grande carinho pela formação de seus seminaristas. Inflexível na disciplina, exigente na piedade, entusiasmador exímio para um ideal nos estudos, era êle sobretudo o exemplo da observância.

Pelo retrato que temos de sua comunidade êle se nos aparece como o mais novo entre os sacerdotes a pesar de ocupar o elevado cargo de Superior. Isto prova a confiança que nêle depunha o Padre Geral da Sagrada Família.

O mesmo sacerdote que nos dava acima o pormenor sôbre as suas prédicas marianas fazia-nos entender também do excessivo rigor com que êle buscava a observância

da regra em tôda a casa. Parece que o modo rijo de repreender já era um dos princípios de sua pedagogia na fundação de Wacken.

*
* *

Mas, antes de tudo, conquistava os corações dos alunos. A muitos conseguiu transformar por completo.

Autêntica e contada por êle mesmo a história de um pequeno transmudado de Demônio em Anjo. O Padre De Lombaerde ia publicar-lhe a vida com êste título sugestivo: "De Demônio a Anjo". (1) Parece, contudo, que sòmente a escreveu para exemplo dos outros seminaristas.

Eis os seus traços gerais.

Era o menino traquinas e endiabrado.

As admoestações gerais, as exigências da disciplina, o bom exemplo dos colegas e ameaças de expulsão de nada lhe valeram.

Desde os primeiros dias de Seminário, entretanto, observou o Pe. De Lombaerde que êle tinha um bom e puro coração.

Deliberou chamá-lo ao quarto. Não mais o castigou nem repreendeu em público. Tratou-o com doçura paternal. Falou-lhe da piedade. Mostrou-lhe o exemplo de muitos devotos de Maria Sma.

Em breve, já se via o pequeno aos pés da imagem de Nossa Senhora, a rezar o têrço.

Convidou-o segunda e terceira vez ao quarto o Pe. De Lombaerde. Quando êle cometia alguma falta mais notável, impunha-lhe uma penitência particular.

Após um ano, estava transformado. Era mais que devoto de Nossa Senhora. Tornou-se heróico nas pequenas mortificações e apóstolo nas suas conversas.

---

1) A principio anunciada com o nome de *Comment on se fait Saint, ou vie d'un jeune et saint Missionaire*, a obra nunca veio a lume ao que nos consta. Possìvelmente, devido à nomeação do Pe. De Lombaerde para as missões do Brasil, o que impossibilitou de ultimar seus escritos planejados.

Um dia, o Pe. De Lombaerde o surpreendeu, a subir de joelhos a escada que conduzia à capela.

— Quê isto, pequeno? Quê fazes?

— Estou ofertando a Na. Senhora das Dores uma penitência pelo meu péssimo comportamento... O senhor Padre não há-de mo proibir...

Pouco tempo depois, atacado de invencível doença, morria, como um santinho, o jovem, que antes parecia um demônio.

Todos lhe choraram a morte no Seminário de Wacken. As flores mil da saudade cobriram o seu túmulo cinzento. E o seu nome foi sempre lembrado, como um exemplo de fervor e devoção a Maria, entre os colegas que ficaram.

* * *

Relevemos um último traço do Pe. De Lombaerde nos inícios da fundação de Wacken.

Êle era um apóstolo da vida religiosa. Antes de tudo a vida comum íntegra, fervorosa, na sua comunidade. Timbrava em seguir os passos de seu antigo Mestre, que fôra sempre religioso exímio.

Uma idéia começou de preocupá-lo para logo, na Bélgica: a necessidade de clero religioso.

A desorganização dos Padres diocesanos, muitos dêles esquecidos da vida interior, enchia-o de verdadeira amargura e ao mesmo tempo o animava ao zêlo na direção do Seminário.

Eis a êste respeito as reflexões dêle, feitas anos depois: "Desde as minhas primeiras missões na Bélgica e na França, senti que a maior necessidade da Igreja era a formação de um clero religioso cheio de zêlo e de vida interior. Senti mesmo que o simples clero secular e os missionários não podiam afervorar as paróquias. Eram neces-

sários religiosos, vivendo vida comum, não só para pregar missões, mas para dirigir paróquias. Foi isto o que me influenciou mais tarde poderosamente o espírito para fundar uma Congregação de Padres, cuja finalidade primeira fôsse o serviço paroquial sem abandono da vida comum". (1)

A êste propósito, terminemos com a narrativa de um sonho, assaz interessante, que êle teve, possìvelmente nesta ocasião, e a que ligou mais tarde interpretação sobrenatural.

Eis a interpretação com suas próprias palavras:

"Era nos primeiros anos de meu sacerdócio.

Sonhei que ia caminhando por um descampado, em companhia de um Bispo.

Muito além, havia prédios grandes abandonados que haviam sofrido a ação do tempo e estavam cheios de buracos. O Bispo indigitou-os, dizendo:

—"Vês ? Aquêles prédios são conventos antigos. Entrego-te todos êles para que os concertes e enchas de padres...

Tive grande júbilo. Depois, reparei longamente nas velhas casas, e disse ao Bispo: "Mas são tantos conventos... Estão arruinados... E onde terei dinheiro para os concertar? Demais, Excelência, não há padres para os prover a todos...

— "Ah! Isto nada quer dizer, pois Deus providenciará tudo".

E continuávamos a caminhar. Já vínhamos entrando numa grande cidade. Neste ponto notei que estava des-

---

1) Alicerçado nestas mesmas convicções e nos exemplos de vários reformadores do clero escreveu na Bélgica o Pe. De Lombaerde um livro, em que propõe princípios para a associação dos clero diocesanos em comunidades religiosas, sob a orientação dos respectivos Bispos. Êste opúsculo, fundamentado nos melhores ensinamentos dos teólogos, como Suarez e Sto. Tomás, bem como nos exemplos de S. Vicente, Olier, Holzhauser e outros, não o publicou naquela ocasião devido à sua pouca idade e autoridade — segundo dizia. Traduz do para o português, estava para ser publicado, mas os originais, reenviados pelo prefaciador, perderam-se no correio e nunca mais foram achados.

calço. Enchi-me de vergonha por achar-me neste estado à presença do Bispo.

Ia pedir-lhe licença para tornar à casa a fim de calçar-me, quando acordei". (1)

* * *

É um sonho, um simples sonho que aí temos. Mas profundamente significativo para o futuro de Fundador que o Pe. De Lombaerde veio a ter um dia.

1) Pe. JÚLIO-MARIA — *fatos de sua vida.*

CAPÍTULO XIII

O apaixonado de Maria

Maria, o caminho suave de Deus — Traço característico da vida de De Lombaerde em Wacken — Como passava os seus dias — Escreve "Porque amo Maria" e outras obras — Decora o "Tratado" de Montfort — Funda uma associação com o nome de "Maçonaria de Nossa Senhora" — Texto da consagração de De Lombaerde —

O caminho suave de Deus é Maria Santíssima. Quando Deus quer atrair a si uma alma, leva-a primeiro a Maria. Enche-a de Maria. Inebria-a dêste amor fascinante de Mãe, antes de fazê-la sentir as próprias doçuras de Pai. É a grande lei da psicologia de Deus.

A mediação de Nossa Senhora não é tão só de ordem histórica, porque nos deu Cristo, Deus-Homem; não é tão só de ordem sobrenatural, porque exista uma influência de Maria sôbre as almas; ela é mesmo de ordem natural, psicológica, em virtude duma divina instituição.

Quando a alma encontra na boa Mãe do Céu um atrativo particular, acha a grande porta do caminho do amor. Em breve, êste amor, de feição simplesmente natural, vem a ser um elemento transformador e divino. De piedade natural, torna-se devoção; e de devoção transmudar-se-á em heroísmos fecundos de virtude, que geram o santo, o amigo de Deus.

"O amor de Maria não fica jamais inativo numa alma" — gostava de repetir aquele saudoso homem, cuja vida cheia de particular amor a Maria estamos bosquejando imperfeitamente. Esta frase traduzia uma experi-

ência longa, vivida entre os ardores da mocidade e não desfeita entre os achaques da velhice.

Era o retrato de seu espírito, a fotografia de sua alma, a história de sua vida.

*
* *

O Pe. Júlio-Maria, que era da progênie feliz dos santos, experimentou os efeitos salutares da devoção a Maria.

Esta devoção nasceu com êle no berço, acariciou-lhe os olhinhos puros de criança nalguma estatueta ou quadro da Virgem, sorriu-lhe animadora no santuário de Nossa Senhora de África, e foi a chama ardente na pira de todos os holocaustos da vida religiosa, pobre, humilde, abnegada, no Seminário de Grave.

Deus sabia a que o destinava. No longo itinerário por que o conduzia marcava-lhe a alma com o caráter dos grandes destinos. Não era uma caminhada em vão. Era a viagem formadora dos grandes espíritos.

*
* *

Em Wacken encontramos o mesmo Pe. De Lombaerde, cujo teor de vida não mudou nunca, nem no colégio de Thourout, nem nos areais da causticante África.

Mas aqui esta vida vai sublimada por um particular amor a Nossa Senhora.

Wacken é para De Lombaerde — seja-nos lícita esta comparação — o que foi Éfeso para o Apóstolo do amor, João Evangelista. É a intimidade sobrenatural com Maria Santíssima intensificando-lhe a piedade, dando-lhe um caráter próprio ao apostolado, fazendo-o produzir multidão incontável de obras sôbre o verdadeiro culto desta boa Mãe.

Podia-se resumir tôda a vida interior do Pe. De Lombaerde em Wacken, dizendo que ela foi uma vida de intimidade com Nossa Senhora.

E não era fútil sentimentalismo mariano. Era uma devoção real, baseada na teologia católica, refletindo-se em práticas de ascetismo rigoroso. As mortificações, macerações mesmo, que ali praticou, são disto a prova mais cabal.

O Pe. De Lombaerde estêve em Wacken três anos. Como foi que os passou?

Parte do ano ia êle, sobretudo durante o período pascal, pregar missões na França. Outra parte era consagrada à orientação do Seminário e à composição de seus tratados.

Quer nas missões, quer no Seminário, porém, — êle o assegurou — nunca deu de mão com as suas práticas de amor à Santíssima Virgem.

É fácil, com as informações de seus colegas e com as narrações dêle mesmo, construir-lhe a regra de cada dia num e noutro campo de apostolado.

*
* *

No Seminário de Wacken era o primeiro que se punha de pé e o último que se deitava. Desde 3 ou 4 horas, via-se a luz em seu quarto, e não raro era a noite tôda que se mudava em prolongada vigília de oração e escritos.

Levantando-se a comunidade, lá estava êle na capela para as rezas e meditações costumeiras. Estas, que eram, regularmente, sôbre a Sagrada Paixão, nos moldes seguidos em Grave, variavam de tema ao ensejo de alguma festividade mariana. Propunham-se, então, pontos das melhores obras dos santos sôbre Maria Santíssima, entre as quais o *"Tratado"* de Montfort e as *"Glórias de Maria"*, de Santo Afonso. Acompanhavam a leitura palavras de exortação do jovem superior à sua comunidade incrementando principalmente o espírito de sacrifício e mortificação por amor de Maria.

A santa missa era sempre dita com fervor, o que se via das pausas e entonação de voz. Mas tinha sua piedade

particular nas solenidades da celestial Rainha, dias êstes que eram passados em maior recolhimento e modéstia dos olhos.

As aulas, os estudos, as refeições, os recreios, queria-os o Pe. De Lombaerde santificados pela lembrança de Maria Santíssima. E, em todos êstes exercícios, tinha uma reflexão, uma palavra comunicativa de novos ideais e novas vistas para o sobrenatural.

O trabalho das missões — vê-lo-emos depois — não era dissociado das mesmas práticas. Pregações, catecismos, confissões, palestras — eram iluminados com o sorriso meigo de Nossa Senhora e vivificados com o conselho de mâcerações em honra de suas dores.

*
* *

Êste diuturno esforçar-se na devoção da vida de intimidade com Maria hauriu princípios em estudos aprofundados, que nos deram prestimosos livros, como: *Princípios teológicos da vida de intimidade com Maria Santíssima, Meu dia com Maria, Espírito da vida de intimidade, Porque amo Maria, Como amo Maria.*

O Pe. Júlio-Maria repetiu muitas vêzes a história da sua obra incomparável PORQUE AMO MARIA. Foi o trabalho de maior empenho intelectual durante sua mocidade. Muitas páginas foram escritas entre lágrimas da emoção mais sincera.

"Li — dizia êle — muitos livros sôbre a Santíssima Virgem. Minha leitura em Wacken era, antes de tudo, em livros de teologia marial. Poucos livros, porém, me satisfizeram. Uns me pareciam muito superficiais; outros, excessivamente sentimentalistas; alguns, finalmente, falhos e incompletos, conquanto excelentes. Disse sempre aos meus colegas: "Hei de escrever um dia um livro grandioso sôbre Nossa Senhora! Quero mostrar a sua verdadeira grandeza, seu amor, seu papel na obra de Deus. A maioria dos livros que tratam de nossa boa Mãe se me

nfiguram pálidas imagens de quanto a teologia encerra sôbre Ela. Hei de escrever um livro valioso ainda que êle me custe a vida por amor de Nossa Senhora".

E o Pe. De Lombaerde pôs-se a serviço da digna emprêsa. Não havia de faltar à sua promessa.

Existia no Seminário de Wacken uma coleção completa dos Santos Padres. O Pe. De Lombaerde lançou-se de corpo e alma à sua leitura. Quantas vêzes, ao raiar da aurora, tinha ainda a cabeça entre as mãos ou voava-lhe a pena sôbre o papel a anotar impressões e extrair textos! Foi êle mesmo quem o contou. (1)

Interessante o sistema por êle usado a fim de colhêr passagens comparativas de vários livros.

Eram os volumes alentados e dimensosos, difíceis de manusear, sobretudo quando três ou quatro ao mesmo tempo, como se fazia necessário para confronto de citações. O Pe. De Lombaerde abria-os então no assoalho do quarto, vestia um hábito velho, estirava-se junto dêles, e ali, de caneta entre os dedos, rojava de um a outro colhendo os dados que lhe pareciam mais úteis.

Porque amo Maria saiu-lhe um repositório eloqüentíssimo dos melhores elogios à Virgem. Freme naquelas páginas o amor apaixonado de Maria. Ninguém sabe talvez que êle foi escrito, quase todo, por êste curioso processo acima narrado!

*
* *

O livro dos livros para De Lombaerde, em Wacken, foi, depois do Evangelho, o *Tratado da verdadeira devoção*, escrito pelo Beato de Montfort.

1) Pe. JÚLIO MARIA — *fatos de sua vida contados por êle mesmo*, op. cit.

Seu entusiasmo por êste livrinho era tanto, que o decorou literalmente. Revelou mais tarde a um de seus padres saber de cor, em francês, o TRATADO, mais o SEGRÊDO DE MARIA, escrito pelo mesmo Montfort.

Com efeito, os livros que compôs, naquele tempo sobretudo, ressumbram citações de Montfort a cada página, e são, na doutrina e no espírito, o pensamento do grande Apóstolo de Maria Santissima. Haja vista os *Princípios da vida de intimidade*, também elaborados na oficina de amor que foi Wacken.

* * *

Mas o que mais revela o amor apaixonado de De Lombaerde à Santíssima Virgem é, sem dúvida alguma, a associação que fundou em Wacken com o nome de MAÇONARIA DE MARIA, segundo informações de um sacerdote seu colega. Ao menos era êste o nome que deram familiarmente ao sodalício.

Reuniu o Pe. De Lombaerde os principais devotos de Nossa Senhora para pronunciarem solenemente uma consagração à celestial Rainha e se imporem particulares obrigações, além das pedidas pela santa escravidão de Montfort.

As obrigações mais gerais eram as seguintes: fazer sob voto a Consagração a Maria, segundo a doutrina de Montfort; acrescentar a êste voto o de APÓSTOLOS o MARTIRES de Maria Santíssima; fazer mortificações especiais em honra de Nossa Senhora.

Foi o próprio De Lombaerde quem preparou seus colegas, uns sacerdotes e estudantes outros, exortou-os, encheu-os de entusiasmo.

Êle próprio chamou a esta associação MAÇONARIA DE MARIA por causa do aspecto de sociedade secreta que lhe deu. A filiação à sociedade não era permitida a todos, mas sòmente aos que se distinguissem por especial afeto à

santa escravidão e que houvessem dado provas de heróico espírito de sacrifício.

Doze foram os primeiros a se consagrar a Nossa Senhora. O Pe. Júlio-Maria descreveu mais tarde a seus filhos espirituais a cena da consagração marcada por um sacrifício especial : o de fazer-se insculpir no peito, a ferro em brasa, os nomes de Jesus e Maria !

Eis como êle narra o acontecimento : (1)

"Eu e meus companheiros éramos homens de espírito de sacrifício. Quisemos amar a Nossa Senhora — era quase uma pretensão nossa — como nunca fôra Ela amada.

Determinamos consagrar-nos a Ela no espírito de escravidão do Beato de Montfort. Levantamo-nos à meia noite, e fomos, todos juntos, aos pés de sua imagem, pronunciar nosso ato de consagração.

Éramos doze. Não fizemos sòmente um ato. Dando-nos à querida Mãe do céu, quisemos dar-nos completamente e em definitivo, obrigando-nos sob voto.

Direi mais ... devia calar muitas cousas ... mas para exemplo as direi ... Chegamos ao heroísmo : fizemo-nos marcar, uns pelos outros, a ferro em brasa, com os nomes de JESUS e MARIA !

Foi um espetáculo comovente êste produzido pela nossa generosidade. Viam-se os mais fracos estremecerem ao contacto daquela brasa viva que lhes devorava as carnes. Gemiam de dor, mas, enérgicos, suportavam aquêle martírio de amor !"

O fato foi confirmado por ilustre sacerdote holandês, colega do Pe. De Lombaerde em Wacken.

*

* *

(1) Pe. JÚLIO-MARIA — *fatos de sua vida narrados por êle mesmo* — Op. cit.

Foi nesta ocasião, certamente, que o nosso biografado escreveu e assinou com o próprio sangue o ato seguinte : (2)

«Em presença de Nosso Senhor, de tôda a côrte celeste, pelas mãos e em honra da Bem-aventurada Virgem Maria, eu juro e faço votos, para sempre, de ser escravo submisso da Santissima Virgem — de ceder-lhe, nesta qualidade, meu corpo e minha alma, meus bens interiores e exteriores, e o próprio valor de minhas boas ações passadas, presentes e futuras, a fim de que Ela disponha de mim e de tudo o que me pertence segundo bem quiser e para a maior glória de Deus.

Outrossim, juro e faço votos para sempre de me fazer Apóstolo da Bem-aventurada Virgem e, como tal, de defender seus direitos e privilégios e isto ainda a preço de meu sangue se fôr necessário — de fazê-la conhecida e amada quanto estiver em meu poder — segundo os meios e na medida que aprouver a Deus nos outorgar — conformando plenamente todos os meus esforços às observações e indicações de meus superiores legítimos.

Êste voto sagrado de ser vosso ESCRAVO, e vosso APÓSTOLO, e vosso MÁRTIR se fôr necessário, ó Beatíssima Virgem Maria, deponho-o em vosso coração, pedindo-vos a

---

2) Êste texto da consagração parece que foi copiado e subscrito pelos demais companheiros de De Lombaerde, e a sociedade erecta, com licença dos superiores maiores da Sagrada Familia, sujeitou a êstes os votos. É o que se depreende *das obrigações rigprosas* apostas no verso da consagração. Transcrevâmo-las.

OBRIGAÇÕES RIGOROSAS :

1) Praticar e propagar a verdadeira devoção, cada um na medida de seu poder e estado.
2) Defender os direitos e os privilégios do Maria por tôda a parte onde forem atacados, contraditos e diminuidos.
3) Fazer Maria conhecida e amada, cada um segundo seu poder, pelo exemplo, pelos escritos, pela palavra (cartas, sermões, conversas).
4) Dirigir as almas que por ventura estejam a nosso cargo, pelo caminho da verdadeira devoção.
5) Faltar sèriamente a êstes pontos, seja por relaxamento, respeito humano, ou esquecimento voluntário prolongado, constitui pecado grave.
6) Haverá pecado venial na negligência dêstes meios e destas práticas sem razão suficiente dictada pela prudência ou pela obediência.
7) As práticas exteriores de trazer a cruz e o contrato obrigam sob pena de falta venial.
8) A dispensa dêste voto ficará reservada ao superior-geral do instituto.

O modo de falar no contexto das presentes obrigações indica serem elas impostas a vários associados. Vejam-se, por exemplo, a 1.ª 3.ª e 4.ª obrigações, onde os têrmos CADA UM e NOSSO dão a entender obrigações coletivas.

graça de nunca violá-lo e de chegar, por vosso intermédio, a uma união íntima com o Coração de Jesus.

Como lembrança dêste contrato, trarei gravados em meu peito os nomes de Jesus e de Maria, uma cópia dêste ato, transcrito, e assinado com meu próprio sangue, assim como uma cruz de pontas agudas.

Em fé do que assino êste ato sôbre o altar da Bem-aventurada Virgem, na festa de sua Assunção gloriosa, em Wacken, no ano da graça de 1911.

JÚLIO-MARIA DE LOMBAERDE, filho, escravo, apóstolo e mártir de Maria". (1)

Quando uma alma chega a tais promessas heróicas, sem dúvida alguma, pode dizer-se realmente *apaixonada* por Maria Santíssima.

O Pe. De Lombaerde atingiu êste cume do amor a Nossa Senhora.

*

* *

Não podemos encerrar êste capítulo sem a narração de um dos seus mais ardorosos gestos de amor à Mãe dos Céus.

Reporto-me à defesa vigorosa que fêz do culto de Maria contra as objeções de um sacerdote alemão.

Devido ao grande entusiasmo e devoção mariana que logrou incutir em seus seminaristas, começaram a vê-lo alguns elementos do próprio clero como alucinado, sentimentalista, guiado por anormalidade de tendência religiosa.

Nada mais natural, considerando-se que o Pe. De Lombaerde era desta categoria de mentalidades superiores, raras, e por isso diferentes da turba multa dos medíocres.

---

1) Observa-se no texto de seu juramento — é curioso notá-lo — uma semelhança de terminologia com os juramentos maçônicos. Igualmente as solenidades que cercaram o ato, quais foram de subscrever o juramento com o próprio sangue e gravar no peito os nomes de Jesus e Maria — tudo lembra rituais da seita de Hiram. Temos então o grande inimigo da seita perversa santificando para o bem quanto ela realiza diabòlicamente para o mal.

A mediocridade existe em tôdas as classes e vegeta em tôdas as épocas. Por que admirar-se de que ela apareça também entre o clero?

Certa noite, ao abrir a correspondência, deparou o Padre De Lombaerde com a carta de um sacerdote, até renomado, do clero alemão, na qual se liam palavras desabonadoras do "excessivo" culto de Maria existente na Casa de Wacken. (1)

Apelava êste Padre para o êrro do "sentimentalismo francês" na devoção mariana.

O modo de argumentar, tirado de falsa interpretação de Santo Tomás, e a autoridade do subscrevente davam tal e qual persuasão aos erros ali contidos, que o Pe. De Lombaerde sentiu a ação nefanda do espírito das trevas.

O coração pulsou-lhe com fôrça, indignado. Não pôde tolerar que tão vilmente se denegrisse o puro afeto a Maria que sempre quis ver entre seus súditos. Tomou pena e papel e fêz propósito de não largar mão dêles enquanto não tivesse esmagado e desfeito em pó o equívoco diabólico.

Foi aos albores da manhã seguinte que deu por finda a sua tarefa, quando possuia em mãos os originais duma brochura intitulada: *Brado de alarme ante um insulto infernal contra o culto da Virgem Imaculada.* (2)

São páginas regadas de lágrimas, e escritas com a emoção e carinho de filho revoltado em face do desacato com que via tratada a sua Mãe.

"Escrevi-as numa noite, dizia o nosso Padre. Foram feitas como um relâmpago em noite de tempestade. Abraçado à imagem da Virgem, que sempre usei ter sôbre minha

1) A carta não foi, certamente, dirigida ao Pe. De Lombaerde. É provável que o tenha sido a outro Missionário da mesma residência, vindo a passar primeiro pelas mãos do Pe. De Lombaerde, que era o Superior. Destarte se explica porque dizia êle, ao narrar o fato, ter sido a carta endereçada a um de seus súditos, enquanto na brochura que escreveu para refutá-la diz devê-la *"a um amigo, assim zeloso da glória de sua Mãe do Céu, como vigilante de preservar-se de todo o êrro"*. Confira-se *"É preciso que ela reine"*, cap. VI.

2) O opúsculo foi escrito em francês. Não possuimos, entretanto, o original. O autor nunca o publicou, para não dar aso a polêmicas futuras com um sacerdote. Mais tarde, fê-lo trasladar para o português. É êste texto que havemos em mãos. O título foi posteriormente mudado para: — *É preciso que Ela reine!* A obra, porém, não se publicou, até à morte do seu autor.

mesa de trabalho, pus-me a escrever como um energúmeno, desvairado de indignação ... e — por que não dizê-lo ? — chorando realmente, por ver até que ponto podia chegar o desvirtuamento de uma inteligência a serviço do demônio. Com efeito, eu senti que amava muito a Nossa Senhora quando a vi ofendida !"

Apalpa-se, efetivamente, a cada página, o coração a fremir. E o autor observa no tópico inicial:

"Começando estas linhas não posso dizer outra cousa para justificar o plano que quero seguir, e que até mesmo ainda ignoro, senão confessar que meu coração está inundado, que minhalma transborda e que é preciso desafogar-me nesses brados pressurosos, sem nexo talvez, mas que brotam da mais íntima de minhas convicções de cristão, de sacerdote e de missionário".

O fêcho do livrinho, por seu turno, é um grito apaixonado :

"É preciso que Ela reine!
Minhalma só viverá dêste desejo !
Meu coração só palpitará com êste amor !
Minha inteligência, minha memória, minha vontade, todo o meu ser há-de estar a serviço desta causa !
Para fazer reinar Maria :
— eu serei seu apóstolo pelo exemplo !
— seu arauto, pela palavra !
— seu lutador, pela pena !
Por tôda parte e sempre ...

Até o meu último suspiro, exclamarei : É preciso que Ela reine !

E só dormirei em paz meu derradeiro sono, quando puderem ecrever sôbre meu túmulo : "Ela reina !"

Quem o conheceu, sabe quanto estas palavras foram sentidas e vividas. Êle foi o Apóstolo do amor de Maria,

como São Paulo foi o Apóstolo do amor de Cristo. Mais que ninguém, êle podia apropriar-se das palavras de São Paulo e dizer: "Seja anátema quem não amar a Nossa Senhora".

*
* *

Terminando, devo afirmar que é impossível dizer tudo a respeito da vida de amor a Maria que o Pe. De Lombaerde levou em Wacken.

Impossível dizer tudo ... As almas nobres e grandes ocultam aos sentidos do mundo o que têm de mais nobre e grande em si mesmas.

Mas sempre alguma cousa se revela nas palavras, nos gestos, na vida tôda; o bem é necessàriamente comunicativo. E foi assim que, por mais esfôrço para esconder os segredos de Wacken, o próprio Pe. Júlio-Maria os revelou, ao menos em parte. Certa vez lhe escapou dos lábios, numa conferência sôbre o amor de Nossa Senhora, esta palavra: "Desde os primeiros anos do meu sacerdócio, não me satisfiz com ser devoto de Maria Santíssima. Eu quis ser dela um amante apaixonado! Quis escrever sôbre Ela o que de melhor e mais elevado se pudesse escrever! Quis, enfim, torná-la amada pelos homens como nunca Ela o fôra dantes. Foi meu ideal, minha paixão durante as missões na França!"

Êste tópico, apanhado ao flagrante duma conferência, pronunciado com o rosto em chamas de ardor e os olhos vivos de amor santo, retratam ainda outra vez o apóstolo apaixonado da Mãe de Deus que foi o Pe. De Lombaerde na residência de Wacken.

Tôda a sua história ali se reduz nesta única expressão, roubada às suas próprias palavras: *Êle foi um apaixonado da Virgem.*

CAPÍTULO XIV

O Apóstolo

Pe. De Lombaerde figura de Apóstolo — Suas missões na França — O missionário dos homens — Lembrança da missão em Sorlhac O missionário de relâmpagos e trovões — A conversão de uma pecadora pública — Manso e misericordioso com os pecadores — Felizes recordações!... — O missionário penitente — Conclusão.

A transfiguração sublime do homem é o Apóstolo.

O homem, no sentido mais completo do têrmo, realiza-se neste ideal: ser apóstolo. É uma exigência de sua condição social. É um postulado natural da criatura inteligente.

Dotado de razão e de liberdade, e feito para estar com seus semelhantes, o homem aspira a comunicar-se, a unir-se, a trazer todos a si e a enchê-los de sua própria idéia. (1)

Na economia sobrenatural inaugurada pelo cristianismo, êste fato psicológico toma vulto incomparável. O

---

1) Belamente exprimiu esta verdade um autor primoroso e profundo, PE. LEONEL FRANCA: "Em face da pressão social o individuo já não é um receptor passivo; age e reage de acôrdo com os juizos de valor que lhe traçam um programa de vida. Os seus atos e as suas omissões, as suas atitudes em face das instituições sociais, tôdas as manifestações de sua atividade tendem espontâneamente a exprimir a verdade que lhe ilumina e abrasa a vida interior. As convicções quando profundas aquecem e acabam por inflamar-se com entusiasmos de proselitismo irradiante. O homem transfigura-se em apóstolo. Depois da alma própria, outras almas se conquistam à idéia querida que unifica e salva. Nas individualidades ricas e bem dotadas, estas razões supremas tendem a tornar-se cada vez mais nitidas em suas grandes linhas e mais convincentes em tôda a extensão de suas exigências". — (A CRISE DO MUNDO MODERNO", pág. 45).

mistério da vida divina no coração do homem busca expandir-se na medida de seu crescimento e intensidade. E nasce, da pequenez do cristão, a grandeza do Apóstolo.

*
* *

O Pe. De Lombaerde era um coração inflamado e uma alma apaixonada.

Tudo nêle não se continha nos estreitos limites do individualismo. Queria a expansão, que caracteriza a fecundidade das nobres vidas.

Era assim naturalmente. Era assim sobrenaturalmente. Gênio e temperamento, vida interior e paixão ardente conglutinaram-se, fazendo o sacerdote apóstolo.

E então vêmo-lo qual São Paulo, cheio de amor de Cristo, escritor e pregador ao mesmo tempo. Percorre vilas e aldeias, metrópoles e cidades, sacode as multidões com o verbo candente da verdade...

E, à noite, horas caladas, quando as trevas descem silentes envolvendo os lugarejos a dormir impressionados com os sermões do Missionário, êste se recolhe à solidão da prece, ou ascende nos vôos da eloqüência escrita, para falar às almas longínquas, atuais e vindouras.

*
* *

Pregar e escrever, pregar de dia e escrever grande parte da noite — tal foi a atividade externa do Pe. De Lombaerde nas missões, sem falar da atividade interior, muito mais ardente e fecunda.

Durante o curto espaço de três anos que estêve em Wacken, o Pe. Júlio De Lombaerde saía a pregar missões, sobretudo na França, no Alto-Loire.

Estas missões foram realmente arrebatadoras, segundo os poucos dados que possuimos de seus companheiros e

segundo o que êle próprio narrava com grande simplicidade e espírito de agradecimento a Deus.

Vamos dizer sôbre êste assunto o que êle contou e o que doutros nos foi possível colhêr.

*

* *

O Pe. De Lombaerde assinala, nas GRANDES ÉPOQUES DE MA VIE, que concionou em França nas Páscoas de 1910, 1911 e 1912.

Segundo outras informações, porém, suas prédicas não foram sòmente na Páscoa, mas ainda noutros tempos do ano.

Dupla era a atividade nas missões, ou duplo o gênero de apostolado: a conversão dos pecadores e a conquista de almas generosas para a vida religiosa.

À primeira emprêsa reservava maior parte de seu tempo, e eram as missões pròpriamente ditas. Depois, vinham as conferências especializadas, mormente para as jovens, que levava, em crescido número, para os conventos.

O modo de missionar era o mesmo em tôdas as paróquias por que passava afora diferenças acidentais. Êle mesmo foi quem o disse.

O período de evangelização era de quinze a vinte dias em cada localidade, com cêrca de três a quatro práticas diárias. Estas versavam sempre, em primeiro lugar, as grandes verdades, e, depois, outros assuntos doutrinários, dogmáticos e morais.

*

* *

Desde o incidente de seu tempo de Diácono narrado precedentemente, (1) nunca mais escreveu por completo os seus sermões. Foi sempre fiel à promessa feita de não buscar belezas de frase para grangear louvores humanos.

1) Cf. Cap. X "Subindo ao altar de Deus", págs. 123-124

O seu preparo às conferências consistia num lembrete antecedentemente escrito e decorado, no qual iam tópicos da Escritura e dos Santos. O desenvolvimento era feito na hora, sem preocupação de frases pomposas.

Temos sua caderneta de esbôços. Ela nos apresenta resumos de vinte conferências, sôbre as verdades que comumente se pregam nas missões: Necessidade e meios da salvação; gravidade do pecado; a morte; o juízo; o inferno; o céu; a oração, a comunhão, fuga das ocasiões; a devoção a Maria Santíssima, o zêlo de salvar nossos irmãos; o perdão das injúrias; a guarda do domingo, a gravidade da blasfêmia, as boas obras; a impureza, seus males, seus remédios; o amor de Deus e do próximo, etc., etc. Êstes eram os sermões que pregava por tôda a parte com grande êxito, já retórico, já espiritual.

Êle mesmo não reputava orgulho dizer que suas missões no Alto-Loire foram coroadas do sucesso mais vantajoso.

"Preguei em grande parte da França — dizia. Nosso Senhor abençoou sobremaneira a minha palavra. Eram numerosas as conversões, tão numerosas que eu mesmo tinha mêdo de que fossem uma ilusão.

Apesar de não preparados com esmêro literário, eram os meus sermões de enorme efeito oratório. Acorria gente em número considerável, e, com a minha palavra, fazia das multidões o que desejava. Muitas vêzes as fiz chorar, e outras, não raro, gritar pedindo misericórdia a Deus pelos seus pecados.

Nosso Senhor dotou-me de natural eloqüência para fazer o bem. Por isso, jamais quis atribuir senão a Êle tudo o que realizei.

Por onde passei, não deixei cidade que não reconduzisse ao fervor das práticas religiosas e em que a maior parte dos homens não acorresse à mesa sagrada". (1)

*

* *

1) Op. cit. inéd.

Importante notar que eram os homens os privilegiados do Pe. De Lombaerde. Por tudo e acima de tudo, queria conquistá-los, de preferência às mulheres.

A propósito, contava êle um fato, que parece anedota, mas não o é. Caso realmente ocorrido — aliás por êle provocado — em certa aldeia do Alto-Loire.

O local era conhecido pela pouca religiosidade e notório afastamento dos homens.

O cura pediu ao Pe. De Lombaerde a graça de uma missão. Êste se apresentou.

Na primeira noite, havia sòmente mulheres na igreja. Mostrou-se exasperado o missionário. Exasperado não com o Sr. Cura, mas com o povo. Subiu ao púlpito, e disse às mulheres que não viera ali pregar para elas. Hoje, portanto, — afirmou-lhes — não haverá sermão. Amanhã darei início às santas missões, que são consagradas sòmente aos homens. É absolutamente interdita a entrada às mulheres na igreja êstes dias..." E por estas palavras despediu, com um gesto de mau humor, as senhoras.

No dia seguinte, compareceram alguns homens e cresceu o número de mulheres. Que fêz o Pe. De Lombaerde ? Mandou peremptòriamente que as senhoras se retirassem e permanecessem na igreja tão só moços e homens casados. Ordenou que o sacristão, compulsòriamente, pusesse para fora algumas recalcitrantes, e fechasse as portas.

A terceira noite, via-se a nave do templo repleta de homens ...

Padre De Lombaerde ficou radiante ! Continuou, entretanto, a dizer que viera para falar aos homens, e que só no último dia teriam conferência as mulheres.

Com efeito, ao penúltimo dia, anunciou : "Amanhã darei prática especial para as senhoras. Essa prática será com proveito para os caros homens. Mas não é proibido que assistam a ela".

A curiosidade dos homens não lhes consentiu que faltassem. E o sermão foi para todos.

A missão teve encerramento com numerosa comunhão geral, em que homens disputavam com as mulheres um lugar na mesa sagrada.

* * *

Remanescem, entre os papéis do nosso biografado, alguns folhetins de lembrança das missões pregadas por êle. Rememoram aos fiéis missionados as obrigações dos bons cristãos e as práticas destinadas a conservar os frutos dos dias de graça. Um dêstes folhetos foi distribuído nas missões em Sorlhac (Abril de 1911). Vamos citar os conselhos finais que aí se encerram, para que se avalie bem dos assuntos das pregações e do coração paterno que distinguia o Missionário.

"DERRADEIROS CONSELHOS DOS MISSIONARIOS AOS CAROS FIÉIS DE SORLHAC"

Terminando esta missão, a que haveis assistido com tanta assiduidade e em que tamanhas provas nos destes de confiança e afeição, vossos Missionários ùnicamente preocupados com vossa felicidade querem deixar-vos um sinal de seu devotamento e solicitude.

Parece-lhes, neste intuito, que nada de melhor podem fazer, que repetir-vos uma última vez a palavra de Santo Afonso: *"O verdadeiro servidor de Maria não se pode condenar"*.

Maria escolheu vossa paróquia como um lugar de peregrinação e como um centro donde Ela quer reinar sôbre seus filhos (1). Começai por fazê-la reinar sôbre vós, em vosso proceder, em vossa vida.

Por amor de Maria, portanto, caros fiéis:

1) Fazei vossa oração de manhã e à noite;
2) Santificai o Domingo;

---

1) Estas palavras dão a entender que Sorlhac possui algum Santuário, onde a Virgem dispensa os seus favores e para onde afluem numerosos os peregrinos.

3) Freqüentai os sacramentos, ao menos todos os meses.

4) Não blasfemeis nunca. (2)

E a êstes grandes deveres da vida cristã, ajuntai cada dia uma prática de devoção à Santíssima Virgem:

1) Três Ave-Marias pela manhã e à noite, com uma invocação.

2) Trazei convosco o escapulário e a medalha.

3) Fazei todos os Domingos uma visita à Virgem milagrosa.

4) Recitai todos os dias ao menos uma parte do têrço.

Por amor a Maria sêde fiéis a estas resoluções da Missão, e o céu vos estará assegurado, como diz Santo Hilário: *"Um servidor de Maria não se perderá, ainda que haja sido o maior dos pecadores"*.

*

* *

Êstes paternais conselhos à gente de Sorlhac nos mostram o caráter mariano que o Pe. De Lombaerde imprimia a seus trabalhos apostólicos. Vibra aí o canto de amor do missionário apaixonado de Nossa Senhora.

Uma das lembranças aliás mais comprobativas do timbre mariano de suas missões é o livro que escreveu com a epígrafe de: *Mês de Maria das Missões*. (3)

Neste opúsculo de cento e poucas páginas lega aos devotos que lhe ouviram as missões a doutrina popular sôbre a vida de Maria Santíssima e as lições que ela encerra para as almas devotas da boa Mãe do Céu.

*

* *

2) A blasfêmia era, na França daqueles tempos, assim como a profanação dos dias santificados, um dos crimes hediondamente generalizado. Nossa Senhora, ao aparecer em La Salette, chorando sôbre os pecados da França, reclamou principalmente contra êste horroroso abuso da linguagem humana.

3) MOIS DE MARIE DES MISSIONS — Editions Bonne Presse du Midi — Vaison-la-Romaine (Vaucluse).

Nas jornadas missionárias do Pe. De Lombaerde transparece-lhe, já o coração de pai, já a violência do vergastador de vícios que sempre foi.

Se era todo mansidão como reluz na mensagem supra aos fiéis de Sorlhac, era também todo rigor, e quase dureza, para os impenitentes ou recalcitrantes.

Noutros folhetos espalhados em *Vazelles* e *Blassac* (março de 1912), o seu modo de falar não é tanto a doçura paterna que se traduz em expansões de santidade. É o vigor da palavra, que inicia por êstes têrmos: "Caros fiéis de Blassac, pensai muitas vêzes no seguinte: — Aquêle que zombar de mim neste mundo, eu zombarei dêle diante de meu Pai, disse nosso Senhor".

Um sacerdote atesta que o Pe. De Lombaerde era o Missionário dos relâmpagos e trovões pela sua ousadia. Pregava com veemência nunca vista, objurgando do alto do púlpito os vícios mais comuns na cidade, sem condescendências para pessoas ou classes de relêvo social.

Depois de ter falado na igreja para os que ali acorriam espontâneamente ia ousado dizer a verdade aos que ficavam em suas casas para não ouvi-la. Penetrava nas moradias de homens indiferentes e maus, forçava-os a ir à igreja, arrancava com muitos dêles ao canto da sala, obrigando-os a ajoelhar-se para uma confissão, ainda que não houvesse possibilidade de chegar a absolvê-lo.

Obrigou a não poucos concubinários a expulsar de casa a companheira de pecados ou trouxe os não impedidos a convivência honesta após casamento religioso.

Em alguns lugares penetrou, cheio quase de intempestivo zêlo, nas casas de devassidão, lançando em rosto das meretrizes a culpabilidade que tinham da perversão dos moços e desunião das famílias. Algumas dentre elas arrebatou para casas de regeneração, e doutras exigiu abandonassem o lugar onde êle anunciara a palavra de Deus.

Os meios enérgicos, entretanto, só eram usados depois que esgotava os recursos da misericórdia.

*
* *

Numa cidade — contou êle mesmo — perguntou, logo no primeiro dia, ao Pároco pela causa principal de relaxamento em sua paróquia e pelo pecado mais comum. Era sua intenção iniciar tocando de chôfre na chaga.

— "A desgraça de meu rebanho, Sr. Padre, são duas mulheres infelizes que aqui existem. De rara beleza de rosto e de requintes de perversidade na alma, elas seduzem moços e casados, reduzindo êste local a verdadeiro alcoice de Gomorra. Desde que aqui chegaram, decresceu a freqüência dos sacramentos, aumentou a profanação do domingo, arruinaram-se os lares, multiplicou-se o número de mortos impenitentes".

— "É preciso, então, arrancá-las daqui — adiantou De Lombaerde. O pecado da carne é o maior empecilho para os frutos de uma missão. Começarei verberando êste mal de sua paróquia".

— "Mas, Sr. Padre — objetou o Pároco — estas rameiras são os ídolos na cidade. Atacar êste ponto seria atrair o ódio de muitos de seus cúmplices. V. Revma. não pode cometer tamanha imprudência.

— "Hei-de cometer justamente esta imprudência...

À hora do sermão, quando o missionário vestia a sobrepeliz na sacristia, entrou agitado e confuso o Vigário, a dizer: "Pe. De Lombaerde, pelo amor de Deus, não diga nada àquele respeito... Não diga... as mulheres de que lhe falei se acham na igreja, justamente perto do púlpito. Se algo disser V. Revma. correrá risco de ser ultrajado dentro do lugar santo..."

Pe. De Lombaerde acalmou-o com alguns gestos de aquiescência.

A seguir, foi para o púlpito, iniciou o sermão falando sôbre o inferno. Subiu à maior eloqüência de que era

capaz, descrevendo a cores vivíssimas o horror do fogo eterno.

Quando a multidão estava suspensa de temor, êle interrompeu com o patético desta frase:

— "E sabeis quem primeiro dentre vós vai cair neste abismo de horrores? São duas criaturas, causadoras de todos os males nesta paróquia... São duas mulheres, que têm cedido suas almas a Satanás e seus corpos à ignomínia, para arrojarem no inferno os cúmplices de seus pecados! Maldição sôbre elas e sôbre quantos as seguem no louco desvario do pecado!"

A multidão pousou os olhos sôbre as infelizes, que, envergonhadas, baixaram as cabeças, onde se viam os esquisitos e sedutores toucados.

O Missionário prosseguiu com o látego fulminante e convicente. Falava para elas, só para elas.

E a multidão colhia das migalhas que caíram da mesa farta servida às pródigas e miseráveis filhas de Eva...

Após o sermão, elas ficaram na igreja. Não tinham talvez ânimo de enfrentar os apupos dos poucos bons e os sorrisos de seus companheiros de crime.

A graça de Deus atuou. E elas apresentaram-se também, confusas, ao Padre, pedindo confissão.

Foi-lhes exigida uma reparação pública, antes da comunhão. Haviam de estar, durante as santas missões, no primeiro banco, à frente do altar, à hora dos exercícios.

No dia do encerramento, voltavam as almas pródigas, reconciliadas, a comer do banquete da vida na casa do Pai Celeste.

Estas mulheres foram das que o Pe. De Lombaerde conduziu para um abrigo de regeneração, cheio de felicidade, daquela felicidade do Bom Pastor, que torna ao redil com a ovelha aos ombros.

*

* *

A severidade não era, está claro, o único processo dos trabalhos apostólicos do nosso Missionário. Sabia usar da mansidão e do carinho. Fôra necessário vê-lo no confessionário sobretudo, para se apalpar a largueza de seu coração, todo caridade para os pecadores.

Eis o que êle mesmo dizia:

"Em missões na França, tive por norma jamais repelir os pecadores nem tratá-los menos delicadamente no confessionário... No púlpito falava quase com um certo rigorismo, convencido de que "o temor é o princípio da sabedoria", mas, no santo tribunal, buscava por mim mesmo suavizar o que havia dito, mormente com os grandes pecadores a fim de não desanimá-los lembrado da palavra de Jesus: "Quero a misericórdia e não o sacrifício".

E doutras vêzes assegurou que foi não raro pessoalmente à casa de homens afastados dos sacramentos convencê-los, com tôda a doçura, de que precisavam de Deus. Falava-lhes, então, da alegria da boa consciência, da felicidade de ser bom. Facilitava-lhes a confissão em separado aos mais vencidos do respeito humano. E foram numerosos os que, assim, conseguiu salvar.

*
* *

Tinha o Pe. Júlio-Maria viva saudade dos belos dias de sua mocidade apostólica. Muitas e muitas vêzes lembrava o gôzo íntimo que experimentava entre os mil trabalhos das missões, percorrendo aldeias e cidades.

Anos de vibrante entusiasmo, de ingentes sacrifícios! Sem dúvida, o Pe. De Lombaerde deve ter sofrido.

As críticas dos próprios amigos não faltaram, quem sabe, às arremetidas do Missionário. As contradições, os humorismos talvez, os cansaços, os desgostos profundos — êle

os teve e guardou com a avareza que distingue as almas que gostam de sofrer.

*
* *

E tudo isso era ainda completado com as macerações de seu corpo. Praticou-as êle? Sem dúvida alguma.

A cruz de pontas que trazia sôbre o peito e o cilício de grampos de arame em tôrno da cintura — foram os instrumentos de que usou.

Uma religiosa, que muito o conheceu, afiança que êle mortificava sobremaneira seu corpo, o que é de crer-se mormente durante as missões.

As noites, não as perdia. O repouso era reduzido. Gastava longas horas, mesmo após dias de intenso serviço, elaborando seus livros, muitos dêles verdadeiras páginas de contemplação arrebatadora.

Tudo isto sem falarmos da oração e meditação que êle mesmo disse não ter abandonado nunca, a não ser passageiramente, e só para atender ao ministério.

*
* *

Bela e nobre figura de missionário! As aldeias, por onde passou, talvez ainda lhe guardem o nome, e os anciões talvez ainda lhe saibam de cor as palavras de remate às suas prédicas.

Nos burgos humildes, onde os simples penetram melhor as coisas grandes de Deus e vivem melhor os mistérios da fé, o púlpito mudo e o confessionário cheio de sigilo recordam, no silêncio das igrejas, ao tremular da lâmpada dos sacrários, em que êle depôs a Hóstia Consagrada, a sua figura de missionário, os seus traços de asceta, as suas preces de santo!

CAPÍTULO XV

O pregador da vida religiosa

Aspecto formador dêste seu apostolado — Encontro com as Irmãs da Providência — Descortinando às almas horizontes novos — Seu modo de falar sôbre a vida perfeita — Resposta que deu a certas moças levianas — Falando aos jovens — Um milagre a favor da vida religiosa — Conclusão

É ainda a missão do Apóstolo que continua. O Pe. De Lombaerde foi um missionário ardente, um porta-voz de Cristo, um grande bandeirante do Evangelho.

Seu apostolado, porque verdadeiro, era um transbordamento de vida interior. E porque a sua vida interior se amoldava, antes de tudo, nas regras religiosas, tornou-se êle um apóstolo da vida religiosa.

É a segunda e importante fase de sua obra missionária na Europa, que merece desenvolvida nesta biografia.

Apanágio de uma grande alma, êste aspecto de suas missões revela-nos também — cumpre lembrá-lo — a ação de Deus formando o Fundador. O Pe. Júlio-Maria será mais tarde um implantador da vida religiosa sob novas formas nas plagas brasileiras do norte e do sul. É o desígnio de Deus.

E o Espírito Santo nêle cria, esmerila e embeleza, desde já, o espírito que animou aos santos fundadores de todos os tempos. Fá-lo conhecer e amar a vida religiosa. Descortina-lhe as abnegações heróicas das almas, para mostrar-lhe que a graça de Deus é capaz de todos os prodígios.

Inflama-lhe o coração de zêlo pelos conventos, impele-o com santo entusiasmo a povoá-los de generosas e fiéis espôsas do Cordeiro Imaculado.

Quando o Pe. De Lombaerde chegou a Wacken, a primeira dificuldade com que se viu a braços foi a de um prédio onde se estabelecesse para dar início ao Seminário.

As Religiosas da Providência valeram-lhe nesta conjuntura. Por um desígnio divino, foi êle bater às portas desta comunidade religiosa, que lhe alugou uma casa desocupada.

Nasceu dêste primeiro encontro uma santa amizade, jamais desfeita, e benéfica para êle e para as piedosas freiras. (1)

Seja por gratidão às religiosas, seja porque elas lhe pediram, pôs-se a trabalhar nas suas missões recrutando jovens aspirantes sobretudo para esta Congregação. Era, aliás, uma velha aspiração de sua alma tornar mais conhecida a vida religiosa, "êste caminho reto de santidade", "esta glória da Igreja Católica", "esta fonte de consolações para o Coração de Jesus", como êle mesmo se expressava.

*

* *

Nas missões, falava o Pe. De Lombaerde sobretudo da precisão de salvar a alma. Não esquecia, porém, depois do primeiro passo do pecador, indigitar-lhe as sublimes elevações da vida cristã.

"Sob a pressão das verdades terrificantes é que os pecadores se convertem" — dizia êle. — "Mas não basta o temor. Após a conversão, que é a saída do pecado, torna-

1) É o de que nos dá notícia uma superiora de residência da citada Congregação. Tomemos alguns tópicos de sua carta:

"Ce n'est pas en France que je l'ai connu, mais en Belgique, où il était Supérieur d'un Juvénat (à Wacken) dans une maison que lui louait ma Communauté, qui se félicitait d'avoir un si saint locataire. De mon côté exilée en Belgique (à Ypres) par la persécution religieuse, j'avais occasion de le voir de temps en temps.

Nos Supérieures l'avait prié de nous visiter quelquefois et il nous a fait, à moi et à mes Filles, le plus grand bien".

(Soeur Pichard, religieuse de la Providence — Andaine — Orne — França).

se preciso um ideal superior. Muitas almas não chegam a uma alta santidade por não encontrarem diretores esclarecidos, que lhes apontem os cumes da espiritualidade. Eu gostava de mostrar às almas generosas, e mesmo às convertidas recentemente, a bela visão dos claustros, para que se animassem a servir a Deus com reparação das fraquezas passadas. E jamais preguei em vão. O mundo encerra em seu seio muitas almas capazes de grandes cousas e que se perdem por fraqueza ou ignorância".

Ei-lo, pois, à conquista de almas de escol, após já ter conduzido ao redil de Cristo as ovelhas transviadas.

Durante as missões, fazia conferências particulares para moços e donzelas das várias associações. Falava-lhes da vida religiosa como o ideal da vida cristã.

*
* *

Êle mesmo dizia mais tarde qual foi o plano destas conferências. É a mesma doutrina que se lê em seus livros, notadamente em "O ANJO DA LUZ". (1)

Preferia, porém, deixar as teses teológicas dos tratados para se dirigir ao público numa linguagem acessível, e mesmo jocosa.

Certa vez, contou êle, na aula de eloqüência, a seus teólogos, como versava popularmente para os moços a tríplice via dos estados de vida cristã.

Eis, mais ou menos, o seu modo pitoresco de falar:

"Três vias temos nós para irmos ao céu: pelo MATRIMÔNIO, pelo CELIBATO NO SÉCULO, pela VIDA RELIGIOSA. É como se eu dissesse: podemos ir ao céu, ou A PÉ, ou A CAVALO, ou de AUTOMÓVEL. Quem vai ao céu pelo matrimônio, é como se viajasse a pé; a viagem é penosa, exposta a muitos contratempos e cansaços...

1) Veja-se esta doutrina nos caps. X, XI e XII, às págs. 181-244.

quantas vêzes os pés se encharcam numa poça de lama, e vêzes quantas é o viandante obrigado a caminhar sob a canícula ardente do sol ou sob os aguaceiros das chuvas... Difícil entrar limpo completamente no céu, caminhando a pé!

Quem vai a cavalo, isto é, quem pratica o celibato no mundo, vai com maior facilidade. É mais célere. Cansa-se menos. Galga mais suavemente as montanhas. Mas não escapa tão de pronto aos perigos da jornada. Podem ainda os respingos de lama manchar-lhe as roupas, e é preciso sempre usar do chicote e da espora para espertar o rocinante.

Magnífica a viagem de automóvel, sobretudo numa estrada plana e sem lama! Corre velozmente o carro. A capota abriga-nos do sol, da chuva e da poeira. As poltronas são macias e as molas do carro amparam os solavancos.

Assim viajam para o céu os religiosos, abrigados dos perigos do mundo, passando rápidos pelas estradas lamacentas da existência e chegando certos à terra formosa da eterna vida". (1)

Óbvio que uma tal linguagem era popular e interessante.

Foram numerosos os jovens que o Pe. De Lombaerde levou para os conventos da Bélgica e da França.

*
* *

O número de moços, porém, não foi tão crescido quanto o de donzelas. Estas acorriam pressurosas ao apêlo do missionário, prêsas pelas grandes maravilhas da vida religiosa que êle lhes descortinava.

Os resultados destas pregações sôbre a vida religiosa chegaram a surpreendê-lo. É o que nos diz o seu

1) Pe. JÚLIA-MARIA — *fatos de sua vida contados por êle mesmo.* (Op. cit. Inéd.).

Superior Geral: "Por causa de seus discursos sôbre a vida religiosa, eram tantas as jovens que queriam entrar para o convento, que êle mesmo ficou assombrado". (2)

*

* *

Sua palavra tinha o pêso da autoridade, porque alicerçada no exemplo de uma vida religiosa observante e firme. Nêle falava o coração pela bôca, e argumentava a rigorosa vida como a melhor dialética da doutrina. Pe. De Lombaerde apresentava-se ante o auditório como um verdadeiro religioso, pela modéstia e compenetração de sua dignidade. Isto inspirava confiança e exercia atrativo.

No trato freqüente com as moças, que aspiravam à vida perfeita, e que, pois, o procuravam para direção e esclarecimento, jamais se notou nêle algo desabonador ou menos digno.

Sabia mesmo ser rigoroso para cortar tôda a possibilidade de suspeita contra a sua virtude.

Merece lembrado o seguinte fato, ocorrido em uma de suas conferências para jovens.

Caminhando êle para o púlpito, observou, antes de subir, bem perto, um grupo de moçoilas, que cochichavam e sorriam. Ao galgar a escadinha, percebeu que faziam referências à sua pessoa, e que dizia uma para a outra ser êle um padre de bela aparência.

Fêz-se de desentendido. Mas aprestou-se logo para dar-lhes uma lição.

Terminada a prédica, desceu vagaroso a escada, de ouvido atento ao que dissessem. Foi então que entendeu, distintamente, estas palavras pronunciadas por uma: "Êle é bonito e inteligente... Arranjaria um bom casamento... Que pena ser Padre!".

---

2) Pe. ANTONIO TRAMPE, carta ao autor em 2 — Junho — 46 — A respeito das missões do Pe. De Lombaerde, diz-nos ainda: "Les succès de ces missions étaient vraiment extraordinaires; il entraînait les masses".

A esta altura virou-se para onde estava o gruplnho, fuzilou contra elas um olhar, e disse-lhes em voz alta, ouvida em todo o recinto: "Se eu não fôra sacerdote, não penseis que me casaria com moças tão feias e tão levianas como as senhoritas..."

Houve risos por parte de quantos haviam seguido de perto o mau comportamento delas. O Pe. De Lombaerde também sorriu maldosamente, e retirou-se à sacristia.

As pobrezinhas, passadas de humilhação, esgueiraram-se no meio do povo, buscando desaparecer.

Nos dias imediatos, nenhuma senhora ou moça quis estar ao pé do púlpito daquele terrível missionário.

*
* *

Farta a colheita de vocações religiosas que o Pe. De Lombaerde fêz na Bélgica e na França. Referiu-se muitas vêzes às conquistas dêste gênero para conventos de freiras. Nada dizia, entretanto, a respeito das vocações de moços, que êle certamente atraía também ao Seminário de Wacken, numerosos e encantados com a sua bondade cativante.

A darmos crédito a um sacerdote, que embora não o tenha seguido de perto nas missões, contudo ouviu informações de pessoas de então — "exercia o Pe. De Lombaerde uma verdadeira fascinação sôbre os moços, quer pelo trato, quer pela eloqüência".

"O entusiasmo de que ficava possuído ao aventar certos temas próprios à mocidade, como O IDEAL DE SER CRISTÃO, de SER UM HOMEM DE BEM, de ASPIRAR A COUSAS ELEVADAS, era notório e comunicativo. Chegava ao auge do arrebatamento quando propunha exemplos históricos, sobretudo da vida de Napoleão, para cujo caráter e gênio tinha, parece, um atrativo particular".

*
* *

O maior número de vocações, porém, parece que foi recrutado entre as moças. Particularmente as Irmãs da

Divina Providência foram as beneficiadas com o fecundo apostolado do Pe. De Lombaerde. Numerosas postulantes levou êle para suas casas de formação. E a maioria delas vieram a ser boas e santas religiosas.

Encontrou êle, com certeza, fortes oposições das famílias em que havia jovens desejosas de uma perfeição maior. A história de uma vocação religiosa encerra, não raro, dramas palpitantes, que culminam em cenas de real heroísmo.

O Pe. De Lombaerde teve que ouvir imprecações e choros de mães não resignadas com a separação da filha querida. Foi, às vêzes, injuriado por pessoas cuja compreensão é nula e cujos preconceitos contra os conventos são invencíveis.

Êle não se deixava tomar do desânimo. Ia à casa dos pais. Pedia, argumentava. Às de maioridade e isentas legalmente da autoridade paterna, aconselhava-lhes a fuga para os mosteiros, arrebatando-as, assim, a contragôsto dos que se opunham.

*
* *

Um caso extraordinário contava êle poucos anos antes de morrer, no qual se vê Deus recompensando o seu zêlo pela vida religiosa. Foi um milagre estupendo, cuja beneficiada, possìvelmente, ainda vive num dos conventos da Europa. Narrêmo-lo.

Em certa cidade da França, após ter êle pregado sôbre a vida religiosa, veio procurá-lo na casa paroquial u'a moça desfeita em pranto.

Expôs ao Padre o motivo de suas lágrimas. Desde muito, desejava consagrar-se a Deus, e sua mãe não lhe permitia, e nem ela ousava pedir-lhe o consentimento, por achar-se esta, desde muitos anos, enfêrma e paralítica. Ouvindo agora as conferências do missionário sôbre a perfeição, não podia mais conter-se sem que lhe desse a conhecer tão angustiosa situação.

— Mas, minha filha, pelo fato de estar sua mãe paralítica, torna-se impossível a sua ida para o convento — adiantou o Padre — Quem então cuidaria dela?

— Minha mãe é rica, Sr. Padre. Ela poderá ter sempre em casa uma empregada de confiança. E têmo-la com efeito. Meu socorro não é absolutamente necessário à mamãe. Sòmente ela não se resigna a uma separação tão cruel.

— Iremos até lá... Pedirei à sua mãe. E ela há-de permitir-lhe que se consagre a Deus.

Poucas horas depois se achava junto ao leito da enfêrma o Pe. De Lombaerde.

Expôs-lhe com singeleza o pedido. A senhora, ainda que piedosa, não podia, entretanto, conformar-se.

— Sr. Padre, é minha filha única... Restam-me poucos dias de vida e eu sou paralítica. Se ao menos fôra eu sã, não negaria a Nosso Senhor o sacrifício de minha filha...

— Mas, então, minha senhora — objetou o missionário — que mérito teria com um sacrifício pela metade?... Deus Nosso Senhor pede-lhe tudo: quer, com o holocausto de sua vida, a oferta de sua filha... Êle não pede demais. Não é Êle porventura o Senhor da vida e da morte?... Tenha coragem, minha filha! Sacrifique generosamente para o serviço de Deus o único tesouro que possui. Nosso Senhor não vai deixar que lhe falte cousa alguma. Quem sabe Êle pede agora tudo — o sacrifício da enfermidade e o sacrifício de sua filha — para depois dar-lhe tudo — sua filha um dia no céu e a saúde ainda aqui neste mundo. Deus é poderoso e não falta àqueles que nêle confiam".

O coração emocionado daquela mãe verdadeiramente cristã não se conteve. Apertou, com efusão de lágrimas, a mão do missionário, dizendo: "Padre, só Deus sabe o quanto me custa... Mas eu faço o sacrifício de minha filha".

Minutos depois, sem que se explique o fato a não ser por um milagre, aquela senhora punha-se de pé, cheia de júbilo, perfeitamente curada.

Lágrimas misturavam-se com sorrisos de alegria.

O Pe. De Lombaerde reconheceu neste fato, que contou duas ou três vêzes, um milagre de primeira grandeza, comprovante da estima de Nosso Senhor à vida religiosa.

A última vez que o narrou foi ao início da guerra, quando recebeu uma carta da moça cuja vocação foi o prêço desta palpável maravilha.

*
* *

Apóstolo da vida religiosa entre as donzelas surgiu-lhe porventura no espírito, ao Padre De Lombaerde, já então, algum plano de Congregação feminina?

Não sabemos. Se concebeu desejos dêste campo de apostolado, pelo menos não consta que o tenha manifestado a ninguém. Os Fundadores foram, em geral, muito prudentes e reservados quanto à comunicação de seus projetos.

O Pe. De Lombaerde dizia que tôdas as três Congregações que fundara nasceram da manifestação clara da vontade de Deus e do aparecimento indeclinável de uma necessidade em sua vida missionária. O que nos dá para compreender não ter tido planos de fundação na Europa, embora sentisse as bênçãos de Deus sôbre o seu trabalho em prol da vida religiosa.

De qualquer modo, porém, uma verdade não se pode negar. O desígnio providencial de Deus lança-lhe nalma os germes da grandiosa idéia, que nascerá um dia. E passo a passo, Deus completará a sua formação total.

Do conquistador de almas para os conventos, há-de fazer a operação divina, suave e lenta, o modelador de almas religiosas, o formador de legião de almas santas, o Pai espiritual de duas grandes famílias: FILHAS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA E IRMÃS DE NOSSA SENHORA DO SS. SACRAMENTO.

CAPÍTULO XVI

Caminhando para a morte

Novo golpe da Providência — O Pe. De Lombaerde recebe ordem de missionar na Amazônia — Dificuldades da missão do Brasil — Despede-se dos alunos de Wacken e da casa-mãe de Grave — Visitas a Paris, Ars e Waereghen — Embarque para o Brasil — Conclusão

Todo coração de apóstolo deve estar preparado para terríveis surprêsas. Imprevistos e amarguras Deus gosta de derramá-los a mancheias ao longo da estrada que o apóstolo palmilha. Para fazê-lo desanimar? Não. Para fazer crescer nêle o desapêgo, para aumentar-lhe o mérito do zêlo.

Padre Júlio De Lombaerde não escapou à lei comum dos conquistadores de almas. No auge de seus triunfos apostólicos, inebriado de zêlo missionário, Deus veio bater-lhe à porta, com a provação mais dolorosa de sua vida.

Refiro-me à ordem que recebeu dos Superiores para vir missionar no Brasil. Havia sido inesperada, quem sabe, a partida para a Bélgica. Fôra, certamente, um golpe sem precedentes deixar a casa-mãe de Grave, onde sonhava um ideal grandioso de apostolado literário Todo êste ruir de esperanças, entretanto, nada foi em comparação com a ordem de deixar a Europa, rumo à desconhecida América.

Êle mesmo assegurou mais tarde ter sido êste o maior golpe desferido pela Providência em seus ideais de apóstolo.

* * *

Estava o Pe. De Lombaerde em plena missão numa cidade da França.

Seus dias transcorriam entre o altar, o púlpito e o confessionário, mal sobrando tempo para as refeições e a prece. A noite, passava-a, em grande parte, no confessionário!

Quase ao têrmo de u'a missão, veio surpreendê-lo a ordem de partir para as missões entre selvícolas do Brasil.

Vejamos como êle mesmo dá parte do ocorrido, muitos anos depois, aos seus Religiosos. (1)

"Estava eu absorvido nos trabalhos da missão.

Certa noite, após ter pregado exaustivo sermão e ter passado no confessionário até quase onze horas, tornei à casa paroquial cansadíssimo. Aprestava-me para o repouso, quando vi sôbre a mesa, entre os originais de livros espalhados, a minha correspondência do dia, que o Vigário, certamente, ali depositara. Tomei pressuroso uma carta que reconheci procedente do Generalato.

"Foi como um golpe de espada. Li, quase descrente do que via, mais ou menos estas palavras: — "Julgamos oportuno que o senhor vá em auxílio das nossas missões no Brasil, muito necessitadas de sacerdotes. Deverá partir quanto antes. Prepare-se com urgência..."

"Uma onda de dor subiu a meu coração. Não podia compreender a razão daquela ordem. Havia sem dúvida precisão por parte de nossas casas na América. Mas era-me sumamente doloroso pensar que, vendo sorrir-me um futuro grandioso, fôsse repentinamente arrancado à sua realização.

"Caí de joelhos aos pés da imagem de Maria SS. que sempre trouxe comigo por tôda parte. Confesso que chorei com o mais profundo sentimento. Via-me no viço da idade, com trinta e poucos anos, cheio de saúde... e agora devia partir para a Amazônia, e ia ser devorado pelos índios ou esgotado pelas febres e pela fome. Sabia muito

1) Pe. JÚLIO-MARIA — *Fatos de sua vida contados por êle mesmo.*

bem da sorte dos missionários colegas meus que me precederam. Alguns haviam morrido um ano depois de chegados ao Brasil.

"E êste sacrifício enorme, de minha própria vida, devia fazê-lo ainda com o abandono das minhas queridas missões na França e na Bélgica, onde os sucessos me coroavam de glória e os frutos espirituais de conversão me enchiam de contentamento. Dez anos poderia eu pregar nestes países, e não satisfaria aos pedidos, crescentes sempre, de missões em várias dioceses e paróquias.

"E os livros que planejava sôbre Maria SSa.?... Iniciara uma obra de vulto: *Como amo Maria,* seqüência de *Porque amo Maria,* já publicada. Levava comigo às missões uma valize cheia de documentos dos Santos Padres, e, sem perder tempo, escrevia após os muitos trabalhos do dia. Agora reparava naquelas fôlhas a êsmo sôbre a mesa, e via desfeitas minhas esperanças tôdas... Tudo aquilo perdia a razão de ser.

"Estive abismado alguns momentos nesta dor imensa. Chorei realmente.

"Poderia expor aos Superiores meu modo de pensar, minhas aspirações. E êles, com certeza, atender-me-iam. Parecia-me, no entanto, uma traição. Não havia jurado perfeita obediência?

"Fiz uma prece fervorosa à boa Mãe do céu. Ofertei-lhe o meu holocausto, ofereci-lhe a minha vida. Senti que Ela me dizia alguma cousa: — Tem confiança, meu filho! Eu guiarei teus passos. Tens no Brasil uma emprêsa que eu te reservo. Obedece, e hás de ser feliz!

"No dia seguinte encerrei a missão e parti para arrumar as malas. Alguns dias depois estava a caminho do Brasil".

* * *

Era com efeito um sacrifício heróico para o jovem apóstolo. Sacerdote havia quatro anos, via-se agora inves-

tido de um mandato que jamais esperava: chefiar u'a missão entre selvícolas.

Antes de sua nomeação para a Bélgica demonstrara desejos de ser enviado para o Brasil. Foi isto, possìvelmente, logo após à fundação das missões na Amazônia.

Desistira, porém, uma vez mandado para Wacken, onde lhe parecia ver o dedo de Deus nos trabalhos empreendidos.

Agora, os Superiores valeram-se da sua primeira palavra.

Vir para a Amazônia era sinônimo de caminhar para a morte.

Macapá, residência dos missionários, guardava em seu cemitério quatro ou cinco dos mais fortes e robustos filhos do Pe. Berthier.

Acresce as dificuldades sem número que havia de vencer. Sem recursos materiais, sem o auxílio de religiosas, que os coadjuvassem, privados êles mesmos de recursos espirituais, por serem poucos, desconhecendo a língua dos aborígenes, e tendo a seu cargo um agigantado território, os missionários tinham muito por onde desanimar logo ao primeiro contato com as terras da missão.

Muitos sacerdotes doutras Congregações e doutras Ordens desistiriam talvez do nobre cometimento de pisar as terras daquele "inferno verde" — a Amazônia.

A visão panorâmica de todos os males apresentou-se ao espírito do fogoso Pe. De Lombaerde. E apesar de tudo êle soube fazer a renúncia de sua vida, numa obediência perfeita.

Só mesmo um missionário católico em tôda a extensão da palavra era capaz de quebrar-se e vencer-se até êste ponto.

*

* *

Padre De Lombaerde volta à residência de Wacken. Seus dirigidos e alunos, cientificados daquela separação im-

posta pela obediência, receberam-no com lágrimas nos olhos.

"Êle deixou seus filhos na maior de tôdas as consternações", — assegurou-nos uma religiosa. (1)

A dor não foi menor para o coração do Superior que para os corações dos súditos. Padre Júlio De Lombaerde amava realmente a sua comunidade.

Saindo de Wacken, seu primeiro destino foi certamente Grave. Ali devia encontrar os outros companheiros e receber as instruções do Padre-Geral.

Muitas foram as demonstrações de carinho por parte de todos, que bem o conheciam; na maioria eram os estudantes de Grave seus antigos alunos, ou condiscípulos do escolasticado.

*
* *

É muito provável que o Pe. De Lombaerde antes de embarcar para a América tenha visitado várias cidades da França, entre outras Paris e Ars. Contou muitas vêzes ter estado nestes lugares, a passeio, quando nos primeiros anos de sacerdócio. Presumível, pois, que os Superiores lhe concederam a licença de perlustrar alguns lugares, assim como de ir a Waereghen para se despedir dos seus.

Uma velha capa que possuia, sempre contava tê-la recebido de presente em Paris, de um grande proprietário, cuja casa visitou.

Foi na capital francesa que teve ensejo de se edificar com a piedade dum oficial francês, vivo ainda no início da guerra de nossos dias. Não lhe guardamos o nome, mas vem a propósito descrever-lhe o gesto.

---

1) *Soeur Pichard*, anteriormente citada. Extraimos ainda de sua carta, a êste propósito, o seguinte tópico: "Au sujet de ce départ, si j'étais sûre que ma lettre vous parvienne et que je me fisse bien comprendre, j'aurais bien des choses intéressantes à vous dire, mais je n'ose aujourd'hui".

As próximas edições desta obra trarão possivelmente ao leitor êstes interessantes pormenores de que fala a nossa correspondente.

Quis o Pe. De Lombaerde celebrar na Catedral de Notre Dame. Estava paramentado, à espera de quem o acolitasse, quando viu entrar na sacristia um esbelto oficial do exército, que lhe pediu a honra de ser o seu coroinha.

O miliciano depôs a um canto a espada luzente, tomou o missal, e encaminhou-se para o altar, com piedade a um tempo nobre e simples. O Pe. De Lombaerde reparou-o com admiração e quase orgulho.

Finda a Missa, quis saber quem era aquêle soldado. Era um oficial de graduada patente.

De Lombaerde nunca olvidou a cena edificante de Notre Dame de Paris. Anos volvidos, recordava em suas palestras sôbre a guerra o gesto inesquecível daquele oficial que depusera a espada a um canto da sacristia para subir como acólito ao altar de Deus.

*
* *

Nosso saudoso Mestre contou também algo da sua estadia na aldeia de Ars, onde se demorara quatro ou cinco dias. Foi-lhe concedida pelo Cura de então fazer prédica na mesma igreja onde outrora falou S. João Batista Vianney.

Das maiores impressões de sua vida, ficou bem nítida a de uma santa missa que logrou celebrar no altar, onde está depositado o corpo do Cura d'Ars.

"Visitei, dizia êle, (1) a cidadezinha de Ars, onde viveu e morreu o grande e humilde Cura d'Ars.

Conserva-se ainda quase tudo que serviu àquele santo homem. Entre outras cousas, vi o seu quarto e leito muito simples. Neste, nota-se ainda um dos pés carbonizados pelo demônio, conforme vem narrado em sua vida. Vi também um quadro de Nossa Senhora, que o demônio, raivoso contra o santo, sujou certa vez.

---

1) Pe. JÚLIO-MARIA — *fatos de sua vida contados por êle mesmo.*

Pude ter em mãos vários cadernos escritos pelo Cura d'Ars. Encerravam, literalmente, as suas homílias e sermões. Dão-nos a impressão de que êle não falava sem decorar, porquanto escreveu tudo por extenso. Em muitos lugares, a sua doutrina, e até o estilo, afigurou-se-me parecer com as "Virtudes e Perfeição Cristã" do Venerável Pe. Rodrigues.

Mas, das muitas lembranças que guardo, me ficou viva e impressionante a do corpo do Santo Cura d'Ars.

Está êste num esquife de vidro, na primeira banqueta do altar. Pude celebrar diante dêle. Parece que vive e sorri. Aquêles dedos finos das mãos, em que se vêem nítidos traços das veias; os cabelos branquinhos e crescidos; o nariz alongado e fino, o rosto macerado e transparente de sobrenatural; dão à gente uma impressão de transporte, de alegria.

Quando celebrava, não pude furtar-me a alguns sustos ao relancear de soslaio os olhos para o santo. Parecia-me que êle se mexia todo e ia levantar-se... Tive a impressão de um vivo que se fingisse morto".

Pe. Júlio-Maria guardou até os últimos anos de sua vida as recordações de Ars, as quais lhe foram estímulo na vida espiritual e alento nos sacrifícios de Pároco. Admiração, estima, veneração e devoção que nutria pelo humilde São Vianney repontavam com freqüência nas suas alocuções e palestras.

*
* *

Outro lugar que visitou não sem edificação foi um Mosteiro da Trapa. Narrava sempre o que ali presenciara — e que, dizia, nunca lhe sairá da memória.

"Duas cousas principalmente o impressionaram: a pontualidade com que os Religiosos acudiam de suas celas à voz da sineta, e a modéstia com que traziam os olhos em terra.

"Andava eu com o Superior numa sacada defronte às celas dos monjes. Foi dado o sinal para o Ofício. Quase num só instante, como automàticamente, vi que se abriram as portas de mais de vinte cubículos e assomaram a elas vultos de monjes, rebuçados em seus capuzes. Não pude reparar no rosto de qualquer dêles, e não creio que tenham tido a curiosidade de me observarem. Todos, braços cruzados por debaixo dos escapulários, olhos postos em terra, cabeças um tanto inclinadas, tomaram a direção do oratório, sem que olhassem sequer furtivamente para o lado. Esta cena foi dos espetáculos de modéstia religiosa que mais profundamente me calaram no espírito. Não tinha visto nunca exemplo igual".

*
* *

Estêve ainda o Padre De Lombaerde, certamente, em Waereghen, sua querida terra natal. Era a vez primeira que tornava ao meio dos seus, após a ida para Grave. Sua mãe não mais vivia. Impulsionou-o a esta visita o desejo de encontrar-se com seu irmão Aquiles e de contemplar uma vez sequer o túmulo de seus queridos genitores.

Que emoção não deve ter sido para êle a estada junto ao repositório sagrado daqueles corpos que lhe deram a vida, agora sacrificada inteiramente a Nosso Senhor.

Muito provàvelmente, Aquiles não era ainda sacerdote, mas seminarista ao término de seus estudos. (1)

O encontro não foi prolongado como pedia o amor fraternal. Mas deve ter transbordado de intensidade para compensar o que lhe faltava em duração.

Visitaram juntos aos parentes todos, que remanesciam da família não muito numerosa. Destas visitas guar-

1) Aquiles De Lombaerde, irmão do nosso biografado, a-princípio estivera também no Seminário de Grave, para onde entrou sequioso de vida missionária entre os selvícolas. Não lhe dando os Superiores de Sagrada Família nítida esperança de conseguir seu ideal (contava nosso Pe. Júlio-Maria) — retirou-se, passando à Congregação dos Missionários de Scheut, onde se ordenou aos 18 de outubro de 1913.

Pe. Júlio Maria e seu irmão Pe. Aquiles, por ocasião de seu derradeiro encontro na Europa.

dou o Pe. Júlio-Maria lembrança particular de uma a seu primo José De Lombaerde. Possuia um retrato, tirado nos quintais da casa dêste senhor.

Vê-se ali, caminhando por uma trilha de mato, o Pe. Júlio, de mãos dadas a gracioso menino, que — dizia êle mais tarde ao mostrar a fotografia, — veio a ser oficial e deve ter-se batido na guerra de nossos dias.

* * *

De que falavam Júlio e Aquiles nos dias fugazes dêste encontro em Waereghen?

Certamente, dos seus ideais missionários, crescidos com êles desde a mais tenra infância. Recordavam, quem sabe, as tardes chuvosas, em que, ao pé de sua inesquecível mãe, ouviram-lhe repetir, muitas vêzes, o desejo de vê-los apóstolos do reino de Cristo.

A amizade pura e santa que sempre lhes entrelaçou os corações via-se por agora sacrificada e compensada. Sacrificada, porque Júlio partia para longe. Compensada, porque começavam a realizar-se aspirações antigas que a distância não haveria de dissipar nunca.

Despediram-se. Não lhes ficava sequer a esperança de novo encontro. Ao Pe. De Lombaerde afigurava-se-lhe quase certa a morte dentro de poucos anos, tais eram as informações a propósito dos perigos da missão no Brasil.

Afinal, reunido aos seus irmãos de hábito, viajou possìvelmente para Amsterdam.

* * *

A vinte e três de setembro de 1912 partia nosso jovem missionário, acenando o último adeus às terras da Europa.

Faziam-lhe companhia dois outros sacerdotes: Padre Scholl e Pe. Burgard, e dois Irmãos Coadjutores: Fr. Micael e Fr. Ambrósio. Padre De Lombaerde era o Superior da pequena Comunidade.

Partiram ignorados, heróis desconhecidos como todos os missionários, desbravadores de matas e implantadores de civilização.

Não se revelou com artigos de revista a grandeza do acontecimento. Apenas a *Revista da Sagrada Família*, da Holanda, distribuia a seus leitores uma rotogravura pequenina, em que se vêem os cinco novos missionários com seus nomes escritos por baixo.

Depois disto, talvez, durante anos, poucos na Europa falaram do missionário moço, que pusera de sobressalto as massas no Alto-Loire.

Como é humilde e abnegada a carreira do missionário católico!

*
* *

Júlio De Lombaerde pensava caminhar para a morte. Na verdade, caminhava para vida, a única, que consiste em desempenhar-se da própria missão, completando os planos providenciais.

Como é grande a missão do Padre desconhecido!

Pe. Júlio Maria e seus companheiros de missão. O que está ao meio é o Pe. Júlio Maria. À esquerda, o Pe. Scholl; à direita, o Pe. Burgard. Em cima, os irmãos Fr. Michaelis e Fr. Ambrósio.

CAPÍTULO XVII

Rumo ao desconhecido

A bordo do "Bremen" — Escreve "Como amo Maria" e aprende rudimentos de português — O colóquio com Deus — "Vous serez père de deux grandes familles!" — Aporta em Natal (Rio Grande do Norte) — Em S. Gonçalo — Despede-se do Bispo antes de ir para a Amazônia — Conclusão

A bordo do gigante vapor alemão "Bremen", embarcou o Pe. De Lombaerde no dia 23 de setembro de 1912, rumo às terras brasileiras.

A travessia foi de um mês, aportando a grande nau em Recife a 24 de outubro de 1912.

Quem nos poderá dizer as preocupações e apreensões do nosso herói durante êste tempo? Sem conhecimento da língua, sem atrativos para tal ramo de apostolado, sem informações sequer de como proceder ao pisar o solo da missão — tudo se lhe afigurava terrìvelmente desesperador. Era um caminhar para o desconhecido.

Nas horas tristes e sombrias da noite, quanta vez deve ter chorado ao pensar no esmoronamento de seus planos antigos e no futuro de seu apostolado!

Não raro, ao contar passos de sua vida, êle nos falou da angústia que sentia nesta viagem para o mundo inteiramente ignoto e que lhe parecia a terra da morte.

* * *

Suas ocupações principais nestes infindos dias foram sobretudo: a aprendizagem da língua e a ultimação do livro, havia pouco iniciado: "COMO AMO MARIA".

A língua, aprendeu-a só Deus sabe como. Sem mestre, sem orientação a respeito de uma súmula de vocábulos mais urgentes, sem exercícios, acabou elaborando uma algaravia das mais jocosas do mundo, como êle mesmo disse.

O seu êrro mais grave foi ter estudado um português de livro, enquanto na missão haveria de falar antes o brasileiro totalmente diverso das semelhanças francesas nos vocábulos mais usados.

Sòmente mais tarde em Belém pôde refazer e completar o curso com um sacerdote barnabita, conhecedor do linguajar dos caboclos.

Na longa travessia, escreveu também a derradeira parte do livro principiado e arquitetou planos para outros, valendo-se do vasto repertório de documentos que trazia consigo. Tôdas estas obras vieram a lume anos depois, umas em português sofrível, outras em francês castiço. (1)

No meio de seus possíveis desgostos e apreensões, êle não foi um vencido. Possuia-se com todo o domínio de si mesmo. O voto de jamais perder tempo e de ser sempre apóstolo pela palavra e pela pena, constituiu-lhe, nas horas de tédio, a norma de vida.

*

* *

É de presumir-se também que êle se dava com freqüência à meditação e colóquio com Deus.

E Nosso Senhor o regalou, sem dúvida, com suave confôrto espiritual, como convinha fizesse a tão fiel e obediente servo.

---

1) *Como amo Maria*, complemento de *Porque amo Maria*, de que é a parte prática, perdeu-se quase por completo. Chegado ao Brasil, enviou da obra uma cópia para a França, e os originais foram dados à Redatora de uma revista mariana do Rio para a tradução. A cópia não chegou a seu destino. E dos originais, salvou-se apenas uma parte, conseqüentemente ao desaparecimento da revista em que se iriam publicar.

A matéria de suas preces era o futuro nebrumhador que se lhe descortinava ante os olhos. Que faria entre os selvagens, dados a tantos vícios? Com número tão escasso de auxiliares, que obras poderia empreender para a glória de Deus? E quantas vêzes a angústia lhe apertava o peito!

*

* *

Deve-se colocar neste transe o seguinte fato maravilhoso que dizem ter ocorrido com êle em viagem a bordo. Vamos narrá-lo pelo que ouvimos, sem nada querermos adiantar ao juízo da santa Igreja.

Orava êle certo dia ante a estátua da Virgem, com grande dor de ver-se assim golpeado inesperadamente pela Providência com aquela decisão dos Superiores de mandá-lo para o Brasil, a missão tão espinhosa. Deu-se então que, miraculosamente, se animasse a estátua e lhe dissesse estas palavras, em francês, como as transcrevemos: *Mon fils, vous serez Père de deux grandes familles.* (1)

Nada podemos atestar da autenticidade histórica desta narração. Nosso biografado silenciou a respeito, conquanto desse a entender que as suas fundações religiosas lhe tinham sido claramente impostas por Deus. (2)

Devo, entretanto, para não fugir à absoluta imparcialidade, trasladar aqui um documento curioso que achei quase ao acaso entre os escritos do Pe. De Lombaerde.

---

1) O que quer dizer: *Meu filho, serás Pai de duas grandes famílias.* Entende-se por referência às Congregações: *Filhas do Imaculado Coração de Maria e Sacramentinos de Nossa Senhora.*

2) Não sabemos mesmo da procedência da narrativa. Apenas sabemos que, desde os inícios da atividade do nosso heróico missionário em Manhumirim, se conta, entre religiosos e leigos, esta suposta ou verdadeira visão, aqui e ali com diferenças acidentais, combinando, entretanto, substancialmente, tôdas as versões.

A primeira notícia que tive do fato foi por intermédio de pessoa cujo nome não convém citar e que dizia tê-lo lido numa carta, em francês, do Pe. Hipólito Deporter, primo do Pe. Júlio-Maria, a outro sacerdote europeu, encarregado pelo mesmo Pe. Júlio-Maria de importante missão na Europa. Esta carta, ignoro como veio parar às mãos do nosso biografado, e êle a mandou queimar pela própria pessoa que nos contou a versão supra.

Nada posso atestar sôbre a veracidade do fato. Entretanto, sou levado a contá-lo por motivos particulares que o tornaram bastante verossímil.

Demais, parece-me ser preciso escrever a história por enquanto duvidosa para que um dia se escreva a história certa; semear a dúvida, para colher depois, com esforços de mais apurada crítica, a lucidez da verdade.

Foi feito de seu próprio punho e, segundo a data, justamente nos últimos dias de sua viagem para o Brasil. Releva dizer ainda que êle cresce de curiosidade em seu gênero por estas circunstâncias muito importantes: está vazado em holandês, mixto com palavras francesas, e vem escrito em página totalmente insulada de sua caderneta de notas espirituais; é, aliás, a anotação única em seus papéis que se encontra em holandês.

Ei-lo vertido para o português:

"20 de outubro de 1912 — festa da Pureza de Maria.

Durante a meditação da manhã de hoje, Nossa boa Mãe me fêz compreender que Ela quer uma Ordem Feminina para as Brasileiras, que se dedique à educação das crianças.

SEU NOME: Filhas do Coração de Maria.

SUA REGRA: Como fundamento, a devoção a Nossa Senhora, conforme as palavras do Breviário de hoje (Lectio V. Sto. Ambr.).

SUA VESTE — Tôda branca. Hábito branco, escapulário branco, véu branco, cinto azul.

PENITÊNCIAS: Cruz com pontas agudas — Jejum às sextas-feiras e sábados.

CAMA: a maca de campo".

É um documento interessante e profundamente significativo. Êle toma vulto mormente ao lado da narração supra. E, se nada prova de uma visão, mostra ao menos que esta, ainda que suposta, nasce de fundamento conteste e valioso. Lembremo-nos de que os favorecidos de Deus raramente narram com clareza as suas visões.

De qualquer modo que seja, não resta a menor dúvida de que o Pe. De Lombaerde ao menos sentiu, por influxo sobrenatural da graça, a extraordinária missão que Deus lhe reservava no mundo desconhecido que breve iria pisar. A previsão ou antevisão íntima de um papel importante, êle assegurou tê-la tido em suas preces cheias de lágrimas após o golpe da Providência.

"Eu senti claramente — dizia êle — que Deus queria de mim grandes coisas. Parece-me que Nossa Senhora me falou de missões importantes a desempenhar no Brasil. E graças a Deus, fiel à minha oração da Primeira Missa: "*Senhor, fazei de mim um instrumento dócil em vossas mãos*", consegui fazer tudo o que Deus esperava de mim".

*
* *

Poderíamos resumir tôda a sua viagem transatlântica, dizendo que ela foi um martírio envôlto em meditações e preces. Deus, que tira dos menores acontecimentos motivos de moções sobrenaturais nas almas de boa-vontade, transformou-lhe a câmara solitária do navio em degrau espiritual de vida interior.

Era, ainda esta vez, a preparação remota de Fundador e Mestre das almas.

*
* *

Na manhã de 24 de outubro, um mês e dois dias após a partida da Europa, o "Bremen" aportava na capital de Pernambuco.

Qual não deve ter sido a emoção, a alegria e o temor dos jovens missionários, ao avistarem pela vez primeira a terra que beberia seus suores e talvez seu sangue.

O Pe. De Lombaerde fêz a total entrega de si mesmo às mãos de Nossa Senhora. Buscou, certamente, mostrar no rosto severo um traço de alegria, um sorriso daqueles, que vêzes tantas lhe iluminaram as faces desfeitas pela dor.

Pensava estar em sua missão. Mas eis que lhe dizem não ser ali o têrmo da viagem. Três semanas depois devia tomar novo vapor para o Rio Grande do Norte, donde lobrigaria ainda ao longe o campo de lutas.

Os dias aí passados foram de enorme ansiedade.

Distrai-se com passeios, em visita aos principais estabelecimentos e lugares da cidade.

Muito lhe falavam à alma sobretudo os conventos. Quantos sonhos lhe não afloraram ao espírito ao percorrer, por exemplo, a abadia dos Beneditinos de Olinda, esta mesma que mais tarde um ilustre Prelado lhe garantiu alcançar, para que ali lançasse a base da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora.

*
* *

Foi a 2 de novembro que deixaram Pernambuco, rumo a Natal, onde chegaram cinco dias após.

Religiosos amigos vieram recebê-los ao desembarque. Reinava alvorôço de alegria. O povo, pelo jornal, tivera notícia da chegada de novos Missionários, que dirigiriam — era o comentário geral — o Colégio Santo Antônio, com Seminário anexo, e curariam a igreja do mesmo orago. Foi surprêsa para Pe. De Lombaerde e seus companheiros.

De fato, o Exmo. Sr. Bispo pedira aos Superiores ficassem os Missionários recém-enviados naqueles dois misteres tão necessários à Diocese.

Hospedados com honra e carinho no palácio do Prelado, aí estiveram dois dias.

Expôs-lhes Sua Excia. a resolução tomada.

De Lombaerde, que vinha como Superior, não se pôde resignar à modificação dos planos anteriores. Já o seu espírito se achava de tal modo imbuído da idéia missionária e dos desejos de imolar a vida inteiramente, que o seu desejo era partir logo para o campo assinalado: Mazagão, no coração do Pará.

Ansiava De Lombaerde pelo ar agreste da Amazônia imensa, bem longe do borborinho das cidades e da grita das massas ...

Entretanto, era preciso aprender a língua. E êle preferiu ir com seus colegas para São Gonçalo, a quinze quilômetros de Natal, onde estavam os Padres Paulsen e Belchold, velhos conhecidos e irmãos de hábito.

Dois dias depois, ei-los em São Gonçalo.

*
* *

Esta paróquia fôra recebida pelos Missionários da Sagrada Família havia apenas meio ano.

Florescente outrora, caiu depois, por falta de Padres, na indiferença e ignorância religiosa. Desígnio providencial, como passamos a contar, foi que lhe trouxe os filhos do Pe. Berthier.

Quando a Congregação da Sagrada Família estabeleceu no Brasil suas missões, em 1911, os Padres Paulsen, Belchold, Lauth e Hermano Elsing foram os primeiros a lançar neste solo ubertoso a divina semente.

D'ordem dos Superiores foram residir em Mazagão, na Prelazia de Santarém. Missionavam ainda Macapá e Amapá, extensos territórios, quase completamente incultos e mergulhados no paganismo.

Apenas iniciaram os trabalhos na árdua missão, foram quase todos, Padres e Irmãos Coadjutores, acometidos de febres malignas. Sòmente o Padre Hermano Elsing e o Padre Lauth, ambos de compleição mais robusta, não sucumbiram à doença logo de início.

A falência de recursos no remoto território forçou os enfermos à busca de tratamento em Natal, no Rio Grande do Norte.

Convalescentes das febres pareceu bem aos Prelados de Santarém e Natal não voltassem êles para a Amazônia. E foi assim que se fixaram em São Gonçalo, mais próximo da Capital, como convinha a seu estado enfermiço.

*
* *

Distrai-se com passeios, em visita aos principais estabelecimentos e lugares da cidade.

Muito lhe falavam à alma sobretudo os conventos. Quantos sonhos lhe não afloraram ao espírito ao percorrer, por exemplo, a abadia dos Beneditinos de Olinda, esta mesma que mais tarde um ilustre Prelado lhe garantiu alcançar, para que ali lançasse a base da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora.

* * *

Foi a 2 de novembro que deixaram Pernambuco, rumo a Natal, onde chegaram cinco dias após.

Religiosos amigos vieram recebê-los ao desembarque. Reinava alvorôço de alegria. O povo, pelo jornal, tivera notícia da chegada de novos Missionários, que dirigiriam — era o comentário geral — o Colégio Santo Antônio, com Seminário anexo, e curariam a igreja do mesmo orago. Foi surprêsa para Pe. De Lombaerde e seus companheiros.

De fato, o Exmo. Sr. Bispo pedira aos Superiores ficassem os Missionários recém-enviados naqueles dois misteres tão necessários à Diocese.

Hospedados com honra e carinho no palácio do Prelado, aí estiveram dois dias.

Expôs-lhes Sua Excia. a resolução tomada.

De Lombaerde, que vinha como Superior, não se pôde resignar à modificação dos planos anteriores. Já o seu espírito se achava de tal modo imbuído da idéia missionária e dos desejos de imolar a vida inteiramente, que o seu desejo era partir logo para o campo assinalado: Mazagão, no coração do Pará.

Ansiava De Lombaerde pelo ar agreste da Amazônia imensa, bem longe do borborinho das cidades e da grita das massas ...

Entretanto, era preciso aprender a língua. E êle preferiu ir com seus colegas para São Gonçalo, a quinze quilômetros de Natal, onde estavam os Padres Paulsen e Belchold, velhos conhecidos e irmãos de hábito.

Dois dias depois, ei-los em São Gonçalo.

*
* *

Esta paróquia fôra recebida pelos Missionários da Sagrada Família havia apenas meio ano.

Florescente outrora, caiu depois, por falta de Padres, na indiferença e ignorância religiosa. Desígnio providencial, como passamos a contar, foi que lhe trouxe os filhos do Pe. Berthier.

Quando a Congregação da Sagrada Família estabeleceu no Brasil suas missões, em 1911, os Padres Paulsen, Belchold, Lauth e Hermano Elsing foram os primeiros a lançar neste solo ubertoso a divina semente.

D'ordem dos Superiores foram residir em Mazagão, na Prelazia de Santarém. Missionavam ainda Macapá e Amapá, extensos territórios, quase completamente incultos e mergulhados no paganismo.

Apenas iniciaram os trabalhos na árdua missão, foram quase todos, Padres e Irmãos Coadjutores, acometidos de febres malignas. Sòmente o Padre Hermano Elsing e o Padre Lauth, ambos de compleição mais robusta, não sucumbiram à doença logo de início.

A falência de recursos no remoto território forçou os enfermos à busca de tratamento em Natal, no Rio Grande do Norte.

Convalescentes das febres pareceu bem aos Prelados de Santarém e Natal não voltassem êles para a Amazônia. E foi assim que se fixaram em São Gonçalo, mais próximo da Capital, como convinha a seu estado enfermiço.

*
* *

Dois meses e meio ficou o Pe. De Lombaerde em São Gonçalo, aprendendo a língua e os costumes da missão.

Depois de pouco tempo já podia falar em público, embora se notassem defeitos de pronúncia, fàcilmente corrigíveis. Ia algumas vêzes à sede do Bispado, onde logrou, ao primeiro contacto com o povo, admiração e simpatia.

Entrementes, delineou-se de comum acôrdo entre os missionários um plano de trabalhos favoráveis à saúde combalida de uns e aos ardores apostólicos de outros. Buscou-se também socorrer ao Exmo. Sr. Bispo de Natal na direção das obras propostas.

A reitoria do Colégio e da igreja de Santo Antônio foi assumida pelo Pe. Paulsen (Superior), coadjuvado pelos Padres Belchold e Burgard.

O Pe. De Lombaerde comprometeu-se a curar a paróquia de São Gonçalo até a passagem do primeiro vapor para o alto Amazonas, enquanto se providenciava pedir ao Generalato de Grave mais alguns sacerdotes. (1)

* * *

Foi na segunda metade de fevereiro de 1913, que o Pe. De Lombaerde teve notícia do primeiro navio com destino a Macapá.

Não quis partir sem receber primeiro a bênção do Sr. Bispo.

E qual não foi seu espanto ao ver que êste o dissuadia da idéia de internar-se no labirinto das nossas matas.

— Qual o quê, Pe. Júlio! Você, Padre tão forte e bonitão, ir matar-se no meio da Amazônia? Dar-se como

1) Vieram, com efeito, poucos meses depois da viagem do nosso herói para Macapá. Eram os Padres Nolte e Zel. Êste morreu seis meses depois de ter chegado ao Brasil.

pasto aos mosquitos para que lhe suguem o sangue ardoroso e vivo de gaulês ? Deixemos de história ! A minha diocese precisa de Padres, de missionários para as cidades. Você foi o presente que Deus me enviou. Não deve partir.

— Mas, Excelência, meus Superiores me enviaram para Macapá e não para Natal. Cumpre-me obedecer. A missão carece de trabalhadores fortes e sadios como eu ! Cometeria um crime se permanecesse na Capital.

— Não e não! Escreverei ao Padre-Geral. Você ficará na sede do Bispado. Conservará sua saúde preciosa a fim de pregar missões.

Pe. De Lombaerde estremeceu.

Um raio de esperança brilhou-lhe nos olhos contentes. Confessou sua fraqueza muitos anos mais tarde.

Por que não ? Percorrer cidades e missionar ao povo civilizado, sem os riscos dolorosos das matas e das febres mortíferas, era sem dúvida muito mais agradável. Êle quase sucumbiu à tentação.

O círculo de amigos e admiradores que já contava; a facilidade para pregar; o atrativo de permanecer num ambiente mais culto a fim de completar seus trabalhos literários; a esperança mesmo de levar vida interior mais intensa — o que seria tão difícil num meio quase selvagem; tudo isto exerceu sôbre êle terrível atração.

Desobedecer ? Pedir para ficar ? Consentir em que o Bispo rogasse aos Superiores aquêle favor ?

Não ! Era preciso o sacrifício de tudo para ser um santo ! Afigurou-se-lhe êste grande dilema espécie de proposta da Providência, em que buscava aquilatar-lhe a grandeza dalma.

O mais perfeito, o mais heróico, o mais agradável a Deus era partir para a missão, deixando atrás as sedutoras esperanças. O Pe. De Lombaerde não hesitou.

— "Excelência, não adianta pedir licença a meus Superiores. Porque partirei assim mesmo! É da vontade de Deus que eu parta".

*
* *

No dia seguinte tomava um barco humilde para Macapá. Com a alma arrojada na imolação, mas inundada do gôzo que trazem os grandes sacrifícios, sumiu-se êle ao longe entre as águas verdes e o céu azul.

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XVIII

O apóstolo de Macapá

Chega o Pe. De Lombaerde a Macapá — Primeiras impressões — Primeiros trabalhos na sede — Assistência aos enfermos — O amigo das criancinhas — Transformação da paróquia — O homem de Deus — Conclusão

Ei-lo, pois, chegando à Amazônia, o nosso Missionário.

Um frêmito de entusiasmo, de júbilo e de amor deve ter-lhe penetrado no mais íntimo do ser ao pisar a terra sombria, onde, julgava, iria completar-se-lhe o holocausto da vida. Apesar de suas apreensões, Pe. De Lombaerde sentia-se feliz, porque estava na região com que sonhara ao despertar de sua mocidade. Muitas vêzes, em Grave, imaginara com emoção a vida de apóstolo entre os índios do Rio-Mar.

Entretanto, podia ver que nem tudo era como fantasiara. Não lobrigara por enquanto tabas de selvícolas por domesticar. Macapá era uma cidadezinha sem recursos, mas longe do selvagismo grosseiro dos autóctones.

*
* *

Nosso herói desembarcou em Macapá aos 26 de fevereiro de 1913. Esperava-o no movimentado ancoradouro o Pe. Lauth e, possìvelmente, também o Pe. Hermano, seus velhos companheiros e irmãos de hábito.

O Pe. José Lauth curava a paróquia de Macapá e Pe. Hermano a de Mazagão.

Desde 1911, ali estavam êles sòzinhos para enorme extensão territorial. A missão, pertencente à prelazia de Santarém, compreendia três paróquias: MACAPÁ, MAZAGÃO e AMAPÁ, contando cada uma, então, a média de 40.000 almas. Macapá está à margem do Amazonas, onde o oitavo meridiano este cruza com o Equador. A 100 quilômetros rio-acima está Mazagão, distante da margem 16 quilômetros. E Amapá achava-se ao nordeste da costa do mar.

Além destas paróquias, centros povoados regularmente, e com uma civilização embrionária, estendia-se a missão pelas florestas em fora, povoadas aqui de seringueiros, acolá de caboclos semi-selvagens, e além, de verdadeiros índios entregues à barbárie primitiva. Ia o território, ao norte, até os longínquos da Goiânia Francêsa, e os Missionários tinham que perlustrar de três em três meses o Tumuc-Humac para a evangelização dos aborígenes.

* * *

A primeira impressão do Pe. De Lombaerde foi otimista ao relancear as atividades missionárias em Macapá e Mazagão. É o que se depreende de uma carta sua aos Superiores, escrita no dia imediato à chegada. Eis o que êle escreveu (1): "Pe. José Lauth reside em Macapá e Pe. Elsing (Padre Hermano) escolheu Mazagão como base de suas operações apostólicas. Estas duas cidades se desenvolvem graças ao zêlo dêstes incansáveis missionários, tornando-se centros de uma nova vida cristã. Durante muito tempo pareciam sem resultado seus trabalhos e lutas. Travaram peleja renhida tão só por abater a ignorância e degenerescência de costumes, que eram, aqui, abaixo de tôda e qualquer descrição. Os corajosos apóstolos não pouparam trabalhos e suores.

1) 27 de fevereiro de 1913.

E quanto resta ainda a fazer, até que se tenha uma população que honre o nome cristão!"

*
* *

O juízo crítico de De Lombaerde foi talvez precipitado. Dez meses depois, apontando os primeiros resultados, êle faz uma retrospecção para o passado e diz:

"À nossa chegada, por aqui não havia cousa alguma que indicasse verdadeiro cristianismo. A igreja aí estava, quase sempre abandonada e fechada, sem sacerdote permanente, registrando apenas cinco comunhões".

E não era só isto. A verdade é que Macapá se apresentava aos poucos diante de seus olhos com um aspecto terrificante. Muitos anos depois êle o assegurou: "Só havia ali ignorância e corrupção de costumes. E o pior é que a degradação moral se alastrava sobremodo entre as mulheres...

Era mormente lastimável o estado de abandono das meninas, sem a educação materna e sem formação religiosa necessária, e em perigo de perda da inocência em idade ainda precoce".

Fácil de imaginar-se a degradação moral nestas terras aonde o Missionário ia de raro em raro e onde campeavam agentes dissolutores de Satanás por todos os recantos.

*
* *

Tudo isto sem falar dos males físicos... No seio de natureza tão exuberante pululavam febres de todos os matizes.

Desde o amarelão até à morféia, estendia-se o indefinido das moléstias, que afeiavam os corpos extenuados. Triste espetáculo das conseqüências do pecado!

Era o retrato vivo das almas.

O Pe. De Lombaerde viu e sentiu o que o futuro lhe reservava. Com abnegação heróica ofertou-se à Divina Providência para as lutas do apostolado.

*
* *

Após as primeiras e dolorosas impressões, recolheu-se para fórmar seus planos. Achou que deveria começar por Macapá, sede da paróquia. E o primeiro passo haveria de ser: ganhar o coração de seu povo.

Como proceder? Mostrar-se outro Jesus Cristo. Curar os corpos para salvar as almas. Valeram-lhe então os conhecimentos de medicina que possuía. E era comovente vê-lo à cabeceira dos enfermos, ou receber a êstes em casa, com doçura e desvêlo incomparáveis, e chegar a fazer-lhes, por suas próprias mãos, o curativo de úlceras repugnantes.

Eis como um morador de Macapá naqueles tempos que vão longe nos descreve estas atividades do Missionário:

"O Revmo. Pe. Júlio-Maria, vindo para o Brasil em 1912, com destino à cidade de Macapá (Estado do Pará), aí ficou residindo e exercendo o cargo de Vigário.

"Com a alma transbordante de amor de Deus, encontrou aí vasto campo de ação para o seu zêlo ardente pela salvação das almas. E iniciou com entusiasmo e perseverança, que eram traços predominantes de seu perfil psicológico, um grande e profícuo trabalho apostólico entre o povo macapaense. Sendo a cidade de Macapá de clima muito insalubre pela umidade e calor que a caracterizam, a população, e sobretudo a pobreza ali residente, era atacada por impaludismo, pneumonia e úlceras. O Pe. Júlio, possuindo conhecimentos de medicina, procurou ganhar a simpatia daquele povo tratando de suas enfermidades corporais. E assim era que êle mesmo preparava medicamentos apropriados para cada caso de doença, e, com carinho e dedicação, ia, muitas vêzes, levá-los aos doentes. Quando assim não acontecia, os doentes iam à residência

do Vigário a fim de consultá-lo sôbre seus achaques ou para que êle fizesse curativos em feridas e também para receberem os medicamentos necessários. Para o preparo dos remédios, tinha o Pe. Júlio-Maria uma pequena farmácia com as drogas mais necessárias.

"Foi dêste modo que êle grangeou a estima geral e pôde com mais facilidade atrair aquelas ovelhas ao rebanho do Bom Pastor. E quantas almas, em seus últimos momentos, não se aproximaram dêste bom Samaritano para que êle lhes lavasse as feridas da alma com o vinho do perdão e lhas untasse com o suave bálsamo do amor de Deus!" (1)

Tão grande foi o bem operado pelo Pe. De Lombaerde sob o ponto de vista do saneamento da população, que atraiu os olhares do próprio govêrno municipal; pessoas mais gradas do município e o próprio Prefeito solicitaram ao govêrno um decreto em que se outorgasse ao Pe. Júlio-Maria a farmácia e o pôsto médico existentes em Macapá. A farmácia e a distribuição dos remédios foi-lhe assim confiada, circunstância esta feliz que lhe facilitou a entrada em todos os lares com o acesso aos leitos dos enfermos. (2)

*
* *

Outro estratagema feliz de que usou o Pe. Júlio-Maria para ganhar a simpatia do povo, foi a amizade às criancinhas.

Inicialmente, foi êle quem lhes foi ao encontro, acariciando-as e sorrindo-lhes com aquela bondade irradiante. Por fim, eram elas que lhe vinham pedir a bênção, quando êle passava pelas ruas, com seu grande chapéu de abas largas, invariàvelmente com o Breviário na mão.

1) Dados colecionados pelas Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria.

2) Congregation der Missionare von der Heiligen Familie (Ed. de Grave, 1020) p. 60-62.

"Diante de tão comunicativa bondade, o povo desconfiado e retraído, como é em geral o caboclo brasileiro, foi-se aproximando do Vigário, procurando assistir aos atos do culto religioso e escutar a palavra de Deus que êle lhes dirigia com simplicidade, de modo que todos o compreendessem". (1)

A sua amizade aos pequeninos levou-o a visitá-los em suas casas e na escola. Tornou-se êle mais querido nas escolas que as próprias mestras. E muitas crianças foram à aula porque êle ia até lá de vez em quando, outras porque êle lhes dava a roupinha necessária.

Aos intendentes do ensino pareceu bem premiar tão excelente proceder do Vigário. Ninguém melhor que êle, em Macapá, para ser o Diretor das escolas reunidas. E por decreto do govêrno do Pará, em 2 de maio de 1913, era o Pe. Júlio-Maria De Lombaerde nomeado para êste munus, com todos os direitos e privilégios, inclusive as prebendas, que cabiam aos oficiais desta matéria. (2)

*

* *

Todo êste conjunto de circunstâncias e de desvelos lhe abriram de par em par o coração dos macapaenses. Deram-lhe uma ascendência sem precedentes no paroquiato. Fizeram dêle o alvo da estima geral.

Êle era o médico. Era o farmacêutico. Era o Mestre-escola por excelência. Era o amigo e pai dos pobres. Era o deus das criancinhas, que acorriam para, em azáfama ruidosa, beijar-lhe as mãos acariciadoras.

E, paralelamente a tudo isto, êle ensinava e doutrinava. Três horas por dia, consagrava ao catecismo: de manhã, para as crianças, à tardinha, para os moços, à noite, para os adultos. (3)

---

1) Dados colecionados pelas Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria.

2) Congregation der Missionare von der Heiligen Familie, loc. cit.

3) Dados colecionados pelas Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria.

Os exercícios religiosos findavam diàriamente pela oração da noite com todo o povo. Não era muito difícil obter a freqüência, depois de alguns meses de tão feliz labor em Macapá. Como acontece em lugarejos de gente humilde, era a assistência às práticas do Missionário a diversão quase única na cidadezinha. E, depois, quem não haveria de querer ouvir ao Padre-Mestre, tão alegre e acessível? Ao menos, não podiam deixar de ser-lhe gratos e de corresponder à sua amizade.

*
* *

Tão esmerado cultivo da terra havia de rebentar em sazonados frutos.

Temos dêle mesmo o depoimento pessoal, que nos não podemos furtar à satisfação de trazer citado, ainda que longo. Eis como êle fala, através de uma revista mariana, do desenvolvimento ali obtido com a Pia União das Filhas de Maria: (1)

DA FUNDAÇÃO ATÉ AO II ANIVERSÁRIO DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA, EM MACAPÁ — PRELATURA DE SANTARÉM — PARÁ 1913–1915

No último Domingo de maio, as Filhas de Maria de Macapá celebraram o segundo aniversário da criação da Pia União.

Faz dois anos que nascera a pequena e humilde florzinha no meio de uma avalanche de quase insuperáveis dificuldades. Como tem podido a pequena semente atravessar a espêssa camada de indiferença, ignorância e preconceitos que, humanamente falando, deveriam necessàriamente sufocá-la? *Digitus Dei est hic!* O dedo de Deus e a mão

1) Extr. da revista *O Apostolado das Filhas de Maria no Brasil*, ano de 1915. Ignoramos qual seja o número, pois que possuímos sòmente as páginas sôltas. Preferimos citar o artigo todo, o que o leitor nos perdoará devido ao grande valor histórico dêste documento.

da Virgem Imaculada têm sido visíveis a cada passo, durante 2 anos.

Para apreciar o triunfo alcançado pela Mãe de Deus, seria mister conhecer até onde decaira a religião nestas paragens afastadas de todo centro de civilização e de cristianismo.

Que os erros mais extravagantes, a indiferneça, a irreligião, o espiritismo e até o fetichismo e o paganismo tenham podido lançar raízes na população macapaense, embora religiosa, dedicada e generosa, nada de mais fácil compreensão.

Basta dizer que o desgraçado município, durante muitos anos, foi privado de sacerdote. Assim abandonadas a si mesmas, as almas mais religiosas e de mais boa-vontade, não distinguindo mais a verdade real das aparências, muitas vêzes falando dos erros hàbilmente espalhados pelo anjo das trevas, disfarçado em anjo da luz, pouco a pouco cairam num abismo tal, que nada mais, senão o nome e o batismo, conservaram da religião de Jesus Cristo.

Ajuntem a estas artificiosas ciladas ocultas os esforços, dignos de melhor causa, de uns sectários do espiritismo, como também o indecoroso atrativo de muitas festas, mais dignas dos selvagens africanos que de um povo civilizado, e fàcilmente compreenderão a decadência religiosa destas um pouco rústicas e ignorantes, mas boas e sinceras populações do interior.

Apenas umas almas, mais instruídas e mais profundamente convencidas da Verdade, puderam sobrenadar neste dilúvio de paganismo. Não se preservaram completamente, mas ao menos não deixaram devorar-se suas crenças pelas ondas impuras, embora exteriormente douradas, das doutrinas heterodoxas.

O Santo Cura d'Ars disse que deixando-se uma cidade sem sacerdote durante 50 anos, adorariam nela aos animais sem razão. Não adoraram ainda os animais, mas cousa pouco diferente. Imagens, estátuas não eram mais, para muitos, representações de santos, mas sim os santos mesmos, que adoraram como — por aberração estranha — adoram as COBOAS, vendo nelas, não um símbolo, mas o Espírito

Santo, a Santíssima Trindade até. Era o verdadeiro FETICHISMO africano, duplicado pelos pagãos, em que se ocultavam, debaixo da auréola de VÊNUS ou BACO, as orgias mais cruas e ignominiosas.

Tal era o terreno, no qual, desde a minha chegada, sonhei semear tão delicado e pudibundo grãozinho que é a "Pia União das Filhas de Maria".

Chegado a esta terra no fim de março de 1913, meditei o assunto e concentrei sôbre êle os meus primeiros esforços, convencido que seria o melhor fundamento da obra de conversão dêste povo. Inaugurei solenemente o mês de Maria e, graças ao concurso da boa e piedosa professôra da escola pública feminina, pude reunir umas meninas de boa-vontade, para fazer delas o fundamento da Pia União.

O projeto não se realizou imediatamente. As dificuldades surgiram de todos os lados, ora ameaçadoras, ora destrutivas. "Filhas de Maria!" — êsse nome ressoou como que misteriosamente nas almas desconfiadas dos pais. Ignoravam até o nome de tal instituição. Nunca se ouvira falar disso em Macapá! Apreciações diversas e contraditórias circulavam, dando a mão às calúnias e boatos de novidade, maliciosamente suscitados pelos emissários do inferno. A obra delineada ameaçou ruína antes de nascer.

Felizmente, a Santíssima Virgem, que vigiava, dissipou a negra fumaça, e, não obstante os gritos desesperados de Satanás, as 10 primeiras postulantes preparavam-se para fazerem sua Consagração à Virgem Imaculada.

No dia 20 de julho, após uns dias de preparação, apresentaram-se diante do altar da Virgem, revestidas de suas insígnias, e consagraram-se solene e pùblicamente a Maria.

A cerimônia foi tocante e deixou na alma dos assistentes uma impressão salutar, que continua até hoje, e para muitos tem sido a estrêla dos Magos indicando-lhes o caminho da verdade.

As Filhas de Maria iniciaram dêste modo seu apostolado, tão eficaz e profundo, quão modesto e despercebido para os olhos do vulgo.

Os "Manuais" da Pia União (edição de Petrópolis) foram lidos com curiosidade e avidez por todos que eram capazes de ler, leitura que muito ajudou a dar das Filhas de Maria o alto apreço que até hoje o povo lhes tem.

Os preconceitos cairam e deram lugar à admiração. Nas procissões, em particular, todos os olhos ficavam fitados sôbre as Filhas de Maria, que, de fato, pareciam encantadoras e atraentes em seus vestidos brancos, de fita e faixa azuis, de véu branco, e no peito a brilhante medalha da Pia União.

No seu íntimo, mais de um pai ou mãe formulou o desejo de ver suas filhas no cortejo das consagradas à Virgem Imaculada.

As primeiras recrutas eram exemplares, cumprindo com fervor e regularidade seus deveres, aliás, austeros, de "Filhas de Maria".

Para meninas e moças quase desamparadas, acostumadas aos gozos em tôda sua liberdade, criadas num meio tão propício a perdê-las, era um verdadeiro milagre alcançar a assistência cotidiana à missa de manhã, e de noite ao têrço e às orações, comunhão freqüente — para muitas, de todos os dias — reunião e confissão semanais, afastamento dos bailes e outras reuniões profanas, etc., etc.

Humanamente, era muito deveras, mas quando Deus ajuda e a obra é de Maria, nada é impossível.

A obra iniciada estendeu-se, o grãozinho cresceu, debaixo das asas maternais da Virgem, o número de suas Filhas foi crescendo... crescendo... ao ponto que, depois de um ano, em maio de 1914, tinha 25 consagradas e algumas aspirantes.

O ano de 1915 não foi menos próspero... e no segundo aniversário, maio dêste ano, a Pia União, já contava perto de 40 Filhas de Maria e mais de 20 Santos Anjos ou aspirantes, o que faz um total de 60 membros.

É quase o máximo que se pode alcançar, visto a cidade não ter mais de 1.500 habitantes, dos quais a metade apenas reside aqui continuadamente.

A medida que as novas recrutas entram, as primeiras se retiram, quer por motivo de mudança do lugar, quer pelo casamento, para pertencerem depois ao Apostolado do Coração de Jesus. Até hoje, infelizmente, pouco compreendem ainda das vocações superiores como são a vida religiosa e a virgindade conservada no mundo por amor de Deus.

Nada direi da festa de 30 de maio dêste ano; tôdas as festas, mais ou menos, são parecidas. Basta dizer que, sempre fervorosas, generosas e de boa-vontade, tôdas continuam no trilho que lhes mostraram, pelo exemplo e pela palavra, a sua primeira Diretora e Presidente, as quais, infelizmente, sendo originárias de Belém, para lá voltaram, deixando-nos com os exemplos de verdadeiras Filhas de Maria, a saudade de tê-las perdido tão cedo.

Após esta perda sensível ocorrida durante o primeiro ano, o pequeno grupo ficou um instante como que aturdido mas, lembrando-se dos exemplos de suas primeiras mestras, ergueu-se de novo e continuou até hoje na vida piedosa e edificante que tantas graças tem atraído sôbre a cidade inteira e tem mudado êste triste deserto num oásis de fé sincera e prática em que sobressaem hoje os habitantes de Macapá.

Para prová-lo, sem prolongar esta já cumprida relação, basta fazer uma pequena estatística do estado religioso da cidade.

Sucessivamente, foram criadas, depois da fundação das Filhas de Maria, cinco irmandades, cujo desenvolvimento é o seguinte :

1.º — *Filhas de Maria e Santos Anjos*: 60 membros.

2.º — *Pagens do Santíssimo Sacramento* ou Comunhão cotidiana (para meninos): 14 membros.

3.º — *Apostolado do Coração de Jesus*, com Comunhão reparadora às primeiras sextas-feiras do mês (para senhoras) : 120 membros.

4.º — *Irmandade de São José, Padroeiro*, (para os homens), Comunhão mensal — 90 membros.

5.º — *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*, (homens, senhoras e meninos), Comunhão mensal — 95 membros.

O que faz um total de 379 membros praticantes, que se confessam e comungam ao menos todos os meses.

O total de comunhões mensais é de 800 até 1.000, conforme a época do ano, e, por conseguinte, ao número de membros residentes na cidade.

Os meninos se confessam e comungam duas vêzes por mês. Os Santos Anjos todos os domingos e um certo número também no sábado.

Êste resultado é, com certeza, enorme, quando se considera o abaixamento religioso que tinha impregnado o município inteiro.

A igreja estava deserta, e só se abria nas grandes festas — a ignorância verdadeiramente crassa, a moralidade decaída, os sentimentos religiosos quase apagados, o sacramento do matrimônio quase desconhecido.

E sôbre estas aviltadas ruínas, sôbre tantas paixões coalizadas, ergueu-se a imagem pura e radiosa da Virgem Imaculada... e a seus pés, de mãos levantadas, ajoelharam-se estas suas FILHAS, atraindo sôbre elas e sôbre os seus pais e concidadãos graças de luz, de fôrça e de generosidade.

E debaixo desta avalânche de graças, atraídas e distribuídas pela Virgem-Mãe, as almas, até as mais indiferentes, sentiram vibrar nelas a fé de seus antepassados ao mesmo tempo que se abriu diante delas o horizonte da verdade e do amor, como que personificados em Maria SS.

Como é verdadeiro êste axioma dos Santos que "o melhor meio de fazer reinar Jesus é estender o reino de Maria!".

Se tivesse duvidado desta sentença, a experiência me teria provado sua eficácia.

Possa ela ser a regra de todos aqueles que se dedicam à conversão das almas!...

Macapá, 31 de maio de 1915 — Pe. Júlio-Maria, M. S. F.

*
* *

Aí estão os resultados de três anos de trabalho insano. Havia em tudo isto, sem dúvida, a fôrça do talento conquistador que Deus lhe dera. Mas havia também a piedade, a vida interior, a oração do Missionário ardente, a vida de um homem de Deus. Não podemos esquecer esta faceta de sua personalidade.

Todos os que ali o conheceram afirmam coisas extraordinárias de sua piedade, zêlo e temor de Deus.

Ainda que insulado naquela terra enfêrma, sem companheiros que o estimulassem às práticas religiosas, êle perseverava nelas com absoluta pontualidade. Fazia as orações da manhã e da noite com o povo, edificantemente.

Quando um de seus companheiros, o Pe. Hermano, vinha de Mazagão a Macapá — contou-o êle mesmo — forcejava por tornar aos exercícios da vida comum, ainda que por poucos dias. Tornou-se até impertinente com o seu companheiro, que, mais livre, achava não estarem obrigados aos rigores da observância em campo de tão ingentes trabalhos.

Eram o rigor, o espírito de penitência e o zêlo os seus traços característicos. Não podia condescender com a moleza e a covardia. O uso das correntes da santa escravidão, ou cilício, não o deixou no meio dos trabalhos e nem mais tarde atacado de febrès.

A sua alimentação era frugalíssima — diz-nos um relatório feito por pessoas que então o conheceram e se sentaram à sua mesa.

Quando tomava as refeições em casa das Irmãs, nunca permitiu lhe servissem pratos com esquisitos temperos e nem comida diferente da comunidade.

A modéstia e mortificação dos olhos brilhava nêle com o esplendor com que resplandecia nos monges do deserto. Era o amigo de todos, sobretudo das criancinhas. Mas seu olhar jamais pousava sôbre qualquer dêstes anjos de inocência, ou sôbre pessoas doutro sexo, com excessos de curiosidade ou exageros de admiração.

Certa família, das mais ilustres de Macapá, apresentou-lhe a filha de 15 anos, pedindo lhe completasse o curso de piano, sabendo-o conhecedor da música e possuidor do bom gôsto. Recusou-se êle simplesmente. Mais tarde confiou às suas filhas espirituais tê-lo feito por não se querer expor ao perigo de cometer sequer uma pequena imodéstia.

Êste acontecimento por si só seria bastante para nos significar o homem de Deus que êle foi em Macapá.

*
* *

Forcejou êle sobretudo para crescer, ai, no amor de Maria. Vimos, através do seu relatório, o esmêro pela associação das Filhas de Maria. A devoção, porém, que tinha a Nossa Senhora era ainda maior e mais vivificante. Por Maria e com Maria sobraçava todos os trabalhos apostólicos.

Êle mesmo afiançou numa carta desta época: "Tudo devo atribuir a Maria, porque tudo busquei fazer com a proteção de Maria".

Vida penitente por amor de Maria; trabalho para a glória de Maria; piedade profunda e comunicativa, de união a Maria; sobretudo um assombroso potencial de sacrifício, de abnegação por amor a Maria, — eis o que emoldura com perfeição o quadro do homem de Deus, do missionário intrépido, do grande apóstolo de nossas matas.

CAPÍTULO XIX

O grande apóstolo da Amazônia

Pe. Júlio-Maria, projeção do Apóstolo São Paulo — Através do Amazonas — Contrastes entre a natureza e o homem — Apostolado entre os caboclos — Combate ao protestantismo — Misto de bondade e bravura — O presente de Natal — Conclusão

O traço psicológico dominante do Pe. Júlio-Maria De Lombaerde, em tôda a sua vida apostólica, é a coragem inquebrantável. Não considera dificuldades. Não conhece meias-medidas. É o apóstolo, por assim dizer, INDOMÁVEL. Nada que possa contê-lo na loucura de ganhar almas.

Mas onde mais se releva êste seu traço característico é nas missões do norte do país, que ora estamos historiando, quanto a escassez de documentos nos permite.

Parece-me não haver dissemelhanças entre êle e São Paulo, afora a própria investidura apostólica.

O desassombro, o esfôrço infatigável e solícito; as viagens perigosas; a vida às vêzes nômade através das águas; a atividade e produtividade assombrosa do evangelizador e do escritor; as perseguições e sofrimentos morais; o zêlo, numa palavra, e aquele ardente amor de Jesus Cristo que não teme ser anátema por seus irmãos — eis palpitantes parecenças entre Pe. Júlio na Amazônia e Paulo ao alvorecer do cristianismo.

Não só semelhanças na atividade. Estas se firmam nas afinidades de caráter e de vida. A mesma fôrça de vontade. A mesma convicção. A mesma ausência de co-

modismo. A mesma guerra ao pessimismo atrofiante, para criar o otimismo desdobrador do apostolado leigo.

E tudo isto — claro está — era a irradiação da mesma pujança de vida interior, de união com Deus, jamais perdida entre as refregas do apostolado, do mesmo "mihi vivere Christus est", a fazer do homem um outro Cristo.

Padre Júlio-Maria transpondo as braças do Rio-Mar, varando as florestas do Amazonas, galgando, em longas viagens, o Tumuc-Humac, faz pensar em S. Paulo, o GRANDE APÓSTOLO da Igreja primitiva.

Já relanceamos o apostolado paroquial do Pe. Júlio-Maria De Lombaerde em Macapá.

Pormenorizemos nosso exame histórico, vendo-o nos trabalhos da missão. Façamo-lo viver por alguns instantes aquela mesma vida da Amazônia, e teremos a figura de S. Paulo, teremos a projeção do GRANDE APÓSTOLO.

*
* *

Três atividades dividiram seu zêlo nas missões do norte: a cura da paróquia de Macapá, viagens de missão entre os índios, e, por último, a fundação das Irmãs Filhas do Imaculado Coração de Maria.

Descrevamos agora, quanto possível, sua vida entre os caboclos.

Os documentos mais eloqüentes que possuimos são as suas próprias narrativas, sem pretensão, às vêzes sem esclarecimentos, sempre a êsmo, em palestras íntimas.

*
* *

De três em três meses pelo menos êle ia até o Tumuc-Humac, ponto extremo das missões. Longas travessias, com perigo de vida, empolgantes pela majestade da natureza, dolorosas pela fome, martirizantes pela falta total de confôrto...

Um barco simples, ou canoa, com apenas um abrigo coberto para se protegerem os utensílios mais necessários, tal era o veículo em que se dispunha para a viagem de léguas e léguas através do Rio-Mar.

A fôrça dos remos era a única arma contra a correnteza das águas.

Nestes dias não se conhecia repouso, e, muita vez, nem alimento. Ao voltarem da expedição, não raro estavam os missionários sem sapatos e com um trapo aos ombros à guisa de batina. O rosto macilento e os olhos fundos traiam as prolongadas vigílias; e as unhas crescidas e os cabelos em desalinho e os dentes escurecidos denunciavam o bandeirante afoito e destemido, para quem não existem mais as minudências do confôrto citadino.

Tal era o Pe. Júlio nestas arrancadas de apóstolo.

Como fôra belo e empolgante vê-lo no barco modesto e veloz a singrar à flor das águas, tendo à cabeça o velho chapéu de largas abas, com que aparece nos retratos de então, ostentando ao peito a grande cruz de missionário.

Porte ereto, nobre, o peito erguido às rajadas do vento, o olhar faiscante e dominador no rosto temperado de um sorriso, ainda sem barba, aparecendo-lhe o queixo possante, sinal da expressiva fôrça de vontade — tal o conjunto em que o contemplo emoldurado, após tantos anos passados...

E lá se ia êle, quase sempre ao lado do seu companheiro, Vigário de Mazagão — o Pe. Hermano, êste folgazão destemido, forçoso, rompante de voz e de gestos, quase selvagem entre selvagens... mas piedoso, ou como dizia humorìsticamente o Pe. Júlio: "católico, apostólico, romano e... mariano!".

* * *

Qual foi a sua impressão ao internar-se pela primeira vez no rio imenso e nas florestas amedrontadoras?

Duas perspectivas se apresentaram ante seus olhos: a do homem e a da terra. Esta, estupendamente grandiosa; aquele, desgraçadamente enfêrmo. Retratemos suas primeiras impressões.

Foi entre abril e junho de 1913, que êle empreendeu a sua primeira viagem através das águas e florestas.

Noites frias sobrevinham ao mormaço dos dias abrasadores.

O que o arrebatou sobretudo foi a majestade selvática do Amazonas.

"Assentado (1) à prôa do barquinho, enquanto dois caboclos brandiam os remos, eu contemplava o que os meus olhos jamais tinham visto. Ilhotas verdejantes, onde se erguiam árvores colossais. Bosques a se confinarem com bosques. Trepadeiras a se entrelaçarem às trepadeiras. E sob um céu profundíssimo e abrasador, as caudais esverdeadas rolando na imensidão das florestas.

Tudo o que Deus criou de mais belo para admiração do homem, existe no Amazonas. Todos os tipos de beleza tropical. Pássaros e borboletas, de variadas côres e diferentes tamanhos. E nas manhãs de sol, por entre o adejar buliçoso das borboletas, o canto mavioso de milhares de pássaros, num acorde universal...

Aqui e além, nas ilhas cercadas de águas poderosas para onde pendiam as ramagens dos troncos possantes, vêem-se cruzes brancas de sepulcros, santificando a memória dos mortos abandonados. Mais além, crocodilos que repontam da corrente, e correm aos flancos dos barcos velozes.

E sempre bosques e mais bosques, florestas e mais florestas, água e mais água, céu e mais céu. No Amazonas tudo é grande. E o homem sente-se pequeno diante daquela majestade selvagem e encantadora".

*

* *

1) Pe. JÚLIO-MARIA — *fatos de sua vida contados por êle mesmo.*

Mais se admirou êle ainda do contraste entre a bela natureza e a baixeza dos habitantes da terra. "Os habitantes do Rio Grande do Norte — dizia-lhe um sacerdote amigo — merecem de fato compaixão; mas os do Amazonas merecem compaixão e lágrimas".

Êle pôde apalpar a realidade desta palavra.

"Os caboclos do Amazonas só tinham um ideal: comer peixe com farinha e beber o licor do assaí". E para além disso os seus pensamentos só desciam às vilezas da sensualidade carnal. Começavam por descrer da castidade sacerdotal, infelizmente devido a maus antecedentes, tidos e havidos como regra comum.

Colonizadores, seringueiros e exploradores da terra, quase todos de ínfimo proceder moral, tinham criado entre caboclos e índios um ambiente de vícios grosseiros e de desrespeito à família originàriamente monogâmica entre os selvagens.

Era preciso, já se vê, uma abnegação heróica, para enfrentar todos êstes males.

O fetichismo reinante entre os cablocos, o vício da imoralidade, as desconfianças com o missionário, o desconhecimento de seus costumes — eis obstáculos a vencer e verdadeiras doenças morais a curar.

*

* *

Qual era o seu apostolado entre os selvagens pròpriamente ditos?

Pouco narrou êle a êste propósito e poucas informações possuimos. (1)

---

1) A concluir de suas narrações e de documentos que pude haver às mãos, manda-me a lealdade histórica dizer que o Pe. Júlio-Maria não estêve pròpriamente entre índios selvagens, no sentido que ligamos a êste têrmo. Algumas narrações sôbre estadia dêle entre índios antropófagos foram quiçá exagêro de quem as transmitiu.

Esteve, sim, o Pe. Júlio entre os caboclos da Amazônia semiselvagem; e, às vêzes, passageiramente, entre índios mansos. É o que se me afigura mais verdadeiro à luz das narrações e documentos obtidos.

A paróquia de Macapá pertencia a um território de missões.

Suas capelas, que podiam ser incontáveis, ao alvitre do missionário, eram por tôda a parte onde se reunia um grupo de selvagens e semi-selvagens. Uma cruz plantada à beira da estrada ou em ilha verdejante do Amazonas, um recanto pantanoso onde se agrupavam duas ou três casas, ou simples casebre à margem dos rios, atrai o missionário conquistador para pregar e celebrar o santo sacrifício.

E aí se arrumava a rêde do missionário entre dois galhos de árvore.

O companheiro das expedições do nosso Padre Júlio-Maria foi muitas vêzes o seu fiel CANOZA, caboclo selvagem que o defendia e lhe ensinava os emaranhados da floresta desconhecida. Certa vez, salvou-o num desastre de canoa, e doutra feita matou, com um tiro na bôca, a uma onça feroz, que se investiu contra êles. À noite, dormia ao pé da rêde dos missionários, pronto sempre ao primeiro chamado, e decidido sempre a todos os sacrifícios. Era o sacristão, o guarda vigilante, o amigo de tôdas as horas.

A demora do Padre em cada região era de seis a oito dias. Evangelizava. Visitava os enfêrmos e levava-lhes socorros médicos. Era preciso primeiro curar os corpos para depois ganhar as almas.

Só Deus sabe o heroísmo de muitas noites passadas, então, pelo nosso missionário! Qual era o seu alimento?

Que êle mesmo no-lo diga: "O alimento era o que encontrássemos por acaso; peixes assados numa trempe à margem do caminho, muita vez sem sal; frutas e mel silvestre, carnes de pássaros ou animais de caçadas; tais os nossos alimentos, quando não eram raízes ou fôlhas e cascas de certas árvores do Amazonas..."

O trabalho era muito, a fadiga sem lenitivo, a sêde não se mitigava sem perigo de febres e sezões, o sono entrecortado por picadas de mosquitos, os dias, enfim, interminàveis e acabrunhadores.

Acresce, para martírio e provação do missionário, o pouco fruto espiritual de tantos labores.

Não raro, após curta ausência, quando tornava aos meios missionados, achava entre o trigo a cizânia que "o homem inimigo" semeára. Eram pastores protestantes ou feiticeiros sagazes, que vinham pôr a perder o seu trabalho de evangelização.

Já naquelas paragens, seu apostolado providencial foi o combate ao protestantismo.

*

* *

A propósito, contam-nos pessoas de lá o seguinte ocorrido edificante. Certa vez, foi êle a Belém, onde se demorou dois meses para se refazer das fôrças perdidas e da saúde sacrificada. Ao chegar, encontrou muitos caboclos apartados da religião, em conseqüência do trabalho de um pastor, sediado em Macapá.

Pe. Júlio lançou-se à liça com ardor, para livrar seus paroquianos das malhas nefandas da protestantismo. E, para êste fim, instruia o povo por meio de sermões que fazia à noite com grande brilho de eloqüência e convicção de dialética.

Mas, também, rezou... Tinha como certo que Nossa Senhora não deixaria perecer o seu rebanho...

Quando lhe foi preciso ir de novo a Belém, dirigiu-se ao povo de sua paróquia dizendo: — "Tudo tenho feito pelo meu rebanho.

Invoquei a Maria SS... E tenho viva esperança de que, ao voltar, não mais encontrarei entre vós quem ilude vossas almas..."

E partiu. Quando tornou à terra, acorreram a contar-lhe com admiração que morrera o pastor protestante logo depois de sua viagem... (1)

*

* *

1) Dados fornecidos pelas Irmãs Filhas do Imaculado Coração de Maria.

De seus embates com os manes de Lutero contou êle fatos jocosos. Memoremos dois.

Certo dia, ao chegar num povoado de seus caboclos, anunciaram-lhe a estadia de um Pastor no local. Mandou dizer ao intruso que se retirasse, por favor, pois não era terra de sua evangelização aquele bom povo.

Apenas sabedor da vinda do Missionário, o bom homem tomou do barco apinhado de bíblias e fugiu. Mas teve a fraqueza de dizer que iria a Mazagão dentro de breves dias.

Mais que depressa, mandou o Pe. Júlio um caboclo a esta cidade, levando ao Pe. Hermano um bilhete, nestes têrmos: "Aparecerá aí por êstes dias um Pastor biblista. Faça-lhe recepção condigna... De Lombaerde".

Pe. Hermano era um homem de cabelinho nas ventas. Não esperou o infeliz em casa. Foi-lhe ao encontro a mais de légua, no trapiche, onde devia tomar condução para a cidade, pois Magazão está a 16 km. do Amazonas.

Ali chegado, com três caboclos fortes, esperou a vítima. Mal descido à terra, perguntou-lhe à queima roupa:

— O Sr. é Pastor?

— Sim, Senhor. Vou a Mazagão anunciar a salvação trazida por Jesus.

— Qual salvação, qual nada! Tome já e já o seu barco e volte a outras paragens, senão mando dar-lhe um banho agorinha mesmo...

Isto dito, fêz sinal aos companheiros, que, num chispar, agarraram-se com o pobrezinho e o levaram para o barco e ainda lhe puseram nágua quanto livro trazia.

Indo a canoa a alguma distância, gritaram-lhe: "Suma-se de vez, Pastoreco duma figa!... Doutra vez que aqui vier, terá de voltar a nado, porque lhe tomaremos ó barco..."

E uma grita de assovios e gargalhadas pôs têrmo ao bota-fora do Pastor, que nunca mais voltou a Mazagão e Macapá. (1)

Doutra feita chamou um Ministro ao Pe. Júlio para disputa pública.

Compareceu logo um caboclo ao lado do Missionário, e vinha trazendo ostensivamente a sua faquinha e dizendo:

— Padre Mestre, se aquele desafortunado falar contra Nossa Mãe Maria SS., pode deixar para mim, que eu, num pulo, arranco o umbigo dêle com a faca...

*

* *

Êstes fatos bem mostram, assim a fé ardente do caboclo, como a ascendência moral do Missionário.

Pe. Júlio-Maria era querido pelos seus caboclos, como só os caboclos mesmos o saberiam dizer.

O poder de influenciar, de conquistar, de atrair a admiração e o respeito de todos, ricos e humildes, foi uma das irradiações grandiosas de sua personalidade em todo o tempo, e cremos que mormente nesta época do viço de sua virilidade.

Misto de bondade e bravura o circundava. Transparece isto admiràvelmente num retrato que guardo. Vê-se aí o Pe. Júlio, ainda sem barba, com o seu característico chapéu, cruz ao peito, abraçado a dois negrinhos esfarrapados e sujos. Há no conjunto tanta atração, tanta beleza, que a gente se empolga com o gesto dêste Padre tão severo de rosto, mas tão bondoso de coração, a pôr suas alegrias entre gente ignorante e desamparada.

---

1) Sem dúvida, a-pesar-de ser do sangue quente, jamais o Padre Júlio-Maria aprovou, nos seus combates ao protestantismo, qualsquer medidas descaridosas, como a do Pe. Hermano.

Foi sempre violento no falar. Nunca, ao que conste, foi levado a atos de repulsa grosseira. Êle mesmo disse, ao narrar o fato supra, que, o bilhete enviado a seu colega, não intentava senão um aviso para a necessária refutação aos erros do adversário religioso. Nada mais.

O retrato é um dêstes quadros que se poderiam intitular apoteoses do heroísmo das missões católicas. Só a virtude é capaz destas grandezas.

*
* *

Findemos êste capítulo com a narração de um fato que mostra o heroísmo do apóstolo.

Em antevéspera de Natal, recebeu o Pe. Júlio, em Macapá, um bilhete do Pe. Hermano: — "Vou passar aí o Natal. Levo-lhe um presente... Pe. Hermano".

Que presente trará êle? — perguntou com ansiedade o Pe. Júlio.

Foi ao trapiche. Chegado o barco, faz-lhe sinal, sorridente, o Pe. Hermano.

— "Entre. Venha buscar o presente de Natal..."

E sorria contente. Pe. Júlio entrou. Um cheiro nauseabundo no recinto denunciava úlceras pustulentas. Enfia a cabeça na pequena porta da parte coberta, e dá com um miserável leproso ante seus olhos...

Achando-o no longínquo das matas, trouxe-o o Pe. Hermano com admirável caridade e zêlo.

E o Pe. Júlio, não obstante a repugnância que sentia, levou-o para sua casa, tratou-o com caridade não menos admirável até arranjar-lhe moradia insulada, onde consumasse seus dias...

*
* *

Rematemos êste quadro incomparável que o agiógrafo mais exímio não descreverá nunca: o missionário das matas bravias. Impossível focalizá-lo todo na complexidade de suas linhas, tal é a grandeza do apóstolo que temos diante dos olhos.

Quantas vêzes comeu êle como alimento grelos de pau e fôlhas de árvore! Vêzes quantas passou as noites ao relento ou nos casebres sórdidos à cabeceira dos enfêrmos!

Duas vêzes naufragou com perigo de vida, uma delas à noite, e Providência foi de Deus que não morresse.

Nas infindas viagens, ora por águas, ora por terra a cavalgar seu velho burro, era o homem da prece e da atividade sem descanso. Dois de seus livros foram escritos nestas lutas apostólicas. Páginas que ainda se conservam manuscritas, disse êle mesmo tê-las escrito por vêzes ou entre o oscilar das barcas ou ao passo lento da cavalgadura...

Não conhecia repouso. Não o perturbava a extensão das jornadas. Não esmorecia ante as dificuldades insuperáveis.

Sofreu, quem sabe, a malevolência dos homens!
Mas tinha coração aberto para perdoar.
Tinha a alma grande para calar.
Tinha o coração de fogo para não desaminar.

Era o homem de Deus.
Era o Apóstolo.
Era São Paulo percorrendo as plagas do Amazonas...

CAPITULO XX

Pai de numerosa família

Padre Júlio pensa em fundar uma Congregação de Religiosas em Macapá — As dificuldades — Realizando uma obra divina contra tôdas as possibilidades humanas — Expõe a idéia ao Exmo. Prelado de Santarém — As primeiras candidatas — A primeira vestição e a prova de Nossa Senhora — Início na extrema pobreza — Os progressos do novel instituto — Ereção canônica — Conclusão

Ao chegar a Macapá, topou o Pe. Júlio De Lombaerde, como primeira dificuldade à evangelização do povo rude, o abandono e conseqüente desnorteamento das crianças. (1)

"Macapá não podia causar impressão pior..." — afiançou-nos êle próprio.

Confrangia o coração e trazia lágrimas aos olhos o espetáculo da infância abandonada. Quantas inocências perdidas! Quanta infelicidade precoce em corações apenas desabrochados aos sorrisos do amor!

Era preciso reparar êstes estragos d'alma. Era necessário trazer a Jesus os corações inocentes, e levantar dos charcos as purezas sacrificadas.

---

1) Na biografia da Irmã Celeste, escrita pelo Pe. Júlio-Maria, êle nos fala dos grandes perigos ambientes que cercaram esta "florzinha" do Brasil, o providência foi de Deus que ela se não perdesse por completo... (*Um anjo da Eucaristia*, cap. I).

"No meio de uma população sem religião, licenciosa, sem vigilância moral da parte dos pais, essa pequena "flor", pelo encanto da sua formosura física, pelo esplendor de suas qualidades morais, poderia ter encontrado — *deveria ter encontrado* — inúmeros perigos e laços capazes de perdê-la e até de macular sua alma..."

Que fazer? Era talvez a hora escolhida por Deus para a realização dos planos que Maria SS. inspirara ao nosso missionário, um dia, em alto oceano, no tôsco camarote do "Bremen"...

Desde a manhã em que ouvira as palavras da Virgem: — *"Vous serez Père de deux grandes familles"* — nascera-lhe nalma o desejo de empreender, confiante, a primeira fundação religiosa.

Parecia-lhe, entretanto, temeridade, sem mais experiência, dar-se a tão arrojada emprêsa. Preferiu esperar mais anos, para que se revelasse a vontade de Deus.

*
* *

Passados três anos de sua estadia em Macapá, Deus mostrou claramente a sua vontade. De um lado, as crescentes necessidades de educação para as órfãs, sem haver quem delas cuidasse. Doutro as instâncias de famílias mais aquinhoadas, a solicitarem do bom Padre educadoras para suas filhas. Macapá não queria ficar em perpétuo atraso cultural.

A êstes fatos, acresce o germinar das primeiras vocações religiosas entre as donzelas, sob a direção do missionário.

Ao iniciar seus trabalhos apostólicos, vira o Pe. Júlio-Maria ao lado da necessidade a impossibilidade dum instituto religioso em Macapá. Estava condenado à morte antes de nascer. Onde as vocações para incrementá-lo de vez que ali não existia a mínima compreensão das excelências do estado religioso?

Já não era assim, passados três anos. A formação que deu às Filhas de Maria foi, sem dúvida, ordenada para estas concepções grandiosas da vida consagrada a Deus, que êle buscava sempre incutir nas almas.

E medraram para logo os primeiros frutos. Não eram talvez muito sazonados. Não tinham aquelas boas

moças caboclas o conhecimento aprofundado da vida religiosa. Mas havia, entre elas, aspiração de uma vida melhor. Desejo de agradar a Deus. Um querer indizível, que elas mesmas não sabiam de que era.

Pe. Júlio, com intuição admirável, percebeu a hora de Deus.

*
* *

Fundar logo a Congregação planejada? Fazê-la surgir da fecundidade de mil sacrifícios sob as bênção de Maria Sma.?

Sem dúvida, a graça de Nosso Senhor não falece aos que trabalham nêle confiados. Pe. Júlio tinha certeza da Providência.

Mas, e se estivesse iludido quanto aos planos de seus empreendimentos? E se não fôsse da vontade de Deus, como pensava, mas exclusivamente sonho do amor próprio, o seu ideal de fundador?

*
* *

Era preciso rezar e refletir e recorrer às provas. Padre Júlio-Maria não temeu a mais tremenda de tôdas elas: sacrificar o seu pensamento fundamentalmente. Não fundaria uma Congregação nova. Iria procurar religiosas já experimentadas, que lhe quisessem estender as mãos para os misteres tão urgentes de educação das meninas.

Escutêmo-lo. "Almejando dar à minha paróquia o benefício de uma fundação religiosa, que se ocupasse da educação das meninas tão desastrosamente abandonadas e expostas no interior dos estados, fui bater à porta de diversas comunidades para realizar êste ideal". (1)

---

1) *Um anjo da Eucaristia* — Cap. V, § 1.º — 2.ª edição.

A tentativa provou que a vontade de Nosso Senhor era a criação de um instituto novo, adaptado ao lugar, aos costumes, à índole daquele povo. Por mais que procurasse, pedisse, e escrevesse a Congregações de perto e de longe, não obteve Irmãs para Macapá.

"Nenhum instituto tinha Irmãs suficientes ou preparadas para um tal apostolado, onde tudo era sacrifício, privação e abnegação. Longe de todo centro civilizado, no seio de um clima mortífero, tudo parecia obstáculo insuperável.

"Além disso, as Congregações existentes no norte, em sua quase totalidade, eram estrangeiras, para as quais a aclimação é o início de mil dificuldades, e o próprio idioma, um embaraço.

"E depois, a alimentação do interior, sem nenhum dos confortos das grandes cidades era um outro obstáculo que ameaçava desmoronar um projeto antes de começar a realizar-se". (1)

*
* *

Tais eram as condições e as provas.

Elas atingiam não só a qualquer sodalício religioso que viesse de fora, já se vê, mas sobretudo a outro que se tentasse criar, num centro tão baldo de recursos e tão inçado de dificuldades.

"Mas para Deus tudo é possível!" — exclama, com ardente fé, o nosso biografado. "E muitas vêzes escolhe um conjunto de impossibilidades humanas, para, sôbre elas, construir realidades divinas.

"Foi o que aconteceu em Macapá.

---

1) *Op. cit. ib.* — Perdoe-me o leitor a longa citação. Parece-me que não há historiador mais competente do que o mesmo protagonista da história. Tôdas estas circunstâncias aí expostas pelo nosso biografado se revestem, com suas próprias palavras, de um caráter, que não teriam se expostas por outros.

"Compreendi a situação... e não encontrando nenhuma brecha humana, julgava — contra tôda a prudência — que era a ocasião favorável para realizar uma obra divina. Nada tendo de esperar de elementos de fora, era mister lançar-me e fundar uma nova Congregação, apta a dar aos sacerdotes um auxílio eficaz no santo ministério, tão dificultoso nas cidades do interior.

"O projeto não era sòmente ousado, era quase louco. Mas é o caso de repetir a palavra da Sagrada Escritura: *Spiritus ubi vult spirat*. O Espírito Santo sopra onde quer, e Deus zomba, às vêzes, da prudência e dos planos terrenos, para mostrar a todos que as obras sobrenaturais são apoiadas nêle e tiram dêle a sua vitalidade, crescimento e perfeição.

"É bem o caso da fundação das Filhas do Imaculado Coração de Maria.

"Um pobre religioso, sem apoio, sem recursos, sem proteção, num lugar afastado, quase perdido, onde não desabrochavam vocações nem nasciam entusiasmos generosos para Deus, êste religioso era, material e fìsicamente, incapaz de realizar uma obra que desconcertava todos os cálculos humanos".

*

* *

Obra difícil, de excelsa magnitude, de ingentes trabalhos, está claro, a fundação que o Pe. Júlio-Maria planejava.

Dariam as autoridades eclesiásticas assentimento a esta humana loucura?

Era a última prova que restava, a mais decisiva para a pequena fundação.

Pe. Júlio pôs-se em oração e deliberou ir ter com o Prelado e expor-lhe o pensamento com confiança e coragem.

Eis como êle nos contou, jocosamente o fato: (1)

---

1) Pe. JÚLIO-MARIA — *fatos de sua vida contados por êle mesmo.*

"Resolvi-me, depois de ter batido em vão à porta de muitos conventos pedindo freiras para a missão, ir expor ao Bispo as minhas ansiedades e desejos.

"Cheguei à presença do Prelado, Dom Amando. (1) Com a liberdade que tinha diante dêle fui-lhe logo dizendo: "V. Excia. não estranhe a minha pressa. Venho aqui para dizer-lhe que, ou obtenho freiras para Macapá, ou acabo com a missão..." E sorri. Êle compreendeu a minha malícia, porque duas ou três vêzes já lhe falara do meu desejo; êle não o aprovara, nem tão pouco o desaprovara, achando, quem sabe, uma tolice irrealizável o tal projeto.

— Ora, Pe. Júlio, se precisa de Irmãs, não há outro remédio senão mandar vir de fora. Aqui no mato não se arranja mesmo...

— Excelência, já bati à porta de todos os conventos. Já escrevi para o Rio e para a França. Não há freiras que queiram vir. Que devo fazer?

— Então, está mesmo sem jeito...

E ficamos silenciosos, um em frente do outro, por uns três minutos... Enfim, rompi o silêncio dizendo:

— Excelência, quando a gente não tem uma cousa e precisa desta cousa, o que é que a gente faz?

— Faz esta cousa, está claro...

— Pois bem, V. Excia. me dê licença, que vou fazer freiras...

— Ora, Pe. Júlio, ou você é um diabo, ou você é um santo... Donde lhe vem agora esta idéia?...

— Santo, sei que não sou — repliquei-lhe. Ainda não reparei também se tenho chifres e rabo, por isto não sei se sou demônio... Mas V. Excia. me abençoi, que vou arrumar freiras para Macapá...

Beijei-lhe o anel, tomei o chapéu e saí. O Bispo seguiu-me até à porta, com o olhar desconfiado e o sorriso

1) Dom Frei Amando Bahlman, Prelado de Santarém.

nos lábios. Êle não podia supor que eu tinha coragem de empreender uma obra de tamanho vulto..."

*
* *

Não importavam as palavras do Bispo em licença canônica para se organizar associação de qualquer caráter religioso. Mas homens que têm um ideal e que o vivem não conhecem impedimentos para seus planos. Pe. Júlio-Maria, que era dêstes, levou avante o seu projeto.

Era pelos meiados de 1915. O nosso herói, devido ao fato de ser colaborador da "Voz de Nossa Senhora de Nazaré" entrou em relações íntimas com um sacerdote barnabita francês, redator desta revista. Expôs-lhe em carta o desejo da fundação, e pediu seu amparo moral. Êste homem de Deus bateu palmas à grandiosa idéia. Apresentou ao Pe. Júlio as duas primeiras aspirantes, de S. Luís do Maranhão.

Entrementes, apresentou-se-lhe a própria Presidente das Filhas de Maria, de Macapá, querendo ser religiosa, e pediu-lhe uma carta de recomendação, para êste fim, pois ia mudar-se para Belém.

— Sim, minha filha. — disse-lhe — um dia hás de ser religiosa aqui mesmo em Macapá. Reza, e espera com paciência...

A moça não compreendeu talvez esta palavra. Mudou-se para Belém.

*
* *

Poucos meses transcorridos. Em setembro, Dom Amando Bahlman viaja para o Rio, marcando para 20 de outubro, em Belém, uma entrevista com o Pe. Júlio-Maria.

Pareceu-lhe a hora azada para iniciar a Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria — que êste era o nome que lhe ia dar. Tanto mais que tudo se podia fazer no silêncio, às escondidas de seus próprios irmãos de hábito. Doutro modo êstes o chamariam de louco. Era,

pois, intenção sua ocultar de tal maneira o projeto que, a todos, paroquianos e missionários, à exceção do Prelado, se afigurassem no princípio as religiosas aparecidas em Macapá, uma residência de Congregação renomada e não fundação de instituto novo. Daria, por isto, o hábito às primeiras aspirantes em Belém e levá-las-ia para Macapá como religiosas de Congregação já existente. Como o ideal é ousado em suas pretenções!

*
* *

Aos 19 de outubro viaja o Pe. Júlio-Maria para Belém. Escrevera já para as aspirantes de S. Luís do Maranhão e para a antiga presidente das Filhas de Maria de Macapá. Só uma de S. Luís vem unir-se à companheira que reside em Belém. Elas mesmas confeccionam os hábitos, no estilo e parecença comum das religiosas.

Entretanto, D. Amando não chegou em fins de outubro. Pe. Júlio esperou até meado de novembro, quando se resolveu a "fazer freiras", como dizia, sem mais conversa com o Prelado.

Marca-se a vestição para 21 de novembro, festa da Apresentação de Maria SS.

Mas Deus, nos seus desígnios preparava um golpe, que seria bastante para destruir a obra, se ela não nascesse exclusivamente do zêlo e da humildade. Justamente na véspera da vestição, dia 20, chega o Prelado de Santarém. Pe. Júlio, desejoso de tudo fazer com as bênçãos da obediência, foi cedinho, após a missa, estar com êle, e pô-lo a par dos acontecimentos, plenamente convencido de que não haveria oposição de sua parte.

Deixemos que êle mesmo nos relate o golpe que recebeu: (1)

---

1) Ver esta narração em seu manuscrito intitulado: *Breve história da fundação das Filhas do Coração de Maria*, que só agora achei em seus numerosos papéis. É pena não o tenha encontrado antes; êle traz esclarecimentos importantes aos capítulos precedentes, já escritos e publicados. Sòmente noutras edições poderemos corroborar com êle as narrações de fatos sobrenaturais contados neste livro.

"Afinal, o Prelado chegou na noite de 20 para 21 de novembro. De manhã cedo, fui ter com êle no Arcebispado, e fiz a exposição completa de meu projeto, dizendo-lhe que, vendo-o assim em atraso, tinha preparado tudo e que só faltava a sua licença para dar o hábito às duas primeiras postulantes.

"O Prelado ficou desapontado, declarando abertamente que isso era impossível; que não podia consentir nisso, e que a execução de um projeto de tal importância era precipitada demais. Concluiu dizendo que era preciso mandar as moças para as suas famílias e abandonar o projeto.

"Uma emoção intensa apoderou-se de mim. Recorri à doce Virgem, pedindo que mostrasse que esta obra era verdadeiramente e ùnicamente sua.

"Não pude, no princípio, reter uma lágrima. Mas, dominando a impressão e impondo silêncio ao meu coração esmagado, respondi que "Sim", que parecia que, de fato, tinha precipitado as cousas, mas que, filho da obediência, me sujeitaria a tudo o que êle decidisse. E, caindo de joelhos, peguei-lhe as mãos, beijei-as, e disse resoluto, mas confiado de que a doce Virgem não me abandonaria:

"Vossa Excia. me perdoi se há culpa. Pensei fazer bem. Só tive em vista a glória de Deus. Queira desculpar-me esta precipitação; estou pronto a reparar tudo e a mandar as moças para suas famílias.

"De repente, quando tudo parecia perdido, tudo foi ganho. Humanamente, a fundação estava perdida, mas a SS. Virgem vigiava... esperava esta hora para mostrar mais uma vez que esta obra era tôda sua.

"O Prelado, pegando-me as duas mãos, me fêz sentar de novo e, com brandura, continuou: — Espera. Vamos dar jeito nisso... Não posso aprovar pùblicamente esta fundação... Mas não a desaprovo... Fecharei os olhos... O Pe. Júlio-Maria continuará esta obra, eu deixarei fazer, mais tarde examinaremos como proceder para o futùro.

"Agradeci e disse que as duas primeiras postulantes estavam esperando para receber o hábito na igreja de Sto. Antônio. Despedi-me logo, e às 9 horas estava em Sto. Antônio, onde, um minuto depois, impús o hábito às duas primeiras postulantes. A obra estava fundada. Maria SS. tinha triunfado de todos os obstáculos".

E é dêste modo que nascem as obras de Deus.

*

* *

Pe. Júlio viaja para Macapá. As autoridades lhe cedem o prédio da escola municipal, para residência daquelas que êles consideravam religiosas vindas talvez da França, ou pelo menos do Rio.

O comêço foi da mais extrema pobreza. As inexperientes moças tiveram de sujeitar-se às provações do desconfôrto e da fome.

Iam tomar as refeições, a princípio, na casa do Vigário. Dias depois, juntou-se-lhes mais uma companheira. Foi escolhida uma superiora, que presidisse à minúscula comunidade.

Quando puderam ter cozinha própria, um dia seu pai espiritual e humilde fundador resolveu partilhar-lhes a enorme pobreza. Surpreendeu-as à hora do jantar.

Que tinham pôsto à mesa? Uma terrina com caldo muito ralo de água e farinha onde nadavam uns raros de gordura e um pedaço de pão ao lado. E era êste o jantar. O fundador, cheio de santa alegria, tomou com elas a refeição e — êle mesmo o disse mais tarde — cheio de felicidade por ver que se esboçavam nítidos sinais de uma obra de Deus.

*

* *

Daí a pouco estavam organizando um internato para meninas. Iniciou-se o ano de 1917 com apenas 20 internas; enfim, já eram 30, 40, 60. E as irmãs, daí a pouco, subiram a dez.

Entrementes, escreveu-lhes o Pe. Júlio as Constituições, o Diretório e um Formulário de Orações.

Longe de grandes centros, sem biblioteca, impossível sairem-lhe um primor de Direito Canônico as primeiras Constituições. Nelas se misturam conselhos ascéticos e advertências excelentes, mas sem precisão de têrmos para ser um código. As irmãs se valeram delas até 1927, ao que parece, quando, conforme às instruções de um Consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos, o fundador lhes deu a última demão. (1)

*

* *

Estava longe do espírito do Pe. Júlio-Maria a idéia de que sua obra fôsse uma Congregação no sentido canônico da palavra. Simples associação, como vêm a ser, de início, quase tôdas as obras similares.

O Bispo fechou os olhos sôbre o que se passava em Macapá. E quando notaram os sacerdotes que se tratava de uma fundação nova, não faltaram comentários, censuras e apreciações de todo lado. Quiseram abrir os olhos ao Prelado, que voluntàriamente os trazia fechados.

Só Deus sabe o que sofreu o Pe. Júlio-Maria.

Mas êle sabia que as obras de Deus são obras de Deus.

Dom Amando Bahlmann foi a Macapá, ver de perto o que se contava. Sua admiração foi grande e sentiu pal-

---

1) Eis aqui alguns tópicos da apreciação que o Pe. A. Sordet, Consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos, fêz do projeto das ditas CONSTITUIÇÕES:

"J'ai parcouru, avec un grand désir de rendre service au Père Fondateur de la Congrégation des Filles du Cœur Immaculé de Marie, le projet de Constitutions qui m'a été envoyé. Il m'a été facile de me convaincre que ce projet n'est pas susceptible de recevoir, dans sa forme actuelle, une approbation quelconque du St. Siège. Les Constitutions proprement dites sont mélangées avec des conseils ascétiques qui sont plutôt matière d'un Directoire Spirituel, avec des détails minimes qui ne peuvent trouver place que dans un Coutumier. Il n'est pas rare d'y trouver certains développements oratoires qui manquent de la précision théologique... etc. etc".

Entretanto, o mesmo Conselheiro não omite dizer: "Dans l'ensemble du travail, que j'ai sous les yeux, on sent l'esprit du bon Dieu et un vrai zèle pour la salut et la sanctification des âmes".

pável o dedo de Deus. Em documento elogioso aprovou a novel associação e providenciou logo para pedir a Sta. Sé as necessárias licenças para erigir canônicamente a Congregação.

Dentro de pouco tempo, outro missionário, Pe. Hermano Elsing, quis ter as irmãs em Mazagão. Fundou-se ali uma nova residência e escola, pobre como a de Macapá. Foi isto em março de 1918.

Pouco depois, chegava o rescrito da Sta. Sé, autorizando a ereção canônica, e as residências se multiplicavam com o aumento de Irmãs. Teresina, Paraíba, Pinheiro e Caxias foram os primeiros lugares a que levaram a irradiação de sua caridade e a expansão de seu zêlo.

*
* *

Quando o Pe. Júlio, reunido com suas Filhas espirituais, espraiava sôbre elas o olhar cheio de ternura, um abalo lhe sacudia, de certo, o coração. Era, enfim, o Pai de uma numerosa família, que levaria o reino de Nossa Senhora aos recantos mais desconhecidos do Brasil.

Estaria, porém, finda a sua missão?

Muitas vêzes deve êle ter-se feito esta mesma pergunta. E sentia nalma uma viva emoção ao pensar que êste primeiro passo era o aprendizado, a preparação, o tirocínio de mais importante tentame: a fundação de um instituto para homens, plasmados no mesmo espírito, unidos no mesmo ideal.

Só alguns anos mais tarde Nossa Senhora o guiaria a paragens longínquas, para, de igual pobreza e humildade, tirar a florescência grandiosa de mais duas famílias espirituais.

O FUNDADOR, em tôda a extensão dêste têrmo, Nossa Senhora o havia formado, através de grandes provações, muitas lutas, fracassos e pequeninas vitórias.

Como são inescrutáveis os desígnios de Deus!

III.ª PARTE

O MESTRE OU FUNDADOR

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XXI

O sêlo das obras de Deus

Fundador e mártir — As incompreensões — Os sofrimentos físicos — Primeiro fruto de seus martírios: a Irmã Celeste — É curado milagrosamente — Escreve a biografia de Irmã Celeste — Recrudescem os sofrimentos — Muda-se para Pinheiro (Rio Grande do Norte) — Intensa vida interior — Pensa na fundação dos Padres — Novas e violentas perseguições — Ostracismo — Vigário de Alecrim (Natal) — Despede-se do norte — Conclusão

Ei-lo aureolado com a glória de Fundador.

Um instituto de Irmãs em pleno desenvolvimento, com várias residências, crescido número de freiras, seguramente estabilizado, havia surgido, como por encanto, em um meio que oferecia todos os óbices e nenhuma facilidade para tal obra. Prova inconcussa de que a emprêsa era de Deus.

*
* *

Mas o sêlo das grandes obras de Deus é o sofrimento. Sobretudo o sofrimento moral.

E êle começou a ser mergulhado na dor, calcado aos pés, crucificado vivo, porque a sua missão se estava realizando. Já havia sofrido talvez muito em preparação ao seu munus de Fundador. E continuou a sofrer mais... Todos os fundadores sofreram na medida do desenvolvimento de seus institutos.

Sofrimentos físicos e sofrimentos morais, perseguições e moléstias — ambas estas formas de provação Deus fêz

abaterem-se sôbre êle para purificá-lo, para fazê-lo crescer em virtude, para prepará-lo, de certo, à fundação de seus Padres ...

Poucas vêzes, e com excessiva parcimônia, êle se referiu às provações que se seguiram à fundação do Norte. Mas, informações que recebemos posteriormente à sua morte asseguram que sua vida se transformou então num verdadeiro martírio, a se agravar paralelamente ao desenvolvimento da Congregação.

As primeiras provações morais surgiram tão logo se veio a saber em Macapá que ali não estavam religiosas verdadeiras, mas simples moças piedosas congregadas com a idéia de, um dia, erigir-se canônicamentte um sodalício religioso. A descoberta passou rápida aos ouvidos de pessoas da cidade.

Em breve se dizia que era sem futuro o Colégio fundado pelo missionário. Pais sem compreensão, levados não se sabe por que espírito, diziam que o Pe. De Lombaerde era um enganador, que havia traído a população, prometendo-lhes irmãs e trazendo-lhes simples professôras, quiçá mais atrasadas que as do município.

Sacerdotes sem escrúpulo censuravam as "ingênuas" que assim vestiam aquêle hábito e sacrificavam a vida trabalhando para um Padre ambicioso de passar por fundador de ordem e mestre espiritual de religiosas.

Nosso pobre Padre percebia tôda esta ação diabólica e as suas funestas conseqüências: retirada de certas alunas do Colégio, fuga de excelentes vocações anteriormente atraídas ao instituto.

Sua atitude única foi o silêncio e a oração. Êle sabia que Deus queria aquela obra. E isto bastava.

*

* *

Vulto maior tomaram os comentários quando, poucos meses após, morreu a Irmã Maria Gertrudes, aliás com verdadeiros sinais de santidade. Soube-se que fôra vítima de pleuris em conseqüência de rápido enfraquecimento.

Fácil de imaginar o que se disse, difamando o já "malfadado instituto".

Pior de tudo, em seguida a esta morte, começaram de aparecer as enfermidades: debilidades das irmãs, febre do próprio fundador, quer devidas ao muito trabalho, quer devidas ao meio pestífero em que viviam.

Eram as provações físicas que começavam.

Numa de suas idas ao Tumuc-Humac, o Pe. Júlio-Maria foi picado por mosca brava, e apanhou sezão.

Não era talvez para se temer a morte, mas podia-se supor ao menos uma vida arruinada por muitos anos. Periòdicamente, após restabelecer-se, vinham-lhe as dores de cabeça e as indisposições profundas. Dias inteiros no leito ou na cadeira, sem poder sequer escrever ou ler. Noites agoniadas e tristes, ao pêso do calor equatorial e da febre intermitente.

*
* *

Apenas melhorado das febres, pelos começos de 1921, sobrevém-lhe maior incômodo: o de feridas malignas sucessivas, na perna, que, enfim, se transformaram em eczema insanável.

Numa viagem a cavalo, em conseqüência de queda violenta, sua perna direita se escalavrou entre paus da acapú, que lhe fizeram extenso ferimento de ambos os lados da baixa tíbia.

Três meses lhe custou a cura da ferida. E logo depois, repontava outra ao lado da primeira.

A esta se seguiram rebrotos sucessivos, que lhe transformaram aquela parte da perna em uma só ferida purulenta, dolorosa e rebelde a todo tratamento.

Durante ano e meio, ei-lo condenado ao repouso forçado, sem poder firmar o pé, agora atacado de dormência. E aquela natureza ardente estabiliza-se numa imobilidade quase improdutiva.

Fácil de compreender-se o martírio que vai em tudo isto.

Acrescentem-se à dor física as provações morais, que aumentavam dia a dia, e ter-se-á o quadro completo de um homem de dores.

*
* *

Pe. Júlio deu-se mais intensamente à vida interior.

Foi providencial para a formação de suas religiosas. Floresceu, então, como nunca, entre elas, o amor a Jesus Sacramentado, o espírito de oração, o amor ao sacrifício. E foi desta via-sacra de tantas dores físicas e morais, dir-se-ia, que nasceu aquela alma santa, filha do espírito e do coração abrasado do Pe. Júlio-Maria — a Irmã Celeste.

A maior prova de que um instituto é de Deus são os seus frutos de santidade. Os da Congregação das Filhas do Imaculado Coração de Maria estão patenteados e resumidos na vida de Irmã Celeste.

*
* *

Alma ardente como o sol tropical sob que viveu, esta menina apresentou de início tôdas as resistências à divina graça. Grandes dotes naturais — inteligência, coração, beleza física — nela foram, por isto, sacrificados aos caprichos ruinosos de uma natureza mal formada.

Mas, um dia, ela encontrou o Mestre espiritual, que lhe compreendeu a pobre alma enfêrma até os mais íntimos recônditos. A mansidão e a firmeza, caráter dos espíritos fortes transformados pela graça, resplandesciam nêle dominadoramente.

E o que era mais atraente é que êste sacerdote a amava como a verdadeira filha, por ver nela todos os germes da santidade.

Nenhuma medida foi poupada para a transformação da "selvagem" que se fêz religiosa. A severidade característica do missionário que não admitia réplica e as elevações

do entusiasmo fecundante foram usadas para formar uma santa, uma grande santa.

Purificada nos cadinhos de repreensões severas, arrojada às intimidades da prece freqüente, domada com os sacrifícios da vontade caprichosa como lhe ensinou o Pe. Júlio-Maria, calcada, numa palavra, como gêsso no molde dos grandes servos de Deus, saíram da casca bruta da índia, em metamorfose sobrenatural, os destemores de uma heroína e as branduras de uma santa. Espírito de sacrifício, abnegação, coragem para a virtude, domínio de si, tudo enfim preparou a pequena vítima do amor misericordioso, de quem Deus aceitou a oferta, como maior prova de que a sua alma estava santificada e era uma hóstia agradável aos seus olhos.

E como vítima de amor, morreu Irmã Celeste aos 17 anos, ràpidamente transformada, com apenas 2 anos de vida religiosa. Hoje os seus milagres se contam às dezenas, às centenas as graças que obteve e conhecem-lhe o nome milhares de almas que a invocam como santa.

Das alturas de sua glória, ela foi grata a quem lhe indicou as sendas suaves do amor. O maior beneficiado de seus milagres foi o próprio Pe. Júlio-Maria.

Vem a propósito narrar o fato.

*
* *

No estado em que se achava, chegariam a faltar-lhe tôdas as esperanças de cura se não tivesse certeza de sua longa carreira ainda por terminar.

Quando acompanhou a Irmã Celeste para Belém a bordo do São Pedro, em que lhe presenciou os últimos instantes, resolveu-se a aplicar mais rigorosos recursos médicos. Consultou na Capital a um renomado médico, o Dr. Remígio Fernandes.

Com a consulta desvaneceram as últimas esperanças de cura; era urgente a amputação da perna, sem o que seria fatal uma gangrena ou um tétano.

— "Não posso deixar cortar a minha perna, porque preciso dela para a minha vida missionária... Deus dará remédio" — foi a resposta do Pe. Júlio-Maria.

E êle não desconfiou de Deus, apesar de seu estado se agravar dia a dia, a ponto de o próprio Superior-Geral o eximir das obrigações do ministério e mandá-lo preparar-se para a morte, em 1923. (1)

Quando tudo estava perdido, lembrou-se de recorrer à Irmã Celeste. Iniciou uma novena.

Deixemos que êle nos conte, em documento autêntico, o grande milagre. (2)

"Sofri horrìvelmente durante a Semana Santa, ficando apenas em pé para cumprir os deveres de meu ministério, pois era o único padre presente na residência.

Receando não poder terminar a Semana Santa, tanto me sentia enfraquecido, veio-me a idéia de recorrer à Irmã Celeste, para pedir a cura da minha perna.

Comecei logo uma novena ...

Terminei o sétimo dia, sem sentir melhora nenhuma.

No oitavo dia, a fadiga e a dor aumentaram.

Então, de noite, depois de ter feito a minha novena, fiz o curativo das feridas antes de descansar; três grandes chagas sanguinolentas estavam abertas.

De repente, vendo diante de mim o retrato da Irmã Celeste, coloquei-o em cima do primeiro curativo de gaze, imbuído de pomada, sem sequer pensar que necessàriamente o retrato ia ser manchado pela gordura da pomada ou pelo sangue que sempre corria das chagas, e atei tudo com uma tira, repetindo: Irmã Celeste, cure a minha perna, pois preciso dela para trabalhar!

Deitei-me, sem pensar mais em cousa alguma.

Passei uma noite calma, reconfortadora.

---

1) Veja-se a narração feita pelo Pe. Júlio-Maria, em *Um anjo da Eucaristia*, p. 242 (1.ª edição).

2) Idem. Ibidem.

Ao acordar, de manhã, não senti nenhuma dor, como costumava sentir, nenhuma fadiga, mas um bem-estar desacostumado.

Levantei-me às pressas, firmei o pé doente no chão... andei, sem nada sentir.

Lembrei-me então da minha novena e do retrato da Irmã: tive um pressentimento de estar curado.

Retirei a grande tira que envolvia a perna; o retrato da Irmã caiu limpo, sem a mínima mancha, nem da pomada, nem das feridas.

As tiras do curativo estavam frouxas; desliguei-as e verifiquei: a perna estava completamente desinchada e as feridas saradas, sem deixar outro indício senão várias manchas na epiderme. Apalpei, examinei: estava completamente sã, a circulação era perfeita, a erisipela havia desaparecido sem deixar vestígio.

Era o dia 2 de abril, segunda-feira da Páscoa.

Apesar da cura, cuidei de executar as ordens do Superior-Geral, pus tudo em ordem e poucos dias depois estava em caminho para Belém.

Sentindo-me forte e bem restabelecido, resolvi não parar na Capital, mas continuar a minha viagem, fazendo uma visita às diversas casas das Irmãs, recentemente fundadas.

Viajando na estrada de ferro de São Luiz do Maranhão para Teresina, sem saber da viagem do meu Superior para a mesma cidade, encontrei-o de repente, na estação de Coroatá de volta para São Luiz.

O nosso mútuo espanto foi quase igual. Contei-lhe o fato, a cura radical, a minha saúde perfeita. Êle notou que, de fato, não tinha mais nenhum indício de enfraquecimento, mas quis ver minha perna curada.

Afastando-nos, mostrei-a, e êle pôde averiguar DE VISU, o milagre, repetindo várias vêzes: "Isto é mesmo um milagre, eu o julgava completamente perdido! Só o dedo de Deus!"

Durante os 14 anos que se seguiram a esta cura, nunca mais o mal voltou, fiquei radicalmente são, conservando apenas a mancha indelével das várias chagas, porém, com circulação normal, sem que as feridas se abrissem ou os vestígios me impedissem qualquer serviço ou trabalho.

Escrevi a narração acima em 2 de outubro de 1923, e relendo-a hoje, atesto de novo a sua veracidade".

*
* *

Testemunha e favorecido de tão portentoso milagre, o Pe. Júlio-Maria não podia deixar de proclamar a munificência divina, exaltando os méritos e virtudes de sua filha espiritual. Pôs-se logo a escrever-lhe os traços biográficos. Viajou em visita às residências de suas filhas espirituais, colheu os informes necessários, e, de volta a Macapá, deu-se totalmente ao trabalho, que tencionava publicar na França com o título de *"Une fleur du Brésil"*.

Foi, quem sabe, a humildade que o levou a ocultar seu papel desempenhado na santificação da Irmã Celeste, condenando o livrinho às trevas do esquecimento durante 15 anos, até que veio a lume sòmente em português.

*
* *

Entrementes, se a consideração da vida de uma santa entre suas filhas o consolava, pungia-o acremente o recrudescer das perseguições de todos os lados.

E a par das incompreensões, que eram martírios, reaparecem as provações físicas. Uma epidemia de febres assalta Macapá, atingindo sobretudo as Irmãs e alunas do Colégio. Em poucos meses morrem várias Irmãs e algumas orfãzinhas a seu cargo.

Já algum tempo antes, pensara em mudar-se à busca da cura de suas sezões. Quis passar a Casa-Mãe para São Luís do Maranhão. Dificuldades até financeiras o impediram.

Enfim, conseguiu fixar-se com as Irmãs em Pinheiro, estação a 36 kms. de Belém.

"Foi aí, que, a braços com inomináveis dificuldades financeiras, fundou o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com pensionato e orfanato. Êle próprio construiu a gruta de Lourdes, que fica no altar-mor e que se conserva ainda hoje." (1)

Após as primeiras lutas, serenaram as dificuldades. A mudança de clima trouxe revigoramento às Irmãs, e a novidade fêz cessarem as perseguições do próprio clero.

*
* *

Era na 2.ª metade de 1923. Padre Júlio-Maria deu-se à formação mais completa de suas religiosas. A oração, a devoção acendrada ao Santíssimo Sacramento, o espírito de mortificação, tomaram dia a dia maior vulto em sua vida.

Foi nesta época de maior sossêgo espiritual que compôs, ou antes ultimou o volume das CONTEMPLAÇÕES EVANGÉLICAS, dedicado às suas filhas espirituais. (2)

Três anos passou em Pinheiro. A fundação progrediu, e podia ter vida por si. Era então o tempo de pensar na conclusão de seus planos: fundar também a Congregação dos Padres. Pois era seu desejo fazê-lo no norte do país, e continuar a seguir de perto suas queridas filhas espirituais. Digno de admiração o espírito que o animava!

Quem não pensaria em deixar tudo após tantos sofrimentos?

Entretanto, após tudo isso, êle pensa meter ombros a emprêsa muito mais agigantada: iniciar uma Congregação de homens, formados por êle desde os primórdios de um Seminário menor.

---

1) Dados fornecidos pelas Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria.
2) Edição da Ed. "Vozes".

Só a certeza absoluta de uma missão divina podia impulsionar um missionário de saúde combalida, em tais circunstâncias, a tão ingentes sacrifícios.

E é na mesma arena das primeiras lutas, que o herói quer tentar o novo embate...

*
* *

Não são êstes, entretanto, os planos divinos. Deus dirige os acontecimentos e os homens.

De repente, como um sonho a esvair-se, tôda a tranqüilidade de que fruia a pequena obra desaparece. Um tufão de perseguições se abate sôbre ela com violência. Tramas, intrigas, invejas, incompreensões ...

O Bispo passou a ver com maus olhos a Congregação e o seu Fundador. Não são para narrados por ora os sofrimentos do Pe. Júlio-Maria em tais conjunturas.

E — (para não descrevermos o que a prudência nos manda calar por ora) — como terminou a angustiante tragédia ?

De modo bastante triste.

Certa tarde, em que o Pe. Júlio-Maria, como de costume, vai visitar suas filhas, encontra-as profundamente consternadas. Não compreende. Pergunta. Elas emudecem e choram.

Com olhar severo, indaga o estranho segrêdo que não lhe têm coragem de dizer. Uma, tomada de fôrça sobrehumana, ajoelha-se-lhe aos pés e diz : "Meu Pai, se tem amor à nossa Congregação e quer que ela continui a existir, retire-se do nosso meio, para muito longe ... É-me duro demais dizer-lhe isto ... mas pesa sôbre nós a ameaça da supressão, se não o perdemos para sempre ... Não torne mais à nossa casa, por caridade, meu pai !"

Uma lágrima rolou dos olhos daquele homem tão forte e magnânimo. Êle entendeu tudo. O Arcebispo

ameaçava suprimir a Congregação, se êle continuasse à sua frente.

"Porque vos tenho amor, vos abandonarei, minhas filhas... Adeus!" — disse êle. E retirou-se.

* * *

Poucos dias passados, recebia carta do Conselho da Congregação a que pertencia, autorizando-lhe dedicar-se à nova fundação dos Padres.

Determinou-se, então, a vir para o sul, à busca do lugar que Deus lhe assinalasse para os fundamentos da grande obra. Aliás, as calúnias com que buscaram infamar o seu nome, e os sofrimentos morais com que era acossado de tôdas as partes, não lhe permitiriam viver mais naqueles recantos onde semeara, com abnegação e com muitas lágrimas, a palavra de Deus, durante 15 anos.

Entrou em relação com vários Bispos. A divina Providência fêz com que achasse um coração amigo em D. Carloto Távora, Bispo de Caratinga. (1)

Êste bom Prelado recorreu à Santa Sé, solicitando as devidas licenças para a fundação.

Em documento da Sagrada Congregação dos Religiosos, vê-se que foi negada inicialmente a licença para a fundação sob o título de *Congregação,* autorizando-se somente a existência de um *Pio sodalício,* até que se reunissem alguns membros, devendo-se então fazer novo requerimento à Santa Sé. Mais adiante daremos o texto dêste documento.

De qualquer modo que fôsse, viria o Pe. Júlio para Minas. Mas eis que Deus lhe pediu nova provação, fadada a retardar de 2 anos os seus planos.

1) Não sei ao certo em que circunstâncias vieram a se conhecer os dois homens de Deus. Pelo que fui informado, o Pe. Hipólito Depoorter foi quem falou, ao Rio, ao santo Prelado de Caratinga, a respeito do Pe. Júlio-Maria e dos seus desejos de lançar, no sul, as bases de uma Congregação de Missionários. E foi assim que surgiram os primeiros entendimentos.

Já aparelhado para a viagem, de bilhete reservado no primeiro bordo para o Rio, eis que seu Superior lhe pede que permaneça por mais algum tempo, provisòriamente, em Alecrim (Natal), donde se transferia o Pe. Theodoro Kok para Pinheiro, a fim de cuidar, a pedido do Arcebispo, das Filhas do Imaculado Coração de Maria.

Cheio de resignação, o missionário obedece, com tanto mais sofrimento porque vê entregue a outro sacerdote a Congregação que fundara. Só os corações menos sensíveis ao senso de responsabilidade não poderão penetrar o lastro de heroísmo que êste golpe supõe.

E foi com a maior abnegação que o Pe. Júlio-Maria observou, durante dois anos, bem de perto, as suas filhas espirituais, que já não eram suas. Nunca se queixou. Nem depois de vir para o sul, jamais pronunciou palavra sôbre os padecimentos morais por que passou então.

Êle sabia que o silêncio é que torna meritório o sofrimento, e que o sofrimento é o sêlo das obras de Deus.

* * *

Ei-lo, pois, em Alecrim, Rio Grande do Norte.

Qualquer outra vida sem virtude se esterilizaria por completo, em tristeza, em desgostos profundos.

Mas êle era um forte...

Temos notícia de sua grande atividade de então, através do "DIARIO DE NATAL".

Ao mesmo tempo que administrou a Paróquia de São Pedro do Alecrim, fazendo dela um centro de vida cristã intensa, irradiava seu zêlo às paróquias e estados vizinhos, pregando missões, organizando Ligas Católicas, dando forte combate ao protestantismo e espiritismo com seus artigos no "DIARIO DE NATAL".

Na paróquia a seu cargo, teve, por primeiro empenho, a instrução do povo em tôdas as latitudes. O jornal

a que nos reportamos não lhe poupava elogios à atuação benfazeja. (1)

De todos os recantos do estado choviam os chamados para missões e conferências. E a quase todos o Padre Júlio buscava satisfazer, com zêlo inflamado.

Guarabira, Nova Cruz, Currais Novos, Açu, sem falar da própria *Natal,* ouviram com entusiasmo delirante a palavra do missionário. E as massas proletárias e classes cultas foram conduzidas à mesa sagrada com aquêle ardor que caracterizou as suas missões. Era, ainda uma vez, o apóstolo dos homens.

*

* *

Um ano e cinco meses demorou-se o Pe. Júlio-Maria em Alecrim, desde setembro de 26 até fevereiro de 28.

A 28 de fevereiro de 1928, partia, deixando saudosos os amigos de Natal e circunvizinhança.

Os jornais não deixaram, ainda uma vez, de memorar com saudade as despedidas do grande sacerdote.

Citemos dois tópicos.

O *Diário de Natal* noticia a sua partida no mesmo dia : "Embarca hoje para o sul do país o Pe. Júlio-Maria. Sacer-

---

1) Eis aqui alguns tópicos de um de seus artigos, em data que ignoramos: "Já bastante vultuosos são os serviços espirituais prestados pelo Pe. Júlio-Maria à nossa sociedade católica. Têmo-lo entre nós há menos de um ano e, nada obstante, podemos dizer que hospedamos um sacerdote na legítima acepção do têrmo — ardoroso, culto e trabalhador".

E mais além: "Nesse bairro, habitado quase essencialmente por proletários, Pe. Júlio-Maria Lombaerde tem movimentado eficazmente os fiéis, tem sacudido as almas apáticas, os indiferentes de todos os matizes, ao clarinetar de sua palavra de apóstolo convencido e abrasado..."

Do jornal de GUARABIRA — Paraíba — (data ignorada): "Vindo de Natal, no Estado do Rio Gde. do Norte, onde é figura de grande relêvo, no cenário religioso, social e cultural, acha-se entre nós, sendo hóspede do Cón. João Gerves, o Revmo. Pe. Júlio-Maria, um dos sacerdotes mais cultos do Brasil...."

Do jornalzinho de AÇÚ: "Tendo nesse mesmo dia iniciado aqui as suas pregações, o Revmo. Pe. Júlio-Maria, com uma lógica irresistível e com a sua palavra autorizada vai cumprindo admiràvelmente a sua missão, de modo a atrair às suas conferências, feitas tôdas as noites na igreja matriz, considerável número de pessoas de tôdas as classes".

Referências elogiosas dêste teor multiplicam-se às dezenas em todos os jornais dos estados do norte.

dote abnegado, serve à causa do Senhor com um desassombro invejável e com o fervor de um grande apóstolo... O Pe. Júlio-Maria é dêsses levitas que logo prendem a quantos dêle se aproximam, tal a fascinação de sua sinceridade e a lhaneza de seu franco espírito batalhador inflexível na investida de frente, em riste contra a mentira, o êrro e a falsidade". E concluía: "A ausência do Pe. Júlio-Maria de nosso meio católico é uma grande perda para nós. Resta-nos, porém, o consôlo de saber que êle vai continuar alhures o seu magnífico apostolado, a sua eficiente evangelização".

Outro jornal resume as suas atividades: "Padre Júlio-Maria passou bem pouco tempo em Natal. Mas soube multiplicar o seu tempo, com uma admirável atividade. De sua passagem pelo Rio Grande do Norte deixou rastros inapagáveis. Tinha tempo para tudo dentro do pouco tempo de que dispunha para ativar as suas numerosas obras.

Pregava, escrevia, polemizava, missionava, dirigia os seus 500 homens da Liga Católica e ainda lhe sobrava tempo para construir a tôrre de S. Pedro e S. Pedro da tôrre...

"Pe. Júlio-Maria era um homem de grande fé! Rezava e agia. Não conhecia dificuldades senão para vencê-las galhardamente..."

*
* *

Se nada provam os jornais, êstes tópicos ao menos mostram que o Pe. Júlio-Maria foi uma figura de relêvo na vida religiosa do Rio Grande do Norte.

Estreito o limite da história para a amplitude dos seus feitos.

Êle foi um apóstolo...

*
* *

E tudo isto foi uma preparação, um tirocínio da grande missão.

Em longínquas terras, que êle mesmo ignorava, porque se entregou com santo indiferentismo e sem escolha às mãos

da Providência — em longínquas terras, sua atividade estava demarcada e assinalada por Deus: a transformação de uma paróquia, a luta insana contra a Maçonaria e o Protestantismo, as ameaças de morte, o embate tremendo contra as fôrças do mal ...

E, mais que tudo, as dores morais, os dilaceramentos sangrentos do coração.

Êle não o ignorava. Previa. Tinha uma obra a executar. Uma obra a mandado de Maria Santissima ... Na terra que Maria Santíssima lhe assinalasse ...

Por que temer a dor, a perseguição e a morte? O sofrimento é o sêlo bendito das obras de Deus...

CAPÍTULO XXII

Nas plagas manhumirienses

Viagem para o sul — Encontro com D. Carloto Távora, no Rio — Uma carta reveladora — Percorre as principais paróquias da diocese — Em Manhumirim — Aspecto material e religioso da cidade — Toma posse do curato — Palavras de seu predecessor — Primeiros trabalhos e lutas — Aparece "O Lutador" — Primeiras vitórias — Conclusão

Admirável a atitude dos Santos em face dos acontecimentos. Êles não se queixam, não se perturbam, não desanimam. Estão côncios de um plano providencial, cuja execução depende do seu abandono às mãos de Deus.

E com a convicção profunda de que Nosso Senhor tudo dirige, êles transpõem os mares, ou caminham por longes terras, aportando a paragens desconhecidas...

*
* *

Na vinda do Pe. Júlio-Maria para o sul do país, observa-se, como em tôda a sua vida, êste incondicional abandono à Providência divina.

Êle não sabia para onde vinha. Sabia sòmente que caminhava para lugar desconhecido e remoto, no estado de Minas. Como se chamava esta cidade, esta vila, êste arraial?...

Tudo para êle eram sombras espêssas. Não escolhera a diocese em que ia residir. Deus lhe suscitara, dir-se-ia ao acaso de uma palestra de seu amigo e primo, o Pe.

Hipólito Depoorter, o santo Bispo que o convidava para a realização do ideal alimentado desde muitos anos.

Êste Prelado não lhe indicou a paróquia que devia curar. Não lhe determinou munus e não lhe garantiu rendas. Disse-lhe sòmente: "Venha". E Pe. Júlio-Maria, sem mais calcular, partiu sem dinheiro, sem amizade, sem apresentações.

E dizer-se que vinha para iniciar, nas plagas do sul, uma obra de tamanho tomo, qual era a criação de um Instituto Religioso para Missionários Brasileiros!

*

* *

Foi a 29 de fevereiro de 1928 que o Pe. Júlio-Maria embarcou para o Rio, após telegrafar a D. Carloto Távora, Bispo de Caratinga. Por carta, combinara-se anteriormente um encontro na Capital da República.

"Eu não sabia qual era o meu destino, contou-nos êle mais tarde. Só no Rio D. Carloto haveria de esclarecer-me sôbre as funções de que me investiria na diocese. Entreguei-me à divina Providência para que ela dispusesse de mim como bem lhe parecesse"... (1)

Desembarcou na Guanabara aos 7 de março de 1928.

Durante 4 ou 5 dias se demorara em Fortaleza, donde, ao que parece, recebera pedidos de vocações para seu futuro seminário.

Um moço, que mais tarde se fêz religioso sacramentino, a êste tempo quando ainda não se inflamava de ideais missionários, viu-o passar pelas ruas, e ouviu falar da fundação que vinha fazer no sul... E, desígnios divinos! Êste, em busca de quem não fôra o Pe. Júlio-Maria, veio a ser dos seus primeiros religiosos, enquanto os demais, atrás de quem corria o fundador, desertaram das fileiras poucos anos depois.

*

* *

1) Pe. JÚLIO-MARIA — *fatos de sua vida contados por êle mesmo.*

Chegado à Capital federal, sua primeira ocupação foi estar com D. Carloto e, em sua companhia, dirigir-se à Nunciatura Apostólica, para a necessária apresentação assim como para receber as bençãos da autoridade representante do Soberano Pontífice.

A êste tempo já estavam em mãos do Bispo de Caratinga as cartas do Exmo. Cardeal Pruna, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, em as quais se autorizava a fundação dos Missionários de Nossa Senhora do Smo. Sacramento. Êste documento será citado depois.

Não sabemos como se desenvolveram as negociações de estilo, quer com a Nunciatura, quer com o humilde Prelado de Caratinga. Êstes pormenores não foram revelados pelo nosso saudoso biografado.

Apesar de desconhecido ao Exmo. Sr. Nuncio e a D. Carloto Távora não lhe nasceram, ao que parece, dificuldades para tôdas as concessões necessárias.

*
* *

É digno de nota que o Rvmo. Pe. Júlio-Maria não fêz alarde de sua extraordinária idéia, qual era a fundação de Missionários Brasileiros.

Sua obra era de um caráter particular e sumamente oportuno no Brasil: formar Missionários Brasileiros para colaborarem, como Vigários, com o clero paroquial. O fato de ser a primeira instituição no gênero em terras de Santa Cruz tornava-se bem susceptível de captar a admiração e estima de quantos lhe ouvissem a idéia.

Mas o Pe. Júlio foi sumamente reservado em suas revelações. Afora o Exmo. Sr. Núncio e o Prelado de Caratinga, sòmente a um sacerdote do Rio, de sua privança e amizade, o Côn. J. de Castro, expendeu êle os seus planos e motivos de vinda para o sul.

Tanto é verdade que os homens de Deus não prezam a propaganda de suas iniciativas.

Apesar de tudo, aquêle eminente sacerdote, empolgado, assim pela excelência do ideal do Pe. Júlio-Maria, como pelos antecedentes de sua personalidade, que êle bem conhecia, descortinou, numa carta ao Diretor de "A Cruz" tôda a maravilha que estava escondida.

Esta carta, pelo muito que nos revela, achamos oportuno transladá-la neste capítulo com a vênia dos leitores para a longa citação.

Sr. Diretor de "A Cruz"

Há dias esteve aqui no Rio de Janeiro uma autêntica figura de apóstolo que ao Brasil tem dado todo o ardor de sua alma de Padre e todo o brilho do seu reconhecido talento.

É o Padre Júlio-Maria, que tanta gente, enquanto aos seus trabalhos jornalísticos, confunde com o célebre e saudoso Padre Júlio-Maria, o redentorista brasileiro que durante muitos anos foi a delícia dos auditórios das nossas igrejas.

O Padre Júlio-Maria que esteve aqui não é brasileiro. É francês, pertence à Congregação da Sagrada Família e está no Brasil há uns dezessete anos, onde tem sido tudo: missionário de grande reputação no sertão do Pará e nos estados do Norte, jornalista sempre na brecha onde há um êrro a combater e uma idéia a inculcar, como acaba de provar no belo diário católico de Natal, Rio Grande do Norte, e um magnífico condutor de homens, pois naquele mesmo estado conseguiu, num prazo relativamente curto, arregimentar cinco mil homens nessas admiráveis organizações que são as Ligas Católicas.

Mas não é por êstes aspectos que a figura sacerdotal do Padre Júlio-Maria avulta desmedidamente a nossos olhos.

O Sr. Diretor sabe muito bem que no Brasil há frades que são ótimos jornalistas, ótimos pregadores e ótimos condutores de homens. Há por êste mundo brasileiro muito

apóstolo e muito mártir do seu apostolado. Êles são os batedores do nosso progresso e da nossa civilização e por isso ninguém lhes recusa simpatia e veneração.

A personalidade, pois, do Padre Júlio-Maria confunde-se por êstes aspectos com as de centenas de outros que, por amor de Deus e das almas, disseram para sempre adeus ao sol de sua terra e aos encantos de sua família, a fim de se dedicarem a esta obra extraordinàriamente grande que só a arrancadas de sacrifício se pode levar a efeito — a transformação de um de nossos selvagens num homem civilizado.

O Padre Júlio-Maria é um desmentido formidável ao pessimismo anticristão e antipatriótico dos que afirmam ser o Brasil um terreno agreste e sáfaro para as vocações religiosas.

Tem-se dito que no Brasil não é possível recrutar elementos para uma ordem religiosa genuìnamente brasileira sem o amparo, isto é, sem o fundo de existência do elemento estrangeiro. E o que é singular é que isto é dito por pessoas de responsabilidade que não deviam excluir o Brasil do plano da economia divina, conformando-se com a hipótese nada lisongeira para nós de estar perpètuamente êste país à mercê da generosidade dos estrangeiros para trabalhar na vinha do Senhor.

O Padre Júlio-Maria, que é um frade estrangeiro, não navega nas águas dêste pessimismo desolador e pensou que quem suscita as vocações e as ordens religiosas é a graça divina e esta tanto se dá nesta como naquela nação. Alimentado por êste pensamento do maior rigor teológico, fundou no Pará uma Congregação de Senhoras, chamada Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria.

Do que ela vale e do interêsse que merece à Santa Sé, bastará dizer que já conta com oitenta Irmãs professas, tem oito residências em vários estados do Norte e na Bolívia e, não obstante diocesana, tem como protetor, em Roma, o Sr. Cardeal Henrique Gasparri.

Claro está, Sr. Diretor, que uma obra destas não se improvisa, nem se faz sem que se verta muito sangue de sacrifício, formada só de elementos nacionais, desmentindo, pela austeridade da sua regra e pelo aumento das Irmãs, que o Brasil não é nem pode ser um infeliz enteado da graça divina.

Porque a Congregação das Irmãs já vive por si, o Pe. Júlio-Maria vai iniciar agora, com a proteção do Sr. Bispo de Caratinga e licença da Santa Sé, uma nova Congregação de Homens a que já deu o nome de Padres de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento. E vai iniciá-la pela raiz, pelos fundamentos, abrindo uma Escola Apostólica com 10 meninos.

Experimentado como é o Pe. Júlio-Maria, pois é sabido que êle foi o braço direito e o secretário do Padre Berthier na obra da Congregação dos Padres da Sagrada Família, estamos convencidos de que, após dez ou doze anos, a nova Congregação, formada sòmente de elementos nacionais, será um fato e um fato brilhantíssimo de nobre e santo otimismo.

Trabalhos, dificuldades, ingratidões, injustiças e até menosprezos o Padre Júlio-Maria conhece muito bem e, todo sobrenatural como é, está deveras convencido que as obras de Deus são sempre acompanhadas daquelas cousas que mais alento e esperança dão a quem por elas se sacrifica.

Como eu tive a fortuna de palestrar um pouco com S. Revma., tenho como assente e certo que a sua nova Congregação será um fato como a primeira, porque, se a fé e o amor de Deus dão para transportar montes e converter pedras em filhos de Abraão, à sua fé de Apóstolo e ao seu amor das almas não há resistir, e todo o pessimismo se volve em santas e consoladoras esperanças, prenúncios de fecundas realidades.

Vê-se por isso, Sr. Diretor, que no terreno religioso vamos caminhando muito bem e, pelos fatos apontados, se

pode avaliar quanto errados andam os que têm o Brasil na conta de terreno ingrato onde não podem vicejar as vocações para as ordens religiosas.

Sou de V.

P. J. de Castro.

*
* *

O presente documento nos informa que o Pe. Júlio-Maria, ao rumar para o sul, à execução de seu plano, tinha-o bem firme e estabilizado, não vinha ao acaso de uma inspiração fortuita e vaga que se completaria com o tempo e com as circunstâncias como obra que fôra de talento humano. Não. Sua fundação baseava-se num mandato divino, qualquer que fôsse... "Não funda uma Congregação quem quer — dizia êle mais tarde — mas funda-a aquêle a quem Deus comissiona êste dever sem par em sacrifícios e responsabilidades".

*
* *

Em companhia de D. Carloto viajou o Missionário para a Diocese de Caratinga.

O santo Antístite, na sua exímia benevolência, houve por bem facultar ao Pe. Júlio-Maria a escôlha do local que lhe parecesse melhor para aí fixar residência e iniciar a grande fundação. Conduziu-o em visita às principais paróquias servidas de estrada de ferro e que apresentavam mais elevado nível de cultura: Carangola, Manhuaçu e Caratinga.

Acostumado à simplicidade e à pobreza, e imbuído do espírito de Deus, que criou obras semelhantes à sua em lugares humildes e dificultosos, o Pe. Júlio-Maria não quis morar naqueles centros de maior importância.

"Ao passar por Manhumirim — narra êle — algo me atraiu a êste lugarejo tristonho e feio, encaixado entre mon-

tanhas descalvadas... Vi nêle uma parecença com Macapá, onde iniciára, no norte, a minha senda de fundador, e com Grave, aldeia da Holanda, donde surgira, no sofrimento, a Congregação a que pertenço; e achei que Manhumirim era a paragem escolhida por Deus.

"— Esta cidade me serve, Excia. — disse confiadamente a D. Carloto.

"— Mas, Pe. Júlio, não é possível. Manhumirim nem é sede de Paróquia. É simples curato. Aqui campeia o indiferentismo e a irreligião; Protestantismo de várias seitas, Espiritismo, Maçonaria odienta... Pior que tudo: neste lugar, por dois tostões e um copo de cachaça se mata a um homem. É dos lugares mais temerosos da minha diocese!"

"— Pois é isto mesmo o que desejo, Senhor Bispo. Quero que o meu Seminário seja erguido por entre dificuldades mil, para chamar as bênçãos de Deus. E se aqui há protestantes e maçons — acrescentei, sorrindo — está muito bem. Sou muito amigo dêles e, esteja certo, que lhes darei em breve algum trabalho..."

D. Carloto sorriu — "Seja como quer, Pe. Júlio. E que Deus abençoi as suas obras". (1)

*

* *

Aqui chegou o Pe. Júlio nos últimos dias de março. Veio pelo misto de Manhuaçu, numa manhã fria.

Certamente, quando o viram desembarcar, as poucas pessoas presentes à estação repararam admiradas, e talvez com um sorriso de mofa, naquele Padre barbudo, coisa nunca vista nesses sítios longínquos, onde muitos nem conheciam ainda o Vigário.

A nossa pobre Manhumirim era gélida em religião como as mesmas manhãs frias em que o Pe. Júlio pisou estas paragens mortas.

*

* *

1) Pe. JÚLIO-MARIA — *Fatos de sua vida.*

Ruas mal feitas e sujas, casas arruinadas, gente esquisita, ladeiras esbarrancadas, aspecto melancólico — eis a cidade de então.

Seus habitantes eram a metade dos de hoje. O comércio de café e madeira e um bar era a vida da Praça da Estação. Institutos de ensino não existiam. Crianças sujas e mal amanhadas pelos logradouros. Nas tardes merencórias, homens de tabuleiro à cabeça, a gritarem com voz prolongada e monótona: — "Olha o figo de boi..." Numa palavra, Manhumirim trazia o estigma de todos os vilarejos do nosso interior sem adiantamento e cultura.

*
* *

Pe. Júlio hospedou-se com o Pe. La Barrera, cura da cidadezinha. Fazia quatro anos que êste sacerdote aqui se achava, sucedendo ao Pe. Salvador Cetrângulo, primeiro cura provisionado.

Fôra criado o Curato de Bom Jesus do Pirapetinga, (que êste era o antigo nome de Manhumirim) pelo saudoso D. Silvério, Arcebispo de Mariana, aos 5 de junho de 1912, data em que recebeu também Provisão o Revmo. Pe. Cetrângulo.

Aos treze de setembro de 1917, era instituído no Curato o Jubileu do Bom Jesus, conforme concessão verbal de D. Silvério, em agôsto do mesmo ano.

Apesar de tão excelente privilégio, qual seja o Jubileu, a cidade era quase esquecida de seus deveres religiosos.

Foi nos últimos anos de Curato do Padre Cetrângulo que se reuniram homens de maior iniciativa para a construção da igreja matriz. Até então davam-se as cerimônias litúrgicas num barracão sito onde hoje se ergue o Seminário.

Ao aportar o Pe. Júlio a estas terras, estava a igreja por terminar e seguiam as suas obras mui lentamente ao empenho da comissão, composta de católicos e maçons, e

sem quase interferência do pobre cura, que velho e cansado quase nada podia fazer.

Pe. Júlio esteve em casa do Pe. De La Barrera durante 15 dias, inteirando-se do govêrno do curato.

Passou com êle a Semana Santa. A gente estava morta, fria, sem entusiasmo pelos grandes mistérios comemorados.

Foi na Páscoa da Ressureição, 8 de abril, que tomou posse, sendo-lhe imposta a estola pelo Pe. Frederico de La Barrera à estação da missa.

Quantas foram então as comunhões? Apenas cinco. E o Pe. Júlio as enumerava: "Da Edwiges, os velhos Canta missa, o meu velho amigo Pedro... E foram só..."

*
* *

Ao retirar-se da Paróquia, o Pe. De La Barrera deixava exaradas, no Livro do Tombo, estas palavras:

"Sou sucedido na freguesia pelo virtuoso e inteligente Pe. Frei Júlio-Maria, apóstolo dos índios no norte do Brasil e pertencente à Congregação religiosa da Sagrada Família e Fundador aqui em Manhumirim da Congregação exclusivamente brasileira, dedicada a paroquiar, dos Padres de Nossa Senhora do SS. Sacramento, passando em minha companhia os quinze dias anteriores à tomada de posse verificada hoje, oito de abril de mil novecentos e vinte e oito.

"Durante êstes dias pude verificar que o meu digno sucessor, com melhores predicados de piedade e ciências eclesiásticas do que as minhas qualidades, promoverá o progresso espiritual da minha estimada freguesia, esperando de meu digno sucessor péça a Deus por mim e perdoe as minhas faltas.

"Ao Sr. Bispo diocesano, D. Carloto Fernandes da Silva Távora, fico gratissimo pelo favor de pedir-me, como sacrifício, deixar a paróquia, para estabelecer aqui esta Congregação.

"Não como sacrifício, senão com entusiasmo deixei a freguesia para o bem espiritual de Manhumirim e da diocese de Caratinga". (1)

*
* *

E destarte entrou o Pe. Júlio-Maria no curato de Manhumirim.

O primeiro mês foi, antes, de observação. Permanecia o novo cura em casa, aparecendo raras vêzes, sòmente a ministério das almas. Com os primeiros seminaristas (2) ocupou-se da limpeza e organização da casa paroquial, berço do futuro Seminário.

Em maio iniciou os seus trabalhos paroquiais de maior repercussão.

No afã de dar realce aos festejos marianos, pediu ao Presidente da Comissão construtora da Matriz improvisasse um altar dentro do recinto em acabamento.

Atraídas pela eloqüência arrebatadora e pela cativante personalidade do missionário, as multidões acorreram tôdas as noites. Foi uma deslumbração de luzes e de músicas. Talvez, externamente, o mais empolgante mês de Maria havido em Manhumirim — asseguram pessoas daqueles tempos.

*
* *

A verdade de Deus tinha que pôr em sobressalto os erros do Demônio. Os protestantes saíram ao largo. Espalharam um boletim, em que exigiam do novo cura argumentos bíblicos comprovantes das principais verdades do Catolicismo.

---

1) *Livro do Tombo do Curato do Bom Jesus de Pirapetinga*, fls. 8 verso 9.

2) De uma caderneta de notas do Pe. Júlio-Maria, sabe-se que aqui chegaram os primeiros futuros seminaristas a 1.º de abril de 1928. Eram os seus nomes: Dario, Walter, Durval e Milton. Nenhum resistiu às provas do fogo da fundação incipiente.

Não sabiam e não imaginavam com quem se queriam medir. Pe. Júlio saltou à liça como uma fera. Era o seu desejo. Em artigos pelo "Manhumirim" (1) deu ao povo o testemunho da sua cultura teológica. Revelou-se para logo o polemista sarcástico que viria a ser. Os inimigos, derrotados, fugiram.

Mas o Padre-Cura não quis pelas metades o folguedo de uma polêmica. Pensou logo em fundar um jornal. Recorreu a D. Carloto. E com seu auxílio, poucos meses após, a 25 de novembro, era dado à estampa o 1.º número de "O Lutador", paladino intimorato da causa católica.

*
* *

Percebia o povo, mormente os homens, a quem tinham por chefe espiritual. Era um padrão de sacerdote em tôda a extensão da palavra. A igreja, anteriormente vazia, encheu-se. Organizou-se a Liga Católica dos homens, oficialmente erecta no dia da publicação de "O Lutador".

Entusiasmo, vida e luta sem comodismos — eis o programa traçado pelo Pe. Júlio-Maria.

E êste programa havia de ser executado com promissores frutos...

Nosso herói não descansava. Pregações em tôdas as missas dominicais e festivas. Catecismo para as crianças às quintas e domingos. Instrução religiosa para os homens à noite dos domingos e dias santificados. "O Lutador", a refutar erros e esclarecer dúvidas.

E o feliz resultado destas primeiras batalhas não se fêz esperar.

---

1) *O Manhumirim* não se tornara ainda, a esta época, o órgão da maçonaria e da baixa politicagem que veio a ser mais tarde. O próprio Pe. Júlio-Maria escrevia em o 1.º n.º de "O Lutador": "Temos o nosso *Manhumirim*, bem redigido e bem dirigido, e de orientação católica, porém o *Manhumirim* é antes de tudo o órgão da Prefeitura", etc. Foi sòmente mais tarde que o *Manhumirim* se pôs ao serviço inglório do êrro e da mentira.

Eis o que o nosso batalhador intimorato escrevia no Livro de Tombo a 1.º de janeiro de 1929, nove meses após a sua chegada:

ANO DE 1928

Retardei até janeiro dêste ano as escriturações do Livro de Tombo, para ter o tempo de observar e estudar o povo e a situação, e não adiantar nada de duvidoso ou de incerto. É, pois, após 9 meses de residência e de trabalho que julgo a situação e os fatos da paróquia.

*
* *

Tomei conta da Paróquia de Manhumirim no dia de Páscoa, 8 de abril de 1928, sucedendo ao Revmo. Pe. Frederico La Barrera. Passei na Casa Paroquial, junto com o Vigário, a Semana Santa constatando com tristeza que o povo estava completamente imbuído de idéias protestantes, freqüentando poucos, e pouco, a Igreja, e de nenhum modo os Sacramentos.

O Protestantismo, sòlidamente implantado e protegido por uns ricos, possuia dois templos, um Presbiteriano, outro Batista, funcionando um terceiro, Evangelista, em casa particular.

Nenhuma Irmandade canônicamente existia. Encontrei umas 15 senhoras com a fita do Coração de Jesus, fazendo a Comunhão mensal no 1.º Domingo; também umas 18 Filhas de Maria que nem apareceram no princípio, tendo apenas a fita e o véu, sem organização nenhuma.

O Catecismo das crianças não existia, nem havia pregação; de modo que reinava a mais completa ignorância religiosa.

O Padre Frederico, espanhol e falando bastante mal o Português, era um Sacerdote piedoso e exemplar, de ótimos costumes, que procurou melhorar a situação. De temperamento pacífico e querendo a paz com todos receava de-

clarar guerra aos protestantes, e chamar a atenção do povo sôbre os abusos. Desta falta de iniciativa resultava necessàriamente a diminuição de fé e a invasão do êrro. Tendo tomado posse da Paróquia, esperei a hora oportuna para agir, provocando-a durante a pregação do Mês de Maria.

O resultado não se fêz esperar. Os protestantes, desesperados pela enorme concurrência do Mês Mariano e o entusiasmo dos Católicos, espalharam um Boletim, contendo diversas objeções contra a Religião, e mandaram vir um pastor de fora para pregar nas ruas.

Tomei a defensiva e ataquei resolutamente em conferências públicas e pelo jornal "Manhumirim".

O resultado foi extraordinário.

A Igreja encheu-se, o jornal duplicou as tiragens e apesar da resistência tenaz dos Pastores a verdade foi vencendo todos os obstáculos. Cairam-me nas costas uns cinco Pastores, com artigos e folhetos, respondi a todos, esmagando-os a um por um, obrigando-os a uma retirada vergonhosa.

A opinião pública foi conquistada em favor da verdade.

Muitos protestantes voltaram ao seio da Igreja e outros retiraram-se, de modo a deixar o campo vazio.

Sôbre as ruínas do espírito protestante fundei e organizei a Liga Católica dos homens, o Apostolado, as Filhas de Maria, a Cruzada Eucarística e por fim fundei "O Lutador" para manter a direção e não resfriar o entusiasmo.

*
* *

Hoje o triunfo é completo. O templo Batista fechou por falta de freqüência — o Evangélico o seguiu de perto e o Presbiteriano está em completa decadência. Em vez de uma freqüência de 200 pessoas que contava está reduzido a uma freqüência de 15 a 20 pessoas.

Os outros envergonham-se de freqüentar o templo, ou voltaram à Religião Católica.

Nesta data, 1.º de janeiro de 1929, o movimento espiritual da Paróquia é consolador e promissor".

Segue-se a enumeração das comunhões anuais e da constituição das várias Irmandades, etc., etc.

*
* *

Triunfos tão portentosos não seriam meritórios sem muita dor e sacrifício que os estabilizasse. Êstes não faltaram, por certo.

Mas o homem de oração e de silêncio guardava nos recessos dalma as grandezas do seu martírio.

A pobreza, os restos de moléstia, que ainda o prostravam, a incompreensão de sua obra ainda por iniciar-se, e sobretudo as perspectivas de um futuro a delinear-se no horizonte em côres carregadas, tudo colmava às vêzes sua obra de tédio, de nostalgia e de provação moral sem nome.

Êle o revelou mais tarde: — "Quando aqui cheguei, meus filhos, muitas vêzes estive por desanimar, em face das dificuldades que previa e que me pareciam não ser mais para as minhas fôrças... Só a consciência de minha responsabilidade e de minha missão fizeram-me ir avante, fiel à graça de Deus..."

E êle não desanimou... Prosseguiu, certo das muitas batalhas por vencer. Era ainda sòmente o início. Bem parecido a todos os começos das obras de Deus. Parecido com a Igreja das catacumbas...

Êle previa que haveria de sofrer muito. Mas tinha um ideal a realizar. E o homem de ideal não recua em face do martírio.

CAPÍTULO XXIII

As bases do Instituto

O pensamento do Fundador e os desígnios de Deus sôbre Manhumirim — Os primeiros dias do Seminário — Primeira lição paroquial: separando o joio do trigo — Primeira vestição e primeiro noviciado — Provações iniciais — A fundação das Irmãs — Conclusão

O motivo único por que o Pe. Júlio-Maria demandou estas plagas foi a criação do Instituto dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora. Êste sòmente o ideal a cuja realização consagraria os últimos anos do seu apostolado.

É necessário, entretanto, ter em vista a finalidade da Congregação planejada e o programa que o Fundador lhe ia traçar desde os princípios, para se compreender e admirar a infinita sabedoria de Deus na marcha dos acontecimentos vibrantes desta história.

*
* *

Padre Júlio-Maria De Lombaerde, ao idealizar a sua Congregação missionária no norte — o que cremos ter sido com real inspiração da SS. Virgem — não quis criar um sodalício à semelhança dos muitos existentes no Brasil e cujo nascimento em sua maioria data de séculos.

Seu pensamento, ou antes, a *inspiração* de que Deus lhe fêz mercê, foi dar à Igreja padres, para uma nova época, dedicados a formas de apostolado urgentes em tem-

pos novos e com vida comum adaptada às necessidades imperiosas do Brasil. Seus Padres seriam, por isto, *Missionários vivendo vida comum e dedicados aos misteres paroquiais*. O aspecto de seu apostolado seria, sobretudo, a difusão da vida eucarística sacramental em tôdas as latitudes. Missionários-Vigários para *fazer comungar e comungar melhor* — eis a feliz síntese do seu pensamento. (1)

*
* *

Nenhuma forma de vida religiosa que seja mais urgente em terras do Brasil minguadas de clero paroquial.

Vários foram os Bispos do norte que abraçaram com entusiasmo a feliz idéia. Um lhe oferecera os préstimos para obter a Abadia de Olinda, então deixada pelos Monges Beneditinos, para que ali se desse início à promissora obra.

Outro, mais pessimista, reconheceu o altíssimo alcance da idéia, mas achou-a tão excelente que por elevada, irrealizável no Brasil.

— Irrealizável no Brasil, Exmo. Sr. Bispo? Por que? — indagou com simplicidade o Pe. Júlio.

— Ora, então o senhor acha que se pode iniciar fundação de frades com brasileiros?

— Excelência — replicou o velho missionário de lógica irretorquível — pensei sempre que a graça de Deus é no Brasil a mesma que em tôdas as partes do mundo. Logo, também aqui, se podem criar frades...

*
* *

Providência foi de Deus, compreende-se, que, após tantos sofrimentos e vicissitudes, viesse o Fundador a lan-

1) Êle mesmo gostava de estabelecer para seus filhos espirituais a diferenciação específica entre os *Sacramentinos de Nossa Senhora* que fundara e os *Sacramentinos do P. Eymard*: "Êstes — dizia — são os *Sacramentinos da adoração perpétua;* nós devemos ser os *Sacramentinos da Comunhão cotidiana*. Tal o nosso apostolado específico".

çar os fundamentos de tal obra num curato longínquo e trabalhoso da zona da Mata. Aqui, ao lado de seu Pai espiritual, atarefado com trabalhos paroquiais e assoberbado de lutas com a maçonaria, aprenderiam melhor os Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora a sua missão principal na Igreja de Deus e beberiam o seu espírito próprio a haustos profundos, no exemplo de quem lhes ensinava não só com palavras sentidas, mas sobretudo com atos vividos.

Manhumirim destarte com o seu ambiente de maldades e esquisitismos, que tanto fizeram sofrer ao Pe. Júlio-Maria, fôra destinada, no plano providencial, para cenário de palpitantes dramas espirituais, de que hauririam lições milhares de almas.

Abramos êste cenário grandioso. Vejamos o principiar da dramatização portentosa.

* * *

Tudo era pobreza, humildade, sacrifícios, nos primeiros dias dêste seminário, dêste colégio, dêste hospital, dêstes prédios majestosos, erguidos pela tenacidade de um homem.

Quais eram os inícios?

Uma casa pequenina e acanhada, com apenas três quartos e duas salas; um barracão sórdido, esburacado, e varrido pelas rigezas do vento que lhe entrava pelas frestas numerosas; uma igreja em construção; o matagal pelos fundos e em tôrno; um sacerdote de seus 50 e poucos anos, alto e afilado pelas febres e pelos trabalhos da missão entre indígenas; quatro ou cinco moços mal vestidos, de pés descalços, e que mais pareciam grotões; ausência total de recursos humanos; — eis o quadro simples que se delineava aos olhos de quem subisse ao tôpo da colinazinha, nos pés do cruzeiro, onde hoje estão a matriz e o seminário.

Às cinco horas da manhã, estavam de pé os moradores da casa paroquial. Rezavam em comum até às 6. Os quatro rapazes preparavam o café até 6 e meia, enquanto o padre ouvia as confissões de meia dúzia de velhos, no barracão, ao lado do cruzeiro. À missa, viam-se os rapazes em tôrno do altar, recitando o têrço.

O resto do dia era dividido entre o trabalho e os estudos. Trabalhava-se mais do que se estudava. Uma aula de doutrina e outra de latim, eram talvez, nos primeiros dias, todo o seu programa.

*
* *

Em pouco tempo, os jovens eram quinze ou vinte. Apresentou-se um velho professor, que aspirava ao sacerdócio. O problema das aulas estava melhor resolvido.

Criou-se poucos meses depois a tipografia de "O LUTADOR". E os tipógrafos eram os próprios alunos, que aprenderam a arte com o Fundador. Compunha-se o jornal em três dias, e em dois era feita a tiragem, reduzidíssima.

Em breve atreveram-se a imprimir um livro. Padre Júlio-Maria era um otimista. E o livro veio a lume apesar de tôdas as dificuldades. (1)

"Coragem, meus filhos ! dizia êle. Tudo se faz com tenacidade e capricho. Breve teremos o nosso Seminário, a nossa bem montada tipografia, a nossa Editôra modêlo. Deus nos abençoará".

E o pugilo de jovens crescia no meio das lutas e provações.

*
* *

Entrementes, Deus suscitou-lhes as primeiras lições de vida paroquial.

Pe. Júlio-Maria era a figura acabada do Vigário. A

1) Este primeiro livro foi o das suas *Respostas irrefutáveis às objeções protestantes*. Enfeixava a réplica ao boletim que os protestantes espalharam na cidade em meio de 1928. É hoje editado com o nome de *Luz nas trevas*.

Os cinco primeiros candidatos em companhia do Pe. Hipólito Depoorter e Pe. José Lanzillotti.

Em pé: *Valter, Durval.* — Sentados: *Milton, Afonso, Dario.*

pontualidade ao ministério, o zêlo das almas, o espírito de empreendimento, eram nêle à feição do Cura d'Ars.

Mas havia uma particularidade. Êle era de caráter fogoso e lutador, como convinha ao nosso século.

A pseudo-vida católica de Manhumirim estava misturada de indiferentismo e maçonismo. Veneráveis do triângulo e do martelo acotovelavam-se, no recinto sagrado, com os católicos da lídima estirpe.

A própria comissão construtora da matriz era composta, na maior parte, de elementos da loja. Pior ainda: organizada a Liga Católica, sob o impulso do entusiasmo, não faltaram nela maçons de todos os graus e quilates, alguns sem dúvida cheios de boa-fé.

O novo cura deu o golpe com habilidade: ou a mesa sagrada todos os meses, com a renúncia à maçonaria, ou a desistência completa da igreja ...

Em face da comissão construtora da igreja, sua atitude não foi menos enérgica. Após os festejos de maio, um senhor, maçon, que respondia pela execução das obras, quis obrigar o padre-cura a exercer as funções litúrgicas no velho e sujo barracão.

Pe. Júlio-Maria resistiu. O maçon esbravejou. E ensaiou-se em dizer que fôra sempre costume a comissão traçar o programa ao Vigário.

— "Pode estar certo, meu senhor, de que Manhumirim tem agora um Vigário que faz questão de mandar na igreja ..." foi a resposta que recebeu.

Houve reclamações e esbravejamentos dos maçons. Mas os católicos deram razão ao Padre. Poucos dias depois, dissolvia-se a comissão, e o Padre Júlio tomava sob sua responsabilidade a direção dos trabalhos.

E o joio estava definitivamente separado do trigo. (1)

1) Alguns anos após, em artigo no *Manhumirim*, órgão então encoberto da maçonaria local, um Venerável, que outrora passava por católico, em artigo insultuoso, dissera que o Pe. Júlio-Maria viera trazer a desagregação à família manhumiriense. (*Manhumirim* de 4-3-34) Pe. Júlio-Maria replicou-lhe com estas palavras: "O homem acusa-me de ter metido a desordem entre as famílias de Manhumirim. Êle tem razão: separei o joio do trigo; e como o Dr. Caciquinho ficou no meio do joio, está tremendo de raiva contra o trigo". "Mas não é minha culpa". — ("O Lutador" de 11-3-34).

Eram as primeiras lições formadoras aos seus futuros missionários.

*
* *

Entrementes, compunha o Pe. Júlio as *Constituições* e o *Formulário* de preces do Instituto.

D. Carloto, paternalmente, seguiu a tudo de perto. Viu que se transformavam os projetos em realidades promissoras.

Êle mesmo quis dar os primeiros hábitos da nova Congregação. Às suas próprias expensas, mandou fazer, no Rio, as batinas e barretes de cor cinza, como idealizara o Fundador.

Na festa de Nossa Senhora do Carmo, 16 de julho de 1929, realizou-se a primeira vestição. Eram três os que vestiam o santo hábito, abençoado pelo piedoso Antístite: o Fundador, um dos estudantes mais adiantados e um irmão-coadjutor.

Iniciava-se com dois noviços, (1) sob a proteção de Nossa Senhora do Carmo, a vida religiosa do novel instituto.

Como deve ter sido abnegada e humilde!

*
* *

Naquele mesmo dia, o Mestre começou de pôr à prova um de seus noviços.

Para a vestição dera-lhe de presente uma linda sobrepeliz. À hora do almôço, dizia-lhe: — "Frei José irá comigo à procissão de Nossa Senhora do Carmo, trajando a sobrepeliz nova".

O irmão ficou cheio de entusiasmo e alegria. Mas, qual não foi seu susto, quando, ao vestí-la às 4 horas da tarde,

1). PE. JÚLIO-MARIA não fêz o noviciado e não professou na Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora. Dizia sempre que, ao professar na Congregação da Sagrada Família, prometera pertencer àquele Instituto até à morte; e, assim, não queria, embora com licença da Santa Sé, desligar-se de seu antecedente compromisso.

o Pe. Superior lhe dizia com uma certa rispidez : "Não, não vá à procissão. Pode tirar a sobrepeliz ... Você é um matutão desajeitado, que me meteria vergonha lá perto do andor. Vá para casa, cuidar de cousa útil ..."

* *
*

E foi neste teor que prosseguiu o noviciado, cheio de provações e repreensões severas.

Pe. Júlio-Maria queria os noviços formados na humildade que distingue os servos de Deus.

Doutra parte, a pobreza da casa obrigou os noviços a maior austeridade e pobreza. A cozinha, a copa, a faxina, assim como o catecismo paroquial e a limpeza da igreja eram feitos por êles.

Mais pobres que Franciscanos e mais austeros que Monges do deserto, não conheciam o luxo e o comodismo.

E o Fundador, e o próprio Bispo quando ali estava, partilhavam dos rigores desta pobreza.

Um dia, certo sacerdote bastante espirituoso visitou a casa. O cozinheiro, a êste tempo, era um tal Bonifácio. Depois de beber o intragável café, o sacerdote fêz questão de conversar com êle.

— "Foi você que coou aquêle café ?" — perguntou-lhe o Padre.

— "Eu mesmo"

— "Pois olhe, Bonifácio, se houver um concurso de café mal coado em Minas Gerais, o seu café nem precisa entrar no concurso, porque ganha de verdade".

Êste mesmo sacerdote, escolhido pelo Sr. Bispo para saudar ao Pe. Júlio-Maria, quando êste pregou, pouco depois, o retiro ao clero, teve estas palavras de elogio : "O Pe. Júlio-Maria e a família espiritual que êle está criando deixam na sombra o profeta João Batista com seus gafanhotos e mel silvestre".

*
* *

E assim tomava incremento a humilde Congregação. Dentro em pouco, os jovens reunidos eram mais de 20. E o Padre Júlio, nomeado Moderador-geral, pediu licença para dar novos hábitos.

D. Carloto percebeu o dedo de Deus. Achou que tantas bênçãos do alto não se deviam ater aos estritos limites do Seminário. Deviam passar a uma outra fundação necessária. Instou com o Pe. Júlio-Maria para que instituisse, também, as *Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora*, a exemplo de tantos outros fundadores, que criaram Congregações femininas ao lado dos sacerdotes e irmãos.

P. Júlio-Maria, já tendo empreendido no norte uma Congregação feminina e tendo passado pelos dissabores mais tremendos, não se achava com disposição para arcar de novo com tamanho pêso.

Para satisfazer a D. Carloto quis chamar do norte as Filhas do Coração de Maria. Previu, entretanto, que não se adaptariam ao clima. Além disto se desviariam da finalidade principal, que são as missões no norte do país.

Resistiu ainda por algum tempo ao Prelado. Enfim, determinou-se a obedecer-lhe desde que aparecessem as primeiras candidatas à vida religiosa.

Entrementes, viaja o Senhor Bispo para o Rio, onde se encontra com três ex-noviças Filhas do Imaculado Coração de Maria que, magoadamente, diziam-se obrigadas a deixar aquela Congregação, devido às dificuldades climatéricas do local onde estava o noviciado. Uma era francêsa e já se aprestava para tornar à Pátria.

D. Carloto expõe ao Pe. Júlio a idéia de iniciar com estas moças a nova Congregação. Êle mesmo lhes dá o dinheiro para que façam os hábitos cinzentos.

E no dia 11 de outubro de 1929 chegavam do Rio as três primeiras Irmãs.

Estava a população, pacata e simples, muito longe de supor que era o início de uma fundação nova, inteiramente diversa doutras similares, porquanto se dizia que as Irmãs vinham de fora para abrir em Manhumirim uma

Escola Normal. Era a história de Macapá que se reproduzia.

Na pobreza e na simplicidade, que caracterizam os princípios de uma Congregação, aparecia mais uma família espiritual do grande missionário lutador.

Por enquanto, não era uma Congregação religiosa no sentido próprio da palavra. Tratava-se de simples associação diocesana, de vez que o Bispo nem sequer recorrera à Santa Sé.

Mas eram dois homens de Deus que se davam a tal emprêsa, movidos exclusivamente pelo zêlo das almas; e do céu haveriam de cair à flux as bênçãos que não faltam jamais aos pobres, aos humildes, aos que buscam "primeiro o reino de Deus e sua justiça"...

Efetuou-se a compra de uma casa, com os auxílios do povo. Era o Colégio Santa Teresinha, a nascer, também êle, da simplicidade e da pobreza.

Só à tenacidade, o idealismo e a abnegação sem nome, conjugados com a graça de Deus, podiam erguer, sob o sarcasmo e a dúvida dos circunstantes, obras tão estupendas e dificultosas.

Mais ainda. Era preciso mesmo, além da tenacidade e do idealismo, a consciência de u'a missão divina para a emprêsa grandiosa que o Pe. Júlio-Maria inaugurou naqueles tempos remotos, nesta terra sem fé.

Esta consciência de um mandato, êle a possuia.

E foi por isto que, arrostando tôdas as dificuldades e lutas, êle plantou com seu sangue e regou com suas lágrimas as duas florações benditas à cuja sombra se abrigarão para o futuro, temos esperança, milhares de almas, jungidas pelo mesmo espírito, vivendo a mesma vida, trabalhando pelo mesmo ideal, amando o mesmo amor, e adorando um só mistério — a Eucaristia dos nossos altares.

CAPÍTULO XXIV

Primeiros sofrimentos

Começo promissor de 1930 — O primeiro sacerdote da Congregação — Inaugura o Colégio das Irmãs — A primeira residência em Manhuaçu — Dificuldades internas na Congregação feminina — Questão entre a Maçonaria e a Fábrica da Matriz — Guerra sem tréguas de 17 anos — Conclusão

Iniciou-se promissor o ano de 1930.

Entretanto, êle viria a ser, nos últimos meses, cheio dos maiores sofrimentos para o Pe. Júlio-Maria.

Deve referir-se a esta época tão trágica em sua vida a seguinte confissão, que bem lhe revela a grandeza dalma.

"Houve um tempo, nos inícios da fundação do Seminário e da Congregação, em que tudo transcorreu em admirável paz. Não tive lutas e dificuldades nem com os de dentro, nem com os de fora, Nenhuma perseguição, quase nenhuma dificuldade financeira. Pus-me a pensar que Deus Nosso Senhor não podia estar satisfeito com minhas iniciativas, pois as obras de Deus, eu o sabia por experiência, iniciam-se na perseguição, no sofrimento, na incompreensão dos homens.

As minhas estavam sendo doutra sorte. Tudo parecia sorrir-nos em bonança. O Senhor Bispo D. Carloto, muito nosso amigo, o clero todo simpático à Congregação, o povo a auxiliar nossa obra, tudo, tudo era favorável. Rezei dizendo a Nosso Senhor: Meu Deus! que vem a ser isto? Nunca as vossas obras estiveram isentas do sêlo das perseguições ... Será possível que haveis rejeitado a vossa

obra? Prefiro antes ter algum sofrimento para estar certo de que tudo aqui é divino e não humano... Ah! meus filhos, não aconselho a ninguém peça sofrimentos. Não podeis imaginar como os vendavais das perseguições nos sacudiram de todos os lados! Mas, então, fiquei ciente de que Deus queria abençoar a nossa obra". (1)

Estas palavras, que dão a conhecer o espírito de Deus a animar um verdadeiro Fundador, resumem a presente história em 1930.

*
* *

Os inícios não podiam ser de maior paz e prosperidade.

Em desenvolvimento promissor adiantavam-se os serviços paroquiais após as primeiras lutas em maio de 1929.

A Liga Católica, empolgante e entusiasta, arrastava à mesa sagrada para mais de 100 homens semanalmente, o que representava um triunfo na cidade carcomida de quistos protestantes, espíritas e maçons.

A construção da igreja-matriz, sem faltar contribuições populares, estava quase terminada, tendo tomado, nos últimos meses, vulto que não ganhara nos anos pretéritos.

Padre Júlio-Maria podia zombar ruidosamente dos protestantes, minoria sem fôrça moral no município. Quem percorre com lentidão as coleções de "O Lutador" daqueles tempos apalpa, no calor da verve gaulesa a inundar aquelas páginas, a sobre-eminência de um espírito que triunfa de seus inimigos, anteriormente prestigiados e senhores da situação.

*
* *

Internamente, seus trabalhos de Fundador não eram menos esperançosos.

1) PADRE JÚLIO-MARIA, fatos de sua vida.

Cêrca de 30 seminaristas se agrupavam no pequeno barracão que lhes servia de seminário. O noviciado, em casa separada, com quatro noviços, imbuia-se do espírito do novo Instituto, e nêles punha o Padre Júlio tôda a sua confiança.

Mais ainda. Nosso Senhor quis mandar logo nestes princípios o primeiro sacerdote. Veio bater às portas da nascente congregação, nos começos de 30, um jovem seminarista, com os estudos já completos. Devido à precisão urgente de Padres, D. Carloto deu-lhe as cartas dimissórias para a ordenação, antes de êle iniciar o noviciado.

Foi com o maior entusiasmo e alegria que se registrou o auspicioso fasto.

"Domingo, dois de março — noticiava "O Lutador" — foi dia de festa para o povo de Manhumirim e de um modo especial para a Congregação dos Missionários de N.ª Senhora do SS. Sacramento.

Acabava de ser ordenado o seu primeiro sacerdote pelo Exmo. Sr. D. Antônio dos Santos Cabral, em Belo-Horizonte, no dia 23 do corrente, e veio cantar a sua primeira Missa solene na Casa-mãe de Manhumirim, no meio de seus irmãos de hábito, com a assistência do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Cartolo Távora. (1)

"A nova Congregação Brasileira dos Padres de N.ª Sra. do SS. Sacramento, que conta ainda poucos anos de existência, começa a ver os seus esforços coroados de sucesso e o seu ideal realizar-se aos poucos.

"A pequena Congregação conta hoje dois sacerdotes religiosos, dois teólogos, três filósofos e mais de vinte estudantes, mais ou menos adiantados em seus preparativos, com cinco Irmãos Coadjutores que se ocupam em serviços materiais". (2)

Êste desenvolvimento parece prematuro para a Congregação, que, além de nascer na mais extrema pobreza,

---

1) Êste sacerdote foi o Pe. Paulo Elberle. Não perseverou no Instituto, como quase todos os que viveram nos seus inícios de provações materiais.

2) "O Lutador" n.º 68 de 9-3-930.

aparecia em terra sáfara e desprovida de sementeira de vocações que é a vida cristã intensamente vivida.

*

* *

Se lançarmos o olhar para o ramo feminino das Irmãs, somos forçados a igual conclusão.

Onze eram as jovens aspirantes que já se agrupavam à sombra acolhedora do manto de Maria Santíssima. Não faltavam vocações, faltava antes abrigo para acolhê-las.

Em fevereiro de 1930, o Colégio Sta. Teresinha, aspiração que os mais otimistas criam impossível, era uma realidade. Estava aberta a matrícula; não faltavam mestres; benzia-se o modesto prédio a cavaleiro da Praça da Estação, e tinham princípio as aulas do curso primário e jardim da infância.

D. Carloto pediu que se criasse logo uma nova residência para as futuras Religiosas, em Manhuaçu. Foi o Colégio e Pensionato S. José, que se inaugurou modestamente aos 19 de março, sob a direção de quatro Irmãs.

*

* *

Bênção de Deus, ou efêmero evoluir, produto de esforço simplesmente material?...

O homem de Deus trepidou em face da alternativa que explicasse a incógnita dos acontecimentos. Enfim, pareceu-lhe que os seus documentos não traziam o sêlo da autenticidade: o sofrimento intenso e profundo.

Mas a obra era de Deus... Êle o sabia! Tornava-se mister pedir a Deus que lhe apusesse o inconfundível sigilo dos sofrimentos.

E o Fundador o solicitou. Heroísmo duma alma grande!

*

* *

A partir da manhã de sua prece, nunca lhe faltaram sofrimentos e empecilhos. A história de sua vida e de seus institutos mudou-se numa intermitência de consolações e dores morais, muitas delas inenarráveis.

Um dos primeiros amargores que provou foi a discórdia entre suas filhas espirituais. Mesquinhos caprichos comuns entre mulheres arrefeceu entre elas a mútua compreensão. O mau espírito atingiu a própria cabeça da comunidade. E foi preciso que êle interviesse, afastando a primeira Superiora para colocar outra, apesar das relutâncias que a perspectiva de um natural escândalo nêle suscitava.

*

* *

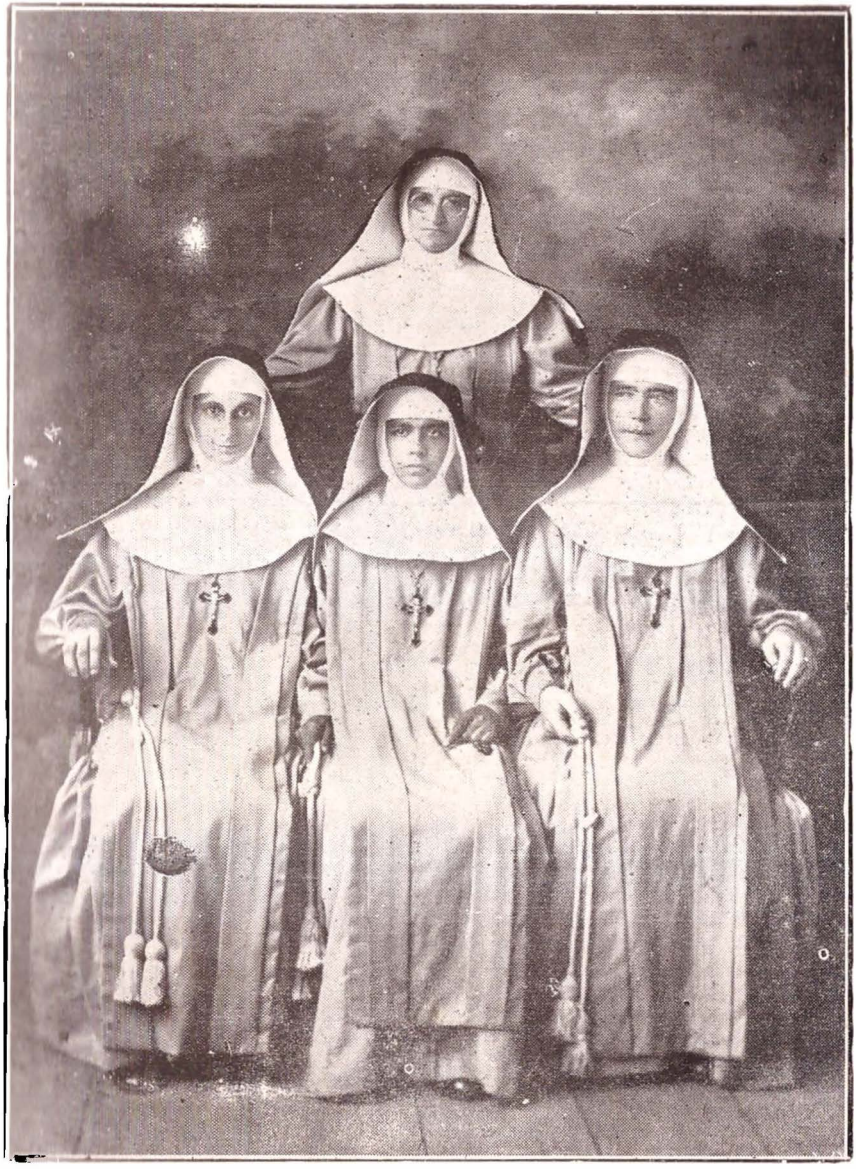
Quase simultâneamente, aparecia, contra o seu proceder de Fundador, uma denúncia falaciosa perante a Nunciatura. Nascera, certamente, da sua atitude em face do acontecimento supra escolhendo como Superiora uma Religiosa que viera doutra Congregação. O fato de receber esta e outras candidatas, que por motivos todos seus não puderam permanecer noutros institutos, deu azo ao denunciante para dizer que êle perseguia outras Congregações, desmoralizando-as e aconselhando a seus bons elementos viessem para o novel sodalício de Manhumirim.

O quanto fêz sofrer o nosso Padre a escandalosa denúncia, vê-se através de uma carta dirigida ao Exmo. Sr. Núncio Apostólico.

"Sou missionário há uns 25 anos — diz êle nesta carta. Sacrifiquei a minha saúde no meio dos índios do norte durante 12 anos, e agora procuro, antes de morrer, fazer ainda um pouco de bem pela pregação e pelas obras. Seria, pois, desonrar os meus cabelos brancos e a minha vida sacerdotal ocupando-me de mesquinhas lutas como parece atribuir-me o denunciante". (1)

Viera, pois, bem clara, a provação de Deus.

1) A cópia desta carta se encontra entre os numerosos papéis avulsos do nosso biografado. Não traz data. Pelo contêxto, entretanto, aparece clara a relação com os acontecimentos de 1930.



As primeiras Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora

Esta delação contra o seu nome e proceder não foi a única. Algumas vêzes se queixou a seus íntimos do muito que se lhe ralava o coração por causa de inescrupulosas cartas com que pessoas mal informadas lhe maculavam as retas intenções.

A êste tempo surgiram também, na paróquia, os primeiros assanhos da Maçonaria contra êle e sua obra.

De sua chegada a esta parte, foram os maçons, aparentemente, cheios de conveniências sociais. Afora o incidente passageiro com a comissão construtora da matriz, o qual notamos precedentemente, nada de anormal.

Entretanto, parece que nos escuros da loja desde muito se arquitetava a vingança ao golpe de energia desferido contra os maçons postos à frente de iniciativas católicas. A vingança quis ser tirada pelo antigo Presidente da Comissão construtora da matriz, então Vice-Presidente da Câmara Municipal, maçon de sete costados. (1)

A obra do demônio não podia vir mais a jeito do que veio, pois ia indispor, para muitos anos, a autoridade religiosa com a civil.

A maçonaria local, sob orientação e com patrocínio da Câmara, quis construir seu templo efetivo ao sopé do adro, quiçá como desafio ao Vigário, que já esclarecia os católicos a respeito do perigo maçônico, desde a fundação da Liga Católica. (2)

Mais ainda. Não satisfeitos da ofensa irrogada, baixaram da ousadia do insulto à temeridade do roubo. Invadiram a área dos terrenos da igreja, estendendo a posse que tinham.

---

1) Abstemo-nos de citar nomes por vários motivos, todos alheios a qualquer temor de represália que a lealdade histórica poderia suscitar.

O primeiro e principal dêstes motivos é que não achamos devam receber o laurel de ter seu nome nesta história homens a quem o público honesto de Manhumirim nunca votou o mais insignificante prestígio. Todos passaram e desapareceram desta terra só deixando memória de cangaço e opressão.

2) Houve quem supusesse ter-se a Maçonaria outrora imiscuído na Comissão construtora da matriz do Bom Jesús com intenções sacrílegas de fazer dela, mais tarde, a sua loja. Daí o fato de sua arquitetura ser tão rica de triângulos e símbolos maçônicos nas abobadas, nas ogivas, nas linhas de seus relevos, etc. Não sei que fundamento se pode dar a esta versão. Caso isto se prove historicamente, teremos o mais cabal espécime da perseguição encoberta que a seita de Hiram move à Igreja de Jesús Cristo.

Tratava-se porventura de um engano ou desconhecimento dos limites que sua escritura lhes assegurava?

De modo algum. Tanto assim que à reclamação do Vigário não ligaram a mínima importância.

Pe. Júlio-Maria, a 2 de maio de 1930, dirigiu um ofício ao Grão-Mestre da Maçonaria. Recebeu por resposta o mais árido silêncio.

A 11 de maio "O Lutador" publicou o seu protesto público, vazado nos seguintes têrmos:

"É do domínio público a baixa perseguição que a loja maçônica desta Cidade procura mover atualmente contra a Igreja.

Não satisfeitos com a área de terreno que julgam pertencer-lhes, apossaram-se ilegalmente de outra área, para completar o terreno de que precisavam.

Para protestar contra a usurpação escandalosa do patrimônio da igreja, dirigi ao chefe da maçonaria local o ofício que se segue.

Não tendo recebido resposta, é do meu dever tornar público êste documento, para os católicos estarem a par dos acontecimentos.

Exmo. Sr. Grão-Mestre Local
da Maçonaria de Manhumirim

O Vigário de Manhumirim, Presidente da Fábrica do Bom Jesus, tem o dever de comunicar a V. S., caso o esteja ignorando, que a área que a maçonaria julga pertencer-lhe, junto ao pé da igreja-matriz, é de 87 m² (oitenta e sete metros quadrados), tomando por base 60 palmos de frente e com fundos correspondentes de 29 palmos, resultando daí a área de 87 m².

Consta que o prédio em construção excede a área, invadindo dêste modo o terreno da igreja.

Sendo assim, é do meu dever protestar contra a tal usurpação ilegal. Peço pois a V. S. examinar de perto os

1) "O LUTADOR" n.º 77, de 11 de maio de 1930.

seus documentos autênticos, sob pena de eu ser obrigado a recorrer aos meios judiciais, para fazer respeitar os direitos da igreja.

Para o meu govêrno, peço o obséquio de uma resposta urgente.

Manhumirim, 2 de maio de 1930

(a) Pe. Júlio-Maria

Vig. e Pres. da Fábrica".

*

* *

Com o documento supra estava erguido o lábaro de guerra entre Pe. Júlio e a Maçonaria, guerra que os maçons identificaram com desavença política entre o Padre e o govêrno municipal.

Tôdas as demais questões, até os aviltantes insultos de politiqueiros e os labéus assacados à moral do Padre, partiram dêste protesto do Sr. Vigário ao Sr. Grão-Mestre.

A Maçonaria não o pôde tolerar e assestou baterias contra a respeitável figura de barba que lhes metia mêdo.

*

* *

Não pude apurar que resposta foi dada ao documento supra. Sei apenas que, pouco depois, o Pe. Júlio lançava um protesto judicial contra a petulante usurpação.

Não atenderam. Novo recurso à cátedra judicial e, a mando da Comarca de Manhuaçu, a polícia embargou as construções que o Venerável maçon queria continuar.

Viram então que tinham de frente adversário sem receios. Era necessário livrar-se dêle de qualquer modo. Tentaram afinal um acôrdo, em que a interferência do Bispo e do Juiz levasse a bom têrmo o ganho da Maçonaria, desfazendo-se o processo iniciado.

É digna de nota a resposta do Magistrado ao Vice-Presidente da Câmara de Manhumirim. Tirando do bôlso o têrço, mostrou aos circunstantes, dizendo: "Sr. F., em tôda solução que V. S. tentar contra a Igreja, nesta e noutras causas em que a justiça a ela cabe, V. S. perderá. Porque rezo o têrço, sou católico, e não posso trair a minha consciência. E nas demais entrâncias judiciais, creio que não será diferente o proceder de meus colegas, aliás católicos e dispostos ao cumprimento de seu dever".

E como terminou tôda esta tragédia de mau gôsto?

Merece passar à história o diálogo que lhe pôs término. Um dia, o sôgro do Presidente da Câmara, homem sem instrução, mas sensato, comentou com o genro os acontecimentos.

— Homem, quer saber de uma cousa? Êste Padre que nós temos, digam o que disserem, êle é de fibra. Quebra, mas não verga. A Maçonaria tem mesmo que ceder.

— Não cederá — adiantou o outro — porque eu a garantirei. E eu sou o homem de maior prestígio no município.

— Deixe de conversa, F., o Padre não verga. O melhor é você comprar o terreno e fazer ali a Prefeitura. Isto lhe atrairá a simpatia do povo para o seu govêrno. Além do mais, briga com o Padre nunca dá certo. Padre é de Deus e quem briga com êle fica excomungado..."

O Prefeito cedeu às razões do velho sôgro. Ergueu-se no local a Prefeitura. Quê fazer senão isto? Aquêle Padre não haveria mesmo de vergar jamais!

Mas nunca a Maçonaria poderá perdoar ao Pe. Júlio a solene reivindicação de seus direitos!

Quinze anos viverá o Pe. Júlio-Maria em Manhumirim. Durante quatro anos ela criará capangagens, tramará intrigas políticas e buscará azo de livrar-se dêle pelo assassínio. Mais de uma vez buscará denegrir-lhe a memória com calúnias e invencionices sórdidas e infames. Não

perderá ocasião de publicar contra êle todos os acintes e baldões que à pena acrimoniosa de jornalistas irresponsáveis afluirem.

Quinze anos viverá êle em Manhumirim. E quinze anos a Maçonaria saberá erguer às alturas do mando municipal chefetes que forcejam por lhe obstar tôdas as emprêsas.

A Maçonaria não lhe perdoará jamais, a êste frade barbudo, a afronta de ter feito valer os direitos do Bom Jesus e a justiça da Santa Igreja.

Desde o precedente acontecimento, nasceu em Manhumirim a separação e aversão entre os dois poderes, nógórdio de sua história.

"O Padre é um politiqueiro — diziam — Êle quer ter aos pés, como seus escravos, os chefes do município".

E tudo o que o Vigário fazia ou dizia interpretava-se como trama para a ascenção ao poder.

Um dia, Padre Júlio elogiou pelo seu jornal a um dos mais destemidos católicos e homem de bem da cidade, o Sr. Narciso Rabelo. Foi o bastante para que surgissem os comentários: "Vêde, êle prepara o futuro chefe, dócil a seus caprichos e talantes. Está fazendo a propaganda da nova candidatura".

E era um crime. Na cidade selvagem, onde campeavam, indômitos, jagunços de todos os matizes, todos ao lado do chefe municipal, cesaróide que dirigia a bico de faca, balas e coronhadas, era um crime hediondo arvorar-se um padre "francês" a juíz dos bons feitos de seus paroquianos e tecer lôas a um caráter magnânimo, que não era da trempe maçônica, porque ela não possuía dêstes homens!

Que se não poderá esperar desta gente escrava dos caprichos de baixo interêsse e baixa politicagem!

A ousadia dos inimigos chegará, muito breve, à fúria e à impudência.

Então, já é a perseguição aberta. Mas virá a perseguição pessoal, brutal. Valer-se-ão da calúnia soez e do aço assassino para se livrarem do inimigo destemeroso.

As paixões mesquinhas e o ódio ferrenho não suportam nunca o homem de bem.

CAPITULO XXV

O furor do inferno

Antipatia do Presidente da Câmara — Jagunços e cangaceiros — Pretêxto para ofensa ao Vigário — Uma conferência pública contra os protestantes — A sátira de "O Lutador" — O desacato planejado — Insultos do Sr. Presidente da Câmara — Conclusão

Momentosas foram as lutas que marcaram os últimos meses de 1930 em Manhumirim.

É difícil precisar, no emaranhado de todos os acontecimentos, os pormenores da atividade diabólica que orientou a perseguição. Lobriga-se, porém, a má intenção, a nequícia do espírito do mal, nos fatos mais insignificantes.

*

* *

Antes de tudo, é necessário observar que as principais figuras da Maçonaria manhumiriense ocupavam no município os postos de mando.

Sòmente o Presidente da Câmara não era maçon de fato, conquanto o fôsse de atos e aprovações.

Caráter doble e orgulhoso, cheio de si, ambicioso de mando, êste homem não tinha nos princípios convicções formadas nem contra nem a favor do Padre Júlio-Maria. Dizia-se católico, porém não comungava e não agia sem audiência do Pastor Protestante de Alto Jequitibá.

Ao organizar o Padre Júlio a Liga Católica em Manhumirim, os sócios desta, por alta diplomacia que eu chamaria adulação nascida do temor de não deixar sem honrarias o "chefe", elegeram-no Presidente de Honra da associação.

Quando se exigiu a freqüência à mesa sagrada como imprescindível para o uso das insígnias e acesso às reuniões, desertaram da igreja, a granel, maçons e simpáticos de maçons. Neste número colocou-se o Presidente da Câmara.

Mercê do golpe que lhe afastou a simpatia do público católico, já a sua admiração pelo Padre-Cura não podia ser a dos primeiros dias, quando o viu chegar ao município, como um expoente de cultura e finíssima fidalguia. Ante os seus olhos, Padre Júlio passou a ser um sacerdote grosseiro, porque lhe não respeitava o infinito respeito humano.

Que atitude tomaria o nosso homem?

Colocar-se com a maioria, para não perder, no futuro, a política, foi seu alvitre. A maioria, inegàvelmente, era protestante e arreligiosa. E para logo viu-se a autoridade máxima do fôro civil acercar-se de elementos separados da religião, ou a ela hostis.

Quase todos os seus auxiliares de govêrno já eram, anteriormente, maçons. Efetuada a radical separação entre o joio e o trigo, quer influenciado por êles quer influenciando sôbre êles, criou o chefe do govêrno municipal um verdadeiro grupo inimigo do Vigário e da Igreja.

O mal progrediu em poucos meses. Da antipatia veio-se à hostilidade, da hostilidade ao ódio brutal, do ódio brutal ao cangaceirismo.

Capangas, jagunços e malfeitores, sempre a serviço de potentados, não faltavam, está claro, ao lado dos que impunham sua vontade como soberana lei.

E destarte se viu a jagunçada sob comando do próprio delegado de polícia, a pretêxto de garantias da ordem pública, sob a proteção do Sr. Presidente da Câmara, perpetrar horrores e arbitrariedades. (1)

---

1) Os fatos, em Manhumirim, são conhecidos de todos. Durante 17 anos foi a localidade calcada sob os pés de 6 ou 7 elementos, que lhe tolhiam tôdas as liberdades políticas, civis e religiosas. Impossível descrever tudo na presente biografia. Seria necessário escrever-se a história de Manhumirim separadamente para se ter idéia nítida de um dos mais autênticos espécimes da ditadura getuliana, estendida nos rincões do interior. Esta história poderá ser escrita se algum de seus "heróis" ousar opor contestações ao presente livro.

Após as questões com a Maçonaria, contadas no precedente capítulo, cresceu a acrimônia infundada dos chefes municipais contra o Pe. Júlio-Maria.

Era preciso, queriam, almejavam tirar uma desforra contra êsse Padre atrevido.

*

* *

O primeiro ensejo ofereceu-se-lhes numa circunstância totalmente de caráter religioso. Para quem não achava máculas políticas no Padre, haveria de ser o suficiente.

Um dia anunciou-se que viriam a Manhumirim pastôres protestantes para conferências públicas contra a Religião Católica.

Em lutas constantes contra os pastôres de todos os cultos, o Padre Júlio não se atemorizou. Apenas teve notícia, publicou uma notinha em "O LUTADOR", convidando a "manada pastoresca" para debate público na Praça da Estação.

Fêz imprimir um programa-convite. Nêle se lia: "Se acreditais no que pregais e se sois *ministros* e *pastôres*, vinde à luz do dia e aceitai uma *conferência pública* com o Vigário, para que da discussão saia a luz verdadeira. Por que não aceitais?

"Porque sois, ou cobardes, ou hipócritas, ou ignorantes.

"Mostrai-vos em público, ó pastôres! Sois quatro, eu irei só. Mostrai a vossa sabedoria ou a vossa ignorância.

"Eu desejo mostrar *em público* a verdade e o êrro. Vinde, pois, aceitai o meu *desafio*. O povo não há de linchar-vos, como merecem apóstatas e renegados da fé de seus pais e baixos exploradores da ignorância alheia, mas escutará a discussão com calma, porque o povo de Manhumirim é um povo educado e ordeiro.

"Apenas o vencido dentre nós receberá a *vaia* que merecer. Se eu fôr vencido, aceito desde já a vaia, sem protestar".

Tamanho desassombro fêz crer às metalidades tacanhas dos maçons que o Padre Júlio ia meter a desordem na cidade. Ou então serviu de ocasião propícia aos seus arremessos de mando contra o ilustrado sacerdote.

Para logo reuniu-se secretamente o conselho municipal. O delegado expôs às demais autoridades que o caso era "gravíssimo". Era preciso prevenir abusos e manter a ordem.

Pedem de Manhuaçu algumas praças, como garantia para os pobres protestantes, que poderiam ser agredidos pelo Padre em praça pública. Cerca-se de jagunços a cidade. Roceiros pacíficos que entravam com suas facas de picar fumo à cintura foram desarmados, por serem "cangaceiros" do Sr. Vigário.

"Às 7 horas da noite — conta-nos uma testemunha ocular — Padre Júlio chamou-me para ir com êle até à Estação. Eu tremia dos pés à cabeça. Padre Júlio, impassível, sereno, sem um *rictus* de nervosismo, mantinha-se o mesmo homem de sempre : destemido, forte, senhor de si. De pé, entre a multidão, êle sorria comentando os acontecimentos, e vez por outra perguntava: — "Os pastores não vieram ainda ? Já está passando da hora ..."

"Em tôrno, negros beiçudos, mal encarados, com enormes trabucos à cinta, soldados grosseiros, com fuzis, assentados nas corrocerias de caminhões... Era tudo para meter mêdo. Se um tiro de revólver explodisse, haveria, sem dúvida, um tiroteio.

"Tudo isto, por causa de 4 pastores ignorantes" — comentava o Padre Júlio. "Não sei onde têm a cabeça estas autoridades de Manhumirim. Só mesmo o desejo de incompatibilizar os católicos ! Onde o motivo, numa conferência religiosa pública, para se armar soldados e postá-los em pé de fogo ?"

Entretanto, os pastores não vieram. Padre Júlio mandou chamá-los em seu templo. Recusaram-se a comparecer.

A pedido do povo, sobe o missionário a um estrado, mostra mais uma vez o triunfo da verdade católica sôbre

o êrro protestante. Protesta contra o proceder grosseiro das autoridades que, reputando o povo católico capaz de desatinos e desordens, solicitaram policiamento de fora ...

Vivas, salvas prolongadas de palmas, puseram têrmo à aglomeração popular, que se desfêz seguindo uma parte para suas casas, outra parte para a igreja, ao cântico de:

"Queremos Deus, que é nosso Rei,
Queremos Deus, que é nosso Pai ..."

*
* *

O proceder das autoridades era mais que mesquinho e ridículo. Era revoltante. Donde teria êle nascido senão do desejo de lançar a pedra ao grande inimigo da Maçonaria? ...

Pe. Júlio-Maria zombou dos seus adversários e ferreteou-lhes, com uma sátira espirituosíssima, o truanismo das atitudes. É pena não podermos citá-la tôda. Entretanto, não podemos deixar de transcrever-lhe os tópicos que deram motivo a um gravame por parte do Sr. Presidente da Câmara e comparsas.

Eis aqui a crítica que se estampou em "O LUTADOR" de 20 de julho de 1930:

*
* *

GRANDE REVOLUÇAO EM MANHUMIRIM

Horrores, mortos, feridos, crimes sensacionais — A Pátria em perigo — História dos tempos remotos
(Notas importantes do Pastor Ouriço)

— Alô! Alô! ...

— Donde é que se fala?

— De Manhumirim.

— Com quem o Sr. quer falar ?

— Com o Delegado Regional da Polícia.

— Vou ligar já e já ... Pronto !

— Alô ! Alô.

— Quem é ?

— Sou eu... Com quem estou falando?

— Com o Delegado Regional.

— Muito bem ! Bom dia, Dr. Sou Eu ...

— Eu P. L., digníssimo Delegado da Polícia de Manhumirim.

— Muito bem, estou às ordens.

— Olhe, Seu Doutor, estamos em perigo de vida ou de morte. Venha depressa, com tôdas as praças a seu dispor, carabinas e metralhadoras ... todo Manhumirim está em perigo, vai rebentar uma revolução horrível.

— Como isso, ó P. ?... É possível ?... Que é isso ?

— Sim, possível, é certo; venha já e já ... senão estamos todos mortos ... Imagine, chegaram aqui quatro Pastores protestantes, que estão convidando os Católicos a assistirem ao culto, e o Vigário quer discutir em público com êles, dizendo que são uns ignorantes ... É preciso assegurar a vida dos Protestantes e até dos Maçons, senão o Vigário é capaz de engulir a todos ... Ai ! Ai, de nós ! Venha já, Sr. Delegado, estou até com as unhas arrepiadas de mêdo.

Venha já, senão estamos fritos e comidos... Que horror!

— Ká ! ká ! ká ! ecoou no telefone. Era a gargalhada do Delegado.

— Olhe, Seu P., eu só posso ir se o Exmo. Sr. Presidente da Câmara me chamar.

— Então, eu corro já ... Até logo Doutor !... Olhe, tenha dó de Manhumirim !

*

* *

Os caminhões num zum-zum revolucionário, no meio de nuvens de poeira, seguidos apenas de urubus, que parecem cheirar carniça, entram em Manhumirim.

Tudo é calmo, pacífico, ouve-se apenas o ruido de umas máquinas beneficiadoras de café.

Os soldados, carabina à bandeirola, olham, perscrutam o horizonte, ansiosos de descobrir o inimigo e de salvar a pátria ameaçada. Onde estará o inimigo?

O Delegado P. L. e o delegadinho A. apresentam-se prazenteiros e risonhos.

— Façam favor, Senhores, vamos tomar um café... um moca autêntico de Manhumirim.

— Mas!... e o inimigo?

— O inimigo ainda não chegou, vamos tomar uns meios preventivos e a vitória será nossa.

— V. Excia. com uma tal estratégia é capaz de ser promovido a Coronel do Exército.

— Olhe, é simples, depois de almoçarmos bem, porque saco vazio não fica em pé, daremos um giro em automóvel através da cidade; de noite os soldados ocuparão tôdas as entradas, e cada homem que chegar será desarmado.

Façam mêdo aos transeuntes, e ninguém terá a coragem de vir assistir à Conferência pública, pedida pelo Vigário. Não havendo gente, o Vigário não irá, naturalmente; então nós diremos que o Vigário, de mêdo, não foi assistir à tal *discussão;* os Pastores protestantes, amigos dos Maçons e meus protegidos, terão razão e o triunfo será nosso, o povo ficará convencido que foi salvo pela nossa bravura.

Não está bem assim?

O Delegado, que é homem de bom senso, deu um risinho amarelo de desapontamento.

— Então é só isso?

— Só.

— Não valia a pena vir de tão longe e com tanta pressa.

*

* *

Em pé, bravos soldados, defensores da pátria !

E, trepando num caixão de querosene, o P. L. fêz o discurso de animação, tal Napoleão em frente das pirâmides do Egito.

"Soldados, a vitória é nossa; olhai para cima; 2.000 anos de glória e de bravura vos contemplam; o mundo está atônito e o sol é capaz de retardar a sua marcha, para melhor contemplar a vossa bravura !

Soldados, sêde dignos do Brasil, e que cada um cumpra o seu dever!"

Muito bem ! Muito bem ! Viva o P. L. ! Viva o triunfador da revolução de Manhumirim ! Viva o Salvador da Pátria ... o Mussolini Manhumiricnse !

E lá no cantinho, o cãozinho olhou admirado para o seu patrão, pensativo, orelhas caídas, diante de tanto heroísmo em palavras e tão pouco em ação.

A ordem dada foi executada.

Os soldados percorreram a cidade e foram postar-se em cada rua, para não deixar passar o povo que começava a abalar-se da vizinhança.

Solenemente sentados num cabo de vassoura, os defensores da pátria, tal a barulhenta meninada, faziam-se de cavalcíros pedestres, cobrindo de ridículo a sua farda e as suas armas.

Passam uns roceiros.

— Para onde vai ?

— Para a Conferência.

— Conferência que nada ! Volte já ! não há Conferência ! E, revistando o homem, retiram tudo que julgaram armas !

Os roceiros, pacíficos, sem fel e sem rancor, perguntaram :

— Mas que é isso ? Porque isso ? Nós não vamos para brigar, vamos apenas escutar a Conferência.

Revistaram assim umas 10 pessoas; porém, vendo o número aumentar a cada passo, e começando a passar cami-

nhões repletos de homens, os soldados julgaram prudente não brigar com a multidão, e, deixando as trincheiras e o cabo de vassoura, voltaram para perto do patrão a receber novas ordens.

Encontraram o P. L. cabisbaixo, o M. M. neurastênico e o Z. M. desanimado diante do insucesso e próxima humilhação de um fiasco estrondoso.

Postaram-se na praça da estação, enquanto que o povo chegava, chegava sempre, enchendo, aos poucos, a praça inteira.

*

* *

Bateram 7 horas no relógio prometido à Matriz pelo Presidente de Manhumirim.

Sete badaladas futuristas.

A praça estava repleta de povo.

De repente as linhas se abrem e no fundo da rua aparece a figura militar do Vigário. Homem de mais de 50 anos, alto, esbelto, de barbas compridas e flutuantes, expressão austera, porém, sorridente.

Uns vinte homens acompanham-no e cercam-no, no meio da praça, onde fica conversando e observando a multidão.

Os soldados espicham o pescoço. Os maçons abaixam a cabeça. Os protestantes procuram esconder-se.

Aí está a fera, o tal Lutador, que os protestantes quereriam poder engulir bìblicamente, e que os maçons parecem querer fulminar pelo seu ódio, mas que nem uns nem outros têm a coragem de enfrentar.

Conversa-se... tudo é calmo... até a atmosfera parece trazer uma brisa suave que nada se parece a um campo de batalha. Os soldados sentem um mal-estar.

Por que tanta exibição, tantas armas, em frente de um povo pacato, ordeiro, calmo e obediente ? !

Parece ridículo, é mesmo ridículo, é até mesquinho.

Sete e meia !

De repente uma voz retumbante ecoa sôbre a multidão. Será talvez o início da luta ? É o Vigário que fala. Agradece o comparecimento da multidão, diz que, de novo, os Pastôres Protestantes não aceitaram o DESAFIO, e não vêm à discussão pública, mostrando, dêste modo, a sua incompetência, a sua nulidade, a sua derrota.

O tom se faz penetrante.

Um silêncio de morte paira por sôbre a multidão. O Vigário continua, protestando contra a presença da polícia, do Delegado, como se o povo de Manhumirim fôsse um bando de revolucionários ou de ladrões.

Somos um povo educado, diz o Vigário, e nunca em nossas reuniões ou festas houve vislumbre de briga ou de desunião. Viemos aqui para escutar os pastôres protestantes, que nos convidaram, para responder-lhes pacificamente os erros, e não penetrou no espírito de ninguém que pudesse haver luta ou derramamento de sangue.

Tal suspeita é um ultraje.

Por que isso ?

Lamento umas palavras pronunciadas por autoridades, dizendo *que o povo não vale nada*. Isto não se diz, é uma provocação.

Por que estas fôrças ?

É outra instigação de certos maçons, que cercam a autoridade e ditam tais disparates.

Se protestamos contra a ignorância dos protestantes, protestamos também contra a hipocrisia desta meia duzia de maçons. E o povo protesta em pêso.

Para provar que somos um povo educado e ordeiro, com intuitos pacíficos, e mostrar que não precisamos de praças para manter a ordem entre nós, vamos todos, católicos, para a nossa igreja, onde cantaremos o nosso hino de vitória, deixando aqui sós e isolados os nossos caluniadores, únicos desordeiros desta cidade.

Um trovão de vivas e palmas acolheu as palavras do Vigário, e num instante a multidão, dando vivas à Religião Católica e ao Vigário, foi-se movendo em caudal imensa, para o lado da matriz.

*
* *

O campo de batalha ficou cheio de sangue e de vítimas. De noite, após a sangrenta batalha, existente só na cabeça de alguns maçons, encontrei na rua, tinto de sangue nos braços, no avental e no rosto, um compadre meu. Fiquei horrorizado e gritei de longe:

— Oh! compadre, que é isso? Então, que é que você matou: Católico ou protestante?

— Protestante, responde-me o homem, ou melhor, *protestantes*, pois matei quatro.

— Que está dizendo?

— Que matei quatro *protestantes* em pele, osso e carne.

— Não diga isso!

— Digo, sim! aqui está a faca — e mostrou-me um facão ensangüentado gotejando ainda. Ia fugir, pois embora católico, o matador era capaz de espetar-me também.

— Não se espante, compadre, o que matei são quatro porcos, para a janta da polícia. Respirei de novo.

— Então está terminada a guerra?

— Se está! Já chega de feridos e de mortos; ontem matei um boi e dois vitelos, agora 4 porcos, enquanto minha patroa estrangulou 12 galinhas, 4 galos e 2 perus, o que faz 25 cadáveres.

— De fato, uma luta com 25 cadáveres é uma revolução valente. Mas, porque você diz que matou protestantes?

— Por que? é boa essa! porque *protestaram* contra a morte, gritando que nem possessos.

— Ah ! sim, nem iam à missa no Domingo, nem se confessavam, nem comungavam, nem honravam aos Santos. Eram mesmo protestantes da gema ! (1)"

*
* *

A crítica ferina do P. Júlio-Maria não podia deixar de trazer o amargor de bílis à bôca dos pobres truões. Quem mais se doeu foi o Presidente da Câmara por causa do "relógio prometido à matriz" a lançar-lhe agora em rosto as fatídicas "sete badaladas futuristas ..."

Era preciso tirar uma vingança. E ela foi tirada no mesmo dia em que veio a lume "O LUTADOR".

Historiemos o que a população ordeira de Manhumirim presenciou então, na tarde de sábado, 19 de julho de 1930, entre horrorizada e temerosa.

*
* *

Todos os sábados o Padre Júlio ia cedo, pelo misto, a Jequitibá. Como de costume, seguiu viagem, despreocupadamente, naquela manhã. O jornal foi distribuído às 3 horas da tarde. Às 5 e meia jagunços de todos os quilates, na Praça da Estação, sob chefia de assassinos de nomeada, algaraviavam, desordeiramente, esquentados pelo álcool, entre palavrões e gritos.

E, no meio dêles, via-se um moço de sociedade, Presidente da Câmara, estonteado pela raiva, a gesticular estertores de vingança. Parecia incrível. Que intentava a horda selvagem ? Uma afronta ao Pe. Júlio-Maria. Quem dizia querer esbofeteá-lo, quem querer exigir dêle a retratação do artigo. Êste, argumentava que urgia se enxotasse da cidade o Padre estrangeiro sem dignidade e sem respeito

1) A interessante crônica pode ser lida por extenso em "O Lutador". Não a citamos tôda para não sermos molestos ao leitor. Também não citamos certos nomes por extenso para evitar possíveis vexames.

às pessoas gradas do município; aquêle outro, apresentando um vidro de querosene, arengava dever-se pôr-lhe fogo nas venerandas barbas.

Dentre todos avultava a figura descomposta do Presidente, dizendo que se deveria fazer o Padre engulir o jornal, e depois escorraçá-lo dentro de 24 horas ...

Sabedores de que êle estava em Jequitibá, determinam-se a ir surpreendê-lo no ponto de embarque, onde tirariam a desforra, sem reação dos católicos, pois lá se ignorava o preparo do ultraje e a população era quase exclusivamente protestante, e a estação sem movimento.

Tomam caminhão e seguem numa disparada louca, munidos de carabinas e cacetes.

Ali chegados, o trem já partira para Manhumirim. Nova corrida selvagem ao primeiro ponto de partida. (1)

Entretanto, chegam ao mesmo tempo que o misto. Há miscelânea, confusão, desordem, gritos e gente que acorre. Pe. Júlio, que combinara com a Irmã Diretora do Colégio ouvir confissões das alunas imediatamente após a chegada, salta pelo lado contrário da estação, sobe pela ladeira que conduz ao Colégio passando pela via mais rápida, que era, a êste tempo, um capão de mato, suficiente para ocultar homem de boa estatura.

E desapareceu dos olhos de seus inimigos ...

Êle nada sabia do agravo que intentavam contra êle. Nem chegou mesmo a supor que o desusado movimento da estação prognosticasse um atentado contra sua pessoa.

Esbaforido, sem se controlar, entre possesso e bêbado, o Presidente da Câmara põe-se à busca do inimigo. Corre à residência dos Padres. À porta, topa um seminarista a levar a maleta do Pe. Júlio.

— Rapaz, onde está o Pe. Júlio?

— Não sei.

---

1) Jequitibá, hoje Presidente Soares, dista de Manhumirim apenas 9 kms.

— Não sabe ? Como é que não sabe, se tem na mão a bagagem dêle ?...

— Doutor, nada tem a ver uma cousa com a outra. Trago a mala do Padre sem me importar do lugar para onde êle foi. Só lhe sei dizer que o P. Júlio não está em minha companhia.

A contra-réplica do "doutor", que se tornara jagunço, foi um pescoção no rapaz inerme.

Entrementes, sabedores do que se tramava, subiram dois católicos ao Colégio para ver se ali achavam o Padre e prevení-lo das ocorrências.

Com jogos de faróis, puderam os malfeitores perceber, na semi-obscuridade, dois vultos que entraram no Colégio. Compreenderam então por onde lhes escapara a vítima.

Em dois tempos, a horda ululante, precedida de seu chefe, estava no portão.

Mas, avisadas, as Irmãs não deram respostas senão evasivas a quem lhes perguntava pelo Pe. Júlio-Maria.

*
* *

Era um quadro de tarimba que se desenvolvia ante o convento das freiras. Caboclos mal encarados, de narigões possantes, de garruchas e facas na cintura, meio tontos, a dizerem palavrões e a soltarem gargalhadas à espera de algo que satisfizesse à sua cobiça de desordens ...

Entretanto, pacífico, sem perturbação depois de avisado, o Pe. Júlio continuou a atender às confissões das meninas com a mesma serenidade de sempre.

Ao terminá-las retirou-se da capela para uma sala contígua, onde conversava com a Superiora e outras pessoas presentes.

O Sr. Presidente da Câmara, esquecendo tôdas as conveniências que seu pergaminho e posição lhe impunham, esbravejava insolentemente, exigindo entrevistar-se com o Padre.

Foi então que Narciso Rabelo, católico, homem dos principais da cidade, pediu ao Pe. Júlio atendesse privadamente o chefe do município, perante dois católicos a fim de que êle fizesse o desabafo de seus ressentimentos e recebesse do Padre Júlio as necessárias explicações.

*
* *

O que então se passou é simplesmente indescritível. Foi o pugilato da mansidão e serenidade com o ódio e a descompostura. Nobreza, e dignidade por parte do sacerdote; grosseria e impudência por parte do político.

Aquêle homem, que perdera por total o conceito de sua posição, pôs-se a insultar indignamente o Padre Júlio. Algumas palavras do enorme despautério, que durou até quase às 10 horas da noite, nos mostram a pequenez do adversário que se enfrentava com o Pe. Júlio-Maria.

— *Padre, o Sr. é um francês indesejável, que veio trazer a desordem ao seio do nosso povo. Não sei onde estou que não o faço engulir aos pedaços o jornal que hoje publicou.... Fique sabendo que o meu nome não é de um moleque para andar em pasquins que se trajam com linguagem de sarjeta ...*

E enquanto andava para a direita e para a esquerda, fumando cigarros sôbre cigarros e atirando-os ao pavimento, repetia, espumante, mais ou menos, os mesmos acintes.

Padre Júlio retrucou-lhe com doçura :

— *"Doutor, é impossível nos entendermos hoje. Quando o Sr. estiver em perfeito uso de sua razão, faça o favor de vir até minha casa, e então conversaremos pausadamente ..."*

— "Estou em pleno sentido !" retruca-lhe o doutor — "Não sou um bêbado ..."

— "O Sr. pode não estar estonteado pelo vinho, senhor Doutor, mas está embriagado pela paixão. Desculpe-me, não posso ouvi-lo por hoje.

— "Fique sabendo que o senhor é um francês indesejável e que eu sou o Presidente do Município. Posso pô-lo daqui para fora e expulsá-lo do Brasil dentro de 24 horas..."

— "Dentro de 24 horas não, Doutor. O Sr. poderá pôr-me daqui para o cemitério em poucas horas, fazendo-me matar por seus capangas... Mas, expulsar-me do Brasil, não! Sou um francês em dias com os meus papéis e são muitos os serviços que tenho prestado ao Brasil e que já me tornaram credor da estima de vários governadores do Norte".

— "Para nós, porém, V. Revma. é um francês indesejável..."

— "Doutor, rogo-lhe a fineza de retirar-se. Estamos em casa de religiosas. Quando o Senhor se achar em pleno contrôle de suas paixões, poderá procurar-me, que nos entenderemos amigàvelmente". (1)

*
* *

Cêrca de onze horas saíu o Sr. Presidente da Câmara.

Tranqüilo, resignado, Pe. Júlio disse aos circunstantes, sem amargor nem ressentimento:

"Pobre homem! Êle está bêbado pela paixão e talvez pelo álcool. Não se deve tomar em consideração o que êle fala".

Temendo um desacato público ao ilustre sacerdote, Narciso Rabelo manda vir um carro e o leva, após o dissipar-se da população amotinada.

Era noite escura...

As paixões, não satisfeitas, haveriam de tramar, nas trevas, urdiduras de sangue, de morte e de calúnia.

---

1) As palavras em grifo não são "ipsis litteris" as dos interlocutores. São, entretanto, o seu pensamento e, aproximadamente, as mesmas, tais quais me foram transmitidas por pessoas fidedignas que as ouviram.

CAPÍTULO XXVI

O furor maçônico

A calúnia, a perfídia, a mulher e a violência: armas da Maçonaria em todos os tempos — A Revolução de 30 e a atitude do Pe. Júlio em face dela — É tomada a tipografia de "O Lutador" — Tentativa de calúnia contra a moral das Religiosas Sacramentinas — Calúnia contra o Pe. Júlio-Maria — Boletins e inscrições infamantes — Tentativa de morte na igreja — Três quadros e três lições — Conclusão.

O proceder da Maçonaria em tôdas as épocas e lugares é o mesmo.

Nos começos, age pela solércia, pela hipocrisia; seu último arremêsso é a violência.

A Maçonaria aparenta, inicialmente, defender a quem persegue. Mas espoca em ódios e truculências implacáveis quando é descoberto o seu cinismo.

*
* *

A Maçonaria oculta sob o riso a mais vil calúnia. Trama, sob pretextos de ordem pública, as mais horrendas sedições. Vale-se da fraqueza dos pequenos e da pusilanimidade dos cobardes para erguer o guante da própria fôrça.

*
* *

A Maçonaria gosta muitas vêzes de aliar-se à mulher e, armando-se de sua língua e ascendência sôbre o coração do homem, maquina a desgraça e o ultraje vil contra os inocentes.

Nada mais forte que a mulher, nada mais perigoso que a sua língua.

*

* *

Entenderão êstes enunciados quantos seguirem com atenção os acontecimentos desta história.

Para derrotar seu adversário, a Maçonaria de Manhumirim, aliada do inferno, se valeu de tudo: da calúnia, da perfídia, da mulher e da violência.

É o que veremos sobretudo neste capítulo.

*

* *

A tentativa de desacato público narrada em o capítulo anterior mostra-nos até onde iam o ódio e os maus sentimentos dos desafetos gratuitos do nosso herói.

Mas não haveria de ser a única como não era, quem sabe, a primeira tentativa. Bastaria uma ocasião azada, e tudo se realizaria segundo a norma de planos preconcebidos.

Transcorreram meses de relativa tranqüilidade no cenário de Manhumirim.

A revolução de 1930, que despertou em muitos lugarejos de Minas movimentos de jaguncismo mais ou menos latentes, viria trazer aos nossos rincões da Mata a liberdade para o crime e para a vigança impunes, e como tal daria margem a fatos bem tristes, de todos conhecidos. (1)

1) Muitos outros fatos particulares se deram, não conhecidos, porque ocultos, e que têm a sua relação com esta biografia. Um entre todos: ameaça feita por notório "capanga" a certo católico exemplar, roceiro simples, que ia com freqüência à casa do Pe. Júlio levar-lhe humildes presentes da lavoura e informá-lo das ocurrências. Pouco depois de iniciada a revolução, sentindo-se perseguido por elementos indesejáveis, o nosso pobre campônio vinha raramente à rua, passando pelos altos montes e aportando à viela escusa que subia à direita da esquina onde se acha a serraria Braks. Certa noite, apenas pôs os pés na dita viela, viu-se obrigado a apertar a marcha, para fugir do conhecido assassino que o chamava. Por fim, percebeu o passo galopado do homem. De repente, batia-lhe êste às costas, nervosamente, dizendo: — "Olá! então faz-se de surdo, não me atendendo? Quero dar-lhe um aviso. Você desapareça desta terra e seja esta a última vez que põe os pés aqui, senão terá contas a ajustar comigo". Até que se desfizessem as ameaças contra o Pe. Júlio, êste inerme roceiro viu-se obrigado a viver em sua casa.
O fato foi-me narrado por êle, pessoalmente.

Retirada a polícia para integrar as fôrças revolucionárias, ficou a cidade entregue à vigia dos mesmos capangas assalariados do Presidente da Câmara. Era a hora oportuna para se tomar vingança do grande inimigo.

Bastaria um pretêxto político, uma provocação do adversário, uma atitude, uma opinião sua com respeito ao movimento revolucionário.

Espreitaram. A atitude do Pe. Júlio-Maria foi, sobretudo nos primeiros dias, da maior reserva.

Quem compulsa as coleções de seu hebdomadário de então poderá averiguar quanta serenidade em face dos acontecimentos.

Mas pareceu-lhe, depois dos primeiros dias, dever tomar atitude quanto a um ponto, homem de imprensa que era.

O município estava sem notícias da revolução. A população, inquieta.

As mesmas autoridades do município, não se sabe com que intuito, selavam os acontecimentos de maior repercussão, impediam a entrada de quaisquer novas sôbre a situação do país, cercavam de bandoleiros armados a cidade, pondo em sobressalto os transeuntes e contribuindo antes para a desordem que para o alento do povo.

Pe. Júlio mandou emissários às cidades vizinhas à busca de notícias. Publicou-as através de seu órgão semanal. Acalmou o povo em face das ocurrências e desfez boatos.

Estava no seu papel de jornalista e Vigário.

Foi o bastante para que arvorassem contra êle a bandeira de guerra. Fantasiaram em seu jornal um amotinador popular.

Certa manhã, veio-lhe às mãos ofício do delegado de polícia, notificando que, naquela tarde, tomaria, com seus "vara-paus", a tipografia de "O Lutador", pois que êste jornal atentava contra a ordem pública.

Pe. Júlio nada respondeu. Com tôda a serenidade, sem comunicar a impudente notícia a seus familiares, to-

mou o chapéu e dirigiu-se ao Colégio das Irmãs. Quis dar plena liberdade ao atentado.

Estava êle a administrar obras no Colégio quando lhe veio ao encontro, pressurosa, uma senhora católica, dizendo-lhe: "Pe. Júlio, estão tirando a sua tipografia... invadiram-lhe a casa".

— "Ó minha filha, êles não podem fazer mais do que aquilo que Deus lhes permitir". E tirando do bôlso o aviso da delegacia lho apresentou, sorrindo.

— "Eu saí de lá para que possam mais livremente descarregar o seu ódio... Deixêmo-los".

Entrementes, varejavam-lhe a casa os vara-paus. Um sacerdote holandês, recém-vindo para a Congregação, pedelhes explicação do atentado de bárbaros. Um "tipo" qualquer aponta para êle a carabina, a fim de matá-lo. Foram os melhores sentimentos de um terceiro que não permitiram se regasse com sangue a casa alheia.

A um canto da capelinha anexa ao Seminário, um dêles topa a imagem do Bom Jesus morto. Dando-lhe um pontapé, diz sacrilegamente, entre as gargalhadas de vários: "Levanta-te daí, preguiçoso! Vem ajudar-nos a tomar a tipografia do Jesuíta".

*
* *

Parece-nos uma cena da Espanha comunista. E ela se deu entre as montanhas de Minas católica, em plena Manhumirim irradiante do sol meridiano, sob o mormaço dos calores de outubro de 1930!

Ajuizem os ledores da história, que canibais dominavam nesta terra, eleita por Deus para bêrço de tantas maravilhas!

*
* *

A tipografia de "O Lutador" assim tomada cobardemente sofreu notáveis avarias, sem que nunca viesse a ser

indenizada. Empastelaram-lhe os tipos, quebraram-lhe as máquinas e ficou o acêrvo de estragos atirado na sede da delegacia sem o mínimo cuidado.

Foi sòmente após o restabelecimento da ordem completa, removidos os cabeças da arbitrariedade, que "O Lutador" reapareceu, em janeiro de 1931.

O espírito vingativo da Maçonaria e da autoridade municipal devia estar satisfeito... Sepultara-se a pena fulminante que lhes ferreteava todos os desatinos e maldades.

Entretanto, o que era mais insuportável não eram tanto as suas verrinas de jornalista, mas a sua presença, a sua personalidade e sua altivez moral.

Padre Júlio esmagava os mesquinhos adversários só por continuar a viver e ser mais estimado do que êles.

A sua ombridade, sobrepairando aos estúpidos ataques da Maçonaria, irradiava-se para além das montanhas, nas cidades vizinhas.

Quem dêle ouvia falar dizia: "Está sendo perseguido, porque é um santo! Não o toleram porque êle é um homem de caráter e retidão!"

Quê fazer contra tão temível inimigo?

Só a calúnia, depondo-lhe contra a honradez moral, pareceu-lhes capaz de derrotá-lo.

E êste monstro horrendo, que sempre termina por devorar a seus próprios inventores, surge então defronte do nosso herói, pela vez primeira em sua história... Tentaram os maçons macular-lhe a honra impoluta.

*

* *

Não era talvez difícil inventar uma suspeita temerária e sórdida contra o ilustrado sacerdote. Não ia êle todos os dias ao Colégio das Irmãs, privando intimamente com elas como um Pai entre suas filhas? A casa era sua como das Religiosas.

Êle mesmo era quem administrava em tôdas as questões de maior vulto. Depois, o carinho e a afabilidade com

que tratava as crianças; o acercarem-se dêle as alunas, chamando-o "Vôvôzinho"...

"Oh! se houvesse um fato mais palpável, uma imprudência por parte do Padre! Tudo estaria concluído!" — pensaram os Maçons.

Mas êste fato, esta imprudência, onde encontrá-los?

E aqui entra, como sombra sinistra neste quadro, uma mulher...

Houve, na longa tragédia de horrores de Manhumirim, a ação nefanda de uma filha de Eva. Poucos o sabem. Quase ninguém o acreditará...

É preferível calar o nome desta infeliz! Escrevemos a história não para difamar a quem quer que seja, mas para exalçar a figura sem par de honra e integridade moral do Pe. Júlio-Maria.

*

* *

Esta mulher endemoniada teve uma idéia genial de maldade, para perpetrar a difamação do sacerdote e das freiras: mandaria colocar sob o assoalho da casa religiosa uma criancinha recém-nascida, para destarte erguer a cerebrina calúnia!

Se tal ardil houvera vingado, com todos os pormenores do plano, onde estaria hoje a grandeza de Manhumirim construída pelo Padre Júlio-Maria?

O ostracismo vergonhoso das Religiosas e do Fundador traria a ruína a tôdas as obras iniciadas.

Mas Deus tal não permitiu. A desventurada não encontrou quem se prestasse a fomentar tão monstruoso escândalo. (1)

*

* *

1) Por mais diabólico que pareça, o fato não é inventado. Foi-me assegurado por pessoas de insigne probidade. A própria Superiora Geral mo contou, declinando o nome de tal mulher sem consciência. Evito dizer da posição que ela ocupava, para que não se venha a formular acusações ou dar azo a suspeitas. Não é caso de caráter público.

Em boa hora, entretanto, o inferno se encarregou de suscitar feliz oportunidade para um escândalo momentoso. Fugiram do convento das freiras duas moças, uma religiosa, e outra simples aspirante, e movidas não se sabe por que espírito, foram, escandalosamente, buscar asilo na casa do chefe municipal, cabeça de tôdas as lutas e perseguições ao Pe. Júlio-Maria.

Estava tecida para logo a enormidade de uma calúnia ignóbil.

No dia imediato, cartazes verdadeiramente imorais foram colocados nos principais pontos da cidade alvejando o bom nome do Padre Júlio-Maria.

Quais os dizeres dêstes cartazes? Não me foram transmitidos integralmente. Quase todos eram encimados pelas letras KD, após as quais se enunciavam berrantes interrogações: "KD... *as freiras? Para onde fugiram e porque deixaram o convento?*" E, a seguir, se formulavam as mais horripilantes acusações contra a moral do Padre. (1)

Um espécime do que devem ter sido os "letreiros" é o boletim indecente que saiu na mesma ocasião. Quero citá-lo, para que êle passe à posteridade como honra para meu ilustre Amigo, Pai e Mestre.

A calúnia, quanto mais ignóbil, tanto mais sublima a memória de quem a sofreu.

Os inimigos gratuitos do Pe. Júlio devem cobrir de vergonha o rosto ao perceberem hoje a gravidade dêste insulto aqui transcrito.

*

* *

1) Entretanto, qual o verdadeiro motivo da descrção das pseudo-religiosas? Notemos de passagem que sòmente uma era freira. A outra era simples aspirante. Ambas foram removidas para o Pensionato S. José, de Manhuaçu, havia ponco, por não se quererem sujeitar à Superiora da Casa-Mãe. Vieram de automóvel, trazidas pelo Vigário de Manhuassu, ao convento de Manhumirim, na mesma tarde da fuga. E de lá saíram por pequenas leviandades incompatíveis com a vida religiosa, assim que por insubmissão à Superiora local.

Parece que, anteriormente, haviam tudo combinado com a desavergonhada mulher que tramava o plano de escândalo em que envolveria o Fundador.

GRANDE ESCANDALO

O QUE SERA?

Não advinham?...

Pois vamos falar... são os podres do PADRE BARBUDO! Chegou a vez do Santo Júlio-Maria!

Mas Sr. Barbudo, nós que acreditávamos tanto na tua santidade... e agora estamos a saber disso!...

Tu que eras, isto é, tu que dizias ser tão purinho, agora deixaste aparecer teu RABO!

Bem diz o adágio: Fujam e desconfiem-se dos que dizem: "Sou criterioso, sou honrado, sou moral, etc.

Quizestes tapear o povo de Manhumirim, dizias santo e procuravas diminuir o valor, o critério de certo número de pessoas desta terra; pessoas que não se julgam santas, porém que se presam muito mais do que tu!...

Comenta-se por todos cantos de Manhumirim que o dito cujo francês que se intitula PADRE JÚLIO-MARIA o tal que veio implantar a discordia entre a família Manhumirense, não passa de um CRETINO, com máscara de santo e no entanto, debaixo dessa santidade tem ocultado até agora as maiores SENVERGONHICES, as maiores SAFADEZAS que imaginar se possa!...

Até agora, seu Júlio-Maria, grande hipócrita, tu eras o ídolo dos que criam na tua falsa santidade, eras o ídolo, daqueles que de boa-fé se aproximavam de ti, uma grande parte acreditava piamente na tua SANTIDADE e a outra parte que de ti duvidava parecia estar menos presada pelos amigos que só acreditavam nas tuas *excomunhões,* nas tuas pragas, porém, agora, eis que surge a

LUZ DA VERDADE

Está propalado e ninguém mais ignora! És um foragido, um escorraçado de diversos lugares devido tuas cretinices, tua POUCA VERGONHA, TEUS ESCANDALOS!

Acabam de deixar o COLÉGIO "SANTA TERESINHA", duas religiosas, para não mais serem testemunhas dos teus atos indecentes e desonestos!

Pais, acautelem-se e zelem pelo mais sagrado que é a honra de suas filhas, não as deixeis em contato com êsse hipócrita, êsse indigno que não sabe honrar o nosso CLERO a nossa santa religião, JÚLIO-MARIA não passa de um aventureiro, um safadão que veio abusar da nossa boa-fé.

Êle quer transformar o colégio religioso em um TEMPLO DE PROFANAÇÃO!

O público desta cidade está farto de saber do ocorrido! Será que o tal padre ainda terá a coragem de querer tapear o povo com uma explicação?... com uma defesa?...

Será que o INDIGNO JÚLIO-MARIA terá coragem de ir à nossa egreja?... O público que o conhece agora, pede que não façais isso, pois não mais és digno de se ingressar no magestoso templo Católico de Manhumirim. Ninguém acreditará nas tuas palavras, pois és além de tudo um vil, um intrigante, um mentiroso!...

Peça a *Deus,* perdão de tuas faltas, do contrário, aquêle INFERNO de que tanto tens falado, estará à tua espera.

Os justos, os bons de coração, os verdadeiros religiosos, não procuram a discordia e a desarmonia como tu procuraste implantar em Manhumirim.

Agora o público que te julgue!...

Estás satisfeito Padre! (1) 10-11-1930.

*

* *

A enormidade da calúnia muito fêz sofrer ao venerando sacerdote. Tanto mais que ela produziu no ânimo do povo mal formado a mais estranha impressão.

Os cartazes permaneceram nas ruas sem que alguém tivesse coragem de removê-los. Foi preciso o próprio Pe.

1) Os erros de português são do autor, que nos é conhecido, como era conhecido do Pe. Júlio-Maria.

Júlio mandar a um empregado limpasse de certo muro os indecorosos e insultantes letreiros. Ninguém lhe tomou a defesa pùblicamente. E êle, premido pelas circunstâncias, emudeceu.

Quando certa pessoa muito íntima lhe falou do ocorrido, êle teve esta palavra: "Já sofri muito na minha vida. Nunca, porém, tivera o desgôsto de ver atacada a minha moral. Êste cálice amargo estava-me reservado em Manhumirim, onde nem sequer os católicos tomam a minha defesa..."

Doutra parte, não sofreram menos suas filhas espirituais. Depois da publicação do boletim citado acima, viram-se desprezadas e injuriadas face-à-face. O Colégio foi despovoado, ficando com apenas uma dezena de internas.

A primeira pessoa a retirar suas filhas, com cínico desplante, foi aquela mulher que se encarregara de espalhar a calúnia, e desvestir as freiras desventuradas.

Certo senhor se apresentou à Irmã Diretora dizendo:

— Faça o favor de ver minha conta e cortar a matrícula de minhas filhas.

— O senhor poderia fazer-me o obséquio de dizer por quê? — adiantou a Religiosa.

— Não tenho satisfação a dar-lhe. As Irmãs sabem melhor do que eu...

*
* *

Foi pelo mesmo tempo que apareceu contra o Padre uma outra calúnia, que se não o fêz sofrer tanto, prova a má-fé de seus impudentes inimigos. Acusaram-no de ter dinamitado o templo protestante local.

Era ridículo. Mas era um meio de afastar de Manhumirim êste Padre cuja presença tanto incomodava aos não-católicos.

Com efeito, ouviu-se certa madrugada grande estouro e a parte fronteiriça do telhado do templo foi achada em frangalhos na manhã seguinte.

"Foi o Jesuíta barbudo..." — diziam os Protestantes.

Mas Deus se encarregou de desmascarar a acusação por meio disto que se chama "fatalidade"...

Por uma "fatalidade" foram achados pedaços de estupim e outros vestígios de que a bomba fôra preparada com antecedência e posta com assaz cuidado para não causar grande estrago.

Quando falaram ao Pe. Júlio da nova acusação que lhe assacavam, êle respondeu sorrindo: "Ora, então acham que, se fôsse eu o delinqüente, faria serviço tão mal-feito?... Eu poria logo uma dinamite que destruísse tudo, até os alicerces"...

O mais interessante da história é que, no dia do "atentado", o Pastor viajou... e, antes, tivera o capricho de tirar o relógio que estava na parede! Dizem que seu próprio filhinho contou, na ingenuidade da franqueza infantil:

— "Ah! o Papai foi esperto. Um dia antes de arrebentar a bomba, o papai tirou o relógio da igreja".

*

* *

Os ataques dos inimigos não pararam na calúnia e na ameaça de ultrajes. Explodiram em violência feroz e assassina.

Deliberaram matá-lo espetacularmente, à hora da missa.

Quê lhes teria acendido na alma tamanho ódio?

É necessário, ainda uma vez, nos lembremos de que a cabeça oculta de todos êstes movimentos era um só homem, que não queria perder o pôsto de mando e não podia suportar a superioridade do Padre Júlio-Maria.

Ora, após a revolução de 30, Pe. Júlio-Maria tomou atitude absolutamente oposta às autoridades municipais e

envidou todo o esfôrço por alijar do mando a camarilha de capangas e desordeiros.

E não podia ser doutro modo. Ou êle tomaria a frente dos católicos sem decisão para construir um município novo, ou veria obstada a sua obra grandiosa.

Com muita prudência, sem formar pròpriamente um partido político, êle buscou valer-se da proteção do Sr. Bispo e de pessoas gradas da política mineira, para afastar de Manhumirim o antigo chefe e substituí-lo por pessoa de confiança, que restabelecesse a ordem e a justiça.

Esta atitude, ainda que reservada, custou-lhe o ódio mortal dos inimigos.

Foi tramado o plano sedicioso, que levaria o horror ao lugar santo.

No dia 12 de dezembro de 1930, à estação da missa de nove horas, os capangas se postaram para a investida com as determinações de seu chefe.

Êste, à porta da igreja, alvejaria o grande defensor do Pe. Julio-Maria, Cel. Júlio Rabelo. Ao mesmo tempo, outro assassino feriria de morte ao empregado de Júlio Rabelo, o qual, certamente, lhe acorreria em defesa.

Um terceiro canibal, a postos perto do altar, no momento de confusão, quando o povo acorresse para a porta da igreja, mataria no altar o celebrante e se evadiria pela porta de trás, que despejava, neste tempo, num matagal.

Tudo foi iniciado como se imaginara. Júlio Rabelo, ao pé do cruzeiro, no adro da igreja, recebeu descarga de seis tiros dos quais escapou sem ferimentos, e defendeu-se mandando contra seu adversário seis tiros, enquanto êle fugia. Ao mesmo tempo o empregado do Cel. Júlio Rabelo era alvejado pouco abaixo do adro da matriz.

Senhoras e crianças que se achavam perto do altar, aturdidas pelo pânico geral, em vez de fugirem para fora como se esperava, precipitaram-se para o presbitério, agrupando-se em tôrno do Pe. Júlio-Maria.

Neste ínterim, Júlio Rabelo e outros católicos, prevendo o perigo de morte para o Padre, correm para a nave da igreja; outros saem à busca de carabinas e revólveres. Ao mesmo tempo, quem deveria ser o autor do assassínio sacrílego, seja porque via a impossibilidade de realizá-lo, seja por mêdo do Cel. Júlio Rabelo e doutros homens que o conheciam e podiam desconfiar dêle, atirou-se da portinha, que leva à atual sacristia, para o matagal, e desapareceu.

Em companhia de Júlio Rabelo subiram para a tôrre homens provisionados de armas e munições.

Dali não puderam descer antes do cair da tarde, quando o motim se dissipou, graças ao policiamento vindo de Manhuaçu, informado não se sabe por que vias, pois os capangas impediam tôda comunicação com cidades vizinhas.

*

* *

Como puderam cair no esquecimento cenas tão aviltantes, de que Manhumirim foi cenário, e alguns homens que vegetam ainda em seu seio detestáveis protagonistas?

O ambiente de confusão e injustiça em que se vivia fêz empalidecer a gravidade dos fatos; amorteceu aos poucos a horripilância de suas hediondezes; anuviou a fisionomia criminosa de seus perpetradores; e o tempo, a correr sem comentários sôbre o passado, apagou os últimos vestígios da ignomínia.

Aquilo que se deu outrora com tamanhos requintes de maldade não se reputa mais delito, e haverá até quem duvide da veracidade dos ocorridos.

E o historiador frio e imparcial treme de pasmo ao reconstruir no presente a crônica de um passado de crimes que não houveram punição...

*

* *

Terminemos descrevendo três quadros simples que assoalham três lições palpitantes.

Primeiro quadro. Ainda perdurava o tumulto dentro da igreja. Padre Júlio, tendo terminado a Santa Missa, retirou-se, e desapareceu. Uma senhora, pouco depois, solícita, entra pelo velho casarão à sua procura. E vai achá-lo, serenamente assentado à mesa, e comendo um pedaço de pão com manteiga, a sorrir dos acontecimentos. Lição de domínio de si.

Segundo quadro. A cunhada de Júlio Rabelo, D. Irene Rabelo, vendo-o em perigo, redige às pressas um telegrama para o chefe de polícia de Manhuaçu, pedindo socôrro. O portador do telegrama encontra na agência um negro boçal munido de carabina. Êste revisa o telegrama e o devolve, dizendo que a linha está impedida. Quatro dias depois, o telegrafista manda dizer a D. Irene que, enfim, podia passar o telegrama... Lição do estúpido cangaceirismo a que estava sujeita a nossa Manhumirim.

Terceiro quadro. Um católico persegue ao capanga que deveria matar o Pe. Júlio-Maria. Passa em frente à casa do Presidente da Câmara e resolve-se a pedir-lhe explicações de tais desatinos que se perpetravam na cidade. Encontra-o em frescos pijamas recostado na espreguiçadeira, a ler o jornal.

— Doutor, que vem a ser isto? É preciso que V. Excia. tome providências. A cidade se enche de banditismos vergonhosos...

E o doutor, cínico, sem olhar para seu interlocutor, pretextou não ter conhecimento do que se passava... Aquilo competia ao delegado...

Lição tremenda e vergonhosa de hipocrisia e cinismo. O delegado era o "Lampeão" das Matas. E tinha sido nomeado pelo Presidente da Câmara, que não tomava conhecimento dos ocorridos naquela manhã de dezembro!

*

* *

Parece incrível que tais cenas se hajam dado em Manhumirim contra um sacerdote que não intentava senão o bem da cidade.

Qualquer outro teria desanimado.

Mas o Pe. Júlio sabia que tudo isto era o furor do inferno contra a gigantesca obra que Deus lhe comissionara.

O inferno e a Maçonaria têm um só e mesmo intento.

E o furor de uma e da outra não poderá derrotar nunca a fôrça invencível de Deus!

CAPÍTULO XXVII

Vitórias e fracassos

Não um político, mas um lutador — Pensa em processar os caluniadores — Estadia com Dr. Artur Bernardes — Modifica-se o ambiente político de Manhumirim — Efeitos da pacificação da cidade — Pe. Júlio descreve os acontecimentos — A construção do Seminário — Visita de seu irmão Pe. Aquiles — Desenvolvimento de sua obra — Reviravolta política — Torna ao domínio a camarilha — Novas perseguições — A causa do patrimônio do Bom Jesus — Insultos pelo "Manhumirim" — Tentativa de morte — Destemor e tranqüilidade do Pe. Júlio-Maria — Conclusão

A revolução de 1930 trouxe a Manhumirim muitos horrores que serviram de sublimação dêste homem incomparável que foi Pe. Júlio-Maria.

A mor parte dos seus sofrimentos, assim como das arbitrariedades exibidas por jagunços nesta terra, não se podem contar. Correriam mesmo o risco de serem impugnadas, porque incríveis, numa terra civilizada.

O amor da verdade histórica nos manda dizer que a partir de então o Pe. Júlio-Maria teve que se incompatibilizar com a autoridade e entrar na política.

Formaram-se pois duas alas em luta, uma constituída pela escória social, outra constituída, exclusivamente quase, pelo Pe. Júlio-Maria, o único que teve a coragem de enfrentar os desmandos da autoridade ditatorial.

Releva dizer, porém, que o Pe. Júlio-Maria não foi um político. Foi um lutador. Quis arrancar às garras do

cangaço os católicos escravizados, que não tinham fôrça moral para reagir contra ameaças de morte e perseguição.

*
* *

Em face da pressão ambiente, era necessário reagir e tomar atitude política. Os desmandos, as arbitrariedades, os horrores chegaram ao auge com os boletins e tentativas de assassínio do Padre Júlio-Maria.

Êle quis primeiramente levar à barra dos tribunais o infame sem consciência que lhe ultrajou a honra. É o que deduzo de cartas suas, que tenho em mãos. Uma destas, dirigida a pessoa que se ausentara de Manhumirim para Muriaé, onde se imprimiram os boletins, acompanha um exemplar dêstes e pede ao correspondente se empenhe por obter atestado do tipógrafo, mencionando o nome do caluniador.

"Ontem respondi às pressas à sua cartinha — diz êle — e esqueci-me de juntar à carta um dos ditos boletins. Mando-o hoje em duplo. Escrevi nas costas um atestado que bastaria, penso, o tipógrafo assinar com sêlo (não sei quanto; indague com Teodomiro). Seria um documento decisivo, que permitiria agir, quanto antes, com certeza de pleno sucesso. Veja se há jeito de alcançar isto".

Infelizmente, não logrou o que desejava — conta-nos o seu correspondente. Apresentando o retrato de um grupo de homens de Manhumirim ao tipógrafo, êste indigitou como culpado justamente o suspeito pelo Pe. Júlio. Mas recusou subscrever o atestado, por temor da Maçonaria. Foi sua confissão.

*
* *

Era urgente, entretanto, aproveitar-se da reforma política por que vinha passando o país após os acontecimentos de outubro, e afastar da cidade os chefes anteriores.

Depois de tentativas por cartas e intercessão de pessoas influentes, nada conseguindo, resolveu o Pe. Júlio-Maria apoiar um partido, o P.R.M., a ver se alcançava, por seu chefe, Dr. Artur Bernardes, o afastamento do prefeito.

Neste sentido, viajou e foi entrevistar-se pessoalmente, em Viçosa, com aquele notável prócer político.

Dos pormenores da conferência com o ilustre mineiro temos notícia deixada por nosso próprio biografado.

Contou êle a um de seus filhos espirituais o seguinte. Dr. Artur Bernardes recebeu-o com simpatia e muita consideração. Pediu que expusesse as dificuldades. Padre Júlio as expôs com todos os adminículos de barbaridades e horrores. "Basta-me dizer-lhe, Exmo. Sr. — concluiu o sacerdote — que, em Manhumirim, o govêrno é constituído de maçons cercados de capangas assassinos".

— "É suficiente, adiantou o chefe do P.R.M. — De maçons só se pode esperar a perseguição à religião e o distúrbio geral.

Eu, pessoalmente, tenho sofrido a perseguição da Maçonaria por ser político influente e, mais ainda, por ser católico convicto. V. Revma. esteja certo de que Manhumirim será pacificada e terá autoridades que se respeitem e respeitem a liberdade do povo..."

*
* *

Raiou para Manhumirim uma aurora de paz. Pelos fins de dezembro foi nomeado Prefeito aqui o Dr. Nelson César Pereira da Silva, engenheiro vindo de Belo Horizonte. Foi com entusiasmo que a cidade o acolheu a 7 de janeiro de 1931. Já então se achava a cidade perfeitamente pacificada, graças à atuação do delegado especial, 1.º tenente Aguinaldo Medeiros.

Importante observar do ponto de vista político os efeitos produzidos nos ânimos pela pacificação.

Antes da nomeação do Dr. Nelson, um órgão da Capital da República publicava a seguinte nota de seu correspondente em Manhumirim.

"Manhumirim, 20 (Do Correspondente)

"Está fervendo a política nesta cidade, onde até recentemente só havia um partido, cujo chefe administrava o município a contento da população... (1)

Com a revolução, porém, e conseqüente dissolução das Câmaras, entramos no regime das Prefeituras. Aqui reside, há um ano, um padre francês. O padre está promovendo a derrubada do Dr. Alfredo Lima, para o que conseguiu uma carta de recomendação para o Sr. Artur Bernardes. Êste, embora amigo do Dr. Alfredo Lima, quis ser agradável ao francês. E daí começaram aqui as perseguições contra os partidários do Sr. Alfredo Lima. Como nos outros lugares, veio logo um delegado militar, que vai cometendo violências. Os ânimos estão exaltados e esperam-se graves acontecimentos..." (2)

Muito ao contrário "O Jornal" de 3 de junho de 1931 publicava o seguinte, que "O Lutador" transcreveu em seu n.º de 11 do mesmo mês.

"AGRADECIMENTO"

"O povo ordeiro e pacato, o povo que ama o trabalho e a paz, o povo que quer o sossêgo e a harmonia da família manhumiriense, não podia deixar passar a oportunidade que se lhe oferece para testemunhar a sua imarcessível gratidão ao militar ilustre, valente, probo e honesto, que é o 1.º Tenente Aguinaldo C. Medeiros, que, como delegado em comissão, em Manhumirim, vem prestando os mais relevantes serviços à Coletividade, não só restabele-

1) Com efeito, só havia em Manhumirim um partido, pela imposição da fôrça do cangaço. O "chefe" administrava o Município "a contento da população" que não podia reclamar, e, por isto, estava tudo "a seu contento..."

2) Possuimos o recorte e não sabemos de que jornal. Do exame comparativo presumo ser de o "Correio da Manhã".

cendo a ordem, que vinha sendo anarquizada pelas ex-autoridades, como também tolhendo a ação de capangas, que, de mãos dadas com a política, vinham trazendo as famílias em completo desassossêgo e prejudicando a vida comercial.

Ao 1.º tenente Aguinaldo, pois, o povo de Manhumirim, pùblicamente agradece de coração".

Fiz questão de citar êstes dois tópicos porque são documentos autênticos do ambiente de Manhumirim àquele tempo. Por aí se vê a angústia do povo oprimido e a solércia do inimigo agressor.

*

* *

Dr. Nelson César fêz justiça aos anseios católicos. Alijou da Prefeitura a camarilha de malfeitores. Iniciou-se um período bonançoso para a Igreja e para o Padre Júlio-Maria.

As obras do nosso herói tomaram a marcha ascencional do progresso. Foi-lhe restituída a tipografia de "O Lutador" e êle pôde voltar aos debates e polêmicas doutrinárias.

O Prefeito socorreu com donativos as emprêsas católicas, decretou verbas para a Escola Normal e prometeu auxílios ao Seminário, cujos fundamentos se lançavam.

O prestígio do Pe. Júlio-Maria cresceu de vulto perante os católicos e perante os próprios inimigos. Êstes, humilhados, não sabiam como reagir, embora dentro dalma estrugissem de ódio. Aquêles se achegaram mais livres e coesos ao vigário, e esperançosos de que a paz, alcançada enfim, seria indefectível.

Documento de alto valor a respeito dessa fase da história é a exposição de nosso biografado no Livro de Tombo da Paróquia que ainda uma vez importa citar. Tanto mais que resume e confirma os acontecimentos anteriormente narrados.

Movimento religioso da paróquia durante os anos de 1929 e 1930

Êstes dois anos têm sido dois anos de luta sem trégua contra os inimigos da religião e de esfôrço para o levantamento espiritual das almas.

O protestantismo desmoralizado e derrotado procurou um apoio na Maçonaria, e desta união surgiu nova luta religiosa. A Maçonaria, embora quieta e escondida, constitui uma verdadeira fôrça na cidade. Contando 127 homens, todos êles de classe abastada, e chefiados pelo Vice-Presidente da Câmara: M. M., um Vereador, Dr. C. e o próprio Presidente Dr. A. L.

Todos os empregados públicos eram maçons e diversos pertenciam à Liga Católica. A Maçonaria resolveu construir a sua loja, e para êsse fim adquiriu um terreno ao pé da Matriz do Bom Jesus.

Ciente do propósito de aí levantarem a Maçonaria chamei em particular o Venerável M. M. e Dr. C., pedindo-lhes como amigo, que não fizessem tal, pois parecia uma afronta, uma provocação à Igreja Católica. Prometeram empenhar-se, porém nada fizeram, e deliberaram que a loja seria feita aí mesmo.

Protestei pùblicamente na igreja e pelo jornal, estando a população inteira ao meu lado. Mandei um ofício de protesto à Maçonaria porém sem resultado.

Neste interim, descobri nos livros do patrimônio que a escritura da posse tinha sido falsificada, e que tinham quase duplicado a área de terreno adquirida, de modo que o prédio estava, pela metade, no terreno da igreja.

Protestei de novo: não atenderam, e as obras continuaram. Chamei então os advogados, Ademar Távora e Edgar Tolêdo, que examinaram o caso, e demonstraram a falsificação. Então a Maçonaria desistiu e vendeu o prédio começado à Câmara.

A questão ficou resolvida, porém, os maçons humilhados e envergonhados procuraram a custo uma desforra

de vinganças. Começou então uma série de perseguições, ataques, calúnias, etc.

Aproveitaram da revolução para fazer todos os absurdos.

Chegaram a tomar as máquinas da tipografia, quebraram tudo, queimaram os jornais. Um bando de capangas chefiados pelos assassinos J.P. e A., sempre sob as ordens de Dr. A. L., chegou ao ponto de esperar-me da descida do trem, para desfeitear-me, e não tendo podido fazê-lo, foi ao Colégio, onde derramou tôda a bílis, insultando-me e praguejando, depois de ter-se entregado ao excesso de bebida.

Outro dia bombardearam o Colégio Santa Teresinha com mais de 200 bombas e foguetes, quebrando quantidade de telhas.

No dia 7 de dezembro de 1930, chegou o furor ao auge: J. P., com seus 10 capangas, foi atacar a igreja, na ocasião da Missa das 9 horas, devendo ser matado, à porta da igreja, o Sr. Júlio Rabelo, e assassinado no altar o Padre Júlio-Maria. O ataque deu-se ... houve tiroteio, porém, o plano saindo mal, não chegaram a matar ninguém. Todos os pormenores destas barbaridades estão descritas no "O LUTADOR" cujo n.º ficará arquivado.

De combinação com o Exmo. Sr. Bispo D. Carloto, tomei a frente de uma reação enérgica, e sem entrar diretamente no movimento político, organizei os elementos de valor, a fim de formar a base de uma política católica.

Munido da recomendação de D. Carloto, e acompanhado por Monsenhor Gonzalez, fui apresentar e expor o caso ao ilustre Dr. Artur Bernardes, em Viçosa, que prometeu tomar as providências e destituir a política de Manhumirim.

Assim foi feito: alcancei a nomeação de um chefe político católico: Sr. Narciso Rabelo, a vinda de um Prefeito católico, e de um Tenente para manter a ordem.

A política do Dr. A. ficou dêste modo derrubada, e o povo ficou entusiasmado pela direção das cousas.

A Maçonaria desmantelou-se por completo, ficando reduzida à metade. Mais um esfôrço e espero que a dita seita condenada desaparecerá de Manhumirim, para ceder lugar a um único rebanho, que é o de Jesus Cristo".

*
* *

Como se vê o socorro de Deus não faltou após lutas e sofrimentos.

Mais ainda. Nossa Senhora se encarregou de mostrar, por castigos sensíveis, a maldade dos adversários. São notórios e conhecidos sobretudo dois: o do moço tipógrafo que imprimiu o boletim infamante da honra do Padre Júlio e o do jagunço que fêz a sacrílega afronta à imagem do Bom Jesus, quando se tomou a tipografia. Êste, no mesmo pé com que chutou o Senhor Morto, recebeu uma estrepada e, vítima do tétano, morreu miseràvelmente. Aquêle, afetado de uma psicose, andava às tontas pelas ruas, fazendo esgares de louco.

Dir-se-ia o triunfo completo da justiça sôbre a impiedade.

*
* *

Fôi nesse despontar promissor de 1931 que o Padre Júlio iniciou a construção do Seminário.

Parece incrível o seu espírito de fé e confiança na Providência. Principiou as obras sem ter um tostão. "Foi por isto — dizia — que quis dar começo a tôdas as outras construções em Manhumirim, como alhures, quando não houvesse em meu bôlso dinheiro de espécie alguma. Senti a proteção de Deus e do bondoso São José. Iniciei cada uma das três partes do Seminário no dia 19 de março, e quando estava tão pobre como Jó ..."

"As obras divinas nascem na pobreza que provoca a Providência e as bênçãos do céu. Nunca me faltou subsí-

dio para as obras que empreendi, o que atribuo ao fato de tê-las iniciado sem dinheiro, tudo esperando exclusivamente de Nosso Senhor".

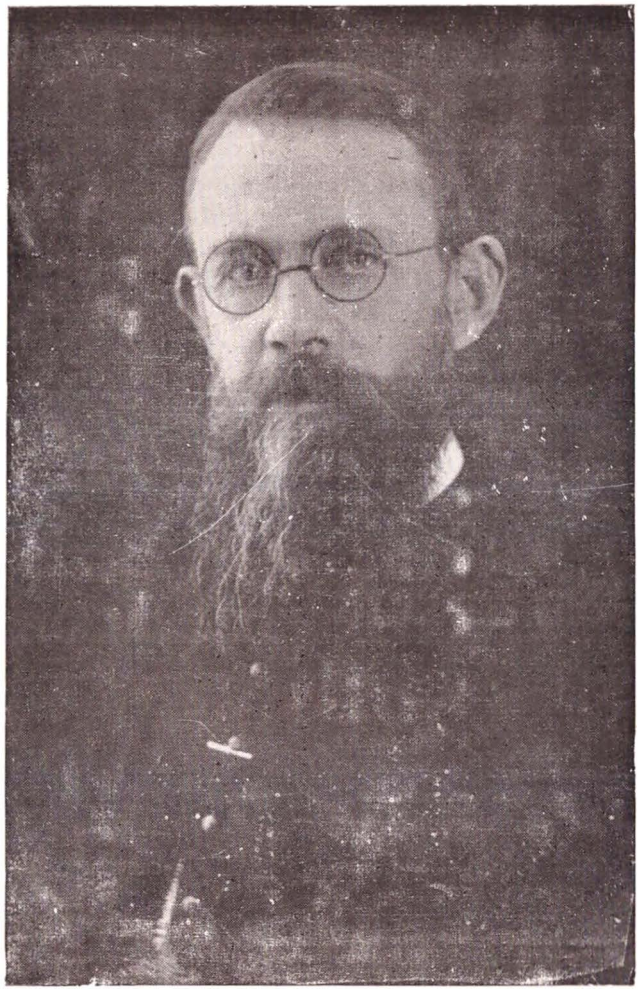
Não se enganou com efeito. O majestoso edifício foi-se levantando a pouco e pouco, e dentro de ano e meio podia ser habitado pela comunidade. Donde lhe vinha ao Pe. Júlio-Maria o recurso material ? Livros, não os publicava ainda; "O LUTADOR" possuia a tiragem ridícula de 300 exemplares; a Paróquia não daria talvez o rendimento suficiente para seu sustento módico e de dois sacerdotes que o coadjuvavam. Admirável Providência e admirável confiança !

*
* *

Situa-se nesta época a visita de seu irmão Padre Aquiles, missionário na China. Significativa para esta biografia a circunstância em que o Padre Júlio o recebeu; atesta a virtude, o desapêgo sem limites de nosso herói.

Avisado por telegrama de que seu irmão desembarcaria no Rio, não quis ir-lhe ao encontro, embora muitos insistissem com êle neste particular. Pretextava não poder ausentar-se. Mas todos viam na recusa o constrangimento voluntário da virtude do desapêgo. Demos a palavra a um seminarista daqueles tempos para nos contar os ocorridos :

"Para nós estudantes e futuros missionários era notícia do outro mundo a visita do Padre Aquiles, o velho missionário vindo da China para visitar no Brasil seu outro irmão missionário. Dois irmãos, dois padres, dois missionários, dois mártires, que se encontrariam após longa separação ! Cada dia nossa curiosidade aumentava de ver e ouvir o grande herói de Cristo. Chegou afinal o dia. Nosso fundador, acompanhado de dois Padres, na estação, espera emocionado. Aparece o trem. Pela janela, vê-se um sacerdote de barba, traços fisionômicos quase idênticos aos do Padre Júlio. É o Padre Aquiles. Abraçam-se os dois irmãos prolongadamente. Ao chegarem à casa longas



Pe. Aquiles De Lombaerde

334 — A

horas permaneceram êles conversando. Depois, o café, a visita às construções, à tipografia, à igreja. E nos dias seguintes, a vida regular, sem exceção de espécie alguma. Só nos recreios tínhamos contacto com o Padre Aquiles. Falava-nos das imensas dificuldades nas missões da China e do consôlo que experimentava naquele trabalho martirizante.

Três meses passou em nosso meio a figura venerável daquele Missionário todo jovial e dado, tão diferente do homem austero de vida metódica, que não perdia um minuto de seu trabalho de professor ou escritor — o Padre Júlio-Maria.

Antes de partir, o Pe. Aquiles fêz com o Padre Júlio uma viagem à Capela de Vargem Grande, o mesmo local onde nosso Fundador viria a perder tràgicamente a vida preciosa.

Impressionante a despedida, o último abraço, que previam ser o derradeiro dêste mundo. Padre Júlio estava pálido, de músculos contraídos, fazendo energia sôbre si mesmo para dominar as lágrimas.

Acompanhei o Padre Aquiles até o Rio. Êle não pôde conter-se em sua dor. Chorou como criança. Tomando o têrço, convulsivamente, pôs-se a rezar, e só depois de algumas horas tornou ao estado normal.

No Rio escolheu um rico presente que enviou por meu intermédio a seu irmão. É aquêle cálice venerável em que tôdas as manhãs nosso Fundador consagrava o sangue preciosíssimo de Jesus Cristo e que nós, seus filhos, tantas vêzes temos tido a ventura de tocar como à mais preciosa de suas relíquias".

*

* *

A descrição supra é um quadro vivo do heroísmo missionário. Só a verdadeira virtude explica êstes rasgos de desapêgo. Pe. Júlio-Maria era o Missionário e Fundador

que buscava esquecer os laços da carne a fim de viver exclusivamente para os filhos que ia gerando segundo o espírito.

*
* *

Por isto mesmo, Deus não cessava de abençoá-lo.

Desvencilhado das lutas contra os elementos de fora, podia dedicar-se mais intensamente aos trabalhos de Fundador.

A formação de seus seminaristas era sua principal preocupação, assim como a orientação espiritual das freiras.

Estupenda a sua atividade interna, desta época até os fins de 35 e 36. Padre Júlio é, ao mesmo tempo, professor, mestre de noviços, redator de jornal, escritor, capelão, pároco, construtor e, não raro, mestre de tipografia e até de cozinha ...

É a dedicação que se desdobra, que se multiplica, que se consome.

E enquanto uns o olham com admiração e outros com desconfiança, da pobreza erguem-se os prédios e da humildade surge a geração moça, que cresce, vestida do hábito cinza desconhecido.

Em fins de 1931, os religiosos e noviços já montavam a 12 e os seminaristas a 30. Em setembro, D. Aristides Pôrto, a pedido do Bispo Diocesano, conferia ordens menores, tonsura e subdiaconato a quatro dêles. Era a primeira leva de futuros sacerdotes. Cheio de felicidades, o Fundador dizia : "Deus nos abençoa após tantas lutas. A perseguição é semente de graças divinas".

*
* *

Curto, porém, de apenas um ano, o período de bonança temporal que a fundação viveu.

À sorrelfa, a Maçonaria não deixava de trabalhar.

Não se sabe como e porque, o Prefeito Dr. Nelson foi demitido a 14 de janeiro de 1932, recomeçando as antigas perseguições, com os mesmos elementos. Foi renomeado o mesmo Prefeito e reconstituído o mesmo govêrno com a mesma camarilha. Tornaram ao antigo antro de represálias os antigos perseguidores.

E recomeçaram as passadas lutas... Só não houve, logo de início, tentativas abertas de morte, porque era necessário ocultar por todos os modos o ódio fanático.

Mas as secretas tramas de morte não faltaram. Duas entre outras se tornaram conhecidas. Um dia de festa, entre muitos pratos de presente vindos à mesa, é-lhe apresentado um, recomendado como sendo só para êle... Recusou-se a comer da iguaria. Veio a saber depois que lhe fôra mandado naquele dia um prato envenenado. Doutra feita arquitetou-se o plano de matá-lo em viagem de automóvel. O chofer, subornado, faria tombar o carro em dado lugar, escapando-se do desastre. Padre Júlio foi avisado e não fêz a viagem.

Não foram poucos os convites que recebeu para tomar refeições e café em casa de pessoas que se não recomendavam pela prática da religião. Não aceitou nunca. E êle mesmo revelou que um dos motivos de assim proceder era o temor do envenenamento.

A perseguição aos católicos foi aberta. Todos os que possuiam cargos públicos foram demitidos. (1)

Nesta lida sem tréguas com a Maçonaria, transcorreram os anos até 1935. Historiar tudo o que se passou neste período é impossível, e seria um nunca terminar. Esbocemos sòmente alguns quadros da feroz perseguição maçônica.

Um dos sintomas mais denunciantes do ódio maçônico foi a já celebérrima questão do Patrimônio.

Que foi esta questão, qual sua gênese e seu término? Um roubo sacrilego do Patrimônio da Paróquia do Bom Jesus por parte do Prefeito — eis tudo.

---

1) Sob pseudônimo de Pastor Ouriço, o Pe. Júlio-Maria escreveu e publicou, nesta ocasião, uma crônica interessantissima, que pena é não sobrar espaço para a transcrevermos tôda. Pode ser lida em "O Lutador" de 6-3-32.

Desde a criação do *Curato do Bom Jesus de Pirapetinga*, que mais tarde veio a ser Manhumirim, foi doado, em parte por particulares e em parte pela Municipalidade de Manhuaçu, para constituição de patrimônio do Curato, um território de 32 alqueires geométricos. (1)

Dêste Patrimônio assim constituído usufruiu o Curato, e depois a Paróquia de Manhumirim, pacìficamente, por mais de 10 anos, cobrando o Pároco aforamentos e autorizando enfiteuses.

Com o despontar das questões maçônicas em Manhumirim pôs-se o Sr. Prefeito a invadir o dito patrimônio, concedendo alvarás de construção e cobrando impostos territoriais sôbre partes do terreno eclesiástico.

Protestou o Pe. Júlio. Interpôs ação jurídica. Provou os direitos da igreja e teve ganho de causa no juízo da Comarca de Manhuaçu. Apelaram os adversários; contextaram a validade da doação dos terrenos à igreja, porque não se preenchera uma formalidade legal, o que só agora se veio a descobrir. E daí por diante tomou a questão vulto de problema inextricável, durante 10 anos, vindo as terras a serem declaradas devolutas pela Côrte dos Desembargadores; compete ao alto poder do Estado doá-las à Prefeitura ou à igreja, o que até hoje não se fêz. (2)

Pois, bem, esta questão é a grande mácula que trai

---

1) Eis o que reza o *Livro de Tombo da Paróquia* (F. 5):

"Por intermédio do Sr. Cel. Luís Quintino de Souza, neste tempo Presidente da Câmara, recebi a Escritura do Patrimônio, que pertence ao Bom Jesus, do valor de 32 alqueires de terra geométricos, conforme reza a Escritura.

Manhumirim, 1 de outubro de 1915.

a) Cura Pe. Salvador Cetrângulo".

2) Pela Lei n.º 216, de 28 de setembro de 1948, o Govêrno do Estado de Minas renunciou a tôda iniciativa no sentido de invalidar a doação das terras do Patrimônio do Bom Jesus de Manhumirim. A Igreja viveu, assim, em paz por algum tempo. Pela inconstitucional Lei 102, a Câmara de Manhumirim quis de novo, em tempos recentes, esbulhar a Igreja de seu patrimônio. Entrou a Igreja em juízo com um interdito proibitório, em que teve pleno ganho de causa. Em 1955, a Prefeitura engendrou uma ação rescisória no Egrégio Tribunal de Minas, visando rescindir acórdãos vários e sucessivos em que a justiça reconhecera os direitos da Igreja. Também a ação rescisória foi causa perdida pelos velhos inimigos da Igreja.

o caráter maçônico do govêrno municipal de Manhumirim naqueles tempos.

Em face dela, o Pe. Júlio manteve-se com a fibra de um D. Vital, defendendo ardorosamente os direitos do Bom Jesus e sua Igreja. (1)

*

* *

Outro espécime da luta maçônica entre tantos outros eram os muitos baldões que atiravam, semanalmente, contra o Pe. Júlio, em o "Manhumirim", hebdomadário local.

Êste tornou-se desde as lutas precedentes o órgão da politicagem baixa e do maçonismo ultrajante. Vivia de censuras ao clero e de lisonjas ao "chefe".

Para o insulto ao Pe. Júlio-Maria, o jornal desceu ao cretinismo dos têrmos vis de tarimba e sargeta.

Quero transcrever um só pedaço, que estampa a alma sórdida do maçonismo. Ei-lo:

"*Cachorro barbado*"

"A natureza é de fato caprichosa. Como produz animais perfeitos, produz também, às vêzes, verdadeiras aberrações.

Assim é que, há pouco, encontrei na cidade, um animal inteiramente esquisito. Um cachorro barbado. Vinha em passo lento, deixando pela estrada, sua baba asquerosa e rastando sua barba no pó da calçada. E sabia falar e escrever o cachorro.

---

1) A propósito, um tópico, entre muitos, de seu "O Lutador", que denuncia a coragem indomável do homem que não teme a autoridade temporal: "É do dominio público que o Sr. Dr. Alfredo Lima, infeliz Prefeito de Manhumirim, depois de uma série de perseguições à Religião, à Igreja, ao Vigário e às obras católicas, resolveu roubar vergonhosamente o Patrimônio do Bom Jesus apesar de a igreja possuir todos os documentos em regra e estar em possessão pacifi a do Patrimônio, há mais de 10 anos.

Houve o processo, sendo o ataque feito à custa da Câmara, que, naturalmente, tem rendimentos de sobra para tais perseguições, embora não tenha recursos para progresso material da cidade cujas condições são lastimáveis", etc.

Era preciso ter desassombro para se dizer cara-a-cara tão duras verdades. O artigo a que tomamos êste tópico faz parelha com qualquer das cartas viris do Bispo-Mártir da nossa Questão-Religiosa.

Mas, quer falando, quer escrevendo, agia sempre como cachorro.

É admirável a natureza. J. Cabral". (1)

Não se poderia descer a mais aviltante e horrível calão.

Qual a resposta do Pe. Júlio-Maria?

A dignidade do homem e o silêncio do santo. Êle só respondia ao que viesse de encontro à Religião e seus direitos. Ao ultraje pessoal jamais retrucou, embora o tenha, êle também, lançado contra seus adversários, quando êstes o mereciam.

*

* *

Não se satisfizeram com o insulto.

Formaram cabalas de assassinos.

Nas sombras da noite e nos motins de festas do dia, buscaram, como outrora, tirar-lhe a vida, os canibais redivivos.

Vimos e presenciámos com os nossos olhos o Seminário e a igreja cercados de homens armados para defendê-lo contra os emissários sinistros da Maçonaria.

Na Semana Santa de 1934, ao sair êle para acompanhar a procissão do encontro, o Delegado Especial Militar recém-vindo para Manhumirim lhe dizia: "Padre Júlio, não poderei garantir a sua vida entre a multidão que se acerca do adro. Rogo-lhe não se retire do Seminário".

Noites a fio — como se descobriu depois — homens se postaram à tocaia para matá-lo no matagal denso que cercava o Seminário.

Do Rio escreveu-lhe nesta época um amigo, antigo maçon relacionado com membros de relêvo no Grande Orí-

1). Do "Manhumirim", de 6 de março de 1934.

ente, uma carta de aviso. Perguntara um prócer maçon ao seu antigo colega pelo "jesuíta barbudo" de Manhumirim... e depois lhe revelava que, no Grande Oriente, se decretara a morte do dito Padre "inimigo n.º 1 dos maçons", dentro de todo aquele ano de 34... (1)

Qual era o proceder de nosso herói em face dêstes perigos? Da mais absoluta tranqüilidade e coragem. Uma noite — conta-nos o sacristão daquelas épocas — saí nas trevas das quase 9,30 da noite para buscar uma garrafa de azeite na coberta do recreio do Seminário.

Pe. Júlio desceu pé-ante-pé, ao ouvir o barulho. Esgueirou-se sorrateiramente de encontro às paredes da igreja e seminário, que se unem, até à coberta, e foi, sòzinho, observar o que se passava...

No dia seguinte êle revelou que pensava estar amoitado ali um assassino... E queria entrevistar-se com êle, peito a peito, nas trevas da noite...

Mais de uma vez êle mesmo contou sorrindo a cena que se passou entre êle e um católico disposto a defendê-lo. Dizia-se que os capangas, armados, invadiriam o Seminário àquela noite. O homem bateu-lhe à porta do quarto:

— "Padre Júlio, o Sr. tem arma para se defender?"

— "Ah! sim, perfeitamente..." E apresentou uma velha garrucha enferrujada, que havia mais de 10 anos não disparava.

— "Está bem... Mas o Sr. tem balas? Deixe-me ver. Chi! uma só bala? Tome logo uma caixa..."

— "Oh! que tolice, seu fulano! — exclamou o Pe. Júlio — Não preciso de balas! Basta que sè dê um tiro e todos correrão. Esta gente só é valente quando ninguém reage..." E devolveu-lhe as balas. Permaneceu quieto no quarto, escrevendo suas cartas, como se nada houvesse.

1) Não possuo a carta. O pormenor é fornecido pelo próprio Pe. Júlio-Maria, que me falou pessoalmente a êste respeito alguns anos antes de morrer.

Êle era um destemido e um forte. Não se impressionava com terror de assassinos e ameaças de valentões.

*
* *

Ainda uma vez — é preciso salientar — impossível descrever tôdas as cenas da história palpitante dêste quartel de vida do Pe. Júlio-Maria entre 30 e 34.

Impossível. A variedade dos quadros, as sombras negras que por vêzes os envolvem, o desejo de sermos sóbrios e completos e o afogadilho destas páginas não nos permitem pesquisar todos os recantos dêste verdadeiro mundo de tragédias.

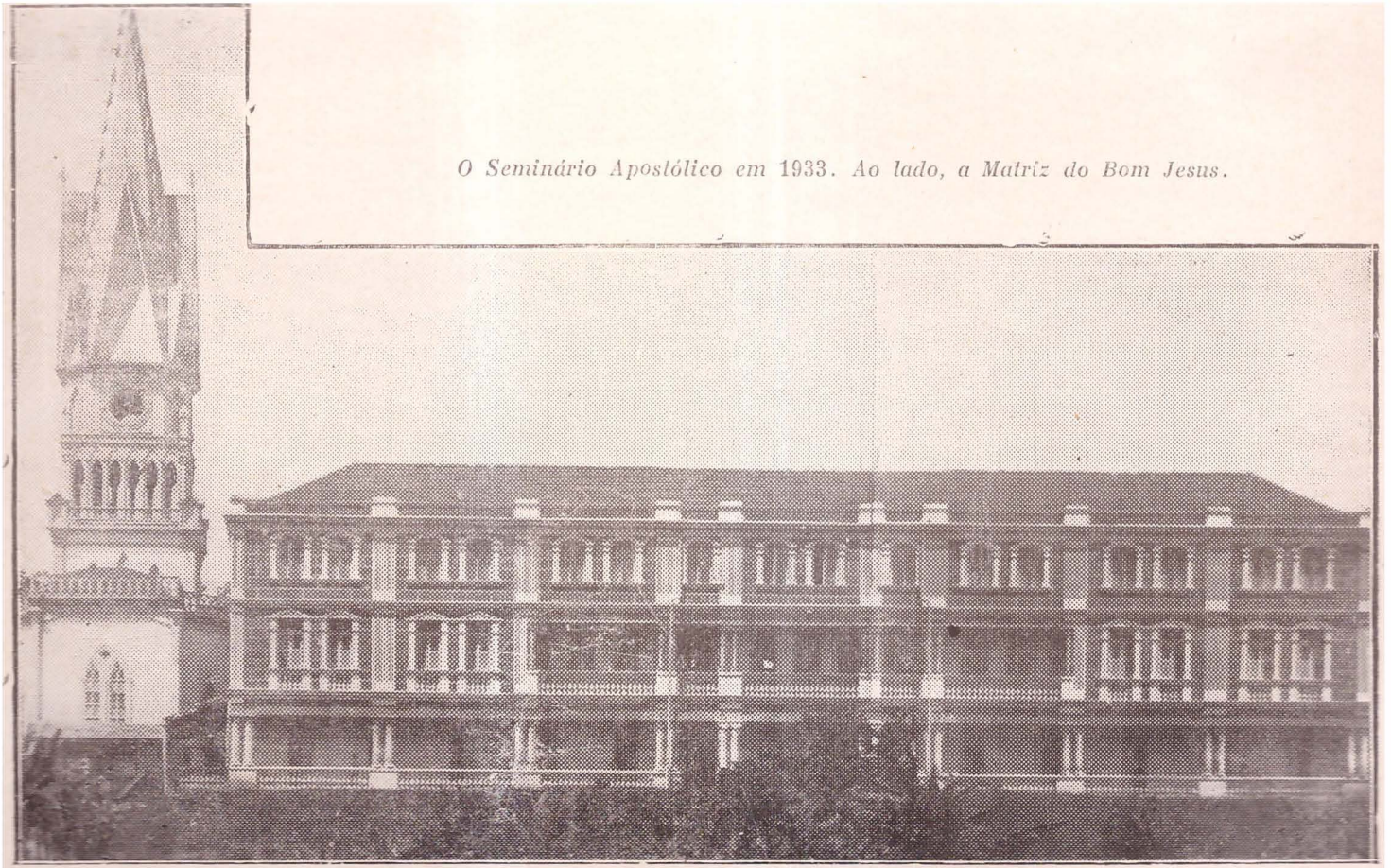
É necessário parar aqui. Encerrar as descrições dêstes horrores. Mais fecunda de exemplos é a vida do *homem de oração* que a do *homem de lutas,* e cremos já suficiente, para o bosquejo que intentávamos, a rapidez dêstes quadros.

*
* *

Basta êste suceder rápido de vitórias e fracassos para encenar a fisionomia e a obra do Padre Júlio-Maria, por tantos mal vista e deformada.

Êle não era um simples *brigador,* como às vêzes se fêz crer. Não.

Um caráter de fibra; um apóstolo indomável; um homem cônscio de sua missão; um inimigo da covardia moral; um aguerrido enfrentador da Maçonaria; um esmagador do cangaço das nossas matas; um nobre e glorioso Missionário; um condutor de homens; um Apóstolo de Cristo; um Homem de Deus enfim — eis o que era o Pe. Júlio-Maria, Homem, Sacerdote e Fundador.



O Seminário Apostólico em 1933. Ao lado, a Matriz do Bom Jesus.

CAPÍTULO XXVIII

Realizando a missão grandiosa

A grande missão do Pe. Júlio-Maria — Em dezessete anos de luta — Digitus Dei est hic — Homo Dei — Disciplina, piedade, trabalho, zêlo das almas, estudo e ciência — As vicissitudes de uma obra de Deus — D. Carloto Távora, Pai, Protetor e Amigo — Novas provações externas e internas — É assim a vida de um Fundador — Conclusão.

A grandiosa missão que Deus assinalara ao Pe. Júlio-Maria era a fundação dos Missionários de Nossa Senhora do Smo. Sacramento. Obra última na execução, fôra ela a primeira nos eternos e imutáveis desígnios da Providência. É o que temos dito desde a introdução dêste livro.

Mostrar como Deus preparou e assistiu, através da vida do HOMEM e do SACERDOTE, o FUNDADOR futuro — eis o que nos propusemos.

Já é agora tempo de esboçarmos a história da realização do agigantado plano.

As próprias lutas e perseguições de que se cercaram os princípios do Seminário de Manhumirim foram uma preparação ao espírito do Instituto. Por isto mesmo, não podíamos deixar de focalizar, em traços gerais, como o fizemos (1), os embates terríveis do Fundador com a maçonaria e o banditismo.

---

1) Não é demais repetir que, neste livro, se delineam apenas *traços gerais* da vida e atividade do Pe. Júlio-Maria em Manhumirim. Estamos longe de dar ao leitor a visão completa de sua vida, nesta parte, como aliás nas demais desta obra, ensaio escrito ao correr da pena sem dispormos mais que de documentação perfunctória. Em obra posterior — *Manhumirim e o Pe. Júlio-Maria* — se para tanto nos dispensar Deus sua graça, completaremos o quadro portentoso de lutas e vitórias do Apóstolo imortal.

Passemos agora a considerar precìpuamente a Congregação como tal, o seu desenvolvimento, as vicissitudes por que passou, os sofrimentos que causou a seu idealizador, o potencial de santificação que lhe proporcionou, para darmos remate ao nosso trabalho descrevendo-lhe os últimos anos e os trágicos acontecimentos de sua morte.

O ideal e missão do Pe. Júlio-Maria era fundar uma Congregação de Missionários-párocos, para o Brasil sobretudo, que se dedicassem à extensão do culto da Eucaristia e da SS. Virgem. Foi o que fêz com as mais amplas bênçãos de Deus Nosso Senhor.

Quem faz um retrospecto histórico à obra realizada em dezesseis anos tem motivos para admirar-lhe tanto o rápido desenvolvimento como o meio em que teve sua gênese.

Fundar um Seminário, iniciar das bases, formar desde os princípios os primeiros alunos, e ganhar no suor do rosto os patrimônios materiais para sustento de uma Congregação não é obra fácil que se realize em menos de 4 ou 5 decênios. E o Pe. Júlio criou cousa semelhante em menos de 20 anos.

E considere-se ainda que êle não o fêz sòmente para os Missionários, mas também para as Irmãs Sacramentinas, ao mesmo tempo e nas mesmas condições...

Só Deus pode saber quantas apreensões, quantos sofrimentos, quantas lágrimas custaram ao herói as primeiras batalhas!

*

* *

O início foi absolutamente pobre. Quando Pe. Júlio pisou estas terras baldias de fé não trouxe recurso algum material, e esperança humana que fôsse de obter vocações, reunir homens abnegados, dispostos a se imolarem com êle nas terríveis provações dos primeiros anos.

Veio confiado na Providência. Os primeiros centavos empregou-os para fundar uma tipografia modesta. Daí

hauriu as despesas iniciais. Imprimiu livros. Do produto, ampliou as possibilidades. Recebeu mais alunos. Lançou as bases de um grande edifício. Fundou a Editôra de livros. Mais tarde ergueu um Ginásio e fundou o Patronato.

Sua família tornou-se numerosa. Espalhou filhos para outras residências, adquiriu terrenos e legou à Congregação um valioso patrimônio.

Mais que tudo: formou mais de 20 sacerdotes, sem falar dos que o abandonaram antes de terminada a formação; deixou-lhes doutrina e espírito próprio; assinalou-lhes a missão na Igreja de Deus.

Tudo isto se fêz em dezessete anos.

E quando nos pomos a pensar em que circunstâncias de lutas e trabalhos o fêz, então achamos ainda mais que motivos para nos admirar; achamos um ponto de interrogação a pairar sôbre o grandioso segrêdo destas realizações.

* * *

Qual o segrêdo da obra ímpar do Pe. Júlio-Maria?

É que êle realizou não uma obra sua, mas uma obra de Deus.

Quando D. Parreira Lara, 2.º Bispo de Caratinga, visitou pela primeira vez Manhumirim e viu de perto o que era a fundação do Pe. Júlio-Maria, resumiu tudo neste dístico: *Digitus Dei est hic — O dedo de Deus está aqui.*

Realmente, era muito para um só homem a portentosa fundação de Manhumirim.

Mas por isto mesmo que a obra era de Deus, o homem era forçado pela graça a operar como *homem de Deus.* Ao *Digitus Dei* era jungido, inseparável, *o Homo Dei.*

E aí temos o grande segrêdo do desenvolvimento da obra do Pe. Júlio-Maria; êle largava de mão com tudo o que é humano, para deixar Deus operar livremente.

Fatos comprobativos podem citar-se em grande escala.

Eis alguns:

— Sábado, dia de pagamento dos operários, que trabalham na última parte do Seminário. Pe. Júlio não tem dinheiro. Ao porteiro que lhe pede alguns trocados para a compra de verdura, responde: "Não tenho tostão. Espero ainda que Deus me mande para o pagamento dos operários..." Ao cair da tarde, alguém entrega ao porteiro certa quantia, mandada por um benfeitor do Seminário. A quantia era mais que suficiente.

— Certo dia pedem-lhe três mil réis para comprar sêlos federais para um atestado. Êle vai ao seu caixotinho. Examina, procura, e volta sorrindo. "Temos em casa apenas trezentos réis... Leve-os para que o meu cofre fique vazio e a Providência possa enchê-lo".

— Um súdito chega de viagem. Presta-lhe as contas, pedindo-lhe que conte o dinheiro entregue. "Não é preciso, meu filho" — diz êle, como sempre, pois não usava contar dinheiro que lhe era entregue. O religioso insiste. "Oh, meu filho, não sejamos ridículos... Guardemos o que Deus nos manda sem contá-lo como usurários!"

Não era só em finanças a sua entrega total à Providência. Em tudo, até quanto à correção dos religiosos rebeldes. Certa vez ia investir duma função de grande responsabilidade certo jovem leviano, porque a necessidade exigia. Um Padre lhe observa: — "Meu Pai, será ruinosa a atuação dêste moço. Êle é um mau religioso". — "Confiemos em Deus! Precisamos dêle e poderosa é a graça para transformá-lo" — responde o Pe. Júlio.

Muitas vêzes assim procedeu, confiado mais na graça de Deus que em virtudes mal provadas. E admiràvelmente, tais elementos foram sempre, ainda quando pouco

exemplares, instrumentos ao menos materiais do progresso da Congregação.

* * *

As obras de Deus não são grandiosas tão só em si mesmas; são grandiosas sobretudo no espírito do homem que as orienta. E é neste sentido que a Congregação do Padre Júlio-Maria apresenta o mais vivo caráter de emprêsa divina.

Deflui daí a necessidade de considerarmos a formação religiosa que êle buscou dar aos seus súditos para descobrirmos um dos segrêdos do seu triunfo.

Temos relatado anteriormente qual foi o rigor inicial do Instituto. Esta condição, criada em grande parte pela pobreza, êle a quis conservada sempre pelo espírito, embora com o evoluir do Seminário não mais subsistisse materialmente.

Pode-se estampar nitidamente o seu espírito religioso, se se disser que êle não poupou esforços para formar Missionários inteiramente *abnegados dos bens dêste mundo, dados à oração e devoção à Eucaristia, inflamados de zêlo ardente das almas*.

Desde os princípios foram estas as linhas norteantes de sua pedagogia. Daí a rigidez de disciplina, o recolhimento da oração e o gôsto pelo trabalho e estudo incessantes que êle quis resplandecesse entre os Seminaristas, Irmãos e Padres.

Rigor de disciplina — Não há formação religiosa e sacerdotal sem disciplina severa. Êle tudo fêz por mantê-la segundo as exigências da Igreja. Nas constituições que escreveu para os religiosos deu relêvo essencial ao silêncio, submissão, guarda de residência. E êle era o primeiro e principal observante.

Seria repetir o seu retrato estampado no primeiro capítulo desta obra descrever a vida de observância pontual e rigorosa que levava e exigia dos religiosos.

Era admirável sobretudo a sua exigência quanto à vida comum. Não tolerava exceções e manias. Os maníacos passavam pelas mais duras réplicas e humilhações perante a comunidade.

Certa vez excluiu a um religioso excelente quanto à piedade e observância, só por ter a mania de afastar-se do convívio de seus irmãos.

"Ainda que não gostemos de vida social — dizia êle — o espírito sacramentino da nossa Congregação deve ser eminentemente social e alegre. Entre nós não deve haver lugar para *ursos*... Deus está onde estão os religiosos congregados em seu nome. Em tudo e por tudo, resplandeça entre nós a vida comum".

Recolhimento — Contrastando suavemente com a vida comum, Pe. Julio prezava entre os seminaristas e religiosos o recolhimento da oração.

Desde os primeiros anos, ensinava seus seminaristas a rezar e entreter-se cordialmente com Deus. Aborrecia os manuais de rezas. Queria o colóquio oral e sentido, que dizia ser a base da vida de piedade.

Todos os domingos e dias santos, por mais ocupações paroquiais que tivesse, meia hora antes do almôço era consagrada à conferência espiritual para tôda a comunidade. Invariàvelmente, versava sôbre os temas da oração e pequenas mortificações por amor de Nossa Senhora. Sabia entusiasmar para a piedade. Ninguém que o ouvisse deixava de sentir, depois, a vontade de ir, por alguns momentos, ao pé do Tabernáculo.

Mais que palavras, êle dava o exemplo. Aqueles olhos baixos e fronte recurvada, expressões de recolhimento por tôda a parte; a sua visita ao SS. Sacramento, em que se viam tremer as longas barbas sob os lábios e o mento possante a se movimentar na prece ardente; aquêle conjunto impressionante de voz e postura na oração em comum; tudo, tudo, era o espelho vivo do recolhimento colocado ante seus religiosos.

Felizes os que souberem reproduzí-lo!

Trabalho e zêlo das almas — Êstes dois característicos da vida interior que se expande, Pe. Júlio os possuia em grau superior e procurou transmiti-los como herança, desde os primeiros dias, aos seminaristas.

Quis que hora e meia dos missionários fôsse dedicada ao trabalho manual, não só como elemento de distração, mas reconhecendo nesta medida a forma de penitência mais agradável a Deus e proveitosa à alma.

Quis que, apenas iniciados no Seminário maior, seus religiosos fôssem seguindo de perto o movimento paroquial, auxiliando no catecismo, formando-se para o altar e para o púlpito.

Era um quadro encantador a missa paroquial dos domingos: todos os seminaristas maiores, êle os queria em tôrno do altar, dentro do presbitério, juntos com êle.

Tudo isso fazia parte integrante e quase essencial da formação dos Padres que êle queria entregar à S. Igreja.

Era uma missão e ideal grandioso a cumprir-se sob as bênçãos de Deus.

Estudo e ciência teológica — Cultivando os valores religiosos, Pe. Júlio não esquecia nunca os valores culturais. Muitas vêzes falou a seus seminaristas: — "Quero que os meus Padres sejam Sacramentinos com três ss: — *Sacramentinos Santos* e *Sábios*".

Daí a exigência, desde os primeiros anos, de um estudo apertado e prático. Inimigo do esnobismo, preferiu muita vez os métodos antigos, em que se exigia maior esfôrço do aluno. Desamava os subterfúgios das discussões teológicas. "Tomemos o que falou o nosso divino Tomás! — exclamava êle — Assimilemos a sua sentença, e estaremos com a Igreja e com a filosofia perene".

"Ciência verdadeira, sim; de subterfúgios e inutilidades, nunca!"

E sabia incutir o gôsto pelo estudo. Êle mesmo, naquela vida atarantada de fundador e pároco, dizia não passar uma noite em que não estudasse durante meia hora

a sua teologia. Embora não lhe sobrasse grande tempo para ampliar o cabedal de erudição, nunca deixou o estudo acurado, indispensável à vida sacerdotal.

Maior prova de gôsto e verdadeiro amor à cultura teológica não nos podia êle dar que na composição de seus livros, mormente aqueles em que explorou aspectos novos de doutrina. *Maria e a Eucaristia,* (1) que publicou, e, *Vida de Jesus na Eucaristia,* em preparo quando a morte o colheu, são documentos imortais de um cultor do desenvolvimento dos nossos dogmas e contemplador insaciável das divinas verdades.

*
* *

Era necessário, sob pena de deixar falho o nosso estudo biográfico, êste retrospecto histórico ao "facies" mais importante da missão do Pe. Júlio-Maria : a formação de seus religiosos.

E isto que aí fica é apenas um aceno longínquo ao que era preciso dizer; pois formar seus padres era realizar sua obra, desempenhar sua missão, cumprir seu único mandato.

*
* *

Vejamos agora as vicissitudes por que passou uma tão agigantada emprêsa. É outro traço incomparável, entre muitos, de sua história, que lhe vindica o título de idealização sobrenatural e divina.

---

1) *MARIA E A EUCARISTIA, estudo de um título e de uma doutrina* foi o livro, ou antes o ensaio mais arrojado do Pe. Júlio-Maria. É a sua doutrina própria de fundador dos Sacramentinos de Nossa Senhora. Chega a vindicar um modo de presença particular de Maria Sma. (presença mística) junto à Eucaristia.

É um ensaio. Depois de 10 anos de sua publicação — disse-me pessoalmente o autor — faria a nova edição refundida com muito maior amplitude de argumentos teológicos e com muito maior clareza de pensamento. Foi pena ter-nos a morte roubado êstes segredos inefáveis de sua devoção vital: Nossa Sra. do Smo. Sacramento.

Iniciada na pobreza e na humildade que distingue as obras de Deus, a Congregação do Pe. Júlio-Maria atravessou crises dolorosas e teve horas de aparente triunfo, como tôdas as instituições congêneres.

O que caracteriza a iniciativa de todo Fundador, caracteriza também a iniciativa do Pe. Júlio-Maria : a incompreensão por parte da maioria, mesmo do Clero e do Episcopado.

Para meter ombros a trabalho de tamanho vulto êle só achou apoio e proteção em D. Carloto Távora. A vários outros Bispos parecia temeridade a criação dum Instituto de Missionários Brasileiros, mormente num recanto ermo como o de Manhumirim.

Lançados os fundamentos, apareceram as primeiras reservas a respeito da instituição por parte do clero.

Sabemos pelas páginas precedentes como foi agitada e afanosa a vida paroquial do Fundador. Daí tiravam partido para censuras quantos olhavam com maus olhos para o Seminário incipiente.

— "Como pode aquêle padre, sòzinho, manter um Seminário ?" perguntavam-se.

— "Demais — adiantavam outros — as mil ocupações paroquiais e lutas contra protestantes e maçons não lhe podem dar tempo para a formação de religiosos".

— "Êle é um louco !" — não faltou quem afirmasse.

— "O Bispo de Caratinga é um simplório que se deixa levar pelo que pede o Pe. Júlio-Maria" — murmuravam almas irresponsáveis.

Claro está que no meio dos comentários se apontavam faltas canônicas e defeitos notórios, que são inevitáveis em inícios tão dificultosos. Desculpá-los com a caridade de Cristo? Não; censurá-los — tal foi o proceder, quase inconsciente, da maioria.

E nosso Padre foi censurado, criticado, denunciado mesmo.

Êle falou muitas vêzes do que teve de sofrer para enfrentar a incompreensão reinante entre o clero. Estas

incompreensões foram sobretudo do terceiro ano em diante, quando a Congregação começou a irradiar-se para mais longe, recrutando vocações, propagando-se através do semanário "O LUTADOR".

Os inícios, de extrema pobreza e dificuldades materiais, parece que foram ainda relativamente calmos, e quase bonançosos. Irromperam com fúria de todos os lados denúncias à autoridade eclesiástica e verdadeiras campanhas contra o Seminário em 1931 e 1932.

Neste transe sem precedentes em sua vida, o Padre Júlio encontrou arrimo e defesa neste verdadeiro coração de amigo e Pai que foi D. Carloto Távora. Manda a justiça da história que não se deixe eclipsar nestas páginas a memória dêste grande nome.

*
* *

D. Carloto Távora foi o protetor nato do Instituto dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora. Fundado o Seminário, sua residência quase que passou a ser Manhumirim. Não tinha horas para idas e vindas. Seu quarto estava sempre preparado. E êle chegava e entrava como o Pai na casa dos filhos.

Por isto, também, não havia cerimônias e nem protocolos de sua parte. Rebuçado em sua velha capa, sem distintivos episcopais, sem anel e sem meias encarnadas, êle era um velho Padre, grave e solene, a quem as cãs respeitáveis e o sorriso amável davam um quê de "vovô" entre os netos jubilosos. Comia à mesa comum, assentado à direita do Superior, e jamais quis o pôsto de honra que lhe convinha. Sua alimentação era a mesma de todos e seu regulamento era o da casa.

O Pe. Júlio-Maria o compreendia e êle compreendia o Pe. Júlio. Quantas vêzes êle chegou e o Pe. Júlio estava dando aula — conta-nos um sacerdote, seminarista àquele tempo — e êle passava à frente da classe e dizia ao Superior: "Continui a dar sua aula. Estou em casa". E o Pe. Júlio

continuava a lecionar. "D. Carloto nos compreende — dizia — somos uma só família com êle".

Se havia falhas, D. Carloto as encobria. Se havia denúncias, encarregava-se êle da defesa. Pe. Júlio e a Congregação representavam para êle a parcela máxima da diocese que tinha a dirigir.

*
* *

Certa ocasião, bem nos princípios, quando se acendiam em estertores os ódios maçônicos, D. Carloto pediu ao Pe. Júlio fôsse fazer umas crismas e pregar missões na diocese. Não havia quem o substituisse em Manhumirim. E o Prelado mesmo veio ficar à frente da Paróquia e do Seminário.

Foi então que se deu um fato interessante digno de registrar-se.

Um dia, a mulher de que falamos que tanto fizera para manchar a honra do Padre Júlio, desconhecendo o protocolo mínimo devido a um Bispo, mandou-lhe pela mão de qualquer moleque um bilhete escrito a lápis, chamando-o à sua casa. O Prelado, cheio daquela humildade que o destinguia, não ligou importância à indelicadeza. Foi à casa da senhora.

Ali chegando, foi topá-la em chôro convulsivo, recostada num canapé.

— "Minha filha, estou aqui para atender ao seu chamado..."

— "Mandei chamá-lo, Senhor Bispo — disse ela entre soluços de nervosismo — para pedir-lhe, encarecidamente, que, quando o Padre Júlio voltar, não deixe soltar nem um foguete e nem tocar música ao seu desembarque... Sinto um verdadeiro ódio quando vejo aquêle Padre aclamado pelo povo..."

D. Carloto retirou-se, aquiescendo.

E sua atenção e caridade eram tantas que pediu aos católicos se abstivessem de festas à volta do Padre Júlio. A êste sòmente contou o ocorrido, e dêle o recebemos mais tarde.

Perdoi-nos o leitor a digressão. Nunca se pode falar à saciedade de um Bispo como D. Carloto. Êle era o Pai, o Mestre, o Protetor, o Amigo, o Tudo do Pe. Júlio-Maria. De coração para coração não havia entre êles segredos e reservas.

A virtude e a amizade muito bem os unia em vida, que nem a morte os conseguiu separar ...

Foi em fins de 1933 que faleceu no Rio, em conseqüência de ferimentos num acidente de automóvel, o santo Prelado de Caratinga. O indizível dos acontecimentos parece que os unia, antecipadamente, até pela parecença da morte !

Padre Júlio chorou D. Carloto como verdadeiro filho. E não podia recordá-lo sem pungentes reclamações. Só êle sabia o que fôra D. Carloto para a Congregação. As páginas vibrantes que publicou sôbre o santo Bispo dão testemunho da união que jungia num só ideal as suas almas irmãs. (1)

* * *

Desaparecido o grande amparo da Congregação, esta passou a ter ainda horas mais amargas, de provações e verdadeiras ameaças.

Providência foi que D. Carloto desaparecesse sòmente quando o Instituto já se achava mais ou menos estabilizado e contando aparato material a par da vida espiritual que sempre teve.

Os anos de 1933 e 1934, aquêle que precedeu e êste que se seguiu à morte do Bispo fundador, foram anos áureos para o Seminário de Manhumirim. Inaugurava-se o prédio

1) *"Um Apóstolo de nossos dias — esbôço biográfico"*, — (Tip. de "O Lutador").

completo, e povoava-se com 60 seminaristas menores, mais de uma dezena de maiores, seis Irmãos-Coadjutores e três Sacerdotes. Não era uma insignificância, considerando-se que a Congregação tivera início havia menos de 4 anos.

Mas era Deus, parece, preparando a vítima para o holocausto. A Congregação ia ter sua hora de sacrifícios.

Morto D. Carloto, choveram de todos os lados denúncias e ataques ao Fundador e à sua obra. Membros que desertaram da casa pagaram mil benefícios com mil injúrias. Fizeram detrações muitas vêzes injustas à Nunciatura. E de tal modo se avolumaram as acusações que em fins de 1934 o Sr. Núncio Apostólico mandou em comissão especial a Manhumirim o Visitador dos Seminários Brasileiros, Monsenhor Alberto Pequeno.

Padre Júlio-Maria o recebeu consternado, mas sem temor. Sua atitude durante os dias da inspecção foi a do silêncio e reserva mais absoluta.

Deus, porém, vigiava sôbre sua obra. As provações mudaram-se em bênçãos valiosas.

Ao encerrar os trabalhos Monsenhor Pequeno disse ao Fundador: "Padre Júlio, não quero e não devo ocultar-lhe as minhas impressões. Vim para fechar o Seminário. Sou, porém, obrigado a dar a V. Revma. os meus parabéns. Há defeitos, mas seu Seminário é excelente pelo espírito religioso, e não desmerece ao lado de muitos Seminários do Brasil".

Após mostrar os deslizes a reparar, Monsenhor Pequeno apresentava à Cúria de Caratinga elogioso documento como têrmo de visita.

*

* *

Serenaram bastante, por algum tempo, as acusações e os sofrimentos morais advindos de fora. Mas apareceram para o fundador os desgostos e sofrimentos íntimos, causados pela própria direção da casa.

Êstes, em todos os tempos os sofreu, mas tiveram épocas de maior intensidade. A amargura por ver tão pouca correspondência da parte dos súditos, o desgôsto de ter uma comunidade que parecia sem fervor ralava-o interiormente.

Lembra-me tê-lo ouvido dizer certa vez numa conferência à comunidade: "Meus filhos, entristece-me tanto ver esta tibieza, êste amolecimento da parte da maioria dentre vós. Muitas vêzes choro lágrimas amargas. Preferiria deixar tudo e tornar às missões. Se aqui permaneço sacrificando os mais ardentes entusiasmos de minha vida missionária, é porque tenho uma missão a desempenhar. Não estou aqui por minha vontade, mas a mandado de Deus ..."

*

* *

Após longa vacância da Sé de Caratinga, foi nomeado Bispo D. José Maria Parreira Lara, em 1935.

A primeira visita dêste Prelado a Manhumirim foi cheia de reserva e quase de antipatia. Pe. Júlio-Maria deve ter tido os seus sobressaltos. Mas, de um dia para outro, depois de poucas horas de contacto, D. Parreira Lara mudou-se totalmente. Era um admirador. Tornou-se depois um colaborador e um grande defensor da Congregação.

Lembramo-nos todos da última tarde de *Corpus Christi* em que êle se despediu dos Seminaristas. Viera visitar ao Padre Júlio atacado de pneumonia. E êle também estava enfêrmo. "Meus caros jovens, vou-me embora para a visita pastoral. Estou eu também bastante mal. Rezai por mim. Mas rezai ainda mais pelo Pe. Júlio-Maria, porque a vida dêle é mais necessária que a minha. Seria feliz em ofertar a minha vida em lugar da dêle... Êle não pode faltar agora ..."

E poucos dias depois recebíamos notícia da morte daquele herói, acabado de febres em pleno campo de apostolado. Muitos diziam: "Êle se ofertou como vítima pelo Pe. Júlio-Maria".

Iniciava-se novo período de orfandade. Mas, apesar de tudo, foi um transcurso de paz e de progresso.

O que assinala esta época é o desenvolvimento quase assombroso da Congregação. Crescendo proporcionalmente aos anos, pelos meados de 37 o Seminário atingia o apogeu: mais de 100 alunos aspirantes, uns trinta religiosos entre Seminaristas maiores e Irmãos-Coadjutores. Os Padres eram seis.

*
* *

Quase ao mesmo tempo se abria no oeste de Minas, em Dores do Indaiá, a primeira residência e iniciava-se ali a construção de um Seminário, graças à generosidade do povo e proteção do Sr. Bispo de Aterrado, D. Manuel Nunes Coelho. Da Alemanha e Checoslováquia vinham ao Fundador propostas de abertura, ali, de Noviciado e Seminário Superior. Eram para mais de vinte os candidatos que se apresentavam desejosos de abraçar o ideal sacramentino.

Mas ... efêmeros progressos que se transformaram em duas cruzes! As residências na Europa não vigaram. Os aspirantes, chamados para o Brasil, não suportaram, na maioria, as provas do noviciado.

Dois dêles, ordenados sacerdotes antes da conclusão do curso teológico, após juramento de fidelidade ao Superior-Geral, chamados para o Brasil, desprezaram tôdas as insistências. Pe. Júlio viu-se forçado a usar de rigor. Pediu ao Arcebispo a suspensão de ordens dos rebeldes. Ainda assim, persistiram contumazes, agravando a situação e obrigando o Fundador a largá-los aos próprios caprichos, o que muito o amargurou.

Por seu turno a residência e pré-seminário em Dores, após algum desenvolvimento, vieram a dar a nosso padre tantos desgostos que só Deus sabe!

*
* *

É assim a vida de um Fundador. Alternativas de consolações e sofrimentos, de êxitos e fracassos.

Para o Pe. Júlio-Maria era o cumprimento de sua missão grandiosa.

O otimismo caracterizador de sua personalidade fazia-o abafar as lágrimas e soluços, dar-se com ardor a novas obras, não render-se jamais aos desgostos amofinantes. Era um homem, e homem de Deus!

Os primeiros ordinandos em companhia dos Exmos. Srs. Dom Carloto, Dom Aristides Pôrto e do Pe. Júlio Maria.

CAPíTULO XXIX

Últimos anos

De 1940 a 1944 — Fundação do Ginásio Pio XI — Naturaliza-se brasileiro — Panorama político e religioso de Manhumirim neste tempo — Traços característicos de sua vida nesta época: atividade, escritos, viagens, administração. Prática da vida religiosa — Amor à divina Eucaristia — Sofrimentos morais — Conclusão

A vida do Pe. Júlio-Maria nos últimos anos continuou a ser tão agitada como nos primeiros dias em que pisara o solo manhumiriense. Quando o corpo fatigado começava a precisar dum repouso, e o espírito assoberbado de preocupações, de alguns momentos a mais para a prece, tudo isto lhe era negado.

Dia a dia, aquela atividade assombrosa, que fazia por dez homens, sentia a precisão de empreender novas obras e estabilizar mais as congregações que fundara.

Não quer isto dizer que não houvesse nêle a vida interior, indispensável aliás à realização estável de tantos cometimentos. Esta aumentava incessantemente na alma de escol do lutador. Não se fomentava com recolhimento externo e alheiação das obras de vulto, como era para se esperar nos derradeiros anos de um santo; mas Deus, parece, se encarregava de criar nêle, por meio do sofrimento, o grau de união divina que outros obtiveram na intimidade das horas de oração.

Pe. Júlio-Maria é o tipo acabado de Apóstolo que morre no campo de ação.

Impossível descrever pormenorizadamente todos os acontecimentos dos últimos anos da afanosa vida dêste gigante de heroísmo. Esbocemos sòmente alguns traços, a começar com a fundação do Ginásio Pio XI, lembrando o importante ocorrido de naturalização do nosso herói, e dando uma idéia geral do panorama político e religioso de Manhumirim, para terminarmos com as características gerais de sua vida a êste tempo.

*
* *

A primeira iniciativa de importância em 1940 foi a construção e fundação do Ginásio Pio XI.

Desde anos êle sentia precisão de opor um dique à inundação de educandários protestantes no Brasil, preservando pelo menos a zona da mata.

Lançar-se porém a trabalho dêste gênero supunha capital e pessoas destinadas à educação da juventude. Quanto ao primeiro elemento, nunca desconfiou que a Providência lho concedesse. Sôbre os segundos, no entanto, surgiam-lhe imensas ansiedades, pois seus religiosos não os destinara à educação da juventude, e um desvio poderia ser fatal ao espírito que lhes desejava incutir.

Várias vêzes significou a outros êstes sobressaltos e apreensões.

Afinal, determinou-se a construir um grande edifício, pensando confiar todo o trabalho educacional a leigos católicos, sob a direção, exclusivamente, de um sacerdote sacramentino.

Admirável a circunstância em que principiou a construção do Ginásio e a rapidez com que a levou a efeito.

Semelhantemente a tôdas as emprêsas suas, também esta quis iniciá-la quando não possuia um centavo em casa.

Lembra-me muito bem, num fim de mês, se não me falha a memória em julho, êle me dizia sorridente: "Graças a Deus, pagamos hoje os dez contos que estávamos devendo... Também, agora estamos limpos, sem um tostão... A Divina Providência poderá agir livremente!"

Sexta-feira seguinte, ao voltarem seus seminaristas de um passeio, foram dar com êle no local onde hoje se ergue o Pio XI, a medir valas e a determinar aos pedreiros a abertura dos alicerces.

— "Que se fará aí, meu pai?"

— "O Ginásio, meus filhos... já estamos providenciando os alicerces".

— "Tão cedo?... Donde terá V. Revma., por ora, a enorme quantia exigida para a construção de um Ginásio?..."

— "Oh, meu filho, Deus há de mandar o dinheiro. Nosso Pai do Céu é rico. Há de ver que, em pouco tempo, teremos aqui um belo prédio". E aos poucos foi-se erguendo a construção. E estendeu-se para a esquerda até à beira de um abismo onde não era mais possível o levantamento. O edifício tomou o lugar de três prédios e por milagre daquela engenharia tôda pessoal do Pe. Júlio, a cavaleiro da cidade, em lugar onde jamais se pensaria ser possível construir uma casa de ensino, levantou-se um dos mais formosos e possantes edifícios da zona da mata.

O prédio povoou-se de alunos. Vieram professôres e Diretor de sua confiança, escolhidos dentre os leigos. Em breve, porém, após os triunfos começaram as provações. Um ano não era passado, e tornava-se impossível manter a mesma direção. Foi preciso substituir o Diretor leigo por um religioso.

Ao lado dêste, entraram novos auxiliares, também religiosos. E em pouco tempo, mau grado os planos do Fundador, estava o Ginásio às mãos dos religiosos, aliás com notável prejuízo da disciplina interna.

O que êle teve de sofrer então foi, segundo suas próprias palavras, "um martírio de inferno". Velho, alquebrado algum tanto de fôrças, era-lhe preciso uma energia de possante máquina de guerra para manter todos os trabalhos e conservar ordem na casa. Deus Nosso Senhor lhe deu esta energia necessária. Era admirável como êle olha-

va tudo, a tudo previa e estimulava. Desde as finanças até o mais insignificante pormenor de disciplina, cousa alguma escapava à sua observação.

A disciplina, esta lhe trouxe horas bastante amargas.

Acostumado havia anos a lidar exclusivamente com meninos guiados por ideal superior de virtude, não achara empecilhos à marcha normal do regulamento que traçava à comunidade. Agora se arrostava com moços mundanos, muitos dêles excluídos doutros colégios, por rebeldia notória de espírito ou má índole. Padre Júlio soube manter-se com a fôrça de sua superioridade e firmeza de atitudes.

Um dia deu-se um fato, que prova o caráter e energia do Pe. Júlio-Maria. Certo empregado do ginásio, por rixas e raiva momentânea, administrou uns tabefes a qualquer moleque dentre os internos. Êste, sabedor que era das velhas questões entre a polícia local e o Pe. Júlio, foi queixar-se ao delegado, tipo de soldado insolente e grosseiro; e o pior é que a queixa foi formulada contra Pe. Júlio. Sem tardança, dois soldados foram enviados à portaria do ginásio a fim de apurar os ocorridos. Pe. Júlio Maria compareceu. Os soldados expuseram a queixa do menino. Sem se perturbar, o padre explicou tudo o que se passara. Depois, mandou chamar o denunciante.

— "Então, pequeno, é verdade que foste dizer na delegacia que andei lhe batendo?"

O moleque empalideceu. Engasgou-se.

— "Pois bem — continuou o Padre — porque não sejas injusto em denunciar-me à-toa, saiba que não sou um patife qualquer, e tome lá êstes pescoções".

E administrou-lhe uns bons sopapos.

Depois, dirigindo-se aos soldados, lhes disse: "Agora podeis ir dizer ao delegado que já bati no pequeno. Os pais mo confiaram com plena autoridade sôbre êle. Até agora não levantara a mão contra êle. Mas, como a falta por êle cometida é bem notória, tive mais que motivo para o castigo que acabo de aplicar-lhe".

Os soldados, sem nada dizer, deram meia-volta-volver, e retiraram-se entre pasmos e confusos. E tudo ficou por isto mesmo.

*
* *

Foi ao início do ginásio que se registrou na vida do Pe. Júlio-Maria um fato de grande relêvo: a sua naturalização como brasileiro.

Curioso saber que êle, absolutamente, não a impediu, embora votasse extremos de amor à França imortal.

Durante mais de ano correu o processo de requisição de sua cidadania. Os baldões e denúncias com que lhe enredaram a fama nos protocolos policiais retardaram longamente a consecução do êxito.

Disseram-no integralista, nazista, rebelde à autoridade...

Nada, porém, tão falho como a mentira! As calúnias ruíram por terra. E um dia, em manifestação solene das mais conspícuas famílias de Manhumirim, o Juiz de Direito lhe outorgava o título de cidadão brasileiro.

Encerrando e agradecendo o festival que lhe ofertaram, o Pe. Júlio podia dizer a todos os presentes:

"Tudo tenho dado ao Brasil. E duvido que muitos que me acoimam injuriosamente de não ser brasileiro lhe tenham dado mais...

Não é muito, portanto, que, ao ocaso de minha vida, lhe dê também a cousa única que me resta de francês: — o nome. Para o Brasil tenho vivido e sofrido as maiores dores da minha existência.

A fome, a doença, as provações, tudo lhe tenho oferecido em minha vida de velho Missionário.

Brasileiro agora que passo a ser, devoto-lhe ainda o restante das minhas fôrças para amá-lo e ganhá-lo a Nosso Senhor.

Amo o Brasil e quero que êle guarde na terra que bebeu as minhas lágrimas a cinza da minha carne e dos meus ossos".

*
* *

Sua naturalização foi um esmagamento para os remanescentes adversários gratuitos, que não mais podiam acusá-lo do só crime que nêle achavam: a diversidade da cidadania.

Qual era o estado de cousas em Manhumirim, relativamente às velhas lutas políticas, neste último lustro de vida do nosso biografado?

Pode-se resumir tudo com dizer que êste estado de cousas era aparentemente calmo, mas escondidamente quase tão dificultoso quanto no passado.

A ditadura de 10 de novembro agravou em todo o país a situação religiosa por detrás dos bastidores, embora buscasse criar, externamente, aproximação e simpatia com a Igreja Católica.

O panorama do Brasil refletiu-se, em miniatura, nos recantos da Mata.

Os adversários do Pe. Júlio-Maria eram em muito menor número. Poucos e desprestigiados. O tempo, êste admirável manipulador de mudanças no desenrolar da história, veio trazendo remédio aos velhos males.

Existia ainda a antiga pendência entre o Vigário e as autoridades. Estas continuavam a ser anti-católicas. Mas que podiam em face da imposição natural dos acontecimentos?

Manhumirim se civilizara. A religião, infiltrando-se nas famílias e na sociedade, extinguia aos poucos a ogeriza contra o Padre. O cangaço desapareceu.

Mudaram-se uns, corrigiram-se outros dos velhos desordeiros, muito embora de quando em vez dessem ainda mostras das inconscientes taras que lhes traçaram a inditosa sina.

As autoridades, a quem o Padre obedecia como cidadão e a quem vergastava do púlpito o mau proceder como Pastor, eram não raro premidas pelas circunstâncias a se curvarem ante o Pe. Júlio-Maria, reconhecendo o seu prestígio e sobreeminência moral e intelectual.

Assim, foram tentadas muitas aproximações mascaradas com o Vigário. Notório o modo de proceder dos chefes, quando realizou sua primeira visita pastoral à cidade o terceiro Bispo de Caratinga, D. João Cavati. Apesar de não convidados às solenidades de recepção, diante do povo católico assaz admirado lá compareceram os homens da prefeitura como se foram os mais íntimos amigos da Igreja, se bem que tôda a sua orientação de vida e atividade fôsse absolutamente acatólica e maçônica. Pe. Júlio tratou-os com a caridade e linha de um homem superior e Ministro de Deus. Apresentou-os ao Sr. Bispo. Não lhes negou a palavra. Êle era em tudo a irradiação da nobreza de J. Cristo.

Daí se vê que se extinguira a perseguição bárbara, com tentativas de extermínio do Pe. Júlio-Maria. As exigências da civilização não podiam tolerar êstes pensamentos.

*
* *

Mas continuava a existir, à socapa, a perseguição sutil sob orientação da Maçonaria.

Rusgas, conversinhas, calúnias para diminuir o valor de uma personalidade inconfundível; o alijamento sistemático dos católicos de qualquer encargo de relêvo; nomeação de professôras protestantes de preferência às católicas; telegramas enervantes ao govêrno a respeito de "desapôio" do Padre às autoridades; manutenção e quase subôrno de delegados policiais que, propositadamente, e às vêzes acintosamente, criavam dificuldades ao jornal católico "O Lutador" — eis muitas amostras do que ficou por detrás das cortinas.

Tal o panorama político de Manhumirim entre 1940 e a morte do Pe. Júlio-Maria. Um dia teremos oportunidade de retomar êstes fatos e narrá-los com mais amplitude. Até lá nos baste êste aceno rápido ao conjunto.

*
* *

Lancemos agora um olhar sôbre o estado religioso da paróquia de Manhumirim durante o lustro de 1939-1944. Êste principalmente, essencialmente até, o campo de trabalhos do Padre Júlio-Maria, ao qual as lutas com a Maçonaria e o autoritarismo municipal visavam abrir caminho.

Dez anos são decorridos já sôbre os embates de morte que êle tivera com a maçonaria e as autoridades arbitrárias. Deus louvado, a paróquia não é mais do atraso religioso de 1930.

Em dois lustros de serviço o Pe. Júlio-Maria conseguiu uma transformação grandiosa, senão total, do seu povo. A missa dominical era freqüentada. As comunhões se elevavam a perto de mil nas grandes festas do ano. Havia entusiasmo e estímulo entre as associações religiosas. O catecismo era uma esperança promissora das gerações futuras.

Páscoa, maio, setembro com o Santo Jubileu e Natal eram os quatro grandes marcos da vida paroquial de Manhumirim. A Semana Santa em Manhumirim não se deixou de celebrar desde 1929; e não era sòmente o festejo externo, muita vez mera dissipação para os católicos eternamente ignorantes dos divinos mistérios. Pe. Júlio rompeu com as formas tradicionais dos sermões de encontro e procissões de depósitos, para fazer uma Semana Santa em que o povo participasse da vida divina que a Redenção nos veio conferir. Para a comunhão de páscoa, lembra-me tê-lo visto, nos últimos anos, passar a tarde tôda, e às vêzes a noite de Sábado de Alelúia, no confessionário.

Maio não era menos empolgante. Pregações tôdas as noites, doutrinárias, insistentes. As comunhões diárias subiam a 500 ou 600. Padre Júlio nunca visou rendimentos de barraquinhas e quermesses nas suas festas. Êle mesmo dizia: "Faz-se festa religiosa com comunhões fervorosas e não com barraquinhas. A animação de uma festa está no número de comunhões, e não na quantia de dinheiro que se apura para as obras da igreja".

Setembro com o seu tradicional jubileu do Bom Jesus e o Natal eram as épocas do mais intenso labor espiritual. Mormente nos últimos anos, tomaram vulto especial quanto à parte eucarística.

Pe. Júlio se imolava no confessionário em companhia de seus Padres. Era o primeiro a ali se assentar e dêle só se ausentava nestas ocasiões para a missa ou quando já estavam findas tôdas as confissões. Nos últimos anos, e mesmo nos derradeiros meses, seu amor ao confessionário parece que crescia.

"É no confessionário, meus filhos, que se faz o bem", dizia êle a seus Padres. "É o pedaço mais doloroso da vida sacerdotal, mas também o mais fecundo na salvação das almas". E quantas vêzes o vimos, ao chegar à sacristia, fazer ginástica antes de tomar os paramentos, a fim de aliviar-se das dores de cadeira que sentia em conseqüência de horas a fio de martirizante confessionário.

Por isto mesmo, o desenvolvimento da vida paroquial era dos mais consoladores. D. Parreira Lara, já em 1936, dizia ser Manhumirim a cidade mais eucarística que conhecia depois de S. João del-Rei. Que diria êle em 1942 ou 1943, quando a vida religiosa tomava aqui incremento duas ou três vêzes superior?

Por aí se aufira o progresso dos mais setores paroquiais.

* * *

Nos dois últimos anos de vida do Pe. Júlio-Maria, um desígnio providencial, que prenuncia a sua morte, levou-o a ir colocando à face do serviço paroquial seus padres mais novos. Embora continuasse a ser êle o Vigário e a alavanca poderosa dos grandes movimentos, contudo êle sentia necessidade de ausentar-se por vêzes para criar novas iniciativas e mesmo a bem de sua saúde, já um tanto sacrificada.

Doutra parte, os colaboradores com que podia contar no zêlo das almas davam-lhe certeza segura de que as suas iniciativas não seriam jamais falhas. Em 1940, os sacerdotes já eram em número de 14. Na residência de Manhumirim podiam ficar 5 ou 6, suficientes para o trabalho paroquial nas horas folgadas do magistério no Seminário.

O Pe. Júlio podia, destarte, em 1942, ir largando mão, aos poucos, do ministério, para dedicar-se quase exclusivamente ao serviço da Congregação.

Com efeito, só então a sua atividade foi intensamente a de um Fundador antes que a de um Pároco. Era o contrário nos dez primeiros anos.

Via-se agora a sua preocupação mais voltada aos interêsses do Seminário.

Data desta época a sua assistência imediata ao Noviciado e ao Escolasticado. Tendo achado entre os Padres um a quem podia confiar quase que totalmente o Seminário Menor, nos começos de 1940 resolveu-se êle a abrir o curso filosófico e mais tarde o teológico, na casa-mãe, em vez de mandar seus religiosos para o Seminário Arquidiocesano de Diamantina.

Lembro-me ainda daquele saudoso ano de 1940, em que o tínhamos, a êle mesmo, como professor de dogma, ascética e eloqüência. Suas aulas eram um encanto.

Dava gôsto vê-lo discorrer, num latim às vêzes forjado à francesa, sôbre os pontos mais variados do dogma.

Não causavam fastio as suas preleções. Eram entremeadas de exemplos corriqueiros, que elucidavam os mais belos mistérios.

Tínhamos certeza quando soava a campainha, tínhamos alegria quando víamos assomar à porta da sala o seu vulto sorridente...

Mas, a par de tudo isto, que era a sua atividade principal, só deixada pròpriamente no ano da morte, êle continuava a composição de suas obras literárias, a direção das Irmãs e orientação de construções aqui e acolá. Era em tudo a atividade assombrosa que se desenvolvia, que se multiplicava, sem perder a vida interior.

*
* *

Dois outros traços da fisionomia ativa do Pe. Júlio Maria neste tempo eram as viagens e a organização de patrimônios materiais para a Congregação. À medida que os Institutos cresciam êle ia experimentando a precisão de solidificar o espírito religioso das várias residências. Daí as viagens que empreendia, todos os anos, visitando quer as Irmãs quer os Padres, espalhados num total de 12 residências.

Com grande zêlo realizava êle estas viagens. De tudo providenciava, já para o confôrto material de seus filhos e filhas, já para a intensificação da vida comum nas casas por onde passava. Aí se vê a extrema solicitude e grande espírito religioso que o animava.

Doutra parte, ocupou-se, nos dois últimos anos, da criação de patrimônios donde tirasse o Seminário o sustento indispensável. Daí a aquisição e administração de dois sítios, tarefa a que se dedicou mormente nos seis meses antecedentes à sua morte. Era infatigável, laborioso, perspicaz.

A alguns de seus filhos espirituais bem melhor saberia vê-lo afastado daquele labor grosseiro de administração de fazenda, com que, por vêzes, sofreu o govêrno da comunidade. Mas parece que êle previa próximo o seu fim e sentia que era necessário deixar à casa uma fonte segura de subsistência.

*
* *

Admirável a providência de Deus!

Em meio a tão sacrificantes trabalhos, não perdia êle a vida interior.

Sob êste aspecto também considerêmo-lo nos anos que precederam a sua inesperada morte.

Em tudo se me afigura que êle era o religioso perfeito. Sobretudo e acima de tudo, era o Religioso. Observância, oração, devoção acendrada, amor e temor de Deus, zêlo das almas, palestra sobrenatural sem afetação — eis os facies desta vida fecunda.

Os anos não lhe trouxeram a gelidez da velhice e não lhe abafaram os calores de entusiasmo da mocidade. Apesar de alguns achaques que apontavam naquela consistência de aço, a atividade material e espiritual continuava a ser a mesma.

Afanoso nos escritos e administração, afável no convívio dos recreios, entusiasta em tudo, em tudo sobrenatural, eis o Pe. Júlio-Maria dos últimos anos.

O caráter forte e dominador — é importante notar — cedia lugar muita vez à virtude de extrema mansidão. E via-se que não era conseqüência de idade que apagasse a virulência das paixões. Eram os esforços, a luta contra si mesmo, e a oração ardente, a culminarem no domínio total do gênio.

Irrompia algumas vêzes como catadupa o repentino da energia. Mas, minutos depois, o domínio de si o fazia tornar à bondade extrema. Não raro era o resultado feliz do recolhimento de espírito numa prece fervorosa aos pés da imagem de Maria que tinha sôbre a mesa de trabalhos.

Um dia mandou a um seminarista fizesse a limpeza de algumas jarras compradas para o altar. Sem culpa do rapaz, uma delas, que já chegara rachada, veio a partir-se ao meio.

Quando o Padre chegou para examinar o serviço e deu com o lamentável estrago, explodiu numa repreensão tremenda. Em vão o moço forcejou por dar explicação. Mais buscava desculpar-se, mais se irritava o superior.

O jovem, numa atitude de perfeita humildade, calou-se. Calou-se também o Padre, e saiu. Momentos depois, vai o seminarista a seu quarto, levar explicação da inculpável arte.

E entrando dá com o Pe. Júlio de joelhos em terra e braços abertos ante a imagem de Nossa Senhora, dizendo: "Minha Mãe, ensinai-me a mansidão e a bondade para com o próximo!"

Apenas percebe a presença do seminarista, põe-se de pé, recebe-o com extremos de amabilidade, desculpando-lhe tudo sem deixá-lo estender-se na defesa.

Admirável transformação da prece e da correspondência à graça divina!

Êste exemplo é um dos muitos que se podem contar, comprobativos da virtude em que se empenhava o Padre Júlio-Maria. Era realmente o religioso esforçado em combater e vencer o defeito dominante para tornar-se digno de Jesus Cristo.

Quanto à sua devoção, um pormenor a ressaltar. Ela se tornava cada vez mais uma devoção EUCARÍSTICA.

Não foram assim, parece, os inícios de sua vida. Mais MARIANO que EUCARÍSTICO, sua piedade não possuia, então, êste cunho, que veio a ter ao ocaso da existência.

Em Wachen (Bélgica) a sua vida resplandeceu por ardente amor a Nossa Senhora. Tivemos oportunidade de salientá-lo. Mas bem pouco refulge, ali, o seu amor à divina Eucaristia. Esta transformação, elaborada a pouco e pouco pelo divino Espírito Santo, completou-se em Manhumirim, talvez depois da fundação dos Missionários.

Deus é admirável sobretudo na elaboração psicológica da vida de um santo! Assim como é interessante o estudo teológico da psicologia duma conversão, qual a de Newman, interessante seria estudar-se a evolução psicológica da vida interior desta multidão de homens que lograram as venturas da união divina. Padre Júlio-Maria

revela-nos, a êste propósito, particularidade psicológica curiosa que, lamentàvelmente, tão só podemos enunciar por ora.

*
* *

Ponhamos têrmo a estas considerações com salientar o último traço predominante dos derradeiros anos do nosso herói: os seus sofrimentos morais.

Em tôda a vida, o Santo, ou aquêle que o quer ser, tem que padecer sofrimentos, de ordem moral sobretudo. Os sofrimentos morais são, na verdade, uma espécie de oitavo sacramento, que perfaz a santificação dos amigos de Deus.

Mártir, física e moralmente, desde a mocidade, o Padre Júlio, sobretudo ao eclipsar-se de seus dias afadigados, teve que sofrer a mais dura provação moral, advinda de seu próprio munus de Fundador.

Desobediências e ingratidões dos súditos, opressão mesmo em certos pontos do govêrno, situações embaraçosas criadas por aquêles que o deveriam auxiliar para uma boa administração — tudo isto êle teve que sofrer!

Nas cartas que escreveu aos mais caros de seus filhos no último ano de vida, transparecem as suas íntimas amarguras. Numa destas, êle dizia: "Ih! quão doloroso é a gente governar aquêles que não querem ser governados! Para êstes o Superior precisa trazer, constantemente, o riso nos lábios e o chicote na mão".

O derradeiro retiro que pregou aos religiosos foi revelador dos padecimentos que lhe despedaçavam a alma.

É preciso, porém, lembrar-nos que estas dores morais não apareceram às vésperas da morte como se pensa. Martírio prolongado de três anos, só vieram a ser conhecidas agora porque dos recessos do coração transbordaram à flor dos lábios. Mas eram antigos e vividos os seus padecimentos.

A muita resignação e domínio de vontade fizeram-no calar os mais lastimáveis pormenores de suas dores. Mas

êle adiantou também: "Sòmente no dia do juízo vireis a saber as lágrimas que tenho chorado e os sofrimentos que tenho padecido. Não os posso patentear, e melhor é que ignoreis os meus segredos".

* * *

Pena é não podermos descortinar tudo o que, imparcialmente, a história nos manda dizer. Haverá oportunidade para isto mais tarde, assim esperamos.

Basta-nos saber que êle sofreu por um ideal, por um grande ideal... Consumiu sua existência por fazer compreender a outros sua grande idéia. E quando, por permissão da Providência, se viu incompreendido, sua alma feriu-se de indizíveis dores.

Era o homem de dores, cujos dias se iam extinguindo aos poucos.

A sua morte inesperada e desastrosa prende-se a um mistério que poucos compreenderão : ela foi o alívio pedido para um martirio de três ou quatro anos, e uma lição esmagadora para almas em quem Deus depositava grandes esperanças.

CAPÍTULO XXX

A morte

Os últimos meses de um santo — Sofrimentos, perspectivas de morte — O último retiro — Quatro dias antes da morte — "Maduro para a colheita..." — Uma excursão ao local do trágico acontecimento — A vigília do Natal — A morte desastrosa — Manhumirim em luto — Conclusão

Antes de recordarmos a trágica morte do Pe. Júlio-Maria revivamos os últimos meses de vida que a prepararam. Só assim poderemos entender o sentido *providencial* de um desfêcho tão horroroso em existência tão bem vivida.

Quê foram os últimos meses dêste homem tão admirável?

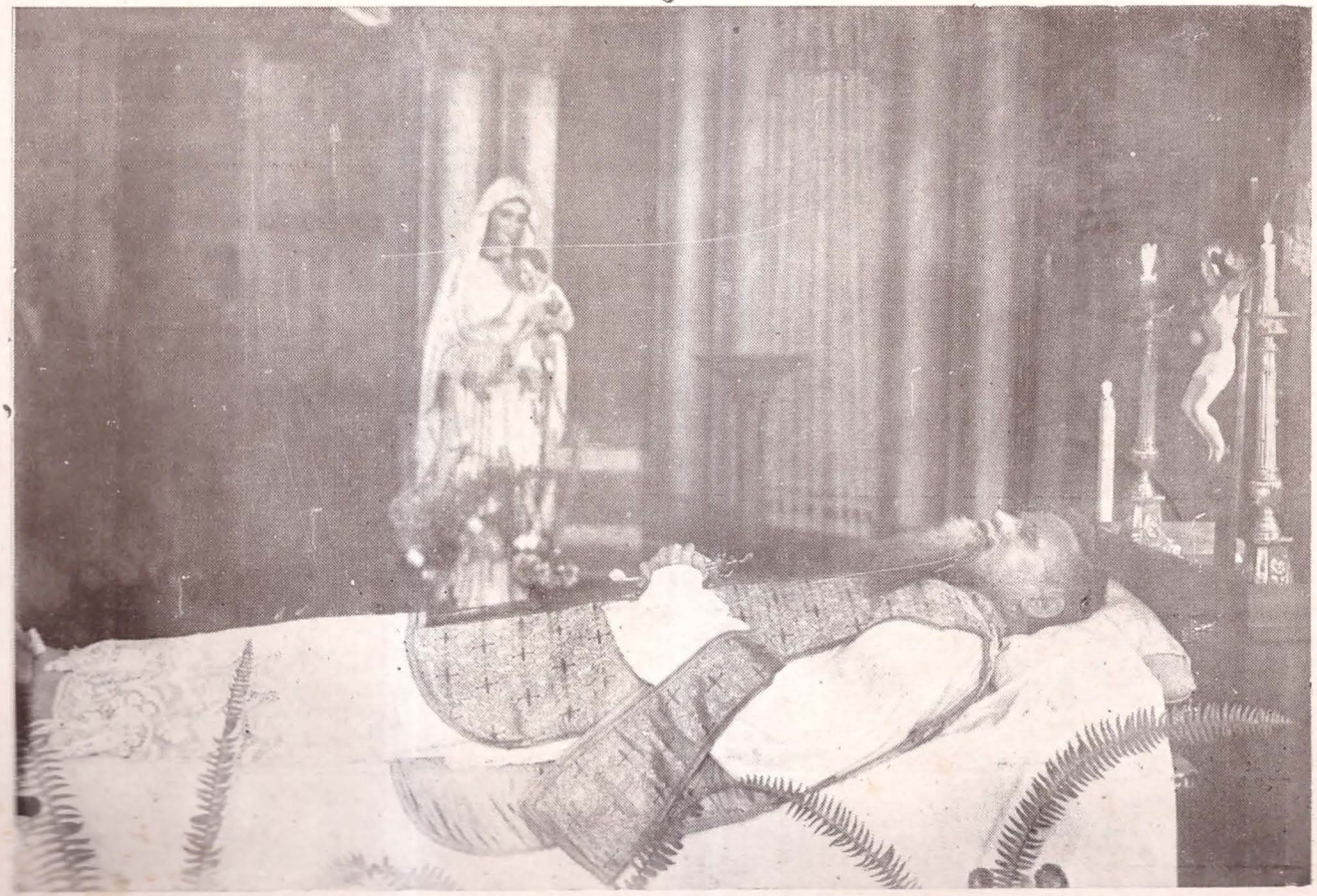
Já acenamos de longe, no capítulo anterior, para seus padecimentos e seus trabalhos.

Seus derradeiros dias foram os de um MARTIR da própria emprêsa.

Se tôda a sua existência foi a de um LUTADOR, o seu ocaso foi sobretudo o de um SANTO.

Sofrimentos internos, trabalhos, perspectivas quase sombrias roeram seu interior de homem de ideal sobrenatural.

Êstes sofrimentos lhe advieram notadamente de seus filhos espirituais, para quem se dedicava êle de modo especialíssimo nos três últimos anos.



Pe. Júlio Maria na câmara ardente.

A medida que o santo atinge graus mais elevados de vida interior, se torna mais sensível às ingratidões humanas, quando estas importam também no sacrifício do plano divino.

Foi o que se deu com o Pe. Júlio-Maria. O trabalho silencioso e fecundo do espírito de Deus em sua alma foi criando nêle psicologia inteiramente nova quanto aos sentimentos, embora o deixasse estabilizado quanto ao caráter. A energia indomável do lutador circundou-se, enfim, da sensibilidade do santo.

*
* *

Talvez por causa dos padecimentos tornou-se-lhe familiar nos últimos meses de vida a reflexão sôbre a morte e o céu. Constantemente repontavam nas suas palestras e conferências religiosas êstes dois pensamentos. A esperança do céu e da morte era o único lenitivo para os seus sofrimentos.

É possível que êle previsse e quiçá pedisse a morte, senão desastrosa, pelo menos dentro do ano seguinte. Nos últimos dias que precederam ao retiro de dezembro êle dizia aos noviços: "Quero fazer um ano de preparação para a morte. Dentro do próximo ano entregarei a paróquia a outro Padre, (1) farei a eleição de um Superior, disporei meus negócios e viverei para mim algum tempo, depois de tantos anos ter vivido só para as almas. Sinto que não irei muito longe e Nosso Senhor me pedirá contas de minha vida".

Não podiam os noviços pensar que estas palavras prognosticassem morte tão próxima!

*
* *

1) Com efeito, poucos dias depois, entregava a paróquia de Manhumirim a um de seus filhos espirituais, o Revmo. P. Afonso, provisionado Vigário dois dias antes dos trágicos acontecimentos de 24 de dezembro.

Seu último retiro foi o que pregou à Comunidade, de 9 a 17 de dezembro. Nêle quis congregar todos os filhos espirituais e, por singular providência, todos os padres se achavam então reunidos.

Por informações posteriores veio-se a saber que a semana dêste retiro foi a das maiores provações morais por que passou o Fundador. Indocilidades, imposições, desobediências e muita miséria que constitui o cortejo imenso das paixões humanas sujeitaram-no a horas bastante amargas. Alquebrado, física e moralmente, cansado da pressão arterial que o ia prostrando, quis apesar de tudo pregar o retiro a seus filhos.

Nas prédicas apareceram muitas vêzes referências à dor moral por que passava. Era a vasilha do coração que transbordava. As palavras não tinham o tom de queixa, mas a naturalidade da expansão que se não podia conter mais: "Ah! meus filhos, eu tenho sofrido! Pobre daquele que me suceder, porque não desejo para nenhum de vós o que padeço. O cargo de Superior é semelhante a êstes cartazes vistosos que se põem à porta das lojas; anunciam muitas cousas boas, mas êles mesmos estão expostos a tudo o que há de ruim: à poeira, aos salpicos de lama, aos escarros, às pedradas dos moleques... Eis o que é um superior".

"As lágrimas que tenho chorado nunca as podereis calcular! Consola-me a esperança de que, em breve, no céu, elas serão para sempre enxugadas porque estou cumprindo a missão que Nosso Senhor me impôs".

Êste derradeiro pensamento — o céu — foi o mais familiar em suas práticas. Era Deus porventura preparando seu servo para a coroa de recompensas imarcessíveis.

*

* *

Levantemos a narrativa histórica para algumas impressões pessoais.

Não tive a felicidade de estar presente nestes dias de emoções inesquecíveis para seus filhos espirituais.

Ausente com outros colegas, estudávamos desde 2 anos a teologia em Belo Horizonte, e aqui chegamos no dia do encerramento do santo retiro, 18, pela manhã.

A impressão que tivemos à primeira vista do Fundador e da Comunidade reunida aos pés do altar foi a de que pairasse sôbre o ambiente um preságio de acontecimentos tristes.

Diante do Santíssimo Sacramento entoava o Fundador o "Te Deum". Sua voz era tão rouca e monótona que quase a desconhecemos.

À hora do café fomos abraçá-lo. Seu aspeto era tristonho, consternadissimo. No grande e afetuoso amplexo, característico dos seus cumprimentos aos filhos ausentes, transparecia também o antigo sorriso; mas desta vez era mesclado dum abatimento que nos fazia pressentir algo de desagradável.

*
* *

Cinco dias antes do trágico desenlace. Os carinhos paternais e a expansão com que nos tratou, nestes dias, são indescritíveis.

Três dias antes do Santo Natal nos levou ao mesmo lugar onde encontraria a morte. Admirável a dedicação daquele velho alquebrado para proporcionar a seus filhos momentos de satisfação e alegria. Vi-o, a êle mesmo que se levantava da mesa tosca da fazenda, para buscar na cozinha o de que carecesse o menor dos convivas.

Não tinha réplicas severas para os seminaristas faltosos. Parece que o seu gênio se modificara.

Uma bondade excessiva, uma faculdade de suportar a tudo, uma extrema condescendência anuviada dalgum pressentimento de separação — eis o conjunto que circundava os seus gestos de pai e de santo.

— "Que teria havido com nosso Pai?" — perguntávamos uns aos outros.

— "Oh! — observou um — é o fruto que amadurece para a colheita!... Nosso Pai chegou à transformação última que Deus opera nos Santos. Creio que nós o perderemos talvez muito breve".

Aquela reflexão era demais dolorosa para a alimentarmos; foi afastada como um agouro repelente. Hoje, porém, quantas vêzes chego à conclusão da mesma análise dos fatos: — "o fruto estava maduro para a colheita..."

E esta veio, repentina, violenta... Dir-se-ia o brandir de alfanje do agricultor apressado para a sega, temeroso dalguma tempestade...

A vigília daquele Natal nos traria acontecimentos bem dolorosos.

*
* *

Mais três dias e a história se precipitou como o raio nas profundezas do trágico e do inesperado.

A tarde que precedeu o Natal de 1944, foi Manhumirim inteira e seus arredores abalada pela mais dolorosa notícia de que há memória em seus fastos.

Morreu o Pe. Júlio-Maria!

Morreu aquêle que desde 16 anos vinha sendo a sua alma, a sua vida, o seu ser. Morreu aquêle que era aqui o Pai de todos, o amigo dos pobres. O Vovô querido das criancinhas, o alvo de todos os corações católicos, o Pastor das almas, a admiração dos mesmos ímpios.

Da vigília do Natal no tempo, passou para a festa do eterno Natal do céu.

Morreu o Pe. Júlio-Maria! O seu corpo hirto, frio, jaz na câmara mortuária, impassível e mudo... Mas os corações não podem crer que êle morreu! O chocante da realidade faz chorar e faz descrer. Choram os olhos a perda irreparável, porque todos dizem e vêem que êle morreu.

Descrê o coração do que os olhos estão vendo, porque todos quereriam que êle não tivesse morrido, e é tão duro ao coração crer o que o magoa.

Morreu o Pe. Júlio-Maria! Repercute a notícia de sul a norte do país. Já os rádios levam a todos os lares a infausta notícia. Mas a ninguém parece ela mais incrível e dolorosa do que àqueles que vivem estas horas de luto e de pranto, ante os restos mortais do grande sacerdote.

Entretanto, isto mesmo que ao nosso sentimento custa acreditar, vamos narrá-lo numa página de recordação e de saudade. São as últimas horas passadas na terra por aquêle que viveu tantos anos a nosso lado. Guardemos esta lembrança no mais íntimo escrínio do nosso afeto.

*

* *

No dia 24, pela manhã, o Revmo. Pe. Júlio-Maria celebrou missa às 5,30 na igreja matriz. Dirigiu curta exortação ao povo a respeito do Santo Natal, concitando todos a fervorosa comunhão naquela noite do nascimento de Nosso Senhor. Notável coincidência! Não era costume seu pregar na missa das 5,30. E aquelas foram as últimas palavras que falou aos seus queridos católicos.

Conforme combinara de véspera, partiu de automóvel, cêrca das 7 horas, rumo à Fazenda S. José, em Vargem Grande, propriedade que recentemente adquirira para o Seminário. Celebraria às 9,30 na capela pública ali existente.

Além do chofer, aluno do Seminário, viajaram com êle três Irmãs Sacramentinas, que iam conhecer o local de uma futura residência e escola da mesma Congregação, a inaugurar-se nas imediações da Fazenda.

O tempo em Manhumirim era sêco e bom. Em Vargem Grande, porém, chovia um pouco, e, de véspera, o administrador da Fazenda, Irmão Agostinho, escrevera um bilhete ao Revmo. Pe. Júlio-Maria, dizendo que não convinha viajar para lá no dia seguinte. Não se sabe ao certo se o Padre Júlio-Maria recebeu ou não êste comunicado.

Seja como fôr, o certo é que se arriscou à viagem para cumprir o seu trato de celebrar a 2.ª missa, naquela manhã, em Vargem Grande.

E Deus concedeu-lhe a graça de cumprir êste último dever de Pároco. A ida foi sem mais novidades, que o caminharem a pé um trechozinho de poucos metros, já na propriedade, para chegarem à residência dos irmãos.

O Pe. Júlio-Maria mostrou-se sumamente alegre, percorrendo as imediações da casa, vendo as plantações, mostrando às Irmãs quanto por ali havia. Disse-lhes sorridente: "Irmãs, aqui nada falta..."

Às 9 horas rezou missa na Capela, e pregou sôbre o Natal, concitando todos à confissão e comunhão.

Voltou à casa à uma hora, para o almôço. Segundo disseram as Irmãs, êle almoçou demonstrando bom apetite.

Visitou, depois da refeição, o prédio em que seria a escola das Irmãs. Deu várias ordens a respeito da preparação da casa, sua pintura, construção de uma cozinha, iluminação, etc.

Cêrca de 2 horas da tarde, vieram para o café. Ainda o Irmão Agostinho e os seus vários ajudantes se achavam à mesa, quando êle disse que estava na hora de partir com as Religiosas. Quis abençoar a todos, para o que se levantaram. Disse-lhes porém: "Não é preciso que se levantem. Dou-lhes a bênção assim mesmo assentados». Abençoou-os e aprestou-se para partir.

Vê-se em todos êstes antecedentes quanta paz e serenidade na alma dêste homem que personificava a confiança em Deus. Êle ia morrer tràgicamente daí a menos de uma hora. Não o sabia. Conhecia, entretanto, o perigo daquela viagem. Mas confiava em Deus. Estava no cumprimento de seu dever de sacerdote e Fundador.

Ia morrer. Mas morreria com a serenidade de um santo e impavidez de um herói.

*

* *

O tempo era chuvoso. O chofer atalhou que a descida da serra era perigosa, mas o Padre Júlio instou que tocasse.

Pouco além da residência, menos de um quilômetro, deu-se o horroroso sinistro, que custou a vida a quem era a vida de tantos!

Numa pequena curva da descida, para se desviar de uns tocos no caminho, virou-se o carro demais para a direita, e uma das rodas saiu da margem da estrada pairando sôbre o abismo. Em conseqüência do pêso tombou o automóvel. Devia rolar até ao fundo do declive, se não o impedisse uma possante árvore. Uma das religiosas, pelo baque, foi lançada fora, à distância, tendo-se ferido; as outras, prêsas por alguns instantes, conseguiram com esfôrço libertar-se e ajudaram o chofer a sair também.

Só o Pe. Júlio-Maria ficou comprimido entre o encôsto da bancada de frente e uma raíz de árvore, que sustinha o carro sôbre o abismo. O peito de encontro à raiz, as pernas de fora do carro, as costas sob a pressão do encôsto da bancada da frente, estendia êle os braços, tendo na mão esquerda o Breviário, que segurou até os últimos momentos. Seus companheiros tudo fizeram por libertá-lo. Para qualquer lado que virassem o automóvel, acarretaria o despenhamento pela montanha abaixo e o conseqüente despedaçamento de todos.

Gritaram por um senhor e um menino que passavam. O menino correu à fazenda para chamar homens em auxílio. Muitas pessoas compareceram ao lugar, inclusive o Irmão Agostinho. Era perto de duas e meia da tarde.

Envidaram todos os esforços para salvar a pobre vítima. Tudo inútil. Êle disse a uma religiosa: "Depressa, depressa, depressa, minha filha!"

Permaneceu naquela posição, de cabeça para baixo, perto de quarenta minutos. Já nos estertores da agonia, disse: — "Meu Deus! Meu Deus! Nossa Senhora do Carmo! Meu Deus!"

Disse ainda outras palavras, só ouvidas pelo Irmão Agostinho e pelos que se achavam mais perto. Segurava fortemente o Breviário. O Irmão esforçou-se por tomá-lo, mas êle cada vez mais o apertava entre os dedos. Arfava e gemia.

O Irmão Agostinho abraçou-se com êle. Tomou-lhe enfim o Breviário: colocou-lhe na mão o crucifixo. Não percebia mais a não ser os estertores da morte. Chovia torrencialmente. O Irmão Agostinho cerrou-lhe os olhos. Estava morto.

Só depois de algum tempo, após cavarem por baixo, foi possível retirar o corpo. Transportaram-no à fazenda. Já outros providenciavam socôrro médico.

O Sr. Valdemar Valter Barreto, farmacêutico em Presidente Soares, veio fazer pela vida do venerando sacerdote quanto lhe era possível.

Aplicou-lhe várias injeções. Tudo sem resultado. Era um cadáver. E assim morreu, quase sem socôrro e ao relento, quem a tantos socorrera e abrigara em vida!

Como é misterioso o desígnio de Deus na morte de seus servos!

*

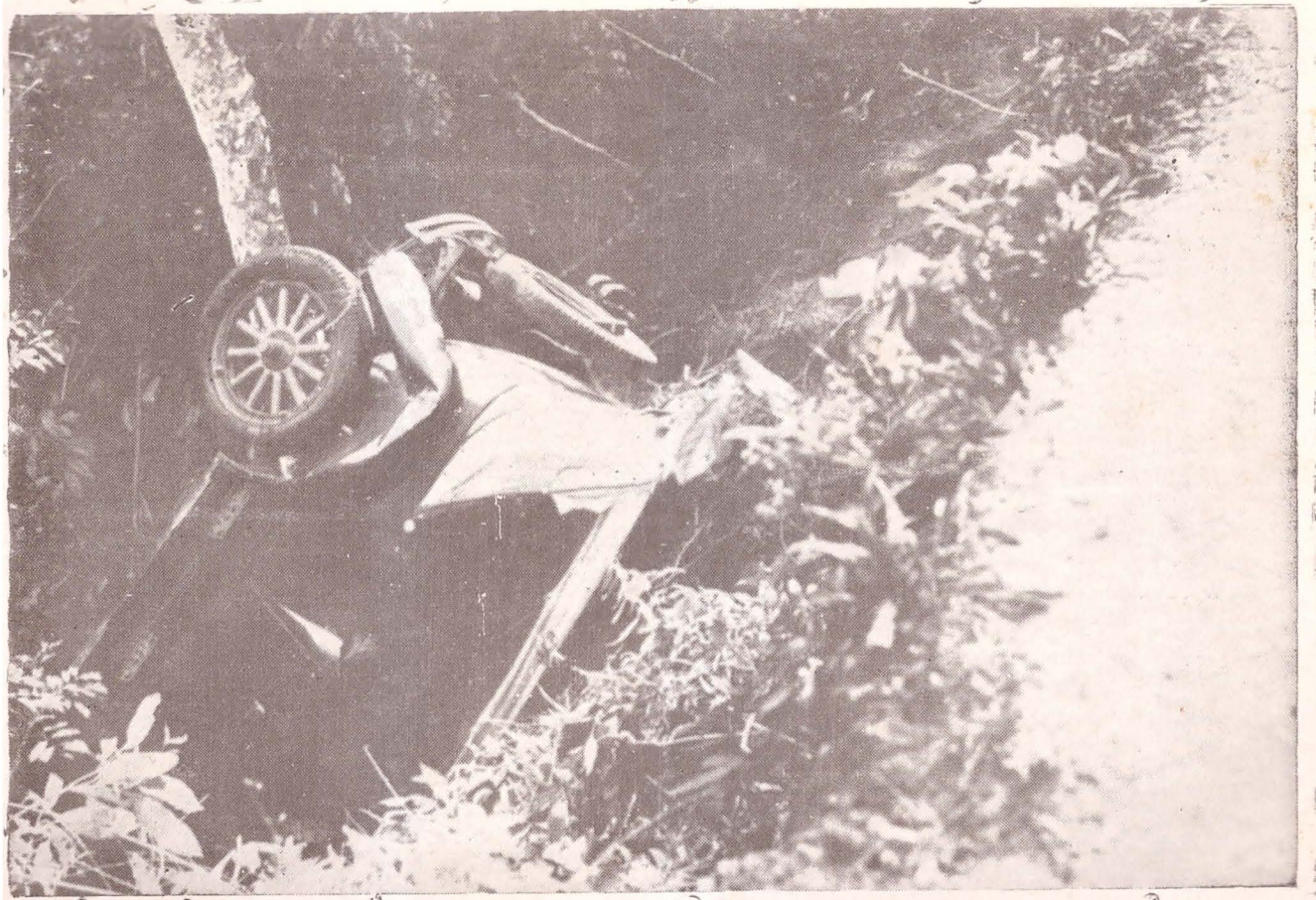
* *

As primeiras notícias que chegaram a Manhumirim às 6,40 não eram precisas. Constava que o automóvel tombara perto de Presidente Soares, e que o Revmo. Padre Júlio ficara gravemente ferido. Os Seminaristas e as Irmãs Sacramentinas notòriamente se preocupavam.

Às 8 horas, após infinitas angústias de 2 horas de esperança, transpunha, carregado, morto, os umbrais do Seminário, Aquêle que era o sol da casa. O sol, porém, eclipsara-se... e para nunca mais se reacender! O pranto rebentou por tôda a casa.

Manhumirim inteira já acorrera à igreja. Moles de povo se acotovelavam no adro, em frente ao Seminário, apesar da chuva.

Apressou-se logo o embalsamamento do corpo.



Local do trágico desastre. Posição em que ficou o automóvel, seguro por uma árvore.

Todo o resto da noite passou-se em claro, uns em providências que o caso urgia, muitos atordoados pelo repentino do ocorrido.

De madrugada, foram os despojos levados para a Capela do Seminário, onde os seminaristas e outras pessoas fizeram guarda até pela manhã.

Era a noite de Natal, outrora tão cheia de alegrias em Manhumirim. Agora, porém, se mais concorrida que sempre, uma nuvem de tristeza pairava em todos os semblantes.

Um silêncio impressionante, diferentemente dos anos anteriores, envolvia a praça da matriz.

Era um Natal de luto...

Jesus nascia... Mas... seu representante morrera. Enquanto Deus descia da glória para a terra, seu sacerdote subia-lhe ao encontro, da terra para a glória.

Não se ouviu mais naquela noite, como em tantas outras de Natal, o timbre de voz, que durante dezesseis anos não deixara de ressoar celebrando ali as alegrias do Nascimento de Jesus.

O seu Natal já não era da terra. Era no céu.

Natal de luto para nós. Para êle, mais que nunca, Natal de flores, Natal de alegrias, Natal de luzes, Natal de glória!...

*
* *

E lá estava êle entre as tábuas do ataúde. A multidão ncorria para contemplar-lhe o semblante eternamente vivo.

Êle parecia sorrir.

Ninguém podia crer que êle tivesse morrido.

Os corações buscam em vão desmentir o que os olhos afirmam.

— Não! Êle não morreu! — diziam todos.

Não o podia crer nosso coração de filhos...

CAPÍTULO XXXI

Sepultura gloriosa

A câmara ardente — O grande desfile das lágrimas — As exéquias solenes — O préstito fúnebre — As últimas homenagens — A inhumação — Aos pés de Maria — O triunfo do Apóstolo — Conclusão

Duas horas e meia da madrugada de 25 de dezembro de 1944...

Na capela silenciosa do Seminário, numa mesa forrada de branco, jaz estendido, as mãos postas, os dedos entrelaçados, a barba longa flutuando levemente à brisa que sopra da janela lateral, entre catiçais acesos, o Pe. Júlio-Maria.

Seu aspecto é o de um vivo que repousa. A anilina injetada no corpo de permeio com os medicamentos dá-lhe ao rosto um rosado semelhante ao natural. O sorriso em que se lhe entreabrem docemente os lábios retrata a serenidade do justo.

A seus pés, um pobre campônio, o único estranho na casa religiosa, reza entre lágrimas o têrço. Em tôrno da mesa, alguns religiosos assistem, cheios de dor, ao velar sem fim daquele sono imperturbável.

Lá fora, não obstante ser a noite de Natal, um silêncio pesado sob o céu escuro das muitas chuvas se faz sentir desde o adro da igreja até os extremos da cidade.

Calaram os rádios. Silenciaram os ruidos das músicas. Fecharam-se os bares da cidade. A impressão de uma grande perda irreparável, a sensação duma saudade, duma aflição inexplicável, e ao mesmo tempo de uma

descrença do que aconteceu na tarde precedente, envolve a todos.

Era um Natal parecido com Sexta-feira Santa. Afigurava-se até que se calara também a natureza bruta e irrefletida. Era uma noite sem cantar de galos, sem latir de cães... Sem dúvida, já houve em Manhumirim muitas noites iguais àquela; mas então era demais chocante o contraste, e as impressões de tristeza criavam nos espíritos maior sensitiva dos pormenores.

Verdade também é que nunca se tinha esperado aquela noite de lágrimas. Tínhamos uma certeza irrefletida de que o Padre Júlio jamais morreria! Ainda quando o corpo lívido, borrifado de lama, sujo da terra vermelha dos morros, transpôs o umbral do convento, muitos pensavam que haveria uma esperança de salvá-lo. Era possível que não se tratasse senão de um colapso prolongado e a vida exuberante ainda tornaria aos membros inanimados.

Diante do esquife do Pe. Júlio-Maria, morreram tôdas as esperanças. A clerótica tinha-lhe sido rasgada. Tiraram-lhe o sangue gôta-a-gôta. O corpo estava embalsamado. Era a morte... Não podia haver mais a vida no cadáver frio e hirto.

E então, quando se pensava que tudo estava irremediàvelmente perdido, vinha o nó à garganta e torrentes de pranto afluiam aos olhos...

*
* *

Na manhã seguinte começou o enorme desfile das lágrimas. Após as missas festivas do Natal — festivas aliás só quanto ao rito litúrgico — transportou-se o féretro para a igreja-matriz.

E as multidões começaram a acorrer...

Dia e noite vinha o povo da cidade e dos lugares vizinhos rezar junto a seu esquife, oscular-lhe pela última vez a mão enrijecida, cobrir de flores o seu leito de morte

e chorar a seus pés as lágrimas da saudade e do reconhecimento.

À cabeceira do pai querido viam-se os seus filhos, os Religiosos Sacramentinos. Em tôrno do esquife, as Irmãs Sacramentinas. E na igreja tôda, os católicos de Manhumirim ... e muita gente doutras cidades, de perto e de longe, que vinha para ver, depois de morto, ainda uma vez, aquêle que em vida fôra objeto da admiração de todos.

É impossível descrever quanto houve de emocionante nestes últimos dias de despedida aos restos mortais do eminente Vigário de Manhumirim.

Viu-se, então, quantos beneficiados desconhecidos vinham louvar-lhe os atos de caridade oculta. Viu-se, então, quantos o admiravam em vida, sem ter coragem de lhe trazer o testemunho da estima e do afeto senão depois da morte.

As últimas homenagens ao seu corpo morto pareciam garantir a glória eterna de sua alma que continuava viva.

* *
* *

Cinco dias estêve na câmara ardente o corpo embalsamado do Padre Júlio-Maria.

Na manhã de 29 celebraram-se as exéquias solenes. A igreja estava repleta e transbordava. Moles intermináveis de povo desfilavam ante a mesa sagrada, desde muito cedo.

Às 7 horas, S. Excia. D. João Cavati cantou missa de réquiem.

Tudo foi sem pomposidades externas como convinha. Não se escolheu orador sacro especial para um sermão de exéquias. O Bispo, em poucas palavras, traduziu a imensidade e profundeza daquele luto.

Depois seguiu-se a absolvição do corpo. O côro alternou com o oficiante, no tom entristecido mas sempre majestoso do canto-chão, as preces pela alma de quem já não mais falava entre os vivos. A multidão, parada e muda, parecia sonhar ...

Porque tudo, afinal, naquela fúnebre semana, se afigurava a todos um sonho, tão repentino fôra o golpe daquela vigília de Natal, tão exquisito aquêle gênero de trespasse, que levou a quem os corações não podiam crer que morresse jamais.

*

* *

À uma hora da tarde começou o desfile fúnebre. Os idolatrados despojos saíram da igreja, percorreram as principais ruas da cidade, para tornarem ao mesmo local, onde foram inhumados junto ao altar de Nossa Senhora.

Em primeira linha desfilavam as várias irmandades com suas insígnias. Representações de vários lugares ali apareciam com os seus estandartes.

Depois seguia a massa em geral, de homens, mulheres e crianças, não filiados a associações religiosas e na maioria de pessoas doutras localidades.

O esquife era carregado pelos religiosos. À frente, em colunas de quatro, as Irmãs e Postulantes Sacramentinas de Nossa Senhora. Também por alas de quatro, vinham, a seguir, os Seminaristas, Irmãos e Padres.

Na retaguarda, inumeráveis pessoas, que queriam seguir mais de perto o ataúde.

A onda enorme desenvolvia-se lentamente. Sentia-se a alma amargurada de um povo a pairar sôbre o desfilar das alas.

*

* *

Não há quem não recorde, ainda hoje, em Manhumirim, a dor daqueles últimos momentos de homenagens ao grande morto. Os sons plangentes da música... depois, o esquife parado à porta da igreja... religiosas e crianças desfeitas em pranto... quase todos os olhos úmidos de lágrimas...

Não era a conveniência social nem a curiosidade que ali trazia tanta gente aglomerada. Era a necessidade do coração.

Quando se ouviram as últimas palavras do Sacerdote Sacramentino que interpretou o sentimento da Comunidade — aquêle *"Adeus, Pai, adeus!"* dito com a emoção mais sentida — um explodir de soluços rebentou de centenas de peitos.

Não houve por onde conter a multidão a precipitar-se igreja a dentro a fim de poder oscular entre lágrimas, uma última vez, as fitas que pendiam do féretro.

E foi ao eco dêstes soluços e molhado nestas lágrimas que o esquife baixou à tumba para o eterno descanso.

A multidão estava suspensa, fora de si. Nada há comparável àqueles minutos em que os olhos puderam fitar, através dos vidros do caixão, os traços desfalecidos de um grande benfeitor e amigo de todos.

A dor da separação e a dor dêste pensamento de que nunca mais o veríamos pesou como chumbo sôbre tôdas as almas.

*

* *

E aos pés da Virgem SS., ao lado do mesmo confessionário em que êle passou tantas horas de sofrimento a distribuir misericórdia e perdão, colocaram seus restos mortais... Não tinha sido êste, quem sabe, o seu sonho de Apóstolo e Amante da Virgem Mãe de Deus?...

E ali começou o triunfo do grande Apóstolo. Quantos, aos pés dêste túmulo, se rejuvenesceram e se transformaram para a vida da graça!

Amigos e inimigos, admiradores e indiferentes, católicos e protestantes, todos acorrem a esta Manhumirim, já conhecida e admirada durante a vida do grande sacerdote, e agora, parece, mais admirada e conhecida após o seu trespasse.

A morte dos santos é o raiar de sua consagração perante os próprios inimigos.

Foi assim com o Pe. Júlio-Maria. Se em vida teve muitos católicos que o admiraram, não faltou a turba dos indife-

rentes que não o desconsideravam nem o avultado número dos que o perseguiram.

A morte, porém, que lhe cerrou os olhos bem-aventurados, descerrou a êstes os olhos infelizes para que vissem sob a lousa de um túmulo o grande homem que perderam. O eclipsar-se de sua vida foi o ressurgir de muitos que jaziam na morte!

O desaparecimento dos grandes homens é o começo de sua glória.

CAPíTULO XXXII

O triunfo de um santo

Trinta dias após a morte — A morte é o triunfo do cristão — A morte do Pe. Júlio é o éco de sua vida — "Bonum certamen certavi".

Trinta dias são passados sôbre a morte do grande Padre Júlio-Maria. Choram ainda os católicos de Manhumirim, choram ainda seus religiosos, chora ainda o Brasil a perda dêsse coração sem par, dessa inteligência rara, dêsse homem de fogo. Como se fôra um natalício, vieram todos cobrir de flores o túmulo daquele cuja fronte não podem mais engrinaldar em vida.

Como é triste o cortêjo das saudades! Mas, também, como é consolador pensar que o lidador triunfou, combateu o bom combate, consumou sua carreira, foi receber a coroa que pela justiça das divinas promessas lhe estava reservada!

*
* *

Só há um triunfo para quem vive a vida de Cristo: é a morte.

Por mais paradoxal que pareça, só na morte é que o homem triunfa. Porque o triunfo, para ser completo, deve ser uma estabilização na vitória. Sem estabilidade, sem fixação, sem garantia de permanência, não há triunfo. O triunfo é a superação da contingência.

O verdadeiro triunfo, pois, dá-se na eternidade. E os batentes da eternidade abrem-se pela morte.

Há na vida muitas vitórias. Vitórias espirituais, vitórias materiais. «A vida do homem sôbre a terra é uma como milícia», diz o Espírito Santo. E porque, milícia, a vida do homem se entremeia de derrotas e vitórias. Nunca, entretanto, essas derrotas e essas vitórias trazem o caráter da permanência e estabilidade. Quem foi derrotado poderá ainda erguer-se e vencer. Quem venceu poderá ainda ser derrotado e cair. E por isso adverte a Sabedoria eterna: "O que está de pé tome cuidado para que não caia".

Motivo de esperança e motivo de temor, esta situação criada por Deus deve sempre levar à confiança o cristão cônscio de que existe sempre a vida divina, ainda que êle a tenha perdido pelo pecado. O próprio pecado, que é o único mal, não representa um triunfo por parte do demônio; é uma vitória dêle e uma derrota nossa mas ambas sem estabilidade que constitui o verdadeiro triunfo.

O triunfo não existe no tempo, nem por nós nem contra nós. O triunfo é apanágio da eternidade, é um sol que raia no após túmulo.

*
* *

Quando o cristão morre na inimizade divina — é o triunfo do demônio. Não é simplesmente uma VITÓRIA dêle, como da parte do homem não é tão só uma PERDA. Porque o lucro do superador e o prejuízo do suplantado se tornaram, com a morte, cousa irreparável, irreversível. É a estabilização das vitórias e das perdas. É conseqüentemente, TRIUNFO e DERROTA; triunfo do demônio, derrota do pecador.

Quando o homem morre entre os braços de Deus — é o triunfo do cristão. Estabiliza-se na graça. Nada mais

poderá o eterno inimigo contra êle. É passado o tempo. É a vitória final que se fixa na eternidade. É o verdadeiro triunfo.

*
* *

A vida do cristão é semelhante à de Jesus Cristo. Triunfa quando morre.

Cristo viveu desprezado, incompreendido; sua missão, humanamente vista, foi o mais fragoroso dos fracassos. Mas, apenas morreu, raiou a manhã eterna do seu triunfo. A sua morte foi a derrota do pecado, e a ressurreição estabilizou-o nessa vitória.

Também o cristão, quando vive, decorre-lhe a existênica, ornada de tantas belezas sobrenaturais do mundo da graça que o circunda, decorre-lhe essa existência maravilhosa escondida aos olhos do mundo. Combate-a o demônio; há muitos fracassos ... Se, porém, cerrar êle os olhos como verdadeiro cristão, levando consigo o ornato divino da graça, esta morte será o triunfo, e êste triunfo, a derrota de satanás.

Não será mais uma vitória passageira e efêmera mas a garantia perene — o triunfo na luta derradeira.

*
* *

Em face dessas verdades que a Religião nos ensina, como é confortante pensar naqueles que se foram, cuja morte santa foi o eco de uma vida santa!

Não me cansa, muito menos me entristece, o pensar no desfêcho trágico da vida dêsse missionário verdadeiramente indômito que foi o Padre Júlio-Maria.

Os homens devem ter a morte como reflexo da vida. Deve o soldado morrer ao pé da sua metralhadora. Deve o marinheiro morrer sepultado no oceano, sob o casco do navio.

Quando da morte de D. José Gaspar, acentuou alguém que convinha morresse vítima de um desastre de avião aquêle Bispo que voava sempre ...

Também do Pe. Júlio-Maria se pode dizer o mesmo. Quem era afoito e destemido na vida, convinha morresse de desastre. O desastre é, em geral, o gênero de morte dos gênios desassombrados. E convinha que morresse sob um automóvel, apertado contra uma raiz de árvore, num despenhadeiro, o missionário das selvas, o missionário das montanhas, o missionário das cidades, que viveu sempre como um automóvel ... correndo no afã de ganhar almas para o Céu !

O missionário das selvas morreu vítima da raiz de uma árvore.

O missionário das montanhas morreu vítima de um despenhadeiro da serra.

O missionário das cidades morreu vítima de um automóvel.

Não convinha que fôsse de outro modo. Essa morte foi, por mais êsses títulos, um triunfo !

*
* *

Tôda morte de cristão entre os braços de Deus é um TRIUNFO. Mas, quando ela é um eco tão perfeito da missão que se desempenhou; quando ela trai a perfeita eqüidade da vida com a missão do homem, do cristão, do sacerdote, exemplar e santo — então, mais que nunca, ela é um triunfo !

Então, mais que nunca, é a consumação de uma carreira, que merece a recompensa ... E tal homem, imprensado entre uma árvore e o veículo assassino, poderá dizer com ufania : *"Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. In reliquo, reposita est mihi corona justitiae, quam reddet mihi Dominus in illa die justus judex ..."* (II Ad. Tim. IV, — 8)

CAPÍTULO XXXIII

Reflexões à beira de um túmulo

Contrastes e mistérios — Vida e morte de um homem e de um cristão — Nossa comunhão com os mortos — Padre Júlio-Maria, Homem e Santo — Conclusão

Impressionante e doloroso contraste!... Há justamente um ano, a estas mesmas horas, Manhumirim em festas, comemorando o natalício dêste que tão imprevistamente desapareceu deixando na orfandade centenas de filhos e abismados na dor milhares de corações; há um ano, lançavam-lhe as criancinhas da Cruzada flores sôbre a fronte tão majestosa, tão sorridente... E hoje, Manhumirim e estas mesmas criancinhas que êle tanto amava vieram cobrir-lhe com profusão de flôres o túmulo frio, de cimento ainda bruto, mas quente ainda das lágrimas da nossa saudade...

O imprevisto da morte estabelece dêstes contrastes em face da vida.

E êle escolheu o instrumento de sua morte... Lembra-me que, há justamente um ano, as Associações da Paróquia lhe ofereciam, como presente de aniversário, uma "charrete". E êle nos dizia: "Não quero uma charrete... quero um automóvel. Uma charrete, puxada por um animal que não seja bem ensinado, é capaz de me lançar nos buracos dêstes montes..."

E deram-lhe um automóvel. E foi êste que o comprimiu contra uma raiz de árvore e o matou num despenhadeiro da montanha.

Êle escolhera o instrumento de sua morte... Por fugir à morte, caminhou rápido ao encontro dela.

Profundos mistérios de Deus que a gente não pode nem deve escrutar!

*
* *

Êle morreu. Mas ficou-nos mais que a sua saudade... Ficou o exemplo de sua vida. E esta vida mostra-nos um IDEAL e uma REALIZAÇÃO. O Pe. Júlio-Maria foi um homem que idealizou e realizou uma vida total, cheia, plena.

A visão natural afigura-se a sua morte um desaparecimento por demais prematuro e imprevisto. É que a morte dos homens muito úteis à coletividade parece sempre imprevista e prematura. Quanto mais realizam, tanto mais idealizam, e tanto mais os outros esperam dêles. E assim, quando a morte os ceifa na grande messe da humanidade para os celeiros do céu, aos olhares da carne e do sangue é o tombar prematuro de um fruto.

Aos olhos sobrenaturais da fé, porém, não pode ser assim. Cada homem vive na sua época e desaparece na sua hora. Nada há de prematuro e desastroso na morte do justo, porque no plano de Deus nenhum traço existe que seja fortuito.

Todo homem é parcela da humanidade. Todo cristão é órgão do imenso corpo místico de Cristo.

Ora, todo órgão tem uma função a desempenhar no seu sistema, função de que depende o desenvolvimento normal de todo o corpo, função sem a qual serão prejudicados os hormônios condicionadores do organismo. Uma vez desempenhado, porém, o seu papel, entra o órgão em repouso, e outras funções competirão a outros órgãos, pequenos ou grandes, mas que não podem eternamente permanecer inativos.

O órgão, entretanto, que repousa, não morre. No mais íntimo dêle palpitam as células pequeninas que encerram a grandeza da vida.

Assim na humanidade. Assim na vida cristã, tôda sobrenatural e divina. Cada homem exerce a sua função no seio da humanidade, como homem. Exerce-a no seio do cristianismo como cidadão da ordem da graça, como cristão. Uma vez exercido o seu mistér, entra na placidez do descanso e outros o substituem.

Mas não morre. Cada homem vive na humanidade pela herança de sangue legada aos filhos, pela influência benéfica ou maléfica de suas obras boas ou más. Vive o homem no patrimônio moral e material que legou aos pósteros, assim como o órgão que repousa vive no organismo inteiro, na vida de cada célula que sustentou e aumentou.

* * *

Mais esplêndida a vida póstuma de um cristão. O cristão não morre. Termina o seu mandato, a missão a que veio, a ação visível. Depois, repousa... Mas vive! Vive na alma da Igreja, Corpo Místico de Jesus. Vive, realmente, verdadeiramente, em cada célula nova do corpo invisível do cristianismo, na comunhão de vida da graça. Repousa e vive no céu.

A sua paralização será eterna? Não. Quando findar o funcionamento dos outros órgãos, êle entrará de novo em ação, mais que nunca vivo, mais que nunca fecundo.

E é por isto que, na visão da fé, não há morte nem desaparecimento. Não há, conseqüentemente, lugar para as lágrimas e para saudade. Quando se pranteia a vida que desfaleceu e o corpo que se foi, não se chora como cristão; chora-se como homem simplesmente. Mutila-se, pois, a ordem divina. Desmembra-se o cristão do ho-

mem, porque, no conceito de Deus, cristão e homem devem ser inseparáveis; a personalidade não se desdobra em duas, uma de homem, outra de cristão.

*
* *

Se vivêssemos a fé, se tivéssemos o espírito de fé, nunca nos ajoelharíamos ao pé de um túmulo para chorar, mas sim para rezar. Porque a oração é o veículo de nossa comunhão com os que morreram e vivem no além túmulo ou precisando de nós ou prontos a socorrer-nos.

São Bernardo o compreendeu muito bem, e escreveu: "As almas dos justos não nos deixam, e, se o quisermos, continuarão a ficar perto de nós, fazendo-nos experimentar uma não sei que paz indescritível, porém real. Chamêmo-las muitas vêzes pelas nossas orações, aspirações e boas obras, pois que isto foi que as fêz ganhar o céu e para nós também o há de alcançar".

Idêntico o pensamento de Fénelon: "Aquêle que choramos — escreveu êle — não se afastou de nós, tornando-se invisível. Êle nos vê, nos ama e se interessa pelas nossas necessidades".

"Não foram senão os sentidos ou a imaginação que perderam o seu objeto. Aquêle que não mais podemos ver, mais do que nunca está perto de nós. Encontramo-lo, sem cessar, em Deus, nosso centro comum. Aí êle nos vê e aí alcança para nós os verdadeiros auxílios. Melhor que nós, conhece as nossas enfermidades, êle, que não está mais sujeito a elas".

*
* *

Êste o verdadeiro conceito da morte na doutrina cristã.

E quando meditamos tais verdades à beira dêste túmulo que acaba de fechar-se, como têm elas um sentido ainda mais palpável e convincente!

Encerra-se aí o corpo de um homem.

Choram os corações esmagados pela saudade. Mas não se pode ter disto senão o sentimento de uma separação sensível daquele cuja presença nos fazia tanto bem. — Nada mais, entretanto; porque a sua alma era a de um cristão, de um sacerdote, que viveu a vida com tôda a rigidez e integridade dos monges, com todos os sacrifícios e abnegações de mártir, com tôdas as perfeições de justo.

E, por isto, se era a alma de um cristão, é agora a alma de um bem-aventurado.

*
* *

Dois nomes podem estampar-lhe a vida: foi um HOMEM e foi um SANTO. Homem na integridade: pelo ideal e pela realização. Quis ser um homem.

Poucos compreendem o que significa ser um homem, embora muitos o queiram ser; e é por isso que tão poucos também atingem êste ideal. Ser homem é realizar a própria missão, conscientemente, no seio da humanidade.

E, assim, na visão cristã, em que o conceito de homem é inseparável do de cristão, não se compreende a plenitude dêste ideal que é SER HOMEM, sem a realização desta outra missão sobrenatural que é SER SANTO, integrar o plano divino por uma vida total como membro do corpo místico.

Foi o que fêz o Pe. Júlio-Maria. Para atingir o ideal do homem, visou o ideal do santo. Só isto explica a florescência de obras tão humanitárias que produziu e que excitam a admiração dos mesmos ímpios.

Os que não têm fé ou não vivem segundo o espírito de fé, ajoelhados ante êste túmulo choram o desaparecimento do homem. O cristão deve cobrir êste mesmo túmu-

lo não com profusão de lágrimas mas com profusão de flores e alegrar-se do repouso do santo.

As flores... como ficam bem sôbre a lousa que oculta tão grande coração! Podem ser a expressão da saudade, mas exprimem muito bem a alegria de um repouso bem-aventurado.

Não choremos, pois, a sua morte por mero saudosismo. Vivamos, sim, a vida que êle nos legou, com tamanha abnegação e sacrifício. Sobretudo, vivamos agora, mais que nunca, em companhia dêle, pela comunhão da prece e da imitação de suas virtudes.

Cobrindo de flores o seu túmulo, tenhamos em mente as palavras de São Jerônimo: "Choremos a sua morte, não como se o perdêssemos, mas como se de nós se tivesse apenas ausentado. Procuremo-lo onde êle está — junto de Deus".

F I M

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

DO MESMO AUTOR:

O SEGRÊDO DA MAÇONARIA — Que é a Maçonaria — sua finalidade — seus planos diabólicos — sua organização.

É um livro valioso, completo e resumido, sôbre o segrêdo maçônico. — Esgotado.

★

NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS — Estudo doutrinário de grande mérito teológico. Explica o sentido verdadeiro dêste título sob que Nossa boa Mãe tem operado hoje os seus maiores favores. Instrui para fazer amar mais a Nossa Senhora. Obra de doutrina e piedade ao mesmo tempo.

★

DOUTRINA EUCARÍSTICA — Com as vistas voltadas para o grandioso Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, o Revmo. Padre Antônio Miranda, com a fina penetração de inteligência e seu senso prático admirável, doou aos leitores uma preciosa obra de divulgação doutrinária sôbre o Sagrado Mistério dos nossos altares.

Para Cursos intensivos de estudos eucarísticos, não existe mais eficiente guia para o Professor ou mesmo para o aluno. Em estilo escorreito e leve responde às perguntas mais comuns que o engenho humano levanta sôbre o Dogma da divina Eucaristia.

★

MEDITAÇÕES MARIANAS — 1.º vol. MEDITAÇÕES DE MAIO — Livro de ascese unido à Teologia Dogmática. Verdadeira jóia, que se recomenda às Filhas de Maria, Marianos e Comunidades Religiosas.

★

CATECISMO DOS NOIVOS — Doutrina completa sôbre o Matrimônio e seus problemas. Para noivos e para casados.

ÍNDICE

Introdução 9

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I — Tentativa de um retrato 19
" II — Pequeno início de uma grande história 31
" III — A infância 40
" IV — A adolescência 47
" V — O ideal missionário 57
" VI — A mocidade 67
" VII — História de uma vocação tardia .. 81
" VIII — No seio da pobreza 92
" IX — Na escola do Sacerdócio 102
" X — Subindo ao altar de Deus 114

SEGUNDA PARTE

Capítulo XI — Na alvorada do Sacerdócio 132
" XII — Os primórdios do Apostolado 147
" XIII — O apaixonado de Maria 152
" XIV — O Apóstolo 164
" XV — O Pregador da vida religiosa 176
" XVI — Caminhando para a morte 185
" XVII — Rumo ao desconhecido 195
" XVIII — O Apóstolo de Macapá 205
" XIX — O grande Apóstolo da Amazônia .. 219
" XX — Pai de numerosa família 230

TERCEIRA PARTE

Capítulo XXI — O sêlo das Obras de Deus 245
" XXII — Nas plagas manhumirienses 260
" XXIII — As bases do Instituto 275
" XXIV — Primeiros sofrimentos 284
" XXV — O furor do inferno 295
" XXVI — O furor maçônico 311
" XXVII — Vitórias e fracassos 326
" XXVIII — Realizando a missão grandiosa 343
" XXIX — Últimos anos 359
" XXX — A morte 374
" XXXI — Sepultura gloriosa 384
" XXXII — O triunfo de um santo 390
" XXXIII — Reflexões à beira de um túmulo .. 394

Impresso
na Imprensa Oficial de Minas Gerais
em Belo Horizonte
para o
Instituto dos Missionários Sacramentinos
de Nossa Senhora
Manhumirim — Minas

† Livros Católicos para Download

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br